

DAMMIEN
TRILOGIA PROTETORES - LIVRO 02
DAMMIEN

A N N E M A R C K

AUTORA DA SÉRIE RENDA-SE



DAMIEN

Livro 2
(Trilogia Protetores)

Anne Marck
2017

Copyright © 2017 Anne Marck

Design Fonte de Capa: ML Capas Capa: Mônica Kaster

Revisão: Kátia Regina Souza

Leitura Final e Diagramação Digital : Denilia Carneiro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

DAMIEN

Livro 2 - Trilogia Protetores Anne Marck

1ª Edição

Setembro — 2017

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário [Sinopse](#)

[Apresentação](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

NACIONAIS-ACHERON

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a próxima publicação](#)

[Recadinho da Autora](#)



Sinopse

Não se pode quebrar o que já está quebrado, não é? Para Jasmine, que só conheceu o pior das pessoas que passaram por sua vida, esta é uma importante lição aprendida.

O destino obrigou Jas a procurar proteção na casa de Damien, um homem arrogante, que odeia tudo o que ela representa, e se vê odiando ainda mais os sentimentos que a menina desperta nele. O que era para ser uma convivência a contragosto, tornou-se uma pequena obsessão para Damien e, como tal, ele foi até as últimas consequências para obter o que desejava. O problema é que o clarear do dia, não aplacou a necessidade, apenas serviu para marcá-lo de maneira permanente, indo contra tudo o que ele acredita.

Para Damien, todos têm uma escolha. O que ele não sabe é que Jasmine não teve uma. E quando ele descobrir que nem tudo é o que parece, talvez não encontre um caminho tão fácil para o coração da *raposinha*.

DAMIEN, o segundo protetor, diferentemente do irmão DOM, não tem nenhuma vocação para cuidar de quem quer que seja, a não ser de si mesmo e seus desejos egoístas. No entanto, quando seu instinto falar mais alto, ele não medirá esforços para proteger aquela a quem ama.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON



Apresentação

Damien, apesar de ser irmão de DOM, não poderia ser mais diferente. Egoísta, arrogante, intolerante, ele viu uma oportunidade de trazer Dominic de volta ao negócio da família e não a deixou escapar. Como consequência, teve de levar Jasmine — a garota arisca — para sua casa e mantê-la lá por alguns dias. A convivência entre eles não foi nada como o esperado. O que era para ser um favor, a contragosto, tornou-se uma pequena obsessão e, como tal, este homem foi até onde podia para obter o que desejava. O problema é que ele não esperava que a raposinha se infiltrasse sob sua pele, como ela fez. E quanto mais ele a quer, mais descobre o quão duro será alcançar alguém que já passou por tanta coisa na vida.

(...)

— Por que “*raposinha*”?

— Você já viu uma raposa?

Ela nega, com um leve menear de cabeça.

— A raposa é arisca, uma predadora capaz de provocar grandes estragos em suas presas... Mas se você observar mais atentamente, verá que é só um animal frágil, lutando para sobreviver.

Damien

Damien, o segundo livro da trilogia é uma continuação de DOM, onde conhecemos o primeiro encontro entre Jasmine e Damien.

Dedicatória.

A JP pela parceria de vida.

*♪ Se eu vou ser para todo o sempre
tua melhor amiga? Se eu quero ir até o fim
da vida contigo? Se eu ainda sou
apaixonada por você? E se te amo mais do
que qualquer ser humano?*

Eu vou, eu quero, eu sou.

E amo ♪

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON



Prólogo

JASMINE

Onze anos antes...

A senhorita Elza está ansiosa. Ela olha constantemente para o relógio estreito em seu pulso, e a cada vez que faz isto, as linhas em sua testa se intensificam mais. Evito olhar muito para ela, então pouse meus olhos no laço firme do tênis nadando no meu pé. Ganhei este tênis de nossa vizinha, uma senhora solitária que sai de casa bem cedo todas as manhãs e parece estar sempre à procura de alguma coisa. “*Encontrei no lixo de uma casa rica e me lembrei de você, menina*”, foi o que ela disse quando me deu o presente. Eu gostei tanto, nunca tive um tênis antes, e este vai durar muito até meu pé crescer.

— Sua mãe está atrasada. É a quarta vez na semana — senhorita Elza resmunga — Mulher irresponsável — esta última parte não tenho certeza se escutei.

Uma garoa fina começa a cair nas escadarias onde estamos sentadas, em frente à escola já fechada.

Acho que a senhorita Elza também fuma, assim como minha mãe. Suas mãos tremem um pouco e a ponta de seus dedos tem aquele tom amarelado.

Limpo uma pequena mancha na minha calça. Ainda tenho amanhã para vir à aula, então cuido muito para não sujá-la. A garoa fica mais forte. Apoio as mãos nas alças da mochila às minhas costas e olho na mesma direção para onde a senhoria Elza mantém os olhos.

Até que eu a vejo.

Minha mãe acaba de virar a esquina. Ela está usando a mesma minissaia de ontem e um casaco bem quentinho com pelos de tigre, que ela sempre veste. Ela anda de um jeito engraçado, balançando o quadril de um lado para o outro e se equilibrando nos saltos vermelhos. Gosta destes sapatos, eu sei disso porque é a primeira coisa que ela põe quando acorda. Seus olhos estão borrados com o preto da maquiagem e, o cabelo, um pouco desgrehado. Acho que estava dormindo.

Minha professora se levanta bem rápido, e eu faço isso também. Vejo minha mãe revirar os olhos.

— A senhora está atrasada *novamente* — a senhorita Elza fala, impaciente.

— Tive um problema — minha mãe bufa, tomando-me pelo braço.

— Eu lhe enviei alguns recados e a senhora nem sequer assinou. Precisamos ter uma reunião a respeito do desenho da Jasmine.

— Eu não tenho tempo para esta merda, ok? — minha mãe balança um dedo em frente ao rosto da senhorita Elza, que parece bastante zangada.

— Pois arranje tempo. Sua filha tem sérias dificuldades de aprendizado e eu não posso mais mantê-la na minha turma. A senhora precisa procurar uma escola especial para ela.

Levanto meus olhos assustados e encaro a professora. *Não, senhor Jesus, por favor, não deixe ela me expulsar de sua turma!*

— Você está querendo me dizer que Jasmine não pode mais vir a esta

NACIONAIS-ACHERON

merda de escola? — minha mãe pousa a mão na cintura.

A senhorita Elza solta uma respiração pesada.

— Eu estou dizendo que Jasmine não consegue aprender o básico no sistema normal. Ela já tem nove anos e mal sabe identificar o alfabeto. A senhora precisa procurar uma escola que atenda às necessidades dela, ou, do contrário, Jasmine continuará atrasada nos estudos.

Minha mãe ri.

— Foda-se você, sua cadela horrorosa. Jasmine não precisa desta porcaria e não vai mais botar os pés aqui — seu aperto em meu braço aumenta — Venha, vamos embora.

Eu nem tenho tempo de dar um olhar de despedida à senhorita Elza. Meu peito dói. Não vou mais ver minha professora, eu sei disso. Ando depressa, puxada, tentando acompanhar os passos apressados de minha mãe.

Assim que dobramos a esquina, ela para e solta minha mão.

— Espere — resmunga, procurando alguma coisa em seu bolso.

Eu sei o que é. Ela sempre faz isso. Desvio meu corpo um pouco mais para o canto, para não incomodar as pessoas que estão passando por nós, enquanto minha mãe pega uma nota de dinheiro e faz um canudinho fino. Desroscando a tampa do potinho pequeno, ela enfia o canudinho ali e faz um barulho, como se estivesse sentindo o cheiro do que tem ali.

Ela balança a cabeça, rapidamente, e limpa o nariz. Seus olhos mudam. Isto a deixa feliz. Não sei o porquê, mas não gosto de quando ela fica desse jeito.

Caminhamos mais um pouco em meio à garoa grossa quando um homem, grande e de olhos avermelhados, intercepta nosso caminho. Ele tem uma expressão feia em seu rosto e, quando minha mãe percebe a sua presença, ela arregala os olhos.

— Você está fugindo de mim, Pink? — sua voz é um pouco assustadora, mas ele deve ser amigo dela, porque é assim que seus amigos a chamam.

— Nã-não, Montanha — minha mãe sorri para ele, todavia, parece nervosa — Eu só não tive tempo de ir atrás de você.

O homem ri também, seus dentes são escuros.

— Ah, não? Então você não está tentando me enrolar?

Minha mãe encolhe os ombros e pisca sob seus cílios, de um jeito charmoso. Será que ele é namorado dela?

— Eu só... Você sabe, eu posso te pagar... — ela morde o lábio.

— Eu quero dinheiro vivo, vadia. Esta sua boceta flácida gasta já não me interessa mais. Fui paciente demais com voc... — ele para de falar quando percebe a minha presença.

Algo na maneira como me olha lança um arrepio frio da base da minha coluna até a nuca. Como reflexo, me coloco mais atrás de minha mãe.

— Quem é essa belezinha?

Minha mãe se vira para mim e me puxa pelo ombro para ficar em sua frente.

— Esta é Jasmine, minha filha.

O homem aproxima sua mão pesada do meu rosto. Tento levar a cabeça para trás, para longe do toque, mas minha mãe força o contato.

— Gostei dela — ele sussurra, estranho, com os olhos avermelhados fixados em mim.

Não vejo o rosto da minha mãe, estou congelada e com muito medo de algo que enxergo nele, embora eu não saiba exatamente o que é.

— Venha para o jantar esta noite se você quiser, *papai*, podemos falar sobre o que te devo — minha mãe o convida com uma voz diferente, mais preguiçosa.



Cruzo minhas pernas em cima da cama, jogo meu longo cabelo para trás e observo os livros da escola. As letras, como minha professora as chama, são riscos estranhos, que se misturam, espalhados pela folha. É tão confuso... Será que há algo errado comigo?

A senhorita Elza não me quer mais em sua turma, apesar de já fazer algum tempo que estou na sala dela. Meus colegas, que sempre vão para

novas turmas, vivem me chamando de burra e rindo de mim.

Fecho os olhos, evitando as lágrimas. Por que eu não consigo aprender, senhor Jesus?

Meu estômago faz um barulho alto. Não jantei, estou com bastante fome. Contudo, mesmo que minha mãe tivesse preparado alguma comida, acho que eu não conseguiria comer, estou triste demais.

Ouçõ uma batida na porta da frente, e logo vozes se espalham pela sala. As paredes são bem finas, então consigo escutar as risadas e conversas baixas. Guardo cuidadosamente o material de volta na mochila e, quando estou prestes a pendurá-la no prego da parede, minha mãe entra no quarto onde dormimos juntas.

— Deixe isso de lado, Jas — ela diz, ao ver o que tenho na minha mão — Você não vai mais voltar lá. Aquela mulher é uma vaca, e, além disso, você nunca vai aprender nada. Você é burra, igualzinha a mim. Escolas não foram feitas para pessoas como nós.

— Mas mãe... — tento argumentar com jeito, porque não quero receber outro tapa em minha boca.

— Não reclame disso. Sou sua mãe e sei o que é melhor para você. Agora venha para a sala, temos um amigo nos esperando.

Amigo? Estreito meus olhos. Eu não tenho amigos. Eu nunca tive. Quem pode ser? Fico tentando pensar em alguém, e ninguém me vem à cabeça. Fazendo o que ela manda, sigo em sua direção. Assim que passo por ela, suas mãos me seguram pelos ombros, alguns passos antes de entrar na sala.

— Escute o que eu vou te dizer, Jasmine — ela abaixa seu rosto para ficar na linha dos meus olhos — Ele é um bom amigo e eu quero que você faça tudo o que ele mandar. Você precisa ser uma boa menina pra ele, entendeu?

Derrubo minha cabeça meio de lado, não compreendendo o que ela está pedindo. Eu sou uma boa menina: nunca a respondo, limpo a casa, não saio para fora...

— Você entendeu, Jasmine? — ela me sacode um pouco.

— Sim, mãe. Entendi — sussurro, não gostando muito do que vejo em seus olhos.

Contrariando o medo que deixa minhas pernas moles, caminho passo a passo atrás dela. Meu coração parece querer explodir no peito. Assim que minha mãe para, ela sai da minha frente, e eu vejo aquele homem de hoje à tarde.

Ele está sentado no sofá, relaxado.

Sorrindo de uma maneira feia, que não chega aos seus olhos, ele estende a mão.

— Venha até aqui, belezinha. Sente no meu colo um pouquinho.

Meus pés não se movem. São como pedras no chão. Meus ouvidos zunem e não consigo respirar. Minha mãe me empurra para frente.

— Faça o que ele pediu, Jas — ordena, num tom mais severo.

O sujeito me pega pela mão. Ele tem um cheiro tão forte que mexe com a minha barriga.

— Eu vou voltar em uma hora — assisto minha mãe colocar seu casaco quentinho de tigre.

Antes de sair pela porta da frente, ela se vira diretamente para ele.

— Estamos certos agora, não estamos, *papai*?

Ele sorri.

— Sim, vadia. Este arranjo pode funcionar por um tempo.

E ela se vai, sem olhar para trás, deixando-me sozinha com o homem de olhos vermelhos, dentes marrons, cheiro ruim e sorriso feio.



Capítulo 01

DAMIEN

Depois de uma reunião cansativa, finalmente dirijo para casa. Estamos prestes a fechar um grande contrato com o governo da Venezuela através de alguns representantes do governo daqui, para a construção de um oleoduto. Os caras ainda não disseram explicitamente, mas não há dúvidas de que as barreiras que eles estão colocando são uma forma explícita de pressionar alguma proposta de ganho para seus próprios bolsos. A boa e velha propina com a qual estes pilantras operam. Estou de mãos atadas, e sei que se eu levar isso a Dominic e Christian – meus irmãos e sócios – a negociação estará fadada ao fracasso. Eles não vão aceitar esta merda.

Por falar em Dominic, seu nome aparece no visor do celular conectado ao painel do carro.

— Para você estar me ligando a essa hora... — atendo, fazendo uma provocação em referência aos acontecimentos dos últimos dias.

Há exatos quatro dias, meu irmão mais velho me procurou no escritório para me pedir um “*favor*”, digamos assim: que eu mantivesse escondida em meu apartamento Jasmine, uma garota de programa malcriada, envolvida em alguma bagunça com seu cafetão. Dominic administra um Centro Comunitário na cidade e tem isso sobre si, de querer salvar o mundo. A ideia,

num primeiro momento, me pareceu absurda, mas logo percebi a grande oportunidade de barganhar e trazê-lo de volta à construtora. Ou *chantageá-lo*, como ele prefere dizer. Funcionou.

Um sorriso rasga o canto da minha boca, satisfeito.

— Você está em casa? — ele pergunta, sem rodeios.

Por alguma razão, não gosto de seu tom.

— A caminho. Tive uma longa reunião. Por quê?

Um segundo de silêncio, até sua voz voltar ao sistema de som.

— Ela já pode ir.

Recebo a informação e sei exatamente do que ele está falando. Mas o efeito da notícia não é o que eu esperava.

Maldição. Eu nem mesmo entendo essa sensação de aperto nas entranhas. Afinal de contas, me livrar da raposa rebelde era o plano desde o início, então qual é? A garota nem ao menos é sociável, tem uma maldita língua afiada, me ignora em minha própria casa.

— Do que você está falando? — limpo a garganta, tentando me manter impassível; de qualquer forma, isto não deveria me incomodar.

— Jasmine... — ele devolve em um timbre impaciente — Avise a ela que Dirty já não é mais um problema. A menina pode voltar para casa.

Engulo a repentina sensação de acidez na língua.

— Que garantia você tem de que o cafetão não vai atrás dela? — indago seco, sem compreender o porquê disso me incomodar.

— O sujeito está morto, Damien. Jasmine está livre dele.

Cerro o aperto no volante entre meus dedos.

— Que seja — rosno baixo — Deixe que *eu* falo isso a ela.

— Ok, irmão — suspira audivelmente, parecendo cansado — Só deixe a menina ir. Sem merdas.

Não quero nem pensar no motivo do alerta. No fundo... Foda-se, pouco me importa. Jasmine estará indo embora da minha casa, era o que eu desejava, não era?

JASMINE

Observo a cidade iluminada através da janela do quarto de hóspedes, onde tenho passado a maior parte do tempo nos últimos quatro dias. Não sei por quanto mais ainda conseguirei levar essa situação. Para ser honesta, não vejo a hora de ir embora desta casa.

Vir pra cá para fugir de Dirty — o cara que quer me matar — talvez não tenha sido uma boa decisão. Estou me sentindo sufocada, presa, e mal sei como lidar com a arrogância e desdém do dono da casa. Não que eu não esteja acostumada a encontrar desprezo nos olhos das pessoas direcionado a mim, isso eu conheço muito bem, mas soma-se a estar confinada num ambiente tão fora da minha realidade, e sinto meu controle emocional equilibrar-se em uma corda bamba.

Fecho os olhos, lutando duramente para empurrar a angústia que me acompanha desde sempre para dentro da caixinha onde guardo tudo. E por mais que meus olhos ardam, me recuso a ceder.

Eu não choro.

Não mais.

Chorar não adianta de nada e nunca me poupou do meu destino. Já recebi mais porcarias da vida do que achei que fosse suportar. Honestamente, a morte pelas mãos de Dirty acabaria por ser um favor.

Há quatro dias, um pouco antes de Luna invadir minha casa e acertar a cabeça do cara, o desgraçado estava me punindo com socos e chutes por ter reagido à agressão de um *cliente* — mais um dos tantos animais nojentos que tive de suportar.

O ataque de Dirty não significou nada. Cheguei a um estado em que nenhuma dor física me atinge mais. É como dizem: você não pode quebrar o que já está quebrado, não é?

Surpreendente mesmo foi ver Luna — a menina que eu mal conhecia — aparecer daquele jeito e me defender, colocando sua própria vida em perigo.

Ninguém nunca fez isso por mim.

Ninguém nunca se importou.

Não acredito mais em milagres ou salvação, mas Luna é *diferente*. A primeira pessoa que me tratou como um ser humano de verdade. Ofereceu-se para me ajudar com o meu *problema*, apesar de ser um esforço desnecessário. Sou burra como uma pedra e nada pode reverter isso.

É por ela que suporto estar aqui. De alguma forma, sinto que é a primeira amiga que tenho, em toda a minha vida. Se eu voltar para o beco, Dirty vai me matar e todo o risco que Luna correu para me tirar daquela situação terá sido em vão. Não quero dar-lhe mais esta carga. Ela já está passando por muita coisa no momento.

DAMIEN

Depois de ficar algum tempo dentro do meu carro, encarando a parede da garagem do prédio com os pensamentos perdidos, tomo meu caminho para o elevador. Sinto-me ansioso, impaciente e... *merda, o que está havendo comigo?*

O apartamento está silencioso. Há praticamente dois dias a maldita mulher vem me evitando. Novidade nenhuma, ela só faz isso desde que chegou a esta casa. Seu esconderijo é sempre o quarto. Nem sei se ela tem se alimentado. Sempre que chego, a cozinha parece intacta, limpa, e nem sinal dela. Só sei que Jasmine está sob o mesmo teto porque tenho agido como um perseguidor, escorando meu rosto em sua porta a cada noite, me certificando de que há alguém ali. Normalmente, o barulho do chuveiro é tudo o que ouço.

Desafrouxo o nó sufocante da gravata, e jogo minhas chaves sobre o móvel de apoio próximo à porta. A garota arisca me atrai, a verdade é essa. E estou de saco cheio desta sua atitude de raposa selvagem. Sob o meu teto, prevalecem as minhas regras. Pretendo ensinar-lhe esta lição antes de deixá-la ir, depois de tudo.

Ignorando o desconhecido incômodo que o conhecimento de sua partida me traz, me encaminho em direção ao seu refúgio. Se esta é a sua última noite aqui, tenho planos para torná-la memorável.

JASMINE

Inspiro profundamente, desejando afastar a familiar sensação de sujeira que parece estar mais à flor da pele nestes últimos dias. E quando penso em sair da janela e me deitar, ouço duas batidas suaves na porta, o que é uma novidade. Damien nunca vem a este quarto.

Sorvo outra respiração, que não faz nada para acalmar os nervos, deixando-me ainda mais tensa. Sinceramente, receber mais desaforos desse cara é tudo o que eu não preciso esta noite.

Penso rápido e decido não responder, torcendo intimamente para que ele vá embora. No entanto, o barulho da porta sendo aberta anuncia que meu silêncio não servirá de nada.

— Boa noite, Jasmine — seu tom é estranhamente agradável, depois de já ter me chamado de “*prostituta encrenqueira*” mais vezes do que pude contar.

— Oi — respondo sem vontade, esperando que isso vá colocá-lo para fora.

Damien é o dono deste apartamento. Seu irmão, Dominic, um dos poucos caras legais que conheci na vida – e namorado de Luna – pediu a ele que me deixasse ficar em sua casa enquanto a situação com Dirty não se resolve. Eu só não esperava que esse homem fosse o completo oposto de Dominic. Nos quatro dias em que estou aqui, já posso concluir que o detesto, mesmo quando eu deveria ser grata por sua *generosidade*, por assim dizer.

Para o meu azar, ele caminha para dentro do quarto.

DAMIEN

O corpo miúdo cheio de contornos está parado em pé diante da janela, contemplando a vista.

Sem pressa – e sem um convite –, ando até ela tomando meu tempo para observá-la melhor. A maldita é bonita, não se pode negar. Sua bunda redondinha, a cintura fina e as coxas largas arrastariam pensamentos maus até mesmo para um monge. Tudo nela exala sensualidade, e a menina sabe disso. *Não é à toa que escolheu este modo de ganhar a vida.*

A tensão em seus ombros não me passa despercebido, evidentemente insatisfeita com minha presença. Bem, analisando a amplitude da situação, e baseado em sua resposta seca, posso dizer que a mulher não vai muito com a minha cara. E tenho vontade de rir com a constatação. *Como se isso tivesse alguma importância pra mim.*

Focado no plano, paro um pouco atrás dela, impondo minha presença, mostrando que não estou recebendo suas merdas gratuitamente. Tampouco pretendo recuar.

Ignorando-me, seus olhos permanecem no mundo lá fora, não me dando um maldito minuto de seu dia.

Raposa ingrata!

Limpo a garganta.

— Passei quase oito horas numa reunião exaustiva e não tive tempo de comer nada. Eu estava pensando em preparar alguma coisa para nós. O que você acha? — pergunto manejando minhas teias sedutoramente.

Noto seu corpo enrijecer um pouco mais, como se ainda fosse possível.

— Estou sem fome. Obrigada — a voz é tão desinteressada que me faz morder a língua para não exprimir a resposta afiada que me vem à mente.

Contudo, obviamente, sua rejeição primária não é exatamente uma novidade.

— Na verdade, eu vim pedir sua ajuda. A cozinha e todos aqueles equipamentos meio que me assustam, sabe? — abrando, cochichando em tom de brincadeira como que contando um segredo.

Sim. Estou apelando. Descaradamente.

A menina inclina a cabeça por cima do ombro com lentidão, sustentando os olhos estreitados em mim, desconfiada. E finalmente recebo seu primeiro olhar do dia, em dias.

— Você faria isso por mim, Jasmine? — aproveito-me do momento e reforço, tão dócil como um cachorrinho que caiu do caminhão de mudança.

NACIONAIS-ACHERON

Golpe baixo, reconheço.

Sem tirar os olhos do meu rosto, provavelmente avaliando minhas intenções, é como se a maldita raposa buscasse enxergar através de mim. E, por um rápido instante, até sinto minha face ruborizar feito uma criança pega em flagrante. No entanto, sorvo uma respiração curta e discreta para não falhar e conservo-me na expressão de pôquer pelo tempo necessário.

Satisfeito, percebo o momento em que ela desiste da inquisição silenciosa.

— Tudo bem — é tudo o que diz, visivelmente contrariada.

E apesar disso, meu bom humor só aumenta. *Isso mesmo, raposinha, venha para mim.*

— Você primeiro — sinalizo a saída.

Deixo-a passar por mim, acatando a minha indicação, e a sigo pelo corredor apreciando sem restrições sua bunda bonita balançando nos quadris.



Na cozinha, escorada no balcão do lado oposto do ambiente, Jasmine parece querer tomar a maior distância de mim possível. Ando para o freezer e retiro algumas caixas de comida congelada, assistido por seu olhar desconfiado, atento. Aliás, sua linguagem corporal revela que tudo nela tenta me repelir. Os braços cruzados protetoramente sobre o peito, a expressão receosa, o corpo rígido.

Eu mentiria se dissesse que não me irrita esta atitude defensiva. Porque irrita pra caralho.

E, por instinto, sinto que este é o momento de recuar para atacar.

Mantendo o sorriso amigável, viro-me para ela.

— Jasmine, você se importaria de colocar estas massas no forno, enquanto tomo uma chuveirada rápida? — delicadeza e bons modos escorrem de meus lábios — As instruções de tempo estão na embalagem.

Não perco o sutil estremecimento em sua postura assim que o pedido

sai de minha boca. Seus traços endurecem, os olhos aumentam de tamanho e vão para qualquer lugar, menos para mim.

Qual é o problema? O que eu fiz de errado agora?

— Tudo bem com isso?

Noto a maneira desajeitada como ela engole a saliva e se retrai.

— Aham... — mal a ouço.

Observo-a com mais atenção, atrás de alguma indicação que explique esta reação. E então, num passe de mágica, a maldita rapidamente se recompõe, sustentando uma expressão de paisagem. *Prostitutas sabem bem como mascarar os sentimentos*, lembro descontente.

Seja como ela quiser.

— Ok — mantenho o sorriso brilhante — Vou para uma ducha e não demoro.

Sou contemplado por seu sorriso sem vida, certamente forçado.

Viro-me e caminho para o meu quarto. Irritação faz um ótimo trabalho em quebrar meu humor. Jasmine não quer permanecer perto de mim, e não faz questão de esconder. Não sei o que me deixa mais puto, vê-la se contraindo com a ideia de me fazer a merda de um “favor”, ou mascarando suas emoções como se isso fosse uma regra na cartilha das putas – “*regra número um: não deixe o cliente perceber suas emoções*”. Por sorte, ela não pode ver o fogo queimando meus nervos. Um banho realmente cairá bem, tenho que me apacar por agora.

JASMINE

Como dizer a este homem que não sou capaz de uma coisa tão simples como ler um rótulo? Deixei-o sair sem revelar a verdade. Se eu contar, estarei lhe dando mais motivos para tripudiar, como se não bastasse todos os que ele já tem.

E afinal, comida congelada é tudo igual, não é?

Com o coração batendo acelerado, limpo o suor brotando na testa, e

viro-me para as embalagens que ele deixou sobre o balcão. Elas parecem diferentes das lasanhas congeladas que já comprei. Esse deve ser algum tipo mais sofisticado, coisa de rico... Eu acho.

Uma nova onda de suor me toma enquanto fito as caixas.

É inútil. Nenhum destes rabiscos faz o menor sentido. E quanto mais eu tento, mais a bagunça de letras coloridas se mistura.

Indo pela intuição, abro as embalagens, retiro as bandejas, as coloco dentro do forno elétrico e aperto o botão em destaque, sem ter muita certeza do que estou fazendo.

O que poderia dar errado, afinal?

... A resposta não demora a aparecer.

Um estalo baixo anuncia o desastre ocorrendo bem diante dos meus olhos.

Porcaria! Isso não pode estar acontecendo.

Nem dois minutos e tudo lá dentro começa a pegar fogo.

Tenho vontade de gritar, frustrada comigo mesma.

Viro-me para o balcão, pego um pano, abro o forno e retiro o material em chamas lá de dentro. Jogo na pia e ligo a torneira para apagar o fogo. No processo, acabo ferindo meu dedo mindinho. Não exprimo nenhum ruído de dor, apenas coloco a mão embaixo da água corrente também.

Eu acabei de arruinar a comida. Damien vai me excomungar, e com razão. São situações assim que me lembram exatamente o que sou. Uma burra, nada pode mudar isso.

DAMIEN

Deixo a água jorrar em cascatas do chuveiro projetado exclusivamente para relaxar. Custou um bom dinheiro, mas valeu cada centavo. E nem assim consigo acalmar a ansiedade estranha correndo livre por meu corpo. Jasmine está prestes a ir embora, e miséria, eu não deveria ter qualquer restrição em relação a isso. Ela é só uma garota de programa, dona de um comportamento

desagradável, encenqueira e com nenhum tato para socializar com outro ser humano. Eu tinha de estar agradecido por me livrar dela, e por alguma razão estúpida, a ideia não é nada atraente.

Seco meu corpo, rápido, inquieto.

Fico indeciso sobre vestir ou não uma camiseta. Seria muito hostil circular de peito nu em minha própria casa?

Guerra é guerra, parceiro. Cada um usa as armas que tem.

Coloco somente um par de calças de moletom, deixando meu amigo livre dentro dela. Esfrego a toalha na cabeça e ajeito os cabelos com os dedos. O reflexo no espelho me assusta um pouco. Há algum tempo eu não via este tipo de brilho predador em meus olhos. Nos últimos anos, venho tendo uma gama diversificada de boas mulheres circulando por minha cama, sem muito esforço. Talvez seja isso! Estou entediado com o habitual processo de caça e a aversão da maldita raposa está provocando um novo desafio. Depois do que tenho planejado para esta noite, Jasmine será somente mais um nome em meio a tantos.

Volto para meu alvo a passos despretensiosos. No caminho, passo pela sala e ligo o som, selecionando uma *playlist* romântica. *Sim, raposinha, munição pesada.*

Porra, mas que cheiro é esse?

Inspiro o ar algumas vezes para me certificar de que é o que estou pensando.

De onde estou, vejo Jasmine tensa, de braços firmes ao lado do corpo, apoiada contra a pia... com um olhar assustado. Aproximo-me mais da cozinha, onde o odor insuportável de plástico queimado impregna o ambiente.

— Que cheiro é este?

Seus ombros se encolhem de provável vergonha.

Olho para a bagunça negra dentro da pia, próximo a ela.

— Você... Você colocou a embalagem junto? — não consigo esconder minha surpresa.

A mulher engole a saliva, seus olhos culpados evitam os meus.

— E-eu não sabia que a bandeja deveria ser retirada... — seu

constrangimento é evidente — Normalmente estas embalagens são colocadas junto e... — a maneira como ela mói nervosamente seu lábio espesso entre os dentes me distraí por um segundo.

Balanço a cabeça, recuperando minha mente.

— Estas são diferentes. São comidas prontas preparadas por uma cantina italiana perto daqui — estreito os olhos, analisando seu rosto — Achei que a informação estivesse escrita na embalagem.

Sim, está escrito, porra! Compro estas refeições deles há anos. A comida é muito melhor do que as industrializadas, mas a bandeja não vai ao forno, você precisa pôr em sua própria.

Tento não relacionar a displicência à sua má vontade quanto a mim.

— Desculpe. Eu deveria ter visto isso — mal escuto seu sussurro.

Foda-se. Não será um jantar queimado que vai atrapalhar o que tenho em mente. *Não será.*

Sorriso.

— Acontece com os melhores *chefs*, Jasmine. Deixei queimar algumas vezes também, é por isso que me mantenho longe da cozinha — minto, sedoso — De qualquer maneira, acho que um chinês cairia melhor. Você gosta de comida chinesa?

Seu rosto pouco se suaviza.

— Obrigada, mas não estou com fome... E-eu vou me deitar — ela se afasta da bancada, pronta para sair.

— Espere — seguro seu braço, no impulso.

Mas o que...?

O contato com sua pele de repente provoca um reboição desconhecido pelo meu estômago. *Miséria!* Sinto uma vibração não-familiar construir caminho em algum lugar inquietante e novo. Completamente incomum.

Mas que porcaria é essa agora?

Sorvo o fôlego, momentaneamente confuso com meu próprio corpo.

E encarando seu rosto, fico imediatamente ciente de que não sou o único a sentir tudo isso.

Os grandes olhos castanhos esverdeados encontram os meus, mal escondendo sua surpresa. A pequena veia de seu pescoço vibra veloz, e o

movimento de sua respiração se acelera. No mesmo instante, seu olhar cai sobre o meu peito, como se somente agora ela tivesse tomando conhecimento de que estou sem camiseta. Merda, eu já vi esse tipo de olhar antes, muitas vezes. Jasmine, a pequena raposa, está me cobiçando.

A satisfação de sua reação reflete em velocidade monstruosa diretamente no meu pau.

Estou duro como pedra.

E, tão rápido que é quase imperceptível, Jasmine, como a boa garota de programa que é, logo disfarça qualquer emoção e volta a usar sua tradicional máscara de indiferença.

Tarde demais. Você não vai fugir disso, menina. Não agora.

Com deliberada amenidade e uma discreta e profunda respiração, continuo o jogo.

— Por favor, me acompanhe no jantar, Jasmine — dou-lhe um olhar franco — Eu detesto comer sozinho, e hoje tive um dia dos infernos.

Vejo a batalha em seu rosto.

A raposa está relutante quanto a ficar sozinha comigo. Ok, eu lhe dei alguns motivos para me odiar, mas o que ela é, uma criança rancorosa? *A mulher é uma puta!* Provavelmente não sou o primeiro a dar-lhe alguma merda. E é assim que ela reage? Com o tratamento do desprezo? Tenha piedade! Até parece uma amadora!

Engulo a frustração, contudo, não cedo e assumo a postura de quem está esperando, paciente.

Inspirando ruidosamente, seu pequeno corpo estremece, insatisfeito.

— Tudo bem... — o resmungo contrariado é quase enternecedor.

Não consigo controlar a merda de sorriso vitorioso repuxando meu rosto. A verdade é que esse joguinho está me deixando excitado pra caralho.

— Certo — digo, lutando para esconder a alegria juvenil do homem que vai ter um bom momento esta noite — Eu vou ligar pra eles, e você prepara a mesa, tudo bem? — falo rápido — Os vinhos estão na adega à sua esquerda.

Solto-a, viro-me e saio em busca do meu telefone. Não posso dar tempo para a raposa arredia mudar de ideia.



Faço o pedido no lugar mais próximo, e prometo uma boa gorjeta se a comida chegar aqui em menos de vinte minutos. Quanto mais rápido quebrarmos o gelo, mais tempo terei para desfrutar Jasmine e depois limpá-la do meu sistema.

Tentando passar a impressão de que as coisas vão acontecer naturalmente, puxo uma camiseta do armário e me cubro. É melhor não parecer tão explícito, isso pode por a menina em seu quarto antes da hora.

Enrolo um pouco mais no quarto e finalmente retorno para a sala. A *playlist* continua a meu favor, baixa, com músicas melosas jorrando em caldas. Miséria isso é tão doce que eu deveria fazer um exame de glicose quando tudo acabar.

Jasmine está próximo às vidraças amplas que dão para a cidade a nossos pés.

— Eu gosto desta vista — digo me aproximando silenciosamente.

A raposinha estremece. Estou gostando muito de saber que ela não é tão indiferente a mim quanto tenta parecer.

— Sempre que preciso pensar, fico aqui, observando o movimento da cidade — paro a seu lado.

— É bonito — ela sussurra sem tirar os olhos do horizonte.

Observo seu perfil por alguns segundos. Jovem e linda demais para ser bom. Apesar da máscara impaciente que ela decidiu adotar na minha presença, eu vejo que há muito mais ali do que ela deixa transparecer. Jasmine certamente é determinada. Engana-se quem pensa que a garota tem um só osso frágil em seu corpo. No entanto, algo sombrio paira sorrateiramente sobre seus traços. A pequena raposa tem sua própria escuridão. Pergunto-me se isso se deve a sua *profissão* ou aos motivos que a levaram para ser uma mulher da vida.

Inferno. Nada disso é da minha conta, ou deveria minimamente me importar. A mulher fode por dinheiro, não é nada mais e nada menos do que

isso.

O som do interfone é a deixa para afastar os pensamentos pessoais demais para o meu gosto.

— A comida chegou — digo baixo, engolindo o amargor que se instaurou de repente.

JASMINE

Depois de fazer o que ele pediu, ansiosa, tensa, caminho para a parede de vidro em sua sala, que dá vista para a fascinante cidade iluminada. Abraço-me e observo a paisagem. Aqui de cima, tudo parece tão mais bonito. Não há podridão; pessoas não subjugam as outras; não há pedófilos, estupradores, cafetões, homens cruéis.

Como eu gostaria de ficar em uma torre assim para sempre, livre de todo o mal.

Mas como isso seria possível?

O mal se apoderou de minha alma. Eu pertenço a ele, e sua marca está em mim, na constante sensação de sujeira impregnada. Fui criada para aceitar isso, desde sempre. Quando você nasce e cresce para ser o que é, por algum tempo a sua única esperança é a fé, e se você não tem mais fé – o que é o meu caso –, você não tem nada.

Eu não tenho nada.

— Eu gosto desta vista — Damien murmurou, bem próximo.

Distraída, não tinha percebido sua aproximação.

— Sempre que preciso pensar, fico aqui, observando o movimento da cidade.

— É bonito — sussurro, sem desviar o olhar do mar de luzes, apesar de sentir o escrutínio dos olhos deste homem em mim.

Não gosto dele. Não quero ter de inventar assuntos e permanecer ao seu
NACIONAIS-ACHERON

lado por muito tempo. Há dois dias ele me disse que não passo de uma prostituta encrenqueira que ele teve que manter aqui contra sua vontade. Esta é a opinião dele a meu respeito. Forçar este jantar já é além do que eu esperava.

E, para minha sorte, o som da campainha faz com que ele meneie a cabeça, parecendo sair de algum pensamento e se afaste. Através do reflexo no vidro, percebo que Damien colocou uma camiseta. Menos mal... eu não gostei da forma como me senti estando tão próxima a ele daquele jeito.

DAMIEN

Apesar de meus melhores esforços, pouco evolui em relação a tirar algo maior do que uma frase lacônica de seus lábios atraentes.

Enquanto nos alimentávamos, levei a conversa para o mais descontraído possível, falei um pouco de mim, somente o suficiente para quebrar o gelo, e lhe fiz algumas perguntas simples. Não quero ter nenhuma informação quanto ao seu *negócio*. Abri apenas o caminho suficiente para deixá-la à vontade comigo — o que certamente não está acontecendo.

Ela mal se alimentou ou abriu a boca. *Miséria*.

JASMINE

Por mais que Damien se esforce, com toda a conversa, sorrisos e tentativas de parecer agradável, não consigo relaxar. Quanto mais tempo fico perto dele, mais desconfortável eu me sinto. A comida não desce, os nervos estão tensos. Não confio neste homem. Ele me incomoda. Meus sentidos me dizem que Damien é um sujeito mal intencionado. Sua beleza pode enganar as outras pessoas, mas não a mim.

Odiando o clima estranho, – e mentalmente agradecida por finalmente

NACIONAIS-ACHERON

concluir a refeição em meu prato com muito esforço – deixo o talher de lado e levanto-me.

— E-eu terminei e vou levar isto para a cozinha.

— Eu vou te ajudar, Jasmine... — fala no tom “*agradável*” que usou durante todo o jantar, e também se levanta.

Porcaria.

Encolho-me, apanho o prato e taça, e apresso os passos.

Ele me acompanha.

Quando estou prestes a lavar a louça que sujei, sinto-o muito perto, como se estivesse me encurralando.

Pra mim, já deu!

Viro-me bruscamente, pronta para voltar ao meu quarto e deixá-lo aqui com o que quer que ele esteja tentando fazer agindo neste seu comportamento subitamente gentil, depois de dias lançando-me desaforos, querendo agora me confundir.

DAMIEN

Uma coisa sobre ela: A raposa se encolhe com a minha proximidade. Nunca pensei que uma puta fosse jogar esse jogo comigo.

— E-eu vou para cama... — ela diz, apressada e incomodada, tentando passar por mim.

Como um leão cercando a presa, capto seu movimento e a deixo encurralada entre meus braços descansados na porta do armário atrás dela, sem, no entanto, tocá-la. É hora de cortar a merda e ir direto ao assunto.

— Ainda é cedo, Jasmine — sopro baixo, inclinado próximo ao seu rosto.

Seus olhos castanhos com suave esverdeado se arregalam. E, porra, a maneira bonita com os lábios se separam, surpresa, quase me faz ir até eles, como um ímã atraído para o metal.

— Se *afaste* — apesar da exigência rude, ouço o tremor familiar no

NACIONAIS-ACHERON

pedido.

Reação típica de uma mulher que também quer.

— Por que eu deveria? — provoco, como uma pluma suave.

A pequena engole em seco.

— Porque eu estou mandando!

— Não tente fingir, menina. Você quer tanto quanto eu — provoco num sussurro, a um milímetro de sua testa, movendo alguns fios de seu cabelo do lugar com minha respiração, e então recuo uma polegada para ver a reação em seu rosto.

O ar de desgosto está bem ali, a duras penas, tentando ocultar o interesse que consigo enxergar na maneira como expira pela boca, como suas pupilas se dilatam. Isso é bom.

Sorrio, satisfeito.

E ela espreme os olhos fechados.

— O-olhe, s-seu, seu, imbecil, caia fora! S-se afaste e me deixe passar, ok?

Deixo minha boca se aproximar da sua, vagarosa.

— Modos, Jasmine — não a toco, mas porra, quero muito — Na minha presença, tenha modos. Essa sua ofensa não me agrada e não gosto de repetir, portanto, assimile — meu tom zombeteiro apesar da surpreendente rouquidão a faz cerrar ainda mais os olhos.

E não diz nenhuma palavra, somente mói o lábio inferior entre os dentes, aparentemente com raiva – não sei se de mim, ou de si mesma por também querer tanto quanto eu.

Encurralo-a com meu corpo sem ainda tocá-la... e é quase a minha ruína. Eu posso sentir seu calor, o cheiro, enxergar a veia pulsar mais rápida em seu pescoço.

— Abra os olhos — exijo.

Não abre. *Raposa teimosa!*

— Abra os olhos, Jasmine — repito.

A contragosto, ela demora, mas faz.

— Me deixe em paz, Damien, por favor. Só saia de perto de mim e me deixe ir para o quarto — percebo a mudança em sua estratégia, vindo com um

pedido manso, que nada tem de honesto. Sei que não.

O cheiro de sua excitação a contradiz, assim como as pupilas dilatadas lançando chamadas. O que só me deixa mais duro do que nunca.

— Diga que você não quer — desafio, encarando seus olhos, quase tocando sua boca.

Sim, estou deixando nenhum espaço para manobras aqui.

Com um levantar atrevido de sobrancelha, fazendo pouco de mim, seu queixo se eleva.

— E-eu quero você tanto quanto eu quero pegar piolhos, se-seu babaca convencido... — a mentira flui com facilidade através de sua boca bonita.

Apesar de ofendido, minha risada sai livremente do peito. Garota abusada.

Tiro uma de minhas mãos do armário atrás dela e arrasto lentamente até o meu peito, roçando o alto de seus seios no processo.

— Essa doeu — toco meu coração — E me deixou duro pra caralho — provooco, desviando meus olhos para baixo, dando-lhe a indicação, apesar de não tocá-la.

Irritada, suas mãos vão para o meu peito, empurrando-me com força. Para o azar dela, tenho um bom preparo físico e a tentativa é quase insignificante. Mas esta atitude realmente me tira do sério.

Por que a maldita resiste tanto, se eu posso ver em seus olhos que ela também quer?

Espera aí.

Ela não...?

Não...

Porra!

Tão óbvia!

A realização me faz desejar socar a parede. *Maldita prostituta!*

— Quanto? — digo, frio, esmagando meus dentes num aperto da mandíbula.

Seus olhos se arregalam, ganhando a linha das sobrancelhas. A boca abre em um pequeno círculo. *Inferno*. Teatro de puta é ainda pior do que das alpinistas sociais que já passaram pela minha cama.

Com o sangue fervendo e circulando em velocidade, mantenho um sorriso acusador. *Sim, raposa, eu reconheço seu jogo.*

JASMINE

De repente, sinto como se todo o oxigênio fosse tragado do meu corpo.

Mal tenho certeza se realmente ouvi isso. Leva alguns segundos para a informação entrar nos meus ouvidos e ser processada pelo cérebro. E a simples palavra tem o poder de fazer com que eu me sinta ainda mais suja, mais vulnerável, mais indigna do que nunca antes em toda a minha vida.

Pisco algumas vezes, cegada pelas sensações.

E então me dou conta do óbvio.

Ele armou tudo isso! Armou para pegar a *prostituta encrenqueira*, dando-lhe comida, vinho caro, e o que ele julga ser um bom papo. Foi agradável dissimuladamente. Tudo para atrair a mulher sem valor, vivendo de favor sob seu teto. Afinal, ela tem que pagar pela estadia de alguma forma, não tem?

“Você é um lixo, amorzinho. Pessoas como nós nunca serão outra coisa”. A voz da minha mãe sussurra ao pé do ouvido, como se ela estivesse ao meu lado agora, rindo de mim, debochando do modo imundo como eu me sinto.

DAMIEN

Algo em sua expressão me confunde por um momento. Putas conseguem simular palidez? Sua pele se torna branca, como uma folha de papel.

Engulo ácido, confuso com os seus sinais.

Encarando-a atento, observo seu peito se elevar, assumindo uma grande
NACIONAIS-ACHERON

quantidade de ar. As linhas delicadas do rosto vão suavizando até se tornarem uma faixa inexpressiva. Os olhos, antes dilatados, perdem o foco, escuros e sem brilho. Tenho que me afastar alguns centímetros e verificá-la com mais atenção. Estarrecido, assisto de perto a Jasmine cheia de personalidade se tornar outra pessoa. Alguém fria, apática, sem vida, impenetrável.

Que merda é essa?

Minha convicção se mistura com a incompreensão em um tornado bagunçado. Inspiro fracamente e lambo meu lábio seco, perdido diante da imagem de uma mulher completamente estranha e que nunca vi antes.

Foda-se!

Não posso deixar que sua dissimulação me afete.

Eu tenho o domínio deste jogo! Eu digo as regras aqui!

— E então? — desafio, impaciente, estufando meu peito e tirando seu espaço pessoal.

— Você quer me pagar? — o som de sua voz é um ruído inabalável, vazio de emoções.

— Não é como as coisas funcionam com você? — retruco, venenoso. E sei que posso ter indo longe demais aqui.

Sua reação é me encarar firmemente.

— Sim, é — simplesmente é tudo o que diz, tão insípida que assusta. Nada de rebater ou me ofender, ou negar-me. A menina não está com raiva, é pior. Ela está me tratando como um cliente. É isso.

Balanço a cabeça, lentamente, concordando, apesar de completamente confuso.

Mas, ainda assim eu a quero. E se ela pode ser indiferente, eu também posso.

— Ok — levanto uma sobrancelha, usando a arrogância que costumo aplicar nos negócios — Então temos um acordo.

Seu sorriso é o mais vazio que já vi.

Pros diabos!

Jasmine pode até achar que vai me tratar assim, e dane-se, pouco me importa como isso será. Eu a desejo. Apesar de tudo, eu quero esta raposa de um jeito inexplicável e com tanta intensidade que até me assusta, como não

me lembro de querer nada antes. E se estes são os termos para tê-la, estou disposto a obter desta forma.

Irritado e excitado, tomo seu pulso.

— Vamos começar logo com isso — digo, cruel, e tenho que travar a passagem de ar, afetado com a maldita sensação de seu pulso quente acelerado abaixo dos meus dedos.

A prostituta mexe comigo.

E isso acaba esta noite.

— Tome seu tempo, *senhor* — a provocação de sua frase docemente injetada me faz mais maluco.

— E eu vou — rosno sem humor — Costumo valorizar meu dinheiro.

Isso foi uma merda de frase, pareço um perverso. Fato é que Jasmine elevou a situação entre nós a outro nível. Eu gostaria de ter ido sutil, feito da maneira certa, mas de que forma? A raposa tem sua mente feita.

Ela é uma profissional e eu não devo me esquecer disso. Nunca.

Puxando-a comigo, a levo diretamente para o meu quarto. Abro a porta e antes que ela possa sequer pensar, tenho-a contra a parede. Seu corpo quente e macio parece se encaixar perfeitamente ao meu.

Com a ira rasgando-me em pedaços, pego seu rosto em minhas mãos. Linda pra caralho, porra.

Encaro seus lábios e, merda, parece tão macia, tão atraente, que minha boca chega a ficar seca de vontade de prová-la, sentir o sabor e a textura.

Vagarosamente, memorizando cada passo do processo, encaro seus olhos frios, e seus lábios, e aproximo os meus, sedentos.

Que porcaria ela..?!

A um centímetro de tocá-la, a maldita vira seu rosto bruscamente.

— Sem beijos — seu tom inatingível dita a regra — Eu não beijo na boca.

Encaro-a mal acreditando nos meus ouvidos. Porra dos infernos! Tenho vontade de sacudir seus ombros até devolver-lhe a mente.

Estreito meus olhos à procura de algum vacilar, de algum sinal de que isso foi uma piada sem graça. E nada. A mulher fria não cede, permanece sem nenhuma emoção.

Inspiro profundamente. Ela quer me provocar, quer me tirar do sério para ver se desisto. Só pode ser isso.

— Mais alguma regra? — pergunto, em meu melhor tom de escárnio.

— Preservativos — ela devolve, apática, sustentando meu olhar.

Dou uma risada alta, debochada.

— Esta eu definitivamente aprovo. Quero terminar esta noite tão limpo como comecei — acuso, em fel.

Minha fala a atingiu. A raposa não conseguiu mascarar isso a tempo.

Fecho meus olhos por alguns instantes. Não gosto da maneira como isso está indo. Essa merda de guerra não declarada tem que sair do caminho.

Abro os olhos e encaro seu rosto, de maneira honesta.

— Ouça, Jasmine. Eu entendi suas regras, e vou respeitar. Podemos, por favor, dar uma trégua e simplesmente curtir o momento?

Um flash de algo semelhante à dor atravessa seus olhos, para logo ser consumido pela escuridão impassível.

— Sim, *senhor* — a ênfase na palavra *senhor* destrói qualquer esperança de que seu comportamento “*modo prostituta*” vá se alterar.

Para casa do caralho com isso!

Decidido a derrubar suas barreiras, mordisco a pele febril do seu pescoço, provocativo. Cheiro seu frescor e lambo sua mandíbula tensa, ao mesmo tempo em que prendo seu quadril contra o meu. A surpresa da minha ereção é expressa por um ruído suave vibrando em sua garganta.

Esta noite você será minha, completamente minha, *raposa malcriada*. Tire qualquer merda de sua cabeça e se entregue.

JASMINE

Apesar de tudo, eu quis rir de sua expressão quando avisei que não haveria beijos. Seus olhos azuis se semicerraram, avaliando-me com incredulidade. Não importa o que ele pense, Damien nunca saberá que meus lábios são a única coisa que ainda pertence somente a mim. Assim como

NACIONAIS-ACHERON

preservativos significa tanto, esta é uma das poucas regras que minha mãe respeitou e exigiu de todos aqueles homens — em seu próprio benefício, depois de me mandar para um hospital por mais de quarenta dias, uma garotinha contaminada por uma doença de adultos, sem que ninguém tenha feito nada para protegê-la.

“*Não é como as coisas funcionam com você?*”. Ver o escárnio na pergunta deste homem me feriu, não nego, mas isso é o que eu sou. Ele não tem o poder de me humilhar. Onde estou ninguém mais pode.

Reforço este pensamento — lembrando-me quem eu sou —, guardo as memórias na caixinha, e faço o que Damien pediu: entrego-lhe meu corpo.

Mas o problema é que na cama, seu modo de agir, apesar de tudo, não é o que eu esperava. É diferente. Ele não tem pressa, é suave quando pensei que seria agressivo. Faz coisas que ninguém jamais fez. Sempre desliguei minha mente nestes momentos e apenas esperei que acabasse de uma vez... mas com ele... parece muito difícil apenas ignorar.

Damien não é como nenhum deles.

Ele é persistente. Toca e tenta chegar num lugar onde ninguém esteve antes. Há nele uma determinação de se apossar de cada parte, de provocar, de querer derrubar todas as barreiras e obter rendição.

E ele sabe o que faz. É um homem experiente... age com *paixão*, como jamais eu vi.

Em um determinado ponto, eu já não sei mais o que estou fazendo. Simplesmente desisto de *não querer sentir*. E, na escuridão do quarto, afasto de minha mente, provisoriamente, as lembranças de toda a maldita vida que me trouxe até aqui. Guardo todas as feridas na caixinha e finjo para mim mesma que, nesta noite, sou apenas a Jasmine, jovem de vinte anos que, embora não tenha o direito de sonhar, está sendo amada como nunca antes. Permito-me descobrir cada parte do que é absoluta e inexplicavelmente novo pra mim.

Enfrento o ardor em meus olhos quando tomo posse de sensações que rasgam-me de dentro para fora, tão únicas e extraordinárias que nem parecem reais. O primeiro orgasmo, em uma vida tendo meu corpo usado de tantas formas, como se não me pertencesse. Apesar de estar aqui como uma garota de programa, esta é a primeira vez na vida que eu consigo gostar do que estou

fazendo.

Damien não sabe, mas aqui, neste momento, eu me senti mais viva do que jamais estive.

E ele nunca saberá.



A madrugada chega ao fim e, com ela, o momento de acabar com a ilusão. Damien teve o que quis. Ele venceu.

Caindo nua ao seu lado, em total exaustão, rolo para a beirada da cama. Sento-me e tato minhas roupas.

— O que você está fazendo? — pergunta em timbre rouco, confuso.

De costas pra ele, encontro o lençol no chão.

— Indo para o quarto — sussurro, e finjo não sentir a dor que isso me provoca.

Um rugido desgostoso ecoa de seu peito.

— Não vá — o som ganha um tom de comando — Durma aqui comigo.

Fecho os olhos, grata pela penumbra que me esconde.

— O programa acabou — murmuro.

Ele se senta de imediato, como se minhas palavras o atingissem. Posso jurar que uço seu maxilar ranger.

— Chega de merdas, Jasmine. Eu sei que você gostou tanto quanto eu. Deite e durma comigo — apesar do controle, sinto a vibração furiosa em seu corpo — Se dinheiro é o problema, você será bem recompensada — resmunga esta última parte com desgosto.

E ele não espera por mais, enrosca-me pela cintura, firme, e me deita contra seu peito... tão segura que eu nunca poderia escapar... e, somente por esta noite, eu não tenho vontade de discutir. Não hoje. Estou esgotada, mental e fisicamente, sem forças para lutar.

Sentimentos confusos me impedem de pensar com coerência neste

NACIONAIS-ACHERON

instante.

— Sim, *senhor* — acato, deixando a fraqueza, o cansaço e a nova sensação de satisfação guiarem-me para o sono.



Capítulo 02

DAMIEN

Não sabendo se fui levado ao paraíso, ou arrastado às profundezas do inferno, sento-me à beira da cama e observo a maldita raposa adormecida. Mentalmente esgotado, deixo minha cabeça pender entre as mãos. Estou impaciente, nervoso... Perdido, para ser mais exato. A noite foi *diferente de tudo*.

O sexo foi inacreditável, para o bem e para o mal. Levamo-nos a loucura, sem reservas, sem intervalos, esfomeados, como se nada fosse o suficiente. Recebi a entrega total de seu corpo, mas nunca de sua mente. Dei tudo de mim, e tentei tomar tudo dela, o problema é que a maldita colocou uma barreira emocional impenetrável e levou sua palavra de não beijar na boca ao extremo. Nada do que eu fazia parecia abalá-la, ou tirá-la de seu foco. A desgraçada me fodeu, me usou, e não deu um minuto de sua emoção em troca.

E quando o dia já estava quase clareando, obriguei-a a dormir na cama comigo, lembrando-a de que meu dinheiro comprou a noite completa. Odiei-me por fazer isso, no entanto, não pude suportar a ideia de me afastar. Tampouco posso agora. Não estou pronto para isso.

Jasmine não pensa da mesma maneira. Para ela, tudo não passou de

uma transação comercial. A ideia eleva todos os meus níveis de frustração. *Maldição!* Não deveria sequer dar um pensamento para a situação. Estou tão puto, tão irritado que mal posso acreditar.

Tendo a raiva como conselheira, me levanto silenciosamente e vou para o escritório. Abro o cofre, retiro o que preciso e sento-me à mesa, nu. Pego uma folha branca e uma caneta, e dou-lhe o que ela quer.

Ainda em silêncio, tomo uma ducha rápida, visto-me e me afasto do quarto escuro, deixando em cima da mesinha, ao lado da mulher adormecida, uma pilha com dez notas de cem, e um bilhete.

JASMINE

Acordo e não reconheço de imediato o lugar onde estou. Mas basta meia fração de segundo para todas as memórias da noite virem com força total.

Damien.

Viro-me rapidamente em sua cama e encontro o lugar vazio. Ele não está mais aqui e o quarto já foi consumido pela claridade da manhã. Puxo o lençol e o envolvo em meu corpo. Sento-me na cama, esfrego meu rosto. *O que foi tudo isso?*

Um erro. Eu não deveria ter cedido.

Fiquei tão abalada pela oferta de me pagar que deixei meu orgulho falar mais alto e quis provar a ele que suas ofensas, chamando-me a todo tempo de prostituta, não me feriam. As coisas são como são.

Agora, sinto o peso do meu erro.

Eu tenho que ir embora desta casa. Independente de Dirty ou não, ficar aqui já não é mais uma opção.

De repente, algo em cima do criado-mudo chama minha atenção. Notas de dinheiro, várias, uma em cima da outra, terminam o que a proposta começou. Damien levou minha humilhação ao extremo, e eu nem posso reclamar. Como ele bem lembrou, é assim que as coisas funcionam comigo.

Semicerro meus olhos para um papel ao lado do dinheiro.

Meu estômago se retorce.

Pego a folha entre os dedos, aliso-a e tento imaginar o que ele pode ter escrito ali. Eu não deveria me importar... Contudo, me importo.

Quanto mais os segundos se passam, mais o papel parece esquentar na minha mão. É duro confessar, mas a curiosidade é tamanha que nunca desejei tanto saber ler como desejo neste momento.

Levanto-me, ainda com o bilhete, e vou para o quarto de hóspedes, ciente de que Damien não está mais em casa. Ando de um lado para o outro, incomodada, angustiada, sem saber exatamente o porquê, entre todas as coisas.

Então, uma ideia me vem à mente, e debatendo contra tudo o que me aconselha a não fazer, ajo pelo impulso.



Vestida com jeans e suéter, comprados na loja de departamentos a caminho daqui há cinco dias, luto contra a tremedeira em minhas pernas e tomo coragem para sair do elevador. O saguão está vazio, e a porteira – para minha sorte, uma mulher – é a única pessoa no lugar.

Respiro fundo diversas vezes, desejando acalmar meu espírito.

Isso não é certo, sei que há uma grande possibilidade de eu não gostar do resultado, mas eu preciso saber.

Aproximo-me dela, incerta, como se meus pés pesassem toneladas.

— Bom dia — sussurro.

Ela levanta os olhos e, quando me vê, abre um sorriso curioso.

— Bom dia, senhorita — seu rosto fica em expectativa do que tenho a dizer.

Tremo tanto que nem bem sei como estou de pé.

— Posso ajudar? — acrescenta, vendo meu estado de paralisia e desconforto.

— Eu estou... Eu... — coço minha sobrancelha — Você poderia me fazer um favor? — balbucio, num fio de voz.

O cenho da mulher se franze. Ela olha atrás de mim, para o elevador — acho que conferindo se eu vim mesmo de lá.

— Claro, querida. Diga.

Mordo meu lábio até sentir o gosto do sangue; isso sempre me acalma um pouco.

Estendo o papel, que balança em meus dedos ao ritmo do tremor. A mulher percebe meu estado e pega o bilhete.

— Você poderia me dizer o que está escrito aí? — aponto com o queixo para o papel, envergonhada.

Ela olha para o bilhete, depois para mim, e de novo para o bilhete, sua expressão se alterando sutilmente de curiosidade para desconcerto.

— Você não é daqui? Digo, do país? — pergunta, numa última tentativa de compreender a situação.

Fito o chão. Eu não tenho porque mentir, porém, a sensação de sujeira e vergonha são tão esmagadoras.

— Sou sim... — levanto meus olhos para seu rosto — Eu... Eu não sei ler — confesso, mortificada.

Piedade é tudo o que vejo expresso em seu semblante.

— Querida... Aqui está escrito... — hesita.

— Sim? — incentivo, beliscando a palma da minha mão.

Ela suspira e me dá mais um olhar.

— *“Espero que isto pague a noite. A propósito, seu café está morto. Você está livre”* — limpa a garganta, sem jeito — É isso...

Agarro a borda do balcão. Eu já deveria esperar por algo assim, então por que dói tanto?

— Você está bem? — sua fala é uma mistura de constrangimento e preocupação.

Não sei o que dizer. Nem sequer compreendo o que estou sentindo.

Pela primeira vez em dez anos, tenho vontade de não lutar mais. Tenho vontade de ceder ao desejo sufocante, de deixar que as malditas lágrimas rompam suas barreiras e demonstrem minha fraqueza que não sou capaz de

guardar na caixinha. Hoje, a caixinha parece não conseguir guardar o que estou sentindo.

— Venha comigo — pouco ouço sua voz, e sinto sua mão me puxando para uma porta ao lado da recepção.

Só me dou conta quando estou sentada em uma cadeira, dura, em uma salinha pequena, com uma mesa e vassouras no canto. Meu rosto recebe a sensação de mil agulhas, minha garganta queima como se eu tivesse engolido fogo líquido.

— Você está pálida, menina — a mulher se ajoelha diante de mim — Como é seu nome?

— Ja-jasmine...

— Desculpe, querida, diga mais alto — o tom compadecido é algo a que não estou acostumada.

— Jasmine — forço para a voz sair.

— Ouça, querida. Tudo vai ficar bem. Seja lá quem tenha morrido, ou quem tenha escrito este bilhete, tudo vai ficar bem.

Concentro-me em não desabar ao som calmante de sua voz repetindo as palavras baixinho, e então, subitamente, me dou conta de uma coisa importante.

Luna.

Como ela está? Será que Dirty tentou fazer alguma coisa a ela, e Dominic... matou o cara?

— E-eu tenho que ir — murmuro.

— Você acha que está em condições de sair? — pergunta com franca apreensão.

— Minha amiga, eu... Eu preciso saber se ela está bem — levanto meus olhos para seu rosto.

DAMIEN

Porra, o que está havendo? Onde está minha cabeça que não me
NACIONAIS-ACHERON

impediu de sair do escritório e dirigir de volta para casa. A inquietação não me deixa sequer pensar.

Será que ela já acordou? Será que leu o bilhete?

Abandono o carro na rua de qualquer jeito e entro a passos largos no meu prédio, parando em frente ao maldito elevador. Não perco o olhar afiado que Maria, uma das pessoas que trabalham na portaria, me lança. Aperto mais de dez vezes o botão e nada da porcaria vir. Quando finalmente estou dentro, ele demora uma vida para subir. Agora entendo meu irmão me perguntando naquele dia se esta coisa estava mais lerda do que o normal. Acho que sim. Há dias em que o elevador quer foder com a sua vida.

No apartamento, nem sinal da mulher. Meu quarto e o seu estão vazios, suas roupas ainda estão aqui. O dinheiro também.

O bilhete, não.

Jasmine já leu e agora sabe que não há mais motivos que a prendam aqui.

Por alguns minutos, tive a esperança de ainda encontrá-la adormecida, assim eu poderia rasgar aquela merda de recado que eu deixei de cabeça quente e ganhar mais alguns dias com ela.

Inferno, que pensamento é esse?

Ela foi embora. Isso acabou.

Dou um soco na parede para esvair um pouco do tumulto em meu peito



Capítulo 03

JASMINE

Não subi de volta ao apartamento de Damien. Mesmo que minhas coisas e o último trocado de minhas economias estejam lá, não quero mais por meus pés em sua casa. Aceitei o dinheiro que Maria me ofereceu para pegar o metrô, e saí prometendo a ela e a mim mesma que devolveria em breve.

Durante o trajeto, apertei diversas vezes a palma da minha mão para distrair o ardor que lágrimas não derramadas provocam.

Eu preciso saber como Luna está antes de pensar no que fazer da minha vida. Se eu voltar para casa, logo outro traficante assumirá o lugar de Dirty e minha mãe entrará em ação novamente. Ela já fez isso tantas vezes...

Em frente à porta do apartamento de Dominic, respiro fundo, e então bato.

Ouçó a fechadura girando.

— Entre, Jasmine — Dominic diz sobriamente, ao abrir.

Evito seus olhos, embora o sinta me avaliando. Dominic é um bom cara e, silenciosamente, o agradeço por não fazer nenhuma pergunta.

Em um piscar de olhos, Luna está ao seu lado, linda, seus cabelos vermelhos espalhados por cima dos ombros.

NACIONAIS-ACHERON

— Jas! Que bom que você veio — o som vibrante enfraquece quando seu olhar pousa em mim.

Antes que eu possa abrir a boca, ela pega minha mão e me puxa para dentro.

— Oi Lu...

Seu rosto se afasta para me analisar com expressivos olhos desconfiados.

— O que aconteceu?

— E-eu vim saber se você está bem... — sussurro, desconcertada.

Sem soltar minha mão, de um jeito protetor, ela me leva para a sala. Duas mulheres bonitas estão sentadas no sofá e me olham curiosamente. Acho que já vi uma delas antes, a morena, no Centro Comunitário, mas nunca falei com ela. A outra ao seu lado é realmente impressionante, com cabelos loiros num estilo platinado e olhar amigável.

— Esta é minha amiga, Jasmine — Luna me apresenta às mulheres — E estas, Jas — ela me olha afetuosamente —, são Gabrielle e Júlia, duas amigas que estão me ajudando muito.

Forço-me a sorrir, e algo na maneira como seus olhares estão fixos em mim acalma um pouco meu coração. Não há julgamentos. Júlia e Gabrielle parecem boas pessoas, o que é raro no mundo em que vivo.

— Vocês se importam se eu falar com ela por alguns instantes, no quarto? — Luna pergunta a elas, em seu próprio modo doce de chegar nas pessoas, como ela fez comigo na primeira vez que a vi.

— Imagine, fiquem a vontade, vou aproveitar e conversar com Dominic sobre algumas coisas lá do Centro Comunitário — Júlia responde gentilmente.

Gabrielle nos lança um sorriso bom, otimista. Não perco, no entanto, o jeito astuto como me observa.

Sigo Luna para o quarto, e assim que ela fecha a porta, sento na beirada da cama, como se minhas pernas não aguentassem mais se manter firmes.

— O que está acontecendo, Jas? — pergunta direta, sentando-se ao meu lado.

— Nada, Lu... — desconverso, beliscando a palma de minha mão —

Eu soube sobre Dirty e quis vir aqui, ver como você está.

Luna suspira.

— Dirty me sequestrou e quis me entregar ao meu padrasto — ela morde o lábio e desvia seus olhos para o chão — Mas seu plano deu errado, e agora ele está morto.

Tapo a boca para abafar o som de horror por saber que aquele desgraçado foi capaz de ir tão longe.

— Esta marca em sua testa? — questiono com receio da resposta.

Ela toca sua sobrancelha, onde há um arroxeadado.

— Isso foi ele freando o carro... — dá uma risadinha desgostosa — Acho que não aceitou muito bem eu ter acertado a cabeça dele com aquela panela.

Sinto o grande peso da culpa sobre meus ombros. Se ela não tivesse ido a minha casa naquele dia, ele jamais a teria visto...

— Foi tudo minha culpa, Luna. Se ele te fizesse alguma coisa, e-eu nunca me perdoaria.

A menina se ajeita ereta, o rosto coberto de sardas fita-me sério.

— Isso não é verdade, Jas. Aquele cara era um ganancioso, que procurou seus próprios problemas e subestimou pessoas ainda piores do que ele.

Baixo meu olhar para a palma da minha mão, machucada com as marcas das minhas unhas. Luna pode negar, mas a verdade é uma só.

Ela se vira de lado, ficando de frente pra mim, descansando uma perna em cima da cama.

— Agora, minha amiga, me diga o que aconteceu para te deixar assim. Foi Damien, não foi?

E por alguma razão, aqui, ao seu lado, mentir que estou bem, como faço todos os dias, hoje parece uma tarefa muito mais difícil.

Na falta de palavras, embargada, apenas meneio a cabeça, sinalizando que “*nada aconteceu*”.

Ela enrugando o lábio para o lado.

— Jas...

— Lu... há coisas que me envergonham, e e-eu não...

Suas mãos delicadas, de dedos finos, pegam meu rosto.

— Seja o que for, você não tem que se envergonhar de absolutamente nada. Você é uma lutadora.

Exprimo um sorriso sem vontade.

— *Lutadora...* — testo o som da palavra — Acho que já desisti de lutar há muito tempo, Luna.

Assim que me dou conta do que falei, gostaria de poder engolir de volta.

— Jasmine... — Luna murmura um assombro, ou lamento, não sei bem. Desprendo-me de seu toque.

— Nem sei por que estou dizendo isso, é só uma besteira, você já tem tanta coisa em sua cabeça e eu aq...

— *Nada* que esteja acontecendo na minha vida é motivo para você não se abrir comigo — me corta — Coloque nessa sua cabecinha que agora nós somos uma pela outra, Jas, não estamos mais sozinhas na vida.

“Nós somos uma pela outra, Jas, não estamos mais sozinhas na vida”. Cravo as unhas mais firmes em minha carne, tudo para não romper diante de sua afirmação. Estar sozinha na vida é só com o que estou acostumada.

Meus olhos e garganta ardem tanto, é insuportável.

— Fale comigo, Jasmine, confie e me diga o que há de errado. Me diga, o que tem aí dentro que está te machucando tanto?

Afasto-me de seu toque.

— Eu não posso, Lu. E-eu nem sequer sei o que dizer... — sacudo a cabeça — Você teria nojo de quem eu sou — não consigo nem mesmo respirar direito, sufocada, hoje mais do que nunca — Eu sou uma pessoa tão, tão, suja...

Suas mãos apanham outra vez meu rosto, com determinação.

— Você é uma menina boa, doce e muito valiosa, Jasmine. Muito valiosa. — seu tom de encorajador carrega tanta honestidade — Nunca pense menos do que isso.

Fecho meus olhos, não aguentando encarar os límpidos azuis.

— Você é a primeira pessoa que se importa...

— E eu odeio quem não se importou antes... — sua voz embarga —

Agora você é minha irmã. É assim que eu te considero. Você salvou a minha vida dizendo a Dominic onde eu estava...

Interrompo-a.

— Desculpe por quebrar sua confiança quanto àquilo, Lu, mas eu precisava ter contado. Dominic me disse que você corria perigo...

— Eu sei, amiga. Eu sei disso, e graças a você estou aqui — seus olhos marejam — Isso é o que irmãs fazem uma pela outra. Entende?

Tudo sobre Luna transmite verdade.

E então, essa necessidade esmagadora de deixá-la entrar vem à superfície tão forte, *tão excepcionalmente forte*.

— Damien me pediu para dormir com ele, *por dinheiro* — revelo, numa voz tão baixa que nem sei se ela é capaz de ouvir — E eu fiz... Não pelo dinheiro, mas por orgulho, para fazê-lo ver que não podia me ferir, nem sei explicar...

Encaro um ponto qualquer, fugindo de encontrar indícios de decepção em seu rosto.

Luna expira lentamente.

— Aquele cara tinha que ter cuidado de você, e não te pedir isso.

— Ele não fez nada a que eu já não esteja acostumada, Luna... — sinto-me mortificada tendo de me revelar em voz alta para a menina de alma mais pura e boa que conheci.

— Damien agiu como um babaca, Jasmine. Ele tirou proveito de você.

— Não. Ele não me obrigou a nada, sabe? Na verdade... isso é quem eu sou.

— Jas... — reclama um lamento — Por favor, amiga, por favor, pare de ficar dizendo estas coisas sobre você mesma!

— Oh, Luna, se você soubesse... Mesmo que eu queira, não há como ignorar toda a essa sujeira entranhada em mim — minha garganta agora arde ao ponto da dor — E eu tenho tanto nojo de quem eu sou... Tanto nojo! — tapo meu rosto com as mãos — Se você quer saber, mal consigo me olhar no espelho! Eu me odeio por ser assim, Luna. Eu me odeio!

E... sem que eu tenha mais nenhum domínio... *algo* acontece.

É como se a última grama de energia restante se esvaísse, depois de

anos inibida.

Relembrando que eu era só uma criança quando decidi não chorar nunca mais, eu fracasso e deixo vir toda a dor e todos os sentimentos que já não cabem mais na caixinha.

A caixinha decidiu não aceitar mais.

Simplesmente desabo.

Mesmo sabendo que eu não deveria dar à vida a chance de ver o que ela tem feito comigo, desmorono e choro no colo da única pessoa que já se importou. Em todos esses anos segurando, desta vez não impeço o pranto que vem brotando de minha alma.

Choro pela infância que eu não tive, por todos os anos em que aquele cara me estuprou como se eu fosse dele, por todas as vezes que minha mãe me obrigou a pagar suas dívidas, por ela estar sempre fazendo isso comigo, por ela nunca me amar. Choro por não conhecer nada além da dor.

Caio num pranto tão profundo e intenso que é como se todas as lágrimas se acumulassem para arrebentar juntas, em revolta pelas inúmeras vezes que lutei contra elas. E quanto mais elas caem, mais outras as seguem.

Luna não diz nada por um longo tempo enquanto me mantém em seus braços. Estou com a cabeça deitada em seu colo, recebendo afagos, como nunca ninguém fez.

— Shh... — ela sussurra, acariciando minhas costas — Aquele homem morreu. Você está livre, Jas, livre. Tudo vai ficar bem...

— Eu nunca estive livre. Minha mãe logo arranjará outro jeito, Luna. Ela sempre arranja. Dirty é só mais um... — soluço, e droga!, por que estou dizendo tudo isso?

A menina não se move, mas sinto seus músculos enrijecerem. Eu não deveria despejar minha podridão sobre ela. *É um erro.*

— Seja o que for que sua mãe fez, Jasmine, nós vamos mudar isso — seu tom é determinado, apesar das lágrimas abafarem sua voz.

Engulo a resposta em minha mente. Luna é um anjo que pensa que pode salvar o mundo. O que ela não sabe é que não há salvação para mim.

— E não pense que estou falando da boca pra fora — afirma parecendo ter lido meu pensamento — Estou prestes a recuperar o que é meu de direito, e nós vamos resolver a sua vida.

NACIONAIS-ACHERON

Espere.

Levanto imediatamente de seu colo, meus olhos borrados mal enxergando a menina.

— O-o-que você quer dizer com...? Eu não quero seu dinheiro, Luna!
— sacudo a cabeça, com convicção.

Ela me corta.

— Você não ouviu o que eu disse sobre sermos irmãs? Agora somos uma pela outra, Jasmine, eu te considero a irmã que eu não tive. Você não me vê assim?

Aperto meus olhos, confusa com sua linha de raciocínio e tom de ofendida.

— Não é isso que eu quis dizer, eu só não posso aceit...

Enquanto falo, minha nova e única amiga sorri, com olhos vivos, pele coberta de sardas e uma expressão muito decidida.

— Então estamos resolvidas!

— Sobre o que *exatamente* estamos resolvidas, Lu? — indago, incerta, limpando a bagunça em meu rosto para visualizá-la melhor, sem conseguir parar mais lágrimas de saltarem livremente.

— Sobre sua nova vida que começa hoje — diz com simplicidade e fibra impressionante para alguém da nossa idade.

“*Nova vida*”?

A ideia assusta e ao mesmo tempo acende algo diferente dentro de mim.

Será isso o que chama de esperança?

DAMIEN

Ando de um lado para o outro no escritório, como um leão enjaulado, desconhecendo a agitação que não quer me deixar. Eu não deveria estar pensando na prostituta, porra, isso é uma estupidez sem precedentes.

— Que bicho está mordendo sua bunda, cara? — Christian diz da porta. Só agora me dei conta de que o puto estava ali.

— Não te interessa — corto, logo de cara — Conseguiu resolver a situação com os empreiteiros? — fecho qualquer espaço para especulações sobre mim.

Sorrindo calmamente, meu irmão mais novo entra na sala e se senta na confortável poltrona em frente à minha mesa.

— Chegamos em treze por cento, o que eu pessoalmente acho justo.

Bufo.

— Justo para quem? Nós estamos arcando com todo o risco.

Meu irmão não se abala.

— Você e eu sabemos que este é o melhor valor, Damien. E já está fechado... — seus olhos sagazes se semicerram — Agora vai me dizer o que está acontecendo?

— Não há nada acontecendo — mudo de assunto outra vez, ganhando tempo para me concentrar no que é importante e afastar a maldita da minha cabeça.— Dominic, você falou com ele?

— Não, o celular está fora. Você vai ao aniversário da Christy esta noite?

Desabo na cadeira, desfrouxando o nó da gravata. Eu deveria ir, relaxar e curtir uma boa noite com alguma bela mulher, que não me cobre por isso... Se bem que a prostituta deixou o dinheiro para trás. Quer saber? Foda-se ela. Esta noite eu vou ter alguma diversão e tirá-la do meu sistema definitivamente.



Capítulo 04

JASMINE

Sem saber ao certo o que estou fazendo, fico diante da mulher deslumbrante que está me recebendo como se nos conhecêssemos há anos, quando eu a conheci somente algumas horas antes. Sinceramente, chorei tanto que penso ainda estar sob algum tipo de estado de letargia.

Luna me pediu que esperasse no apartamento de Dominic enquanto eles saíram para resolver a questão de seu padrasto. Eu nem pude negar, estava me sentindo tão fatigada mentalmente que adormeci e só acordei quando ela retornou, falando sobre Gabrielle.

E aqui estou, parada em meio à sala dela, constrangida de encará-la.

— Você é muito bem-vinda nesta casa, Jasmine — oferece-me uma das xícaras de chá que preparou.

Meneio lentamente a cabeça, recusando a bebida. Meu estômago não aceitaria.

— Obrigada, Gabrielle — agradeço em tom baixo. — Sobre ficar na sua casa, e-eu...

Recebo um olhar avaliativo.

— Por estas bolsas em seus olhos, seu dia foi longo. Que tal eu te mostrar o quarto onde você ficará e a gente conversa amanhã? — sorri, com

simpatia.

Tudo o que eu consigo fazer é aceitar de bom grado, segui-la até um quarto bonito, confortável, e cair no sono até que essa dor abandone minha cabeça e eu possa pensar com clareza no que vou fazer da vida.

DAMIEN

Mal aguentei trinta minutos daquela porra de festa e já estava me mandando de lá. Deixei Christian para trás sem nenhuma justificativa. Por mais que eu lute, não consigo parar de pensar na maldita raposa. E sem saber ao certo o que estou fazendo, me vejo guiado pelas ruas do bairro miserável onde Dominic insiste em morar, à procura de alguma merda.

Penso seriamente em parar em seu apartamento e verificar se meu irmão tem informações da prostituta, afinal, ela saiu de minha casa sem levar nada consigo. Não que eu esteja minimamente interessado em revê-la, acho que só estou preocupado pela maneira irresponsável com que ela resolveu sair, sem dinheiro e sem roupas.

Mas é como dizem, prostitutas são “*safas*”, não é? A essa altura, a raposa já deve estar trabalhando em alguma esquina por aí... Eu não deveria ceder um minuto do meu tempo para qualquer pensamento sobre ela. Foda-se tudo isso. Foda-se o quanto a ideia de saber que ela está em qualquer outra cama me deixe com esta maldita sensação de querer esmagar o rosto do estúpido miserável que a tem.

Devo recuperar a minha cabeça e esquecer essa merda. E é isso que vou fazer.

JASMINE

Sento-me no braço do sofá, olhando para a manhã iluminada lá fora,
NACIONAIS-ACHERON

distraída, até que o barulho da fechadura me traz de volta.

— Bom dia, Jasmine! Você já está acordada — Gabrielle entra, sorrindo, carregando algumas sacolas — Fui buscar nosso café da manhã.

Levanto-me, constrangida a sua volta. Dormi o suficiente para saber que não posso ficar aqui incomodando nesta casa por mais tempo.

— Bom dia — digo, baixo — E-eu te agradeço por me deixar ficar aqui esta noite, Gabrielle — endireito meu corpo, esfregando as mãos em meus jeans.

A loira platinada deixa os sacos em cima do balcão e inclina seu rosto de lado, me estudando.

— Você não precisa agradecer... — diz, paciente, como se esperando pelo que eu tenho a falar.

— Eu... É.... — limpo a garganta — Eu acho que vou voltar pra minha casa agora... — sibilo, desviando de seus olhos afiados.

A mulher suspira, sem recuar seu sorriso.

— O que Luna te falou sobre vir a esta casa, Jasmine? — a pergunta soa como se ela tivesse um propósito nisso.

Belisco a palma de minha mão.

— Que você é amiga dela, que confia em você, e que eu poderia ficar aqui... — encaro meus pés.

Ela caminha até mim.

— Então qual é o problema?

Balanço a cabeça, e levanto os olhos para encará-la.

— Eu agradeço muito, Gabrielle, mas não é certo eu ficar na sua casa.

— Jasmine, minha querida, sente-se aqui um pouquinho — fala como se eu fosse uma garotinha de dez anos.

Mecanicamente, eu me sento.

— Você não me conhece, certo? — pergunta e, novamente, sinto que ela quer chegar a um ponto com tudo isso.

— Bem... — torço os dedos pousados sobre as minhas pernas — Você é amiga de Luna — digo, como se isso explicasse alguma coisa.

Ela sorri.

— E você acha que eu te trouxe aqui por não poder recusar o pedido de

NACIONAIS-ACHERON

uma amiga, não é?

Confirmo vagarosamente com a cabeça, mas não abro a boca.

— Bom... Sim, isso se parece com o que uma pessoa legal faria — delibera, piscando os cílios — Mas preciso confessar que não sou tão legal assim — suas costas desabam para trás, encostando-se no sofá, teatralmente.

Levanto uma sobrancelha, sem entender.

— Jasmine, eu não passo de uma interesseira, a verdade é essa — a mulher levanta o braço, cobrindo os olhos, fingindo vergonha de um jeito divertido.

Fico ainda mais em branco.

Seus olhos bonitos me filmam.

— Venha comigo e eu vou te mostrar.

Sem que eu possa reagir, ela me tem pela mão. Sigo-a pela porta de vidro até uma varanda ampla, carregada de vasos de plantas por todos os lados.

— Você vê isso? — pergunta, apontando para o lugar.

Olho para ela, para o espaço, e de volta para ela.

— Vejo o quê? — indago sem jeito, burra demais para entender aonde ela quer chegar.

— Isso — ela sinaliza para as plantas.

— Flores? — balbucio, confusa.

Gabrielle suspira ruidosamente.

— Você não sabe o que é ter uma cunhada dona de floricultura, Jasmine — tenho que segurar o riso diante de sua consternação — Eu não sei como dizer a ela que já não tenho mais espaço, sabe? Alice é a melhor pessoa... E adora me presentear com cada nova espécie que aparece em sua loja.

Tapo minha boca discretamente, não sei ainda se posso rir disso.

— O problema é que, em três semanas estarei indo para uma viagem a trabalho na semana de moda — ela gesticula, exasperada — Vou ficar lá por dois meses, e quem vai cuidar de todas estas plantas? Se eu pedir pra Alice, quando eu voltar, isso aqui vai estar tomado por mais flores... — ela balança a cabeça, negando convictamente — Não, não posso confiar nela.

Estreito meus olhos, dando um segundo olhar a todas as plantas bem cuidadas, encaro a mulher, acreditando seriamente que ela está me enrolando com a história.

— Você quer que eu... cuide delas enquanto estiver fora?

Gabrielle sorri amplamente, e é como se toda a luz se concentrasse ali.

— *Touché!*

— Você quer que eu fique na sua casa para cuidar das plantas? — pergunto de novo, para ter certeza.

A mulher não se abala.

— Bem, eu sei o que parece... Mas eu disse a você que sou uma interesseira, não disse?

Não faz o menor sentindo. Respiro fundo.

— Gabrielle, eu posso fazer isso por você sem precisar ficar aqui — digo, sincera.

— Isso não funciona pra mim. Eu preciso de alguém que more aqui, que me faça companhia — a mulher soa como se estivéssemos em algum tipo de negociação — Eu te falei que sou a única solteira entre minhas poucas amigas na cidade?

Deixo a cabeça cair de lado, tentando entender aonde ela quer chegar, de novo.

— Não? — minha resposta sai como uma pergunta.

— Outra razão para precisar de você aqui — acena com a mão — Estou me sentindo muito sozinha, Jasmine... — dá de ombros, me convocando a fazer o que é certo — Eu sou amiga de Luna, e as amigas de Luna deveriam ser suas amigas também.

Coço minha sobrancelha, ciente de que Gabrielle é talvez a pessoa mais astuciosa que já vi na vida. Nenhum de seus motivos têm fundamento, e certamente ela está me levando na conversa, claramente fazendo tudo isso para que eu me sinta bem...

Eu nem sei o que dizer...

Mas... Por que eu não deveria ficar aqui com ela? Que outras opções eu tenho? Voltar para casa e para a vida de antes?

Um tempo longe de tudo... Gabrielle, gentil e persuasivamente, está me

oferecendo isso.

É estranho... no entanto,... eu quero aceitar. Sim. Eu quero muito.

— Tudo bem... — encaro-a, agradecida — Obrigada por me deixar ficar aqui, Gabrielle.

Pelo menos até saber o que fazer com a minha vida...

Sem saber como fui atingida, sou esmagada em um abraço potente pela bela mulher.

— Ah... E eu posso te chamar de Jas, não posso?

Concordo, sem conter um sorriso, talvez o primeiro honesto em muitos dias.

Gabrielle parece fascinamente... *única*.

DAMIEN

Passo pela secretária — que hoje usa um perfume particularmente enjoativo — sem sequer dar-lhe um olhar. Deixo minha pasta em cima da mesa e me sirvo de um copo de uísque, que mantenho em minha sala. Estou com uma dor de cabeça do cão, não dormi direito e ainda tive que lidar com a maldita funcionária da portaria do meu prédio, que de uma hora para outra passou a não levar o jornal até minha porta. Tive que descer e pegar eu mesmo. Diabos, o que está acontecendo com aquela mulher?

O telefone de minha mesa toca — Sim — rosno, impaciente.

— Senhor Damien, os executivos já estão na sala de reuniões, à sua espera — a voz sedutora já me agradou um dia; hoje, tenho que afastar o telefone do meu ouvido.

— Cancele a reunião — ordeno, impassível.

— Mas senhor...

— Você acordou com algum tipo de problema auditivo, senhorita Sarah?

— Não... — ela sussurra, desconcertada — Mas eles vieram especialmente para...

NACIONAIS-ACHERON

Corto-a.

— Cancele, porra!

Bato com o aparelho, encerrando esta merda.

Inferno, o que está havendo comigo?

Pego meu celular no bolso da calça e deslizo o dedo algumas vezes pela lista de contatos. Eu não deveria fazer isto. Dominic provavelmente vai jogar alguma merda para cima de mim... Foda-se ele. Deixo meu dedo cair em seu nome e chamo o número.

— Fale, irmão... — responde, baixo.

— Eu li nos jornais sobre a merda com Vicent Wine. Sua menina mandou o cara para a cadeia, então... — começo pela borda, apertando a ponta do meu nariz atrás de controle.

— Sim, Luna fez isso — noto o orgulho escondido atrás da calma.

— E a prostituta? — passeio pelo assunto.

Dominic bufa, desgostoso.

— O nome dela é Jasmine, Damien. Agora me diga, que porra você fez com ela?

Engulo, amargo.

— De que diabos você está falando?

— Eu vi como ela chegou à minha casa, irmão, não tente negar.

Fico perdido por um segundo.

— Espere, o quê? — rosno baixo — De que jeito ela chegou à sua casa?

Dominic ri, irritado, como se eu não o conhecesse.

— Você fez merda, cara... Você fez merda.

Seu tom faz com que eu me encolha um pouco, assim como quando éramos moleques.

— Você está viajando... — limpo a garganta, ganhando confiança — Aliás, por acaso tem o telefone da pros... da Jasmine? — inverte a condição da menina deliberadamente, para mostrar-lhe que ela não representa nada pra mim — A mulher foi embora e todas as suas merdas ainda estão lá em casa, preciso que ela vá liberar meu quarto de hóspedes ou vou botar aquilo tudo no lixo.

NACIONAIS-ACHERON

Meu irmão fica em silêncio por um instante. Isso eleva uma estranha ansiedade nos meus níveis sanguíneos.

— Separe as coisas dela, eu vou buscar amanhã.

Cerro os punhos. Porra!

— Por que diabos você não quer me passar o telefone dela, irmão? — debocho, irritado — Você a manteve na minha casa, contra a minha vontade, e agora está com medo de eu me aproximar dela? — dou uma risada, com escárnio.

— Tenho a sensação de que Jasmine está fora do seu radar, Damien. Você não tem mais que se preocupar com ela. Agora eu preciso ir, falo com você mais tarde.

Sem que eu possa dizer mais nada, ele desliga. *Na minha cara!* Imbecil!

O que ele quis dizer com Jasmine fora do meu radar?

Esfrego o cabelo, impaciente, não gostando nada de como me sinto com a nova informação.

PERIGOSAS



NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 05

DAMIEN

Três dias. A porra de três dias sem dormir minimamente, com uma dor de cabeça que nada parece resolver, nem mesmo todo álcool que tenho consumido quando estou no apartamento. Minha casa era um refúgio, até a raposa aparecer e estragar tudo. Não sei onde eu estava com a cabeça quando dispensei a equipe de limpeza de vir fazer seu trabalho, agora tenho que lidar com o cheiro dela consumindo todos os cantos.

Sarah, minha secretária, mal permanece cinco minutos em minha presença, sinto que meu humor só está piorando a situação entre nós. Evitei Christian e suas especulações o quanto pude, e fiquei agradecido de enviá-lo a uma reunião. Dominic, por outro lado, parece estar me evitando também, seja porque seu prazo para voltar a trabalhar na construtora está se esgotando, ou porque ele resolveu encobrir a prostituta em suas asas.

Pensei muito, aliás, tenho feito isso bastante nas últimas setenta e duas horas em claro. Definitivamente, a dose que tive da raposa não foi o suficiente, e só tem um jeito de acabar com essa porcaria: tendo mais dela.

JASMINE

Luna me encara em expectativa, segurando o panfleto em suas mãos.

— Eu não posso aceitar, Luna — nego — Você já fez muito por mim. Isso — aponto para o papel — deve custar muito dinheiro, e eu não tenho como te pagar — argumento, franca.

Luna suspira longamente.

— Jas, nós já falamos sobre isso, eu achei que estivéssemos resolvidas...

Interrompo-a.

— Lu, por favor, entenda, eu não quero que você gaste seu dinheiro comigo, eu não me sinto bem com isso...

— Você pode me pagar um dia, se este é o problema — ela diz simplesmente, como se dando uma solução fácil — Vamos, garota, por favor, aceite... Por mim.

Suas sobrancelhas ruivas se juntam e os olhos azuis me fitam como se nada fosse mais certo. Sorvo uma generosa quantidade de ar. Luna está me oferecendo uma grande oportunidade, mas, honestamente, sinto como se eu estivesse me aproveitando dela.

Fecho os olhos, bem apertado, e suas mãos aquecidas tocam a minha face.

— Nós somos irmãs, não há nada de errado em uma ajudar a outra.

Belisco a palma de minha mão, num tipo de tique nervoso que mantenho desde criança. O apelo justo faz-me incapaz de continuar negando. Eu tenho que me acostumar que existem pessoas que só querem ajudar, sem nenhum motivo obscuro.

— Tudo bem, Lu, eu vou fazer isso... — fito-a, consumida por um sentimento inexplicável de gratidão — Você tem feito mais por mim do que eu jamais pensei possível. Às vezes, fico pensando que você é provavelmente um anjo, sabe? — revelo, com verdade.

Luna sorri.

— Sentir-se assim deve ser algum tipo de efeito de proximidade — ela morde o lábio, contendo um sorrisinho — Dominic é meio que um anjo pra mim também... — seu rosto se ilumina ao dizer o nome dele.

Suspiramos as duas, eu por ter alguém como esta menina em minha

vida, e Luna por estar irremediavelmente apaixonada por um cara que merece cada minuto disso.

DAMIEN

Eu não deveria fazer isso. Porra, eu nem sequer preciso de uma merda destas para ter uma boa boceta na minha cama. Tenho meu próprio histórico, que diz muito sobre quantas das melhores mulheres me tem em suas listas negras por eu não conceder-lhes repetição... e aqui estou eu, guiando pelo bairro mais sujo da cidade, a noite, em busca de encontrar a raposa. Tudo para repetir a dose e limpá-la de vez da minha mente.

Dirijo a cerca de quarenta por hora, passando pelas calçadas da avenida movimentada, conhecida como um reduto da prostituição. Mulheres vestidas com roupas extravagantes e sensuais se amontoam em grupos de duas ou três no decorrer da rua, mas nenhuma é *ela*. Inevitavelmente, me pergunto se não cheguei tarde demais e algum miserável já a capturou para um programa. A ideia arruína ainda mais o meu já inexistente humor.

Por que a raposa escolheu essa vida?

Eu odeio o que isso faz comigo. Odeio estar me sentindo desta forma por alguém como ela. Passei minha infância nesta merda de bairro, pobre e miserável, e tive que assistir todos os dias meu irmão mais velho lutando por nossa sobrevivência, enquanto nossa mãe se vendia em troca de pedras e qualquer merda que ela pudesse consumir.

Porra! As lembranças são tão nojentas. Por mais que eu tente, nunca consegui apagar as imagens dela *trepando* com cada maldito filho da puta que lhe oferecia alguma migalha para manter seu vício, mesmo que seus filhos estivessem assistindo estas merdas.

E agora, anos depois, me vejo atraído por uma prostituta no mesmo lugar. Quanta ironia esta merda de destino pode lançar sobre nós?

Inferno. Só posso estar maluco.

Viro a esquina, em frente a uma boquinha das mais antigas, e estaciono meu carro ao lado do beco. Respiro fundo algumas vezes. Eu provavelmente

NACIONAIS-ACHERON

vou me arrepender de estar aqui, e mesmo sabendo disso, eu desço.

Um pequeno grupo de moleques está em uma roda, alguns encostados na parede, certamente passando drogas. Jovens demais para já estarem envolvidos nisso.

Caminho até eles, e assim que dois me notam, dão logo o fora.

— Ei, moleque... — chamo baixo e acelero meus passos.

O garoto me olha, em dúvida sobre correr também ou não.

— Eu só quero uma informação — consigo dizer ao único que não dispersa.

Seu olhar afiado me percorre de cima a baixo.

— Você é policial? — ele levanta o queixo, numa mistura de receio e coragem.

Ergo as duas mãos, mostrando-lhe que estou limpo.

— Não, só estou procurando uma garota — paro em sua frente — Jasmine, você conhece?

Sua expressão muda rapidamente para desconfiança.

— O que você quer com ela?

— Eu sou um amigo — desvio meus olhos, um tanto embaraçado pela mentira.

O sujeito cruza os braços em frente ao peito, duvidando sem nenhum tato. Obviamente ele está enxergando a mentira explícita: um cara como eu sendo amigo de uma prostituta?

— Quanto eu ganho pela informação?

Cerro meus punhos com a ousadia do moleque, que não deve ter mais do que dezessete anos.

Bufo e puxo a carteira, retirando uma nota de vinte.

A sobrançelha do pilantrinha se eleva. Retiro mais vinte.

— É o que tenho — resmungo, impaciente, entregando o dinheiro — Onde eu a encontro?

Ele pega as notas e guarda no bolso, olhando para os lados.

— Eu não faço ideia, cara — o garoto confessa sem nenhum constrangimento.

Pilantinha do cacete! Pegou meu dinheiro para me dar uma resposta destas?

— Ouça, moleque, eu realmente não estou com nenhuma paciência para merdas. Você ao menos conhece a menina ou não?

Seu peito se estufa.

— Eu conheço a Jas, sim, mas vou logo avisando: deixe ela em paz, cara. Aquela velha puta já andou por aqui atrás dela também, e seja lá onde a menina esteja, deixe ela em paz, valeu?

Abro a boca, mas a fecho em seguida. De que merda este moleque está falando? Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele já está caminhando para longe.

— Ah... E eu não sou moleque! Meu nome é Kidn!

Num piscar de olhos, o pilantinha sai correndo. Inferno. Fico sem saber quem é a tal velha que também está atrás da menina. Era só o que faltava, além de Dominic, esse moleque também quer me manter longe da raposa. O que isso faz de mim, afinal? Um perseguidor, certamente.

JASMINE

Gabrielle aperta meu ombro, incentivando-me a descer do carro. Sinto-me ansiosa, nem sei o que esperar. Luna disse que não sou burra. Ela e Gabrielle, acham que tenho algo como uma disfunção... E aqui estou, na porta de entrada do *Instituto Psicopedagógico de Dislexia*. Um lugar privado e caro, que Luna se dispôs a pagar. Estou apreensiva e com muito medo de decepcioná-las; no fundo, sei o que sou: burra e velha demais para aprender a ler.

Olhando em retrocesso, nada do que a senhorita Elza fazia para tentar me ensinar surtia efeito. Ela já estava cansada de mim, e hoje eu a entendo. Durante anos me lembrei dela como uma má pessoa por não ter lutado por mim. Agora, adulta, sei que ela não tinha nenhuma obrigação de continuar insistindo. Ela, assim como minha mãe, viu que não adiantaria.

Nunca pude dar um passo sozinha sem depender de auxílio. Para as mínimas coisas, preciso pedir ajuda, uma informação no supermercado, ao pegar um ônibus, metrô, procurar um endereço. Para tudo. E estou cansada disso, então seja lá o que for que eu tenha que fazer, vou me esforçar e dar o meu melhor, independente do resultado final.

— Pronta? — Gabrielle indaga com suavidade.

Sorrio, suspirando, nervosa como uma criança em seu primeiro dia de aula.

— Estou com medo... — revelo, beliscando com mais força a palma da mão.

— Você vai tirar isso de letra, Jas — ela incentiva — Eu gostaria tanto de estar aqui para acompanhar cada pedacinho disso.

— Eu também... — admito.

Passei poucos dias ao lado dessa mulher e já estou triste por saber que, na próxima semana, ela viajará e ficará longe por dois meses. Com Luna e Gabrielle, estou vivenciando sentimentos e emoções completamente novos. Desconhecia esse espírito de família. Tudo tem acontecido tão rápido, e elas têm me transmitido tanto cuidado e afeto.

Há dois dias, Gabrielle saiu e retornou com sacolas de roupas numa quantidade exagerada, dizendo ser tudo para mim, por mais que eu tenha dito que não era necessário. Luna volta e meia vem me ver. Ela está muito empolgada com seu retorno à universidade em alguns dias.

Fico pensando o que deve estar acontecendo à minha mãe, mas sei que não posso mais permanecer no mesmo ciclo. Ela me fez muito mal, e eu preciso seguir em frente.

Agora que deixei a primeira lágrima cair, tenho chorado muito quando estou sozinha na cama, à noite, relembrando coisas ruins e lutando para não deixar que a sujeira venha à margem. Em algumas ocasiões, consigo guardar os sentimentos na caixinha; em outras, eu choro ainda mais, até adormecer. Sei que nunca vou me livrar completamente da escuridão: os pesadelos não permitirão. Eles estão lá e sempre estarão.

Nesta noite, para acrescentar mais fatos aos que eu gostaria de

NACIONAIS-ACHERON

esquecer, sonhei com Damien.

Um erro.

DAMIEN

Estou analisando o relatório contábil da nova estação pela décima vez, e nada de me concentrar. Eu preciso por minha mente em ordem, mas está ficando um tanto difícil a contar pela quantidade de analgésicos que tenho consumido desde que a raposa se foi, sem nenhum efeito contra a constante dor de cabeça.

— Vá para casa, cara — Chris entra silenciosamente no escritório — Já está tarde, não há mais ninguém na empresa.

— Assim é melhor, consigo focar melhor com o silêncio — resmungo sem ênfase.

Não quero dizer a ele os motivos pelos quais tenho evitado permanecer no meu apartamento. Mal quero pensar nisso, para ser franco.

Meu irmão mais novo suspira pesadamente, me obrigando a tirar meus olhos dos papéis e encará-lo.

— O que há de errado, Damien? Você tem estado num mau humor do cão, ninguém aguenta ficar perto, até a Sarah já me pediu para ser transferida — o tom tranquilo não faz muito para ocultar a preocupação — Sua aparência está péssima, visivelmente mais magro... Vamos, me conte, o que está havendo?

Deixo a caneta em minha mão cair sobre a mesa.

— Você alguma vez já se cansou de tudo isso? — gesticulo em volta — Já se cansou de toda essa carga que administramos dia após dia?

Chris eleva uma sobrancelha.

— Você está dizendo isto pela situação do contrato com a Venezuela?

Respiro fundo.

— Não... Dane-se aquela porcaria, no fundo foi melhor assim... Porra, sei lá por que eu disse isso, acho que estou cansado.

NACIONAIS-ACHERON

— Quando foi a última vez que você tirou uma semana de folga, mano?
— ele pergunta, serenamente.

Aperto a base do meu nariz.

— Não lembro, mas nem posso pensar nisso agora — digo, firme.

— Vamos sair um pouco, cara, tomar um drinque, conversar. Você parece uma merda.

Se ele soubesse como tenho me sentindo um grande miserável no último mês...

Foda-se, não devo mais pensar nela. Andei por aquele bairro toda santa noite durante dias, como um maldito psicopata, à procura da mulher. Já fiquei conhecido pelas garotas da região. Até o merdinha Kidn se tornou um tipo de amigo. Apelei para tudo, inclusive Luna, e não tive nenhuma informação da raposa.

Ela simplesmente evaporou no ar, provando que os acontecimentos daquela noite não significaram absolutamente nada pra ela. Prostituta insensível.

Eu tenho que esquecê-la. Já não é mais uma opção, é uma necessidade. Minha sanidade depende disso.



Capítulo 06

Alguns meses depois...

DAMIEN

A cortina é aberta com força, fazendo com que a maldita iluminação entre vigorosa, ocupando cada espaço do quarto. Jogo meus braços sobre os olhos, protegendo-me do ardor cegante.

— Que porra... — resmungo, irritado.

— Levante — Dominic exige calculadamente controlado.

— Inferno, Dom! Me deixe dormir, caralho!

Os lençóis são subitamente arrancados do meu corpo.

— Levante e vá para o chuveiro, Damien. Não me faça dizer isto novamente — lá vem o modo irmão mais velho.

— Foda-se, vá embora!

— Onde está a sua cabeça, cara? Faz duas semanas que você não aparece no escritório e não atende a porra do seu telefone. Há meses vem se comportando como um imbecil, e agora está até fedendo. Qual é o problema?

A irritação de Dominic, tenho que confessar, é um tanto intimidante.
NACIONAIS-ACHERON

Ele é aquele tipo de cara que tem a calma de um monge, mas quando explode, não há um filho da puta que queira ficar para ver o estrago. Para o meu azar, parece que sou o infortunado à beira de cair nessa.

Não respondo.

— Nós tínhamos um trato, Damien. Eu voltaria para a construtora, mas não assumiria a presidência, não iria às malditas reuniões e certamente não beijaria a bunda de nenhum merda com dinheiro. Olhe para mim! — ele exige.

Suspirando longamente, afasto meus braços dos olhos e encaro meu irmão, vestido de terno e gravata, impecável. Oh, merda, a coisa definitivamente não está boa.

— Eu cobri sua ausência durante esses dias porque acreditei mesmo que você precisava de um tempo para organizar suas merdas. Ninguém naquela empresa estava suportando estar ao seu lado. Agora, olhando pra você — seu timbre de voz deixa claro o desgosto —, vejo que esse tempo não está servindo de nada. Veja este quarto, estas garrafas. O que está tentando fazer?

Encaro o teto, sentindo minha garganta queimar e, porra, malditas lágrimas marejarem meus olhos. Inferno!

— Não estou tentando fazer nada, Dom... — esmago meu lábio entre os dentes, mantendo um momento de silêncio — Só quero descansar por um tempo — mal escuto minha voz — Vocês podem se dar um tempo longe de tudo e eu não? — acuso, tentando desviar o foco.

— Nós dois sabemos que não se trata de descansar, Damien. Levante, tome um banho e me encontre na sala, nós precisamos conversar.

Bufo, sem tirar os olhos do teto.

— Eu não quero conversar, irmão — sussurro, a sensação de fogo abraseando meu peito.

— É sobre Jasmine, não é? — o tom abrandando.

A menção do nome que tenho evitado pensar — mas que duramente atravessa meu cérebro como um fantasma — me deixa mal do estômago. Porra, uma só noite. Uma maldita noite e me fodeu de um jeito que nem consigo mensurar.

— Não diga o nome da prostituta — ordeno, frio, sentindo meus olhos

NACIONAIS-ACHERON

em chamadas.

Dominic ri baixo, ainda mais irritado.

— Engane a si mesmo, irmão. A opção é sua. Estou te esperando na sala, você tem dez minutos.

Meu irmão se afasta, aguardando uma reação. Eu deveria pouco me importar com qualquer merda. Estou tendo meu período *sabático*, não é assim que algumas pessoas fazem? Por que eu não posso? Os últimos oito meses têm sido um inferno, cheguei ao meu limite. Estou mentalmente exausto e já não vejo mais sentido nas coisas.

Estou até pensando em vender este apartamento. Pra mim, já deu. Há áreas da casa que não sou capaz de frequentar... Todas em que a raposa esteve meses atrás, para ser exato. Até o serviço de portaria está ficando uma merda. Meu jornal nunca é entregue, tampouco minhas correspondências no turno em que Maria trabalha. Cheguei à séria conclusão de que a mulher tem um problema pessoal comigo. Não sei onde estou com a cabeça que não prestei uma reclamação formal... Ah, sim, estou com a cabeça na minha própria bunda.

Contra a vontade do meu corpo, faço o que tem de ser feito. Levanto e vou para o banho. Primeiro porque de fato estou fedendo, e, segundo, porque se eu não for, meu irmão certamente virá lançar alguma porcaria. Não quero lidar com isso hoje.



Dominic tem uma grande xícara de café empurrada para mim. Sorvo um gole e quase cuspo a coisa forte e amarga longe.

— É sério? — pergunto com deboche.

Meu grande irmão dá de ombros, satisfeito consigo.

— Isso vai afastar o restante do álcool.

Seu sorriso me faz querer socá-lo... Só não ajo porque apenas um tolo atacaria Dominic e, até onde me lembro, nunca fui considerado um. Apesar de tudo, ainda prezo por minha integridade física.

NACIONAIS-ACHERON

— É tocante saber que você se preocupa... — resmungo.

Diante da provocação, ele não se abala.

— Amanhã é a formatura de Luna. Ela gostaria que você estivesse lá — ele diz casualmente, tomando seu próprio café.

Paro minha bebida na metade do caminho à boca.

— Ela gostaria? — sorrio, deixando-o saber que não acredito nem por um minuto nesta venda.

Dominic pousa a xícara no balcão.

— Luna me pediu para vir aqui te convidar, irmão. Ela também se preocupa com você.

— Se preocupa, mas não fez nada para ajudar — bufo, revirando os olhos, em menção à recusa de informações a que sua gentil senhora me submeteu.

Sinto o corpo do cara retesar. Recuo, inteligentemente, antes de entrar numa briga que não vou vencer.

— Certo, diga-me onde e estarei lá.

JASMINE

Pouso o material do instituto na escrivaninha do quarto, sorrindo com os gritos de Gabrielle me dizendo que já está pronta — levou apenas uma hora a mais do que eu. Entro em seu quarto e dou um passo atrás quando a vejo, linda e absolutamente impressionante. Seus cabelos presos em um coque bonito e o vestido discreto caindo suavemente em cada curva de seu corpo, tornam sua aparência sofisticada de uma maneira despretensiosa.

— Minha nossa! — brinco, segurando um sorrisinho — Você fica mais bonita a cada dia, Gabi, como isso é possível?

Ela revira os olhos, bem-humorada, acenando com a mão.

— Katy diz a mesma coisa, e olha só para vocês.

Seus braços se lançam para mim.

— Como foi sua aula hoje, Jas? — pergunta, amorosa.

— Você sabe, estou gostando muito... — mordo o lábio, sorrindo.

Recebo um beijo na bochecha.

— Ótimo, isso me deixa feliz — seus olhos brilham — Agora vamos lá, vamos ver nossa ruiva em seu dia especial!



As pessoas, no auditório lotado ficam em silêncio quando um homem elegante se prepara para falar.

— Recebam a oradora desta turma de formandos, Luna Saint'Clair — ele diz no microfone, e então Luna sai da lateral do palco.

— É isso aí, bebê! — Katarina grita ao nosso lado, instigando a plateia a reagir mais fervorosamente.

Katarina, Alice e Júlia se tornaram presenças constantes em minha vida. São pessoas de bom coração, que nunca me julgaram ou me trataram de forma diferente. Quanto mais me torno próxima a elas, mais sinto uma grande afeição. No começo, me mantive reticente quanto à maneira tão natural como elas me receberam. Com o tempo, percebi que, assim como Gabi fez, estas mulheres me tomaram como amiga, e amizade tem um grande significado para elas. Os últimos meses me mostraram que também há pessoas boas no mundo.

Pisco algumas vezes, voltando minha atenção para o palco onde Luna, tensa, caminha. Eu a conheço, sei que está nervosa por estar lá em cima, mas basta seus olhos encontrarem Dominic e a expressão em seu rosto muda como mágica.

E minha amiga faz o discurso mais bonito que já ouvi.

A fala é toda sobre gratidão e o quanto Dominic fez por sua vida, assim como elas têm feito por mim. Às vezes, penso que ainda estou em um sonho bom, do tipo que nunca fui capaz de sonhar. Penso em minha mãe e, apesar de tudo, não quero o seu mal, embora tenha ciência do que ela roubou de mim, a começar pela paz. Uma palavra tão simples, porém com um

NACIONAIS-ACHERON

significado capaz de transformar nossos espíritos.



— Ela está vindo! — Gabi diz, animada.

Levantamos e nos juntamos ao Dominic e à Simone para receber Luna, depois dos formandos fazerem uma verdadeira festa no palco. Acho que nunca vi minha amiga tão extasiada. Imagino como ela ficará quando souber o que Dominic tem preparado para ela. O amor de sua vida a pedirá em casamento esta noite, e eles merecem toda a felicidade do mundo.

Dominic a pega num beijo apaixonado, que chega a arrancar o fôlego de todas nós, e murmura alguma coisa que a põe rindo, apaixonada.

Simone é a próxima a abraçá-la.

— Criança — ela chama — Parabéns, você estava linda lá em cima.

Luna a aperta contra si.

— Obrigada, Simone. Você sabe que é muito importante pra mim, não sabe?

— Eu é que tenho que te agradecer, Luna. Você me deu uma casa, e isso eu nunca vou esquecer.

Seguro meu coração, orgulhosa. Preciso piscar algumas vezes para não chorar. Eu não sabia que Luna tinha lhe comprado uma casa. Esta é quem minha amiga é.

— Você cuidou de mim quando eu mais precisei, Simone. Nada seria o suficiente para agradecer — Luna diz a ela, baixinho.

Simone, ao contrário de mim, nem tenta conter a emoção.

— Venha aqui, minha bebezinha linda! — Gabi a puxa — Estou tão orgulhosa da minha amiga arquiteta!

Rimos do modo carinhoso *à la* Gabrielle de chamá-la.

— Obrigada, Gabi! Não teria me saído tão bem se você não ajustasse minha beca a tempo — Luna brinca.

Espero Katarina, Júlia e Alice a cumprimentarem, para então me

NACIONAIS-ACHERON

aproximar de Luna. Antes que eu dê mais um passo, ela me prende com força em seus braços.

— Parabéns, Lu. Você foi incrível — sussurro em seus cabelos vermelhos lindamente penteados.

— Obrigada, irmã. Não tivemos tempo de conversar esta semana, como estão indo as coisas lá?

Fiquei em período integral no instituto ao longo da última semana, tanto pelas aulas e acompanhamento, quanto pelo trabalho que consegui lá — ainda não contei a ela, mas peguei um bico no setor de limpeza no lugar também, antes do horário da aula — e Luna estava correndo atrás de suas coisas na faculdade.

— Progredindo. Estou ansiosa para te contar — respondo, preenchida por um sentimento que nem sei explicar.

Ela me solta e se afasta para verificar meu rosto. Sorrio abertamente, fazendo-a saber que nunca vivi nada como isso em minha vida, tudo graças a ela. Estou tendo uma grande oportunidade, e nem que eu viva pela eternidade poderei agradecê-la o suficiente. Disso eu sempre saberei.

Mantenho-me sorrindo até que, por uma razão além de que posso compreender, algo atrai meu olhar para a porta de entrada do anfiteatro.

E eu o vejo.

A imagem faz cada grama do meu corpo pesar, como se uma carga de cimento fosse derramada sobre mim. Meu estômago enjoa, as paredes do meu peito recebem os impactos das batidas descompassadas do coração, e meu rosto aquece como beliscões na carne.

Não posso permanecer aqui. Tenho lutado contra as memórias daquela noite, e não quero voltar a vê-lo. Nunca mais.

— Eu preciso ir — sussurro, sem saber se Luna pode me escutar.

Ela olha por cima do ombro e o vê também.

— Vá, amiga. Nós nos falamos amanhã.

Viro-me para sair, mas Luna me segura brevemente.

— Eu te amo, Jas.

— Eu também te amo, Lu.

Apressada, desapareço em meio às pessoas, da maneira invisível com a

qual já estou acostumada – mesmo agora, em roupas bonitas.

DAMIEN

Porra! Aquela é a...? Não, não pode ser. Tento apressar meus passos, empurrando as pessoas que se colocam em meu caminho, e quando finalmente tenho a visão livre novamente, já não a vejo mais.

Estou ficando maluco?

Não. Não é invenção da minha cabeça.

É real. Eu sei que é.

Direciono meu olhar para onde Luna está, e de volta ao saguão lotado, e então tenho um vislumbre da silhueta da maldita raposa se perdendo em meio à multidão.

Aproximo-me das costas de minha cunhada.

— Era ela, não era? — urro baixo, desnortado, cego, sentindo a raiva vir violentamente à superfície.

A menina se vira pra me encarar com uma fingida expressão angelical.

— Oi, Damien, que bom que você pôde vir — ela sorri, como se não soubesse do que estou falando — Ela quem?

Oh, merda. Não. Essa armadora não vai me jogar nessa, nem fodendo. Cerro meus punhos, com cada fragmento de meu corpo trêmulo.

— Ela pode fugir, Luna, mas não pode se esconder. Eu vou encontrá-la, queira ela ou não — digo, calmo, contra toda a tempestade zunindo em meus ouvidos.

Sinto a presença de meu irmão ao meu lado, provavelmente garantindo a integridade física de sua menina dissimulada, que mentiu esse tempo todo dizendo não saber notícia da prostituta.

— Damien... — ele me lança aquela merda de tom de aviso; baixo, mas inconfundível.

Sem tirar os olhos da armadora ingrata, a quem eu já ajudei a livrar de uma encrenca, dou ao meu bom irmão um sinal de minha insatisfação.

NACIONAIS-ACHERON

— Sua garota está acobertando tudo isso, você sabe, não sabe? — rosno por um fio, contra a ferocidade me consumindo.

— Não foi Luna quem te colocou nesta situação, irmão. Lide com as consequências.

Foda-se. Dominic e Luna se merecem, ele adora salvar os indefesos e ela tem um dom natural de ser uma maldita armadora. Hoje eu sei que ela escondeu a raposa, esses meses todos.

Dou a ela um último olhar. Deus me perdoe, esganaria seu delicado pescoço, se eu pudesse.

— Maldita prostituta! — rosno e saio enquanto ainda tenho controle de minhas emoções.

Não vou partir ao meio em frente a todos esses miseráveis desconhecidos.

JASMINE

De salto alto e vestido bonito, me esgueiro até o ponto de ônibus, e só então me dou conta de que saí sem avisar a Gabi. Espero que Luna diga-lhe o porquê de agir desta maneira, e tenho certeza que minha amiga compreenderá. Um dia, há alguns meses, Gabrielle e eu exageramos um pouco no vinho, em sua casa, e contei tudo sobre aquela noite com Damien e a forma como me senti. Eu estava explodindo com aquele sentimento, e o vinho liberou o que o coração estava apertado demais para continuar mantendo.

Sendo sincera, foi uma das poucas coisas que revelei. Evito falar sobre o meu passado. Acho que não conseguiria lidar com elas me vendo como realmente sou. Perto destas mulheres, eu me sinto menos... suja. Não quero que Luna e Gabrielle mudem a forma como me enxergam. As lembranças já me aterrorizam todas as noites até a exaustão, não posso ver isso refletido em seus olhos a cada vez que olharem para mim. Elas são pessoas puras, não merecem ser aterrorizadas com os monstros que me assombram.

No instituto, tenho que conversar com uma psicóloga duas vezes por

NACIONAIS-ACHERON

semana – eles dizem que isso auxiliará no aprendizado –, e nem para ela revelo que dentro do meu corpo há somente pedaços de todos os fantasmas que consumiram minha alma. Dói muito, contudo, meu conforto é que hoje estou tendo um vislumbre de futuro que nunca antes tive a oportunidade de contemplar.

DAMIEN

Não dormi, porém desta vez usei este tempo para pensar no plano que elaborei friamente, e que aparentemente está funcionando. A verdade é que mirei um objetivo, mas não esperava ter êxito tão cedo. Enganei-me.

Luna começou a dirigir não faz muito tempo – meu irmão, para variar, contou orgulhoso que sua menina tirou a carta de motorista. E, como eu esperava, ela provavelmente está me levando diretamente para a toca da raposa.

Saí cedo de casa e fiquei de campana em frente ao novo apartamento de Dominic. Algo me dizia que havia uma grande possibilidade das armadoras se encontrarem hoje, certamente para rir do papel de idiota que me lançaram. Honestamente, pensei que a prostituta sem coração viria à casa de sua cúmplice, entretanto, pelo jeito, é Luna que está indo até ela. Quem mais minha cunhada poderia conhecer para visitar antes das dez da manhã?

Meu irmão, seguramente vai me matar se souber que segui sua mulher, mas no amor e na guerra, vale tudo. E esta agora é uma guerra.

Estaciono a uma distância segura de seu carro popular vermelho. Pelo menos um ponto a favor dela: a *cabelos de fogo* não gosta de ostentar sua fortuna. Espreito-a entrando no hall de um prédio e cumprimentando o porteiro como se já se conhecessem.

Do meu carro, observo com um pouco mais de atenção o prédio. É um bairro de classe média, e bem sei que os custos para se viver nesta região são elevados. Se a raposa realmente estiver aí, porra, não quero nem pensar em como ela está pagando esta merda.

Tarde demais.

NACIONAIS-ACHERON

Aperto o maxilar, torturando-me com a ideia. Miséria, as possibilidades rondam minha cabeça como baratas nos restos. Será que esta é a razão para ela ter sumido das ruas do bairro de merda? Seu padrão de atendimento se elevou? *Porra dos infernos!*

Aguardo pacientemente por cerca de duas horas, lutando com meus nervos, até que a menina de meu irmão finalmente sai. Espero ela dar partida em seu carro e sumir de vista, então, respirando fundo, tomo minha decisão.

O porteiro acompanha meus movimentos até me aproximar dele. Estou de jeans e camiseta preta. Meus óculos escuros tampam as manchas escuras embaixo dos olhos, mas nem me importei em fazer a barba cultivada no último mês.

— Bom dia — ofereço, amigável.

— Bom dia, senhor.

— Minha cunhada, Luna, disse que *ela* — aponto para cima, como se mencionando a moradora — está me esperando — apoio-me causalmente no balcão — Luna me ligou e avisou que teve de sair, e me pediu para vir mesmo assim.

Ser convincente é certamente uma qualidade que tenho no mundo dos negócios, mas minha aparência não está ajudando muito neste momento. Sei disso pela maneira desconfiada com que sua sobrancelha se eleva.

— A senhorita Gabrielle?

Porra, então é esse o nome que ela está usando agora.

Sorrio, mascarando o turbilhão me consumindo, como no pôquer.

— Sim, *Gabrielle* — o nome sai de maneira ácida.

Cinco malditos e longos segundos até o homem deliberar.

— Se a senhorita Luna pediu... — ele dá de ombros.

Relaxando minimamente, dou um passo em direção ao elevador. Lembrando-me do essencial, viro para ele novamente.

— Luna me disse o apartamento, mas eu esqueci — seguro meu queixo, dissimulado.

— Ah, sim, é no 12A. Décimo segundo andar, senhor.

Jogo-lhe um sorriso e entro no maldito elevador.



Encaro a porta do apartamento indicado, tremendo e suando frio. Inferno. Esperei tanto por este dia. Mais de oito malditos meses. E, agora, até me esqueci de como respirar. Estou perdendo todo o oxigênio. Sou invadido por tantas sensações, fúria, ansiedade, apreensão, ferocidade. Todo esse tumulto faz meu estômago embrulhar. *Eu deveria ter tomado pelo menos uma xícara de café esta manhã.*

Antes que eu me arrependa, aperto a campainha, me afasto do campo de visão do olho mágico e espero. O barulho do ferrolho girando a chave parece combinado com meus batimentos cardíacos, e sem que eu possa tomar uma segunda respiração, a porta se abre.

E aqui está.

É ela.

A raposa está aqui, porra!

Seus olhos arregalados revelam que a peguei completamente de surpresa. Sua boca se abre brevemente, sem reação.

Porra dos infernos! Ela é mais linda do que eu lembrava.

Nossos olhares se prendem. Encaramo-nos em completa ausência de palavras.

O mundo parece parar.

E só consigo pensar em como ela é linda, absoluta e malditamente linda.

Até que um ruído baixo, como um rosnado, sai do meu peito, ou talvez do dela, e quebra o feitiço. E é como se seu semblante mudasse de total espanto para um desgosto visceral, ou medo.

Sei exatamente o que ela pretende fazer, mas não permito. *Não. Definitivamente não, porra!*

Impeço seu movimento de bater a porta na minha cara, bloqueando

com a mão espalmada na madeira, implacável.

— Não hoje, Jasmine — rosno como um animal enfurecido, avisando à sua presa que não há saída.

Ela terá que me enfrentar, goste da ideia ou não.



Capítulo 07

DAMIEN

Sem dar mais tempo para ela reagir, forço minha entrada. Meu peito reverbera e a adrenalina corre por minhas veias, como há muito tempo eu não sentia.

Dou um passo à frente, e a raposa um atrás. Apesar de tudo sinto o seu medo contradizendo o olhar aguçado e o queixo se elevando daquele jeito audacioso. A familiar insurgência que eu sei que há em cada gota de sangue de seu delicioso corpo.

Porra, ela está tão linda... Contudo, parece, sei lá, *diferente*.

— Vá embora... — sibila, sem voz.

— Então é aqui onde você se esconde — delibero, afiado, ignorando seu apelo.

— Não é da sua conta. Saia daqui agora ou...

Corto-a.

— Ou o que, raposinha? — debocho, me aproximando cada vez mais, entrando de vez no lugar.

— O-ou eu te boto pra fora — seu peito se expande, como se ganhando confiança, mas o tremor de seus lábios a denuncia.

— O que foi? — sorrio — Está chateada por eu ter descoberto o seu novo jeito de ganhar dinheiro? — abro os braços, apontando para o amplo apartamento.

Ela se cala, seu rosto se inclina de lado parecendo confusa com minha linha de raciocínio.

Decido verbalizar.

— Saiu da rua e agora está atendendo somente babacas com dinheiro. Garota esperta...

— *Quem você pensa que é?* — uma voz estridente feminina, desconhecida, corta meus ouvidos.

Viro em direção ao som e encontro uma loira muito atraente, a despeito da bagunça emaranhada de cabelos no alto de sua cabeça, fuzilando-me como se quisesse me matar. Porra, a raposa tem uma *colega*? Isso só está ficando pior.

— Uma colega, Jasmine, *realmente*? — encaro-a — Interessante... Como isso funciona? Vocês cobram pelo pacote ou algo assim? — rosno com frieza, sentindo mais fúria do que pensei ser possível.

JASMINE

— Que merda você acabou de dizer aí, seu filho de uma...? — Gabrielle grita.

Tiro meus olhos de Damien, que aparentemente se surpreendeu tanto quanto eu com o berro dela, e olho para Gabi. Tenho tempo apenas de abrir a boca na tentativa de evitar o pior.

— Gabrielle, não!

Imóvel, assisto um dos vasos bonitos que Alice, sua cunhada, trouxe semana passada, voar através da sala, bem diante dos meus olhos, e se chocar contra parte do rosto do homem, sem que ele tenha como se esquivar.

Tapo minha boca, assustada com o estrondo enorme seguido da peça caindo ao chão e se partindo em muitos pedaços, derrubando terra e flores

aos pés de Damien.

Subo meu olhar por seu corpo, lentamente, e sinto minha pressão arterial titubear diante da quantidade de sangue jorrando de seu supercílio. *Minha nossa.*

Fico nauseada, sem saber o que fazer.

— Damien... — murmuro.

Seus olhos arregalados vão de mim para Gabi.

— Você é maluca? — ele emite um tipo de grunhido, surpreso com o que acabou de acontecer.

— Repita agora o que você disse, babaca! — Gabrielle desafia, não recuando em nada sua irritação.

Giro-me rapidamente para a mulher, que parece prestes a arremessar outro vaso, dependendo do que Damien disser.

— Gabi, por favor — peço, sem saber ao certo o que estou pedindo.

Assisto-a apertar os dedos em torno da peça em sua mão, firmemente.

— Gabi... — insisto.

Relutante, lábios comprimidos numa linha fina, ela me encara, tão furiosa com ele que até espanta.

— Eu cuido disso — digo com cuidado, no fundo querendo apenas que ela não faça nenhuma besteira que vá prejudicá-la.

Enquanto tento acalmá-la, quase posso escutar os ruídos vindos de Damien, como um leão descontente.

Gabi fecha os olhos por breves segundos, respirando fundo.

— Tudo bem, Jas, eu vou deixar você resolver isso — exprime a contragosto, e então direciona um dedo para ele — E você, seu imbecil, *não ouse*, escutou bem? *Não ouse* falar qualquer merda para ela, ou, eu juro, *arrancarei seus olhos com minhas unhas*.

— *Maluca* — ele bufa.

No mesmo instante, volto a olhá-lo com um aviso em minha expressão, do tipo “*É melhor você não pagar para ver*”. Apesar de contrariado, Damien parece entender o recado. E ainda assim, opta por fazer uma última provocação, apontando o corredor para Gabrielle.

— Vá em frente — cospe debochado, em meio ao sangue.

Por favor, quão estúpido o homem ainda consegue ser?

DAMIEN

Pisando duro, a loira assassina sai pelo corredor e some, não sem antes me dar uma última encarada. *Cacete*. Será que essa maluca mantém uma arma em casa?

A raposa, pálida e de olhos arregalados, me observa.

— Você pretende me ajudar com isso? — toco o sangue no meu rosto — Ou vai me jogar alguma destas merdas também? — suavizo em tom de brincadeira, sem saber exatamente o motivo.

— Por que você está aqui, Damien?

A pergunta direta vem como uma pancada, me atingindo em um lugar desconfortável.

— Eu precisava falar com você... — respondo, abafado, esquecendo como respirar pela segunda vez no dia — Suas coisas, elas ainda estão na minha casa... —estupidamente, crio a justificativa, como se isso fizesse sentido.

Ela suspira, mordendo o canto de seu lábio inferior, não demonstrando em nada a mesma bagunça emocional em que me encontro.

— Ao seu lado tem um banheiro — sua voz é um sussurro aéreo — Você deveria lavar isso aí...

Luto com o caroço na garganta, sem conseguir tirar meus olhos dela.

Jasmine é tão incrivelmente bonita. Por um momento, eu só queria isso, ficar observando-a. Porra, queria tanto tocar nessa maldita mulher, que meu peito queima com a possibilidade.

— Você pode, por favor, me ajudar? — peço, decidido a estender qualquer mísero pedaço de seu tempo que eu puder ter.

Foda-se se ela é uma prostituta insensível. Sinto-me mais vivo agora, em sua presença, do que jamais estive nos últimos meses infernais.

Seu olhar vacila, em dúvida.

NACIONAIS-ACHERON

Será que ela não pode ajudar um homem ferido?

— En-enquanto você lava, eu vou pegar alguma coisa para passar aí.

Como se eu fosse algum doente contagioso, se afasta a passos largos. Engulo o sabor amargo, sabendo que nada de bom pode vir da maneira como ela me olhou. O que tivemos provavelmente não significou nada pra ela.

Jasmine não será minha, nem por todo o dinheiro do mundo. Ficou claro que sou carta fora de seu baralho.

Não sei lidar com a incompreensível sensação de perda que me invade ao encarar suas costas tensas se distanciando.

Que dor é essa?

Miséria! Tenho vontade de gritar!

Decido por fazer a única coisa certa...

JASMINE

Gabrielle caminha de um lado para o outro do quarto, realmente irritada.

— E então? — sobe seu rosto bonito para mim quando entro.

— Vou ajudar a fazer um curativo — conto, driblando a queimação na garganta que só a presença daquele homem tem a capacidade de causar.

Ela suspira.

— Aquele cara é tão imbecil, Jas, *tão imbecil*. Quem ele pensa que é para falar daquele jeito com você?

— Eu não me importo, Gabi — miro o chão — Aquilo não me fere, eu sou mais forte — minto para nós duas.

No fundo, ouvir Damien me chamando de prostituta, ou insinuando, como ele fez há pouco, só me faz lembrar do que realmente sou. Eu não entendo o porquê dele ter essa necessidade de me machucar. Vir aqui não seria a atitude normal para um homem arrogante como ele, mas eu posso administrar mais essa.

Gabi toma meu rosto em suas mãos.

— Mas *eu* me importo, Jasmine. Ninguém vai te insultar, principalmente na minha frente.

Assumo uma expressão otimista, desejando mostrar-lhe que estou bem, quando na verdade estou completamente enjoada, querendo apenas não ter mais de lidar com a acusação de Damien.

— Eu vi isso, Gabi. Você poderia ter matado ele — brinco, sussurrando — E, honestamente, eu não faço ideia de como esquartejar um corpo e sair deste prédio sem que ninguém perceba.

A piada pouco suaviza.

Resmungando sobre Damien não merecer ajuda, ela vai ao seu banheiro e me entrega um kit de primeiros socorros.

Volto para a sala vazia e bato à porta do banheiro onde ele está.

— Damien? — chamo, desconfortável.

Silêncio.

Chamo mais uma vez, e nada.

Com a mão indecisa, giro a maçaneta e encontro o lugar... vazio.

Para onde...?

DAMIEN

O porteiro se assusta quando passo por ele de peito nu, utilizando minha camisa para estancar o sangue.

— TPM — dou de ombros, na falta de justificativa melhor.

A verdade é que não pude continuar naquele apartamento sabendo que a raposa não me quer lá. Miséria! Eu deveria ter ficado; sinceramente, estou a um passo de voltar e me fazer de um estúpido coitado que precisa de ajuda, só para ter mais tempo com ela. Mas não. Meu estômago não permite. Eu precisava de ar, refrescar a cabeça e entender o que está acontecendo comigo.

Eu me senti tão vivo perto dela... Maldição, é como se a vida fosse

retornando gradativamente ao meu corpo, célula a célula.

Como explicar tudo isso?

O que ela fez comigo?

Meneio a cabeça.

Não tem a ver com sexo. Não pode ser apenas sexo.

Preciso de tempo, tenho que colocar a mente no lugar e tentar assimilar o que é toda esta bagunça acontecendo dentro de mim.

A maluca da tal Gabrielle pareceu *realmente ofendida* com o que eu disse. Por que ela ficaria desta forma se fosse uma prostituta? Todos os sinais aqui estão me confundindo. Jasmine é uma garota de programa, sim. Eu sei que é. Eu não imaginei isso, há fatos. Mas por que as coisas parecem tão... fora do lugar?

Besteira!

Meu peito está em brasa, e, para ajudar, este maldito corte não quer parar de sangrar.

JASMINE

Entro no quarto e me deito, acatando a dorzinha chata de cabeça que impede meus olhos de permanecerem abertos. Por que ele foi embora sem esperar por ajuda? Eu vi o ferimento, estava sangrando muito... então, por que não esperar?

Eu deveria ligar pra Luna e contar o que aconteceu?

Sinto o colchão ao meu lado se afundar, alertando da presença de Gabi se deitando na cama junto comigo, suavemente.

— Eu vi que você limpou a sala e o sujeito não está mais lá... Ele foi embora, não é?

Inspiro fundo, lentamente.

— Foi... Quando eu voltei pra sala, ele já tinha ido, Gabi... — sussurro, perdida.

— Esse cara parece um doido... — brinca.

— Você acha que eu deveria ligar pra Luna e contar o que aconteceu?

Ela se cala por um momento, e então volta a falar, calmamente.

— Eu liguei, Jas... Achei que Dominic merecia saber que eu abri a cabeça do irmão dele...

— Sim, era o certo a se fazer... — reflito, sem ter muito o que dizer — Sabe de uma coisa, Gabi... — viro-me, deitando de costas na cama e encarando o teto do quarto — Eu não entendo o motivo dele vir aqui. Quero dizer, por que, depois de tanto tempo, ele ainda quer me insultar.

Seus dedos vão para o meu cabelo.

— Posso dar a minha opinião? — o tom brando é o de uma irmã mais velha.

Faço um sinal que sim.

— Ele está apaixonado por vo...

Não a deixo terminar a frase.

— Não. Ele nunca se apaixonaria por alguém como eu — nego, sabendo que estou certa.

— Lamento te contrariar, moça, mas é exatamente isso o que eu acho — seu rosto focaliza em mim; evito seus olhos — Não que eu goste minimamente daquele sujeito odioso, arrogante, que se comporta como se o mundo fosse dele... Mas eu sei reconhecer alguém apaixonado, Jas.

Gostaria de fazer Gabi entender o quão errada ela está, todavia, eu teria que falar coisas sobre mim que ela não vai querer ouvir. São pesadas demais, *sujas* demais.

Espremo meus olhos, evitando uma lágrima.

— A primeira vez que eu vi o Damien, na casa da Luna, no dia em que ela me levou pra lá para fugir do... — evito mencionar a palavra cafetão, Gabi já sabe da história —, eu não gostei dele. E não gostei dele logo de cara, e sabe o por quê?

Gabi se mantém atenta.

— Por que eu senti que ele podia enxergar exatamente quem eu sou... é como se ele pudesse ver através de mim tudo o que guardo, toda a sujeira. Eu vi, nos olhos dele, o asco, o nojo. Vi o desprezo, o desdém, como se ele

pudesse enxergar minha alma suja.

— Jasmine... — Gabrielle murmura em repúdio ao que digo.

— Me deixe falar, Gabi, eu *preciso* — peço, quase inaudível — Eu me senti tão desconfortável, tão vulnerável... Parecia que até as paredes da casa dele gritavam que aquele não era o meu lugar. E então ele fez a *proposta* — *ela já sabe desta parte também* — Confirmando o que eu sou, me colocando no meu lugar...

Gabi não diz nada; talvez não saiba o que dizer.

— Todas as vezes que escuto coisas como aquelas, da boca dele, eu sei que é esta a sua intenção..., e isso não pode me machucar, eu não posso permitir que me machuque, você entende?

— Jas, eu quero muito te perguntar uma coisa... — ela exprime, baixinho.

Viro-me para encarar seu rosto e encontro a linda mulher com os olhos marejados, conectados aos meus. Eu jamais poderia esconder nada dela. Nunca. Gabi me estendeu mais do que sua mão, ela me deu um espaço em seu coração.

— Por que você acha que sua alma é suja? Quem fez isso com você?

Engulo o gosto amargo que se apropria de minha boca.

— Você vai ter nojo de mim, Gabi... — aviso, embargada.

— Nunca. Eu te amo, Jasmine. Você é meu bebezinho.

Sua mão delicada aperta a minha, reforçando o que as palavras significam.

Respiro fundo e volto a encarar o teto.

— Minha alma foi consumida pela escuridão, Gabi... O primeiro pedaço foi tomado quando eu era só uma criança... — fecho os olhos e mordo meu lábio forte até sentir o gosto metálico do sangue, impedindo-me de seguir em frente.

Gabi vai me ter nojo de mim, eu sei disso.

Em resposta, seu aperto aumenta, tão quente que posso sentir seu coração, dando-me um sinal de que ela quer ouvir. E eu também quero contar, pois nunca falei sobre isso antes.

— Minha alma foi roubada na primeira vez que minha mãe vendeu

meu corpo... e desde então, só há sujeira em mim, em cada pedaço — largo seu toque — Eu não consigo me limpar, está *entranhado aqui*, Gabrielle — arranho minha pele, fincando as unhas com força em meu braço, tentando mostrar a ela que está tudo ali, em mim.

Minha amiga funga e toma meu punho, me impedindo de me ferir.

— Você está errada, Jasmine — diz, determinada — Sua alma foi ferida, mas não consumida. Eu conheço pessoas sujas, e nenhuma delas é como você. Há tanto aí dentro, tanta bondade, tanto amor, basta olhar em seus olhos para saber disso. Infelizmente, pessoas boas são feridas, é uma grande merda, mas você não deve pensar que isso moldou quem você é...

Ela se senta na cama, fazendo-me encará-la.

— Você é mais do que isso. Sua mãe e todos os que te fizeram mal, esses sim foram consumidos, mas eles vão pagar, eu sei que vão, porque a vida costuma cobrar a conta. A sua alma é a única intocável em tudo isso... Acredite em mim, bebezinha — ela sorri, em meio à bagunça de lágrimas em seu rosto — Você tem tanta luz aí que eu quase estou cega — brinca.

Fungando, acabo rindo com ela, porque, só Gabrielle consegue te levar a um lugar que te faz se sentir uma pessoa especial, apesar de no fundo eu saber exatamente quem sou.



Capítulo 08

DAMIEN

Eu preciso de respostas, conselhos, seja lá que porra eu estou procurando. Só há uma pessoa capaz de me devolver um mínimo de sanidade – ou paz de espírito, se é disso que chamam.

— O que você fez, Damien? — Dominic abre sua porta e tenho a impressão de que ele já sabe que procurei a menina.

Luna está ao seu lado, lançando adagas de fogo com o olhar.

— Por que você não me contou que sabia onde ela estava quando eu perguntei? — interrogo minha cunhada, entrando em seu apartamento sem esperar por convite.

Seus olhos se estreitam diante de meu tom acusador. Meu irmão expira ruidosamente, não escondendo sua reprovação.

Ando de um lado para o outro, tomado por tanta confusão e raiva. A sensação que tenho, é que esta grande bagunça acontecendo no meu peito – que tentei inutilmente administrar nas últimas semanas – vem rasgando a pele para ganhar a superfície.

Dominic apoia uma mão em meu ombro.

— Sente-se, cara, me deixa ver o quão grave é isso — ele ordena, numa paciência forçada.

— Por que ela fez isso, Dom? — pergunto, nem sabendo ao certo de quem estou falando, se da raposa ingrata ou da traidora que ele chama de esposa.

— Sente-se — exige uma última vez e acato, não querendo lutar agora; estou fodido demais.

Meu irmão checa o ferimento em meu supercílio e se afasta para algum lugar da casa.

— Ela está atendendo lá, não é? — me direciono à ruiva que me observa calada, num ar irritante de censura.

Vejo o desgosto retorcer suas feições, antes de abrir a boca para responder – ou contar mais mentiras, o que já não me surpreende.

— Você não sabe do que está falando, Damien — cospe.

Quero rir e torcer o pescoço dessa menina, tudo ao mesmo tempo.

— Então como ela está bancando aquele apartamento? E por que você não me disse que sabia onde ela estava? — continuo, cada vez mais consumido por tantos sentimentos que mal posso definir.

Seu nariz enruga, exasperada.

— Afinal, de que isso te interessa tanto, hein? Por que você está aí, agindo como se ela devesse qualquer obrigação a você?

— E-eu... Eu não sei, porra! — explodo.

Luna cruza seus braços em frente ao peito.

— Jasmine já passou por muita coisa, Damien. Ela realmente não precisa de alguém como você jogando asneiras em cima dela...

— Você não sabe o que está dizendo...

— Sei sim! — aponta um dedo para mim — “*Prostituta encrenqueira*” não é como alguém gostaria de ser chamado.

Penso em abrir a boca e refutar a acusação, no entanto, não sou capaz de me defender. Somente assisto seus ombros cederem e o tom suavizar.

— Por favor, Damien, deixe ela em paz — é um pedido — Apenas deixe Jasmine em paz.

Bufo com desdém.

— O que há de errado em chamá-la exatamente pelo que ela é?

A menina balança a cabeça, em contrariedade.

— Você não percebe o que está fazendo? O que você ganha sendo este estúpido? Se isso te incomoda tanto, se o que ela foi te incomoda tanto, basta não procurá-la mais! Esqueça que ela existe, é tão simples.

“Simples”, porra? Eu queria que essa merda fosse simples!

— Eu não consigo, inferno! Eu não consigo! Você acha que estou feliz por estar atraído por uma *prostituta*? — abro os braços — Olhe só para como eu estou, porra! Quebrado, não consigo tirar da cabeça uma mulher que escolheu vender seu corpo para ganhar a vida!

Luna revira seus olhos em direção ao teto, agitada.

— Ela não *escolheu*! — grita, numa pequena explosão, tal qual a minha.

— Escolheu sim! Todos têm uma maldita escolha, e ela quis ir pelo caminho mais fácil!

Meu irmão volta para a sala, trazendo o material de primeiros socorros.

— Damien... — ele rosna, percebendo que eu e sua menina estamos prestes a detonar uma bomba no aposento.

— Esse estúpido acha que todos tem uma escolha Dom, o que ele não sabe é que Jasmine *não teve* uma! — Luna grita baixo apontando para mim, como se pedindo ao meu irmão que interceda.

Não escuto mais nada do que qualquer um deles diz; apenas as últimas palavras dela, que entram como punhais criando ecos em minha mente. *“Jasmine não teve escolha”, Jasmine não teve escolha?...* O que diabos isso significa?

— Por que ela não teve escolha? — me vejo dizendo, sem saber se eles podem ouvir.

Levanto meus olhos para Luna. A garota tapa a boca, visivelmente arrependida do que disse.

Repito a pergunta, um pouco mais audível desta vez.

— Diga, Luna. Acabe com isso e fale tudo de uma vez — peço, não fazendo nenhuma questão de esconder meu tormento.

Ela respira profundamente. E de repente, surpreendendo tudo de mim, a garota se move, vindo para o meu lado e se senta no sofá comigo.

— Você está gostando dela, não está? — suave, ela me encara

parecendo ver através de mim.

Mudo a direção de meus olhos para o chão, negando com a cabeça. *Eu não estou gostando da raposa.* Não. Não é isso... *eu saberia...*

— Vi a maneira como você olhou pra ela, Damien, aquele dia em seu apartamento... E hoje você foi até lá... — ela para no meio da frase, pensativa, e merda, eu já sei o que vem pela frente — Aliás, como você soube onde Jasmine mora?

Contraio minha mandíbula. Foda-se. Este é aquele tipo de momento que nenhuma boa mentira vem te ajudar. Estou em branco e sozinho nessa.

— Eu segui você... — assumo, num rosnado baixo.

— *O que você acabou de falar?* — a menina salta do sofá.

— Porra, Damien! — Dominic interfere num tom que me reduziria ao tamanho de um maldito grão de areia.

Levanto a cabeça e encaro os dois, os olhos indo de um para o outro.

— O que vocês esperavam? Não foi uma nem duas vezes que eu perguntei se sabiam onde ela estava, e vocês mentiram! *Mentiram*, porra! E de repente, por milagre, a raposa aparece na sua formatura? — brado, num misto de irritação e escárnio.

Luna anda de um lado para o outro, incomodada, os punhos apertados.

— Agora eu tenho certeza: você está gostando da Jas — ela resmunga, sem parar seus movimentos — Do contrário, por que faria tudo isso?

Não respondo. Estou me sentindo miseravelmente vulnerável aqui, de um jeito que não estou gostando.

— Jasmine é especial — a voz da menina assume um tom do tipo doce, protetor, mais para si do que para mim. E então para de se mover e levanta a cabeça, fitando-me — Você não sabe o que ela passou... Nem eu sei ao certo tudo o que ela guarda para si, e não vou permitir que você a magoe, Damien. Sinto muito.

Engulo a sensação ácida.

— Eu não quero magoar Jasmine, Luna. Você está errada sobre isso.

— Não quer, mas fica aí, chamando Jas de coisas pejorativas, como se ela fosse menos do que você — acusa — Quando, na verdade, *ela é muito melhor*, em minha opinião.

Travo a respiração no peito, ciente de que ela está dizendo exatamente o que pensa.

— Ok — limpo o nó da garganta — Não vou discutir com você. Eu só preciso que me responda uma coisa, sem enrolação.

Seu olhar vacila, de mim para meu irmão, e acho que Dominic a incentiva com um movimento sutil de cabeça a me ouvir.

Não espero sua aceitação.

— Ela ainda está trabalhando nisso? É assim que está pagando aquela merda?

Minha cunhada bufa, mortificada.

— Percebe? É *disso* que estou falando: o modo depreciativo que você usa — seus olhos reviram, e voltam para os meus — Não, Damien. Jasmine está morando com Gabi justamente para fugir da-daquela... Daquela *mãe*...

Passa um milésimo de segundo sem que qualquer conexão coerente me atinja diante de suas palavras.

— O que tem a mãe dela? — pergunto, confuso.

A menina balança a cabeça, negando-me a informação.

— Se você quer saber da vida dela, você terá que perguntar diretamente a ela. Mas agora sou eu que te peço: só vá atrás da Jas, se realmente tiver uma intenção boa aí dentro de você. Se for para magoá-la, é melhor que não a procure, *nunca mais*.

Sem mais, afastando-se, ela passa por Dominic e lhe beija rapidamente a boca, e então segue para o caminho de seu quarto.

“Se realmente tiver uma boa intenção”? *O que é uma* “boa intenção”? Transar? Varrê-la do meu sistema? Isso é considerado bom?

Esfrego meu rosto com as duas mãos. Estou ficando maluco. Isso só pode ser a falta de uma boa noite de sono, a péssima alimentação... ou efeito de todo o álcool que tenho ingerido.

— Me deixa cuidar disso — Dominic se aproxima e começa a limpar a desordem em meu rosto.

— Você tem algum uísque aí? — questiono, rouco e embargado.

— Descanse este seu fígado por algumas horas, irmão. Você já bebeu o suficiente para um ano inteiro.

Fecho meus olhos e desabo a cabeça no encosto do sofá, enquanto ele faz seu trabalho. Estou acabado. Pela primeira vez na minha vida, sinto que as coisas saíram dos trilhos de uma maneira praticamente irreversível. Coloquei-me no camarote para assistir ao desastre vindo me atingir.

Inspiro vagorosamente.

— Você sente raiva dela? — indago.

— De quem? — pergunta inabalável, mas a mão de meu irmão na limpeza do machucado vacila.

— *Nossa mãe...*

Pelo silêncio, penso que ele não vai responder.

— Na época em que Vivian e Richard, morreram eu senti — assume baixo, distante — Nossos irmãos eram crianças demais para terem passado por aquilo...

Abro meus olhos e encaro meu irmão.

— E hoje?

Este assunto sempre pairou como uma sombra, mas nunca nenhum de nós realmente disse algo.

Dominic retira os adesivos de um tipo de curativo que substitui suturas, e me olha nos olhos. Posso ver a resposta através da verdade que há nele.

— Hoje, eu sou consciente de que ela também foi uma vítima, Damien. Nossa mãe nunca teve uma oportunidade de ser diferente. Ela era uma mulher triste, e nem toda a droga a fazia melhor. Agora, meu sentimento é de lamento por não poder ter feito nada por ela.

— Por isso essa sua missão de mudar o mundo... — concluo, mas não é uma crítica desta vez.

— Talvez sim, por ela, por Vivian, por Richard...

Meu peito queima com as lembranças do passado, da miséria, da dor, do sofrimento, de não ter o que comer e ver seus irmãos na mesma situação enquanto sua mãe se matava lentamente, sem se importar com ninguém, além dela.

— Deus, eu a *odeio*, Dom... — revelo, labaredas comendo-me a garganta — Ela foi tão egoísta... Jogou o mundo nas suas costas e, se não fosse por você, estaríamos todos mortos.

Fecho os olhos e revivo tudo aquilo, e só consigo sentir raiva. Esmago meus punhos ao ponto de dor.

— E quando eu penso que estou atraído por Jasmine, e que ela é igual nossa mãe... Eu me sinto um *verdadeiro* filho da puta.

Sinto seu toque no meu ombro.

— São situações diferentes, irmão. Jasmine não é como nossa mãe. Mas enquanto você não se permitir perdoar e superar o passado, você não conseguirá enxergar a diferença.

— *Perdoar?* Eu não consigo perdoar uma mulher que mata seus filhos de fome, que se vende por drogas a qualquer desgraçado... — nego com amargor, encarando as veias pulsando em meus braços.

Dominic coloca o curativo no meu supercílio, optando por não rebater. Acho que ele sabe que guardo isso por tanto tempo que já estou sufocando.

— Por que a menina tinha que seguir esse caminho? — indago, talvez retoricamente.

— Não vou entrar em um assunto que não me diz respeito, Damien. Só coloque em sua mente que Jasmine, não teve uma vida melhor do que a nossa...

Assisto-o guardar os materiais, e, sim, me servir uma dose da bebida forte que acalenta minimamente a pressão me esmagando o peito.

— Eu só queria um minuto para conversar com ela... Apenas um maldito minuto — chio com o ardor e limpo a boca.

O cara me olha, sério.

— Antes de você procurar ela de novo, irmão, e fazer qualquer besteira, eu quero que se pergunte o porquê de fazer isso. Se você pensa em perseguir a menina para ofendê-la ou magoá-la, eu pessoalmente te darei um grande motivo para se arrepender.

Dominic não faz ameaças vazias. Ele avisa, é assim desde sempre. E isso é um grande e sonoro aviso.

JASMINE

NACIONAIS-ACHERON

Repito a palavra, escutando, concentrada, o som de suas entonações, conforme o professor instrui. Estamos trabalhando com um método chamado Linguagem Estruturada Multissensorial – LEM, como as pessoas daqui chamam. Aprendi que as letras, juntas, formam diferentes combinações de sons, mas a minha maior dificuldade está em desvendá-las, justamente quando se misturam.

O material é todo colorido, uma cor para cada letra numa palavra. Por mais que elas ainda se misturem, consigo separá-las desta forma, é melhor. Os professores daqui têm me falado que meu processo cognitivo será mais lento em função da minha idade. Há grupos de crianças com dislexia que estudam juntas. No meu caso, estou recebendo aulas individuais. Em cada aula, deposito toda a minha atenção e esforço, e uso o tempo livre para escutar nos fones de ouvido do celular — Gabi me deu este celular de presente — os áudios das palavras e acompanhar no caderno. “*Sim*” é a palavra que mais gosto. A primeira letra tem uma curva, e, a última, muitos pés; são estas as características que me fazem identificá-la.

Comecei também, trabalhar no instituto há duas semanas. A pessoa responsável pela limpeza dos banheiros e áreas comuns entrou de licença maternidade, e pedi para substituí-la neste período. Chego mais cedo, cerca de três horas, antes do horário das aulas, e exerço esta função. Não comentei nada com Gabi e Luna, porque todas as vezes que tentei falar sobre procurar um emprego, elas insistiram que não era o momento. Não quero me aproveitar do que elas me oferecem, e usarei esta grana para pagá-las, mesmo que não cubra nem uma pequena parte do que devo.

— Muito bem, Jasmine, por hoje acabamos — o professor diz, otimista, guardando o material.

Sorrio e faço o mesmo — hoje, pela primeira vez, agradecida pela aula finalmente acabar e eu poder ir para a casa. Não dormi direito, depois daquela visita, e a familiar dorzinha de cabeça já fez seu caminho. Só rezo para que o ônibus não esteja tão lotado.

— Obrigada, professor — pego a mochila e me despeço.

Passo pela recepção, sorrindo para as meninas que trabalham aqui. Foram elas que me deram a dica sobre a vaga temporária disponível. Nunca pensei que esse trabalho pudesse me fazer tão bem.

NACIONAIS-ACHERON

Saio do instituto, caminho alguns passos na calçada de pedestres que leva para a rua e... paro de súbito ante a visão à minha frente, que se posiciona sem dar espaço para desviar dele.

— O-o-que você faz aqui?

— Nós podemos conversar, Jasmine? — seu timbre tranquilo me confunde.

Aperto a bolsa contra meu peito, e limpo a garganta. Por esta eu não estava esperando.

— O que você acha que ainda pode me dizer que já não tenha dito, Damien?



Capítulo 09

DAMIEN

Eu não deveria, mas fiz. De madrugada, não aguentei ficar naquele maldito apartamento – cada dia mais sufocante – e, quando dei por mim, me peguei estacionado em frente ao prédio de Jasmine. Não sei ao certo o que eu estava pensando, mas; permaneci ali por horas, até que a vi saindo. Parecendo ridículo – mesmo para o cara que me tornei nos últimos tempos –, fiquei assistindo ela apertar uma grande bolsa contra o peito e tomar um ônibus.

Eu deveria ter recuado, no entanto, agindo como um maldito perseguidor, a curiosidade levou a melhor. Segui o veículo até ela descer em um ponto em frente a um prédio grande, de tijolos vivos. A informação na placa de entrada definitivamente me confundiu.

Que porra Jasmine está fazendo no *Instituto de Dislexia*? Confesso que assim que ela adentrou tive vontade de entrar junto, no entanto me contive e simplesmente comecei a pesquisar o que diabos é *dislexia*... E as informações na tela do aparelho me impediram de arredar meu pé daqui, até a hora em que ela despontou pela porta da frente novamente.



Noto a mudança em sua expressão assim que me vê. O ar amenamente distraído dá lugar à atitude defensiva.

“O que você acha que ainda pode me dizer, que já não tenha dito Damien?” sua pergunta armada me desestabiliza por um instante, não nego.

E a resposta vem na ponta de minha língua. *Quer mesmo saber, raposa ingrata? Temos que conversar sobre como você não sai da minha cabeça, como eu quero te levar de volta para o meu apartamento e fingir que estes últimos malditos oito meses não aconteceram!*, penso, e por muito, muito, pouco não digo em voz alta.

Guardo as mãos nos bolsos do jeans, mascarando o tremor, e me aproximo, impedindo-a de se desviar. Não me passa despercebido que seu cheiro é exatamente como eu lembrava, doce, inocente. Bom pra caralho.

Por Deus, eu senti falta até mesmo disso.

Pigarreio, para driblar a repentina secura na boca, ignorando a ansiedade me tornando um inaceitável maricas.

— Podemos ir a algum lugar conversar, Jasmine?

Noto que a proximidade faz seu pequeno corpo enrijecer, me repelindo. Seus olhos grandes, castanho-esverdeados, escurecidos como se sustentassem todos os segredos do universo e o peso deles — *merda, de onde foi que tirei isso* —, fitam-me inseguros, arredios.

Beiro meu rosto próximo ao topo de sua cabeça e discretamente inspiro uma generosa quantidade de seu cheiro. É assustador o incrível bem que faz ao meu sistema nervoso.

— Por favor — insisto baixinho, e a observo se encolher um pouco mais, *não em rejeição desta vez, não por um milésimo de segundo.*

Afasto meu tronco, somente dando espaço suficiente para contemplar sua expressão.

— Por que você está aqui? — ela lamuria num sussurro, incerta.

— Eu preciso falar com você, venha comigo — uso seu mesmo tom, não fazendo muito para desviar meu foco de sua boca pequena, de lábios recheados, delineados, num tom escarlate natural, projetada para atrair a vítima diretamente à armadilha.

Lábios que ela me negou.

— Não há nada para conversarmos.

— Sim, há. Venha comigo, por favor.

— Não.

Encaro seus olhos.

— Você está com medo de mim, menina? — provoco, tentando penetrar a barreira.

Seus braços esguios apertam ainda mais a bolsa contra o peito, como se isso fosse o suficiente para protegê-la. Entretanto, seu rosto se eleva, mostrando a menina corajosa que há nela, com um tipo de defesa típica de quem trabalha nas ruas. A ideia me faz contrair os músculos.

— Eu não tenho medo de você, Damien — levanta o queixo, enfrentadora — A verdade é que estou começando a acreditar que você é um garotinho mimado, que não aceita um “*não*” como resposta.

Uow! De onde foi que isso veio?

Perco momentaneamente a linha de raciocínio, e de autodefesa também, diante do atrevimento rude.

Antes que eu evite, estou estalando minha língua num som de reprovação.

— Não, você está enganada — rosno sem polidez — Eu estou mais para um ferrado tentando ter alguma conversa decente com a mulher que não sai da minha cabeça.

Seus olhos se arregalam com surpresa, e perseguem os meus, tentando compreender minha jogada. *Tsc, tsc. Não há nada aqui para você desmascarar, raposinha, eu nunca fui mais sincero antes.*

Estou prestes a abrir a boca e dizer-lhe isso quando, pela visão periférica, assisto a um homem — na casa dos quarenta anos — sair pela porta da frente segurando uma pilha de livros e vir em nossa direção. Seu olhar cai sobre nós.

— Está tudo bem, Jasmine? — ele para ao lado dela.

O tom neutro não me engana em nada. Fuzilo-o. *Quem esse filho da puta pensa que é para se aproximar da menina?*

A raposa assume uma expressão agradável e sorri.

— Está sim, professor, obrigada. Tenha um bom descanso — a maneira com que ela lhe dirige a palavra é surpreendentemente doce.

E a experiência de vê-la entregar este seu lado para alguém, como nunca fez comigo, arranca um rosnado insatisfeito do fundo do meu peito. Tenho a impressão de que o sebo escuta.

— Certo, até amanhã — ele lança um sorriso para a mulher e me encara uma última vez, antes de sair caminhando para o estacionamento.

Miserável!

— *Professor?* — resmungo.

A menina não comenta, e sua linguagem corporal volta a me enxotar.

Droga. Esse clima entre nós é uma merda de tão denso. Não quero isso, não foi com esta intenção que fiquei na frente do prédio por quase sete horas.

Concentro-me de volta no que vim fazer.

— Podemos, por favor, sair daqui — aponto para onde estamos — e ter uma conversa como dois adultos? — reforço o pedido, cansado de sua atitude defensiva.

Jasmine amua, contrariada.

— Eu sei o que você quer, Damien — seus olhos vão para os lados, verificando se alguém pode ouvir — Mas não é mais como as coisas são agora, e-eu não faço mais... — o desconcerto, a vergonha em tentar mandar a mensagem, mexe comigo.

E, contra tudo o que é coerente para o momento, faço a única coisa que minhas mãos imploram desde que a vi ontem. Roço-lhe o rosto macio com as junções de meus dedos, sentindo o calor da pele, a suavidade. E, miséria, o contato reflete diretamente no ritmo dos batimentos em meu peito, mal me permitindo respirar.

— Uma conversa, é tudo o que eu estou pedindo, raposinha...

— Não faça isso — pede, cerrando os olhos brevemente, evitando-me.

Corto um pouco mais o espaço e chego perto de seu ouvido.

— Esta situação está me matando, menina, por favor, me dê pelo menos cinco minutos...

O suspiro mais longo é, para mim, um tipo de trégua momentânea, e eu agarro esta chance antes que ela desista.

Tiro a pesada bolsa de seus braços e tomo-lhe a mão.

— Não — ela ainda reluta — Eu não vou a lugar nenhum com você, Damien. Fale o que quer aqui mesmo.

Engulo a frustração.

Tudo é uma questão de confiança, lembro-me, antes de praguejar uma besteira.

Então jogo as cartas certas.

— Se ficarmos aqui, as pessoas poderão *escutar* o que dissermos — insinuo, pedindo por sua reflexão, certo de que tenho um ponto. O que não me agrada em nada.

Assisto o movimento bonito em sua garganta, numa ação de engolir a saliva, sem jeito, e... porra, até isso na menina é atraente como o fodido inferno.

— Tudo bem — ela recua, derrotada.

Expiro pelo nariz, quase que com alívio, embora ciente que ainda é cedo. E não perco mais tempo. Tomo-lhe a mão e levo comigo, *invocando mentalmente todas as forças do universo para que ela não mude de ideia*. Não agora.

Destravo meu carro com o controle, ainda mantendo sua mão na minha e a mochila em meu ombro, e abro a porta para ela.

— Nós precisamos mesmo fazer isto *dentro* do carro?

— Eu vou te levar para casa, Jasmine.

— Não vou para sua casa! — empaca, interpretando errado.

— Pra *sua* casa, eu quis dizer. Vou te levar para sua casa e podemos conversar no caminho — explico, paciente.

Quase posso visualizar as engrenagens trabalhando em sua cabecinha. Fico me perguntado se essa reação arredia é em função de sua *profissão*. Para meu próprio bem, evito seguir esta linha de pensamento.

No fundo, claro que eu gostaria de levá-la ao meu apartamento, não nego. Quero ter privacidade e mais tempo com ela, mas certo que a garota é como um peixe molhado, deslizando entre os dedos. Se eu me arriscar nisso, será o fim da conversa. Então, indo pela razão, coloco em meu rosto uma expressão sincera, para que ela saiba que estou dando a minha palavra sobre

isto. Jasmine, apesar de ainda desconfiada, entra, e ao passar por mim fecho os olhos e agradeço mentalmente.

Acomodo-a no banco do passageiro, a mochila aos seus pés, fecho a porta e contorno rapidamente para o meu lado, não lhe dando um segundo para repensar.

Aciono as travas, *trancando-nos por garantia*, e me viro a ela, tirando alguns segundos apenas para observá-la. Linda, tal como eu me lembrava.

— Você está estudando aqui? — rondo o assunto, brandamente.

A raposa me encara com os olhos sutilmente estreitados, como se considerando a opção de me falar a verdade. *Maldição, se ela soubesse o quanto é transparente.*

— Sim — sua resposta é firme, orgulhosa.

— Você tem... isso... *dislexia*? — pergunto sem muito tato, curioso sobre tudo o que pesquisei no celular enquanto a esperava.

— Sim.

Espero por mais, ou uma resposta melhor elaborada, e nada vem. *Certo. Se eu quero saber, tenho que perguntar, já entendi.*

— Eu li alguma coisa sobre o assunto, enquanto te aguardava — desvio meus olhos para o painel do carro — Faz tempo que você vem a este lugar?

Ela suspira.

— Poucos meses — encara a fachada do instituto — Luna me trouxe aqui e é ela quem está pagando.

Não perco a maneira reverenciosa como ela pronuncia o nome da ruiva.

— Onde você estudava *antes*? — indago baixo, observando seu perfil.

Seu rosto sai do instituto e se vira para mim.

— Em lugar nenhum, Damien. Tive que abandonar a escola muito cedo, e não sei ler. Aqui, eles estão me ensinando tudo a partir do zero, com um material adaptado para a dislexia.

A informação direta me atinge como um trem vindo em plena velocidade. Somada à forma como ela me encara, desafiando-me a fazer algum comentário ruim, sinto meu intestino revirar em nós.

— E-eu... lamento, não sabia — digo, embaraçado; e então a realização me bate como se o trem agora esmagasse todos os meus ossos —

Espere... — engulo em seco — Naquele dia, na minha casa... o bilhete?

Merda, definitivamente, merda do caralho! Por que estou com a sensação de que não vou gostar do que está por vir?

Jasmine inspira, dobrando de tamanho, corajosa apesar da ferida aberta que seus olhos não escondem.

— Eu pedi para alguém ler, precisava saber o que você tinha escrito.

— Luna? — arrisco.

Minha cunhada não gosta de mim, e este, com certeza, é um bom motivo para isso.

— Maria, a mulher que trabalha na portaria do seu prédio — ela assume.

Paro de respirar por uma fração de segundo.

E, finalmente, deixo o ar em meu peito se esvaír.

— Isso explica muita coisa... — reflito, lembrando o tratamento de merda que tenho recebido daquela mulher.

Maria me boicotando é o meu menor arrependimento agora. O imenso — como um buraco na atmosfera — está aqui me encarando, esperando meu ataque, machucada com o que fiz, embora não deixe transparecer.

— Sobre aquilo...

— Não, você não precisa dizer nada — me interrompe.

— Sobre aquilo — repito mais firme, buscando pelas íris escuras — Eu escrevi aquela merda de cabeça quente... — seu olhar tenta se desviar; impeço, ao segurar suavemente seu queixo — Eu fiquei muito... *irritado* com a forma como você me manteve distante naquela noite, depois de tudo o que fizemos, e, agindo como um imbecil, eu quis te magoar — assumo, de peito aberto.

Jasmine sustenta meu olhar. Sei exatamente o momento em que a lembrança daquela noite a atinge. Suas bochechas se tornam rubras, as pupilas dilatam e até a veia de seu pescoço se movimenta um pouco mais acelerada.

Maldição. Se ela soubesse o que isso faz comigo...

— Não importa mais — decreta, recuperando o controle — Você não fez nada além do que acordamos. Uma noite por dinheiro — a raposinha

corta o momento, quebrando nosso elo, e se ajeita no banco, querendo encerrar o assunto.

Não. Eu quero falar. Se eu guardar isso por mais tempo, porra, vou acabar numa maldita clínica para malucos.

— Eu nunca quis que aquilo acabasse em uma proposta por dinheiro — deixo minha cabeça escorar no encosto do banco e encaro o teto do veículo — Minha intenção não foi aquela...

— Não se preocupe em justificar nada, Damien, as coisas são como são. Se era sobre isso que você gostaria de falar, não há nada para ser justificado.

Mordo a carne da minha boca e cerro meus punhos. Seu tom beligerante não faz muito pela situação.

— Eu não consigo te tirar da cabeça, Jasmine — confesso, mentalmente exausto de lutar contra isso — Tenho vivido no inferno e não estou sabendo como lidar com esta situação toda, a verdade é esta.

Ela não diz nada, entretanto já que está me ouvindo, opto por continuar falando.

— Honestamente, não sei o que estou sentindo, mas isso tem me deixado maluco. Mal consigo me concentrar no trabalho... ou em qualquer coisa — rio sem nenhum humor.

Viro minha cabeça para fitá-la.

— Diga-me que isso é uma insanidade minha, menina, e que você não se sente da mesma forma. Fale que aquilo não mexeu com você como fez comigo.

A raposinha se encolhe, cruzando os braços contra o corpo, na defensiva. Por sua linguagem corporal, sei que não estou sozinho, nessa. Não pode ser coisa da minha cabeça. Não posso estar sentindo tudo isso, e ela simplesmente nada.

Tomo seu rosto, obrigando-a a me encarar.

— Fale que você não se sente atraída por mim, Jasmine — sussurro, livre de qualquer merda, apenas implorando por sinceridade.

Ela lambe os lábios, nervosa.

Treme.

Tenta desviar seu olhar.

Porra! A raposa é a maldita contradição em pessoa. Vende seu corpo a qualquer miserável, no entanto, mal sabe lidar com os próprios sentimentos quando confrontada.

— Diga — insisto, a um passo de romper suas barreiras e tomar sua boca com toda a vontade que cada mínima parte do meu corpo exige.

— Nada vai acontecer entre nós, Damien. Eu sei como as coisas funcionam — seu olhar de sabedoria empurra meus limites — Você tem desprezo por eu ser o que sou, mesmo que aqui, agora, tente fingir que não é bem isso.

De repente, é como se a mulher mostrasse uma força e, ao mesmo tempo, um autoconhecimento depreciativo que eu nem sei o que dizer. Fico em branco. Feito um estúpido.

— E você tem razão, eu fiz essas coisas, sim, e a mais tempo do que você pode pensar. Não vou fingir que tudo é diferente — quase posso tocar a autoaversão em sua voz.

E me mata ouvi-la.

— Eu... porra... eu... — me inclino para ela e seguro seu rosto com as duas mãos, cego — Venha para minha casa comigo, Jasmine.

Assim que digo, sei que as palavras, da forma como saíram, vão arruinar o que estou tentando construir.



Capítulo 10

DAMIEN

Não me lembro de já ter me sentido assim antes, mas fato é que essa mulher despertou em mim uma bagunça miserável. Eu odeio estar atraído por ela. Odeio vê-la falando desta forma de si mesma. E, para minha ruína, nunca quis alguém tão forte em toda a minha vida.

— Venha comigo, menina — insisto, sem esconder o estado em que me encontro, desejando a única mulher que não poderia ser mais errada para mim.

Tenho seu rosto preso entre minhas mãos e só consigo pensar em beijá-la. É uma necessidade quase sufocante.

Então, porra, resoluto a dissuadir sua determinação, me aproximo lentamente, a ponto de roçar sua boca macia.

— Não — ela afasta a cabeça para trás, no último minuto, tão calma que soa até sombria.

Mas que diabos!

— Por que não? — o tormento em minha fala é notável.

— Eu não quero, Damien, por favor, me solte... — seu tom desprovido de emoção retorce a boca de meu estômago.

No meu limite, busco em seus olhos por alguma coisa que me diga que

NACIONAIS-ACHERON

isso é algum tipo de joguinho para me atormentar. Mas não. Os sinais estão bem aqui, diante de mim, me dizendo que não adianta. A mente da raposa está formada.

E antes de fazer uma besteira, como empurrar a minha boca na sua à força, até fazê-la admitir que quer, tanto quanto eu, largo seu rosto como se a própria brasa me queimasse e me afasto, atordoado.

Descanso a cabeça de volta no encosto e fecho meus olhos.

— Por que as coisas têm que ser assim?

Ouço-a limpar a garganta.

— Acho que você já disse tudo o que queria, Damien. É melhor eu ir agora.

E aqui está ela, prestes a se afastar de mim. De novo. Miséria. Eu não sei se posso suportar outros oito meses nessa desgraça de situação.

O pensamento me faz rir de mim mesmo, estupidamente.

Quem é que eu quero enganar? É óbvio que eu mal suporto um dia a mais nisso.

Inspiro profundamente, me controlando para não foder com tudo. Intercepto sua intenção de tentar abrir a porta.

— Tudo bem, Jasmine. Eu vou te levar para sua casa — recuo, retomando o controle.

Antes que ela possa protestar, coloco o carro em movimento e sigo para o apartamento da garota.



Dirigi pelos caminhos mais longos, fazendo de tudo para estender nosso tempo juntos — o suficiente para acalmar minhas emoções e refletir com clareza —. Agora que eu a encontrei, não vou desistir. Pelo contrário, hoje foi o primeiro passo. Estou disposto a recuar e pensar em uma forma melhor de quebrar a parede, aparentemente, impenetrável que ela levantou.

Seu silêncio durante o percurso me incomodou um pouco, mas estou

tão perdido que acabo achando que é o melhor para o momento.

Chego em frente ao elegante prédio e desligo o motor.

— Entregue — murmuro, analisando seu perfil.

A raposa segura a maçaneta e, antes de sair, hesita. Seu rosto inexpressivo vem para me encarar.

— Por favor, Damien, não me procure mais.

Não tenho tempo de processar, a queimação é forte demais. Doente, assisto-a sair como um flash rápido e doloroso.

Diabos!

Desfiro um soco no volante.

O telefone no meu bolso vibra. Puxo para ver o nome de Christian chamando.

— O que você quer? — desconto minha frustração nele.

— Irmão, eu preciso de sua ajuda.

JASMINE

Subo para o apartamento, abraçando meu material contra o peito, tremendo. Eu não posso fazer disso maior do que é. A abordagem de Damien mudou, mas, no fundo, continua a mesma. Já fui perseguida e encurralada antes — lógico, de maneira muito mais hostil. A diferença é que Damien é mais perigoso, porque ele tenta entrar onde ninguém entrou. E, por mais que eu lute, ainda não sei como afastar todos estes sentimentos quando estou perto dele.

Espero que ele respeite o meu pedido. Este homem não me faz bem. Nos olhos de Damien, vejo quem eu sou, vejo tudo o que estou lutando para superar.

Abro a porta e a tranco atrás de mim.

— Até que enfim a menina mais bonita deste prédio chegou — a voz agradavelmente familiar me faz sorrir, apesar de meu estado.

Viro-me para encontrar Petter, irmão de Gabi, em pé próximo ao balcão que liga com a cozinha — para variar, comendo, uma maçã desta vez.

— Ei... E eu? — Gabi joga um pano em seu rosto, que ele apanha no ar.

— Você não conta, eu falei *menina*, maninha...

Gabrielle faz uma careta.

— Você é tão *gentil*... — um sorriso provocativo rasga o canto de sua boca — Pensando bem, eu acho que você é adotado, Petter.

— Sim, sou o único bonito nesta família, isto deve significar alguma coisa.

— Não que seja verdade, mas eu acho que é mais pelo que você não tem: cérebro — ela se vira para mim — O que você acha, Jas? Eu e Ben somos inteligentes, Petter não, e ele nem se parece com a gente. Com certeza foi adotado, não?

Os dois me olham, à espera de uma resposta.

— Por favor, me incluam fora dessa... — mordo o lábio, contendo o sorriso, e esquecendo-me por um minuto da tensão que usurpou meu corpo.

— Não precisa se sentir constrangida, flor bonita. Gabrielle também me assusta — Petter finge cochichar.

Não aguento e acabo deixando escapar uma risada baixa.

Nos meses em que Gabi esteve fora, Petter foi uma presença constante. No começo, eu me mantive reticente com a aproximação. Depois que o conheci melhor, ele acabou se tornando um bom amigo. Desconfio que Gabrielle, pediu que cuidasse de mim, e ele nunca me fez perguntas ou me tratou de maneira inapropriada.

— Passei aqui para convidá-las para jantar, Jas, mas minha irmã já nos deixou na mão, então você não tem outra opção a não ser aceitar meu convite — ele leva uma mão ao peito — Não estou preparado para duas rejeições numa só noite.

Gabi se aproxima e retira a bolsa das minhas mãos.

— Caramba, o que você carrega aqui, garota. Um corpo?

Ainda parada perto da porta, encolho os ombros, tanto para a pergunta dela quanto para a oferta dele.

Eu não gosto de sair, e não o faço muito.

— Recebi novos livros hoje... — explico para ela e então olho para o irmão — Eu... Eu não sei, Petter, estou meio cansada...

Mentalmente esgotada, para ser mais específica.

— Vá, Jas, você tem ficado muito em casa, e eu só não vou junto porque tenho até amanhã para terminar aqueles esboços e enviar para as provas.

Gabrielle é estilista numa empresa famosa. Em suas horas vagas, é um tipo de faz tudo: desenha, costura, é freelancer de algumas outras marcas, ajuda em desfiles... E é muito boa no que faz. Vi fotos do casamento de uma amiga dela, Priscila — ou Pini, como a chamam — e foi sem dúvidas o mais bonito de todos.

— Venha, flor bonita. Prometo me comportar — ele sorri meio de lado, daquela maneira charmosa.

Beleza é uma forte característica desta família.

Expiro profundamente.

Às vezes, ainda é difícil me acostumar a estar cercada por pessoas verdadeiramente legais.

— Tudo bem. Vamos — me esforço para demonstrar animação.

Damien não deve vencer. Estou dando um passo de cada vez, e não posso permitir que ele ou coisas do passado me derrubem.

Gabrielle sorri, em aprovação.

— Venha, eu vou te arrumar — sou levada para o meu quarto, rendida.



O lugar é bonito, reservado. Por mais que eu não goste de lugares públicos, pelos motivos óbvios, este restaurante é agradável.

Petter puxa a cadeira para que eu me sente e se coloca à minha frente. Ele é um homem de bons modos, sabe tratar as mulheres com respeito, apesar deste seu ar de quem sai com muitas, sem realmente ter nenhuma em sua

vida. Sua aparência é bonita, anda sempre bem-vestido, de terno, sem gravata, e esta noite não está diferente. Por mais estranho que pareça, assim como ele trata Gabi, sinto que sua atitude de irmão se estende a mim também. Seu humor, a forma leve como ele conduz os assuntos, faz com que eu me sinta bem ao seu lado. Para ser honesta, acho que ele e Dominic, são os únicos caras, com quem eu me sinto bem, estando perto.

Um garçom recolhe nosso pedido e volta trazendo o vinho dele e água para mim.

— Como foi seu dia hoje, flor bonita?

Flor bonita, ele me chama por este apelido desde que me conheceu. Gosto de como isso soa.

— Foi bom, tenho aprendido bastante — evito a parte ruim — Meu professor está desenvolvendo um aplicativo que auxiliará pessoas com dislexia a ler textos na internet, sabe?

— Isso é muito bom — Petter toma um pouco do vinho.

— Ele acha que, em breve, eu terei capacidade de ler textos também...

— Eu não tenho dúvidas disso, Jasmine — afirma com confiança.

Suspiro.

— Eu não vejo a hora, mas parece um tipo de sonho distante, entende? Fiquei tantos anos sem isso que eu não me imagino... lendo um livro, por exemplo.

Petter meneia a cabeça sutilmente, compreendendo.

— Livros são bons — medita e então me olha de soslaio —, desde que você não se prenda a essa modinha que as mulheres de hoje em dia gostam de ler... Depois, elas viram umas leas, querendo que nós, homens, façamos tudo aquilo com elas — estremece de brincadeira.

Levanto uma sobrancelha, em branco.

— Cinquenta tons de alguma coisa? — ele pergunta.

Enrugo os lábios e nego o conhecimento.

Ele suspira.

— Ótimo, é melhor que você não saiba mesmo.

Tenho que rir de seu modo consternado.

DAMIEN

Christian torceu a porcaria do pé em uma partida de futebol. Quando eu perguntei o que ele estava fazendo praticando um esporte que nem sequer conhece, jogou na minha cara que Dominic e eu, estamos com nossas cabeças presas na própria bunda e sem tempo para jogar nossa rotineira partida de basquete — até algum tempo atrás, costume religioso aos sábados de manhã.

Como se isso justificasse alguma coisa.

Não tive outra opção senão vir a este maldito jantar para substituí-lo com os negociadores da plataforma petrolífera. Passei em casa, tomei um banho e agora estou aqui, tentando me concentrar em toda esta merda, mas mal mantendo o meu foco.

Jasmine é tudo em que tenho pensado, e isto já está se tornando ruim além do aceitável.

— Os orçamentos não contemplam aditivos — respondo a pergunta do desinformado, e viro metade da taça de vinho para ver se minha mente colabora.

Até que uma risada baixa, gostosa de ouvir, às costas do cara à minha frente, chama a atenção. Desvio brevemente meus olhos do paspalho e espio por cima de seu ombro, curioso.

— Mas os aditivos poderão ser realizados, digo, caso haja necessidade, sem que outro contrato seja celebrado? — o imbecil pergunta.

Porra, o que ele sabe desse negócio, afinal?

Volto meus olhos para o cara, mas então meu cérebro processa a visão atrás dele, e já não vejo mais nada na minha frente.

Merda maldita do inferno!

Minhas mãos tremem, como se recebessem uma descarga elétrica.

Não pode ser!

Cego, alucinado, levanto empurrando a mesa a minha frente em cima dos imbecis. Vou em direção à outra mesa, para ter certeza de que não estou dentro de um pesadelo.

Jasmine, jantando com um babaca que tem a mão em cima da sua, contando alguma coisa que a faz rir, parecendo uma menininha. *Eu nunca vi um sorriso sequer nela e a desgraçada agora está aqui, se desmanchando para um filho da puta, depois de me rejeitar?*

Estaco ao lado deles, doente, a sensação de lâminas rasga minha pele, meus músculos retesam ao ponto da dor.

— *Damien?* — a pequena raposa de repente para de rir, surpresa.

Agora quem abre um sorriso sou eu.

— Então este é o motivo do *showzinho* no meu carro?

Ela abre a boca, e fecha, e abre de novo.

— Eu acreditei — rosno baixo — Eu juro que acreditei na historinha de remissão da prostituta. Obviamente, minha cunhada estava enganada.

— Quem é você, cara? — o sujeito indaga.

Olho para ele.

— Eu? Eu sou outro *cliente* — viro-me para ela — Você não presta, Jasmine. Você é uma mentirosa do caralho!

— Já chega! — o cara se levanta abruptamente.

Isso é o que eu preciso: descarregar toda essa energia em alguém.

— O que? Você comprou exclusividade? — provoco, debochado.

— *Cale a porra da sua boca* — o imbecil ameaça.

Meus olhos estão nela. A diaba mais bonita do que nunca, bem-vestida, maquiada. Isso explica muita coisa.

— Eu nem posso te culpar, não é? Você me avisou que é exatamente o que eu penso que é.

— Pare — ela murmura, sem vida, perdendo o brilho e se tornando rubra.

Direciono meu olhar para o maldito.

— Ela não beija na boca, cara. Espero que você possa lidar com isso — estreito meus olhos, começando a duvidar até mesmo desta parte — A menos que esta tenha sido outra mentira, óbvio — cuspo, cheio de escárnio.

Sou pego em súbito por uma porrada rápida e certa diretamente na curva do queixo. O impacto me faz dar um passo atrás.

— Você bate como uma mulher — seguro meu queixo — Deve ter um
NACIONAIS-ACHERON

pau de mulher também, mas acho que isso não é um problema para ela. Desde que você pague, está tudo bem.

A raposa falsa se levanta rapidamente, tentando impedir o cara de me atacar outra vez. *Porra, vê-la preocupada com ele dói tanto.*

— Vá embora, Damien — ela pede.

— Por quê? Estou atrapalhando seu faturamento?

O cara se arma para me acertar novamente, mas desta vez sou eu que me lanço para cima dele, acertando seu olho. O barulho ecoa seco.

— Você é corajoso, trazer uma puta para jantar num lugar como estes — instigo, e recebo outra pancada.

Cego, sem sentido, me embolo com o sujeito pelo chão do restaurante, derrubando tudo em nosso caminho. Gritos, vidros quebrados, pessoas tentando separar, nada disso consegue aplacar a fúria de saber que a raposa *não me escolheu.*

É necessária uma boa quantidade de sujeitos para nos fazer parar.

Em pé, com desconhecidos me segurando, ainda tento ir pra cima do cara, na tentativa de diminuir a dor que me mata. O sujeito não se abala. *Um imbecil carimbado!* Só um idiota brigaria para defender a honra de uma puta.

— Me solta, porra! — me desprendo deles, sacudindo-me, e arrumo minha roupa.

Limpo o sangue da boca e encaro a mulher que me arruinou, e que não vale um só minuto do meu tempo. Eu a odeio. Miséria, *e-eu a odeio!*

— Acabou, raposa! Eu vou te tirar da cabeça, custe o que custar!

Empurro as pessoas na minha frente e sigo meu caminho para sair deste lugar antes que eu me afunde ainda mais.

Jasmine não merece este maldito sofrimento.

Não merece, porra!

Eu tenho que esquecê-la.

Deus, me ajude a tirar essa mulher da cabeça!

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON



Capítulo 11

JASMINE

Gabi — depois de enlouquecer, dizendo que matará Damien com as próprias mãos — me assegura que cuidará dos ferimentos de Petter. Peço licença a eles, alegando estar com um pouco de dor de cabeça. Minha amiga apenas me lança um olhar compreensivo. A verdade é que não quero desabar em frente aos dois, e ela sabe disso.

Arrasto minhas pernas pelo corredor, me sentindo tão mortificada e envergonhada que mal posso levantar a cabeça.

— Aquele filho da puta merece uma ordem de restrição! — ela sussurra, irritada — Eu não vou deixar isso barato, Petter. Ele não vai mais atormentar a Jas. *Não vai.*



Entro no chuveiro, pego a esponja e esfrego meu corpo com força, a ponto de ver a carne avermelhar. Nem isso ajuda.

Não sai.

Nunca sai.

Nada me limpa.

A sujeira está impregnada.

DAMIEN

Nada do que eu faço aplaca a maldita dor. Sei que estou perdendo o resto de sanidade que eu ainda conseguia manter, e é como assistir a seu próprio velório sem poder fazer nada. A verdade é que eu queria ir para bem longe de tudo isso, sumir de todo o caos em que minha vida se transformou de uma hora para outra. As coisas eram tão simples, tão certas, antes *dela* aparecer. E, agora, tudo se resume a não conseguir tirá-la da cabeça.

Miséria, o que foi que eu fiz agindo daquela maneira?

E se ela estava ali trabalhando, que direito eu tenho? Isso não deveria ser um problema para mim. A menina não me prometeu nada, pelo contrário, me pediu claramente para não procurá-la mais. *Então por que ainda me sinto desse jeito?* Por que é como se ela tivesse me traído? A resposta é fácil. Fiquei cego de raiva diante da cena de outro cara obtendo uma parte dela que eu não tive. Ela nunca relaxou ao meu lado. E isso dói como o inferno.

Ando de um lado para o outro no meu apartamento, desorientado.

Essa merda não deveria estar acontecendo. Eu já fui longe demais, preciso tirar a raposa da cabeça.

Maldição.

Por que parece tão difícil, por que não consigo esquecê-la? Ou, pior... Por que não consigo odiá-la?

Uma voz na minha cabeça sopra a resposta com uma facilidade irritante: Jasmine é mais do que eu quero reconhecer. Ela não mentiu. Não tentou fingir que as coisas não são como são.

Apanho uma garrafa de uísque e derramo o líquido âmbar num copo pela boca.

Dislexia... Eu nem diabos sabia que isso existia e, de repente, descubro

que a menina não sabe ler. Talvez seja isso que tenha levado Jasmine a se prostituir, ou talvez não... Já nem consigo mais raciocinar com coerência.

Minha cabeça dói como o inferno. Meu corpo parece arrebitado de um jeito que transcende o físico. Internamente, estou quebrado.

O que estou fazendo com a minha vida?

JASMINE

Gabrielle abre a porta com cuidado. O quarto está escuro, e, pela primeira vez desde que a conheci, eu não quero conversar. Não quero que ela me veja assim e saiba que não sou tão forte quanto eu gostaria.

— Petter acabou de ir... — ela comenta, deitando-se ao meu lado.

— Eu sinto muito, Gabi — murmuro, e um soluço me denuncia.

Gabi me abraça.

— Não por Petter, Jas. Ele adora uma boa briga. Eu só espero que aquele *infeliz* tenha ficado num estado pior do que meu irmão — o tom brando, apesar de tentar simular descontração, não mascara a preocupação comigo.

Não aguento e choro baixinho, pela vergonha de ser quem eu sou, e por estar num mundo ao qual não pertencço. Eu não deveria ter ido. Fiz Petter — que sempre foi tão gentil comigo — passar pela humilhação de ser visto com uma “*pessoa*” como eu.

Não entendo a razão para Damien me fazer passar por aquilo. Parece que ele está sempre tentando me pôr no meu lugar, e o pior é que se eu estivesse nas ruas saberia me defender, mas esta noite não tive reação alguma, exatamente por estar num lugar e numa vida que não são meus. *Uma farsa.*

Minha caixinha voltou a acumular coisas, e ela parece muito menor agora.

DAMIEN

Estou sentado na sala, amanheci assim. A claridade do dia já dominou o espaço. Escuto o barulho e a conversa de meus dois irmãos entrando no apartamento, e pouco me importo, era só uma questão de tempo para eles virem.

— Que merda aconteceu aqui? — Chris assovia, surpreso.

Fecho os olhos, mantendo minha cabeça descansando no encosto do sofá. Não há nada em pé em minha casa — a começar por tudo o que podia ser quebrado. Eu não gosto mais de viver aqui. Este lugar já foi um orgulho, agora me assombra... *Ela* esteve nesta casa, e marcou tudo a ponto de eu ainda sentir o cheiro de seu shampoo em cada maldito cômodo.

Preparo-me para receber o inferno que eles certamente jogarão sobre mim, Christian por eu ter estragado a reunião com os imbecis, e Dominic por eu ter fodido as coisas com sua protegida... Como se já não fosse suficiente a maneira de merda com que me sinto, depois de repassar à exaustão, tudo o que aconteceu desde que eu a peguei no instituto, até a hora em que gritei, *para quem quisesse ouvir*, que ela era uma garota de programa.

Eu a expus, magoando a raposinha de forma definitiva. Ela nunca me perdoará, e a realização me mata.

A grande coisa aqui é que, independente de aquele encontro entre ela e o cara ser parte de seu trabalho, a ideia de vê-la com outro me fez sentir algo que nunca nenhuma mulher foi capaz de despertar em mim... *Possessividade*.

— Vão embora... — resmungo, ciente de que é um pedido inútil.

— Que merda você fez, Damien? — Dom lança naquele seu tom de decepção e desgosto, típico do cara mais velho que nos criou.



Capítulo 12

JASMINE

Alguns dias depois...

Recolho meu material e sigo para casa, após uma conversa muda com a psicóloga do instituto pela última hora. Ela se disse preocupada por meu silêncio e baixo desenvolvimento nas últimas aulas. O que eu não quis dizer a ela, tampouco à Gabi e Luna, é que nem sequer tenho vontade de levantar da cama de manhã. Estou me forçando a continuar para não decepcioná-las, mas já não faço mais por mim. Uma parte muito forte aqui dentro quer ceder à vozinha me mandando desistir, e outra — a que ainda está ganhando — me manda levantar e lutar, entretanto, ela está ficando menos persistente a cada dia.

Aperto a mochila contra meu peito e abro a porta de casa. Antes mesmo de entrar, ouço vozes animadas. Um passo dentro e me deparo com Katarina, Alice, Júlia e Gabi, sentadas em volta do balcão da cozinha. Coloco um sorriso no rosto e deixo a chave pendurada no suporte.

Ao me virar, vejo que há uma mulher que não conheço com elas. Muito bonita, loira, de um tom diferente do de Gabi. Seus olhos verdes enormes parecem sorrir de um jeito sincero.

Ela não é estranha, já a vi em fotos.

— Jas! — Katarina se levanta e vem para me encontrar.

— Oi, Katy — beijo seu rosto.

E assim faço com Alice e Júlia.

Gabi caminha até mim. Apesar do sorriso, reconheço a preocupação em seus olhos.

— Eu quero te apresentar a uma grande amiga, Jas — suavemente, ela me puxa pela mão e para em frente à moça.

— Esta é a Pini.

Pini. Finalmente estou conhecendo a mulher de que as meninas vivem falando. Ela é quase como um mito, e por mais incrível que pareça, eu a imaginava exatamente assim, com um tipo de força e beleza genuínas.

Ela dá um passo até mim, e sinto que não posso me mover diante da maneira com que me fita intensamente, como se ela fosse capaz de enxergar todos os segredos na minha alma — e pudesse, de alguma forma, compreendê-los. Não sei bem explicar.

— Tenho escutado muito sobre você, Jas — me abraça.

— Eu também, Pini — retribuo, em voz baixa.

Sento-me com elas ao entorno do balcão, observando a maneira como as mulheres interagem. Acho que elas nem se dão conta, mas são todas tão parecidas, falam em sincronia, têm opiniões semelhantes. Há uma cumplicidade e bom humor bonitos de assistir.

Júlia vai se casar. Ela já estava noiva há algum tempo e agora marcaram a data. O casamento com o *furacão* — modo amoroso como ela se refere ao noivo — acontecerá no próximo mês. Este é o motivo de Priscila vir da Rússia, onde vive, para passar alguns dias aqui.

Observo o tom apaixonado como Pini começa a falar dos filhos, deslizando imagens deles em seu celular, orgulhosa.

— O Ian, se comporta como o pai. É uma mini cópia do gringo — ela reclama, mas seus olhos brilham ao mencionar o filho — Até a maneira como Gael, franze o cenho o garoto imita — seus lábios se retorcem em falso desgosto.

As meninas sorriem, emitindo sons de admiração para cada nova

imagem.

— Alek, é menos genioso — ela aponta para a foto de um deles, aparentemente idêntico ao outro — Mas é mais fechado também. Gael diz que ele tem o meu temperamento...

— Então tenho pena das garotas quando Alek crescer... Você em versão feminina já é impossível, imagine uma linda versão masculina, russa, com os olhos do gringo... Aff — Katy provoca.

Priscila faz uma careta.

— Eles cresceram tanto, Pini, estão a cada dia mais lindos — Alice suspira olhando a foto, encantada — Eu já estava morrendo de saudade.

— Nós também, Ali. Eu amo a minha casa, criar meus filhos perto dos meus sogros... E é, claro, onde Gael se sente melhor por tudo o que aconteceu — seu semblante se torna mais sério em referência a algo que desconheço — Mas eu sinto muita falta de estar mais perto de vocês.

— A gente também sente, Pini — Júlia lamenta, colocando um braço por cima do ombro da amiga.

— Vejamos pelo lado bom, garotas, podemos sempre passar as férias na Rússia sem ter de gastar com hotel — Katy brinca, apesar de parecer concordar com as amigas sobre sentir falta da mulher — E Pini nos manda tantas fotos que, muito em breve, os meninos estarão enviando as próprias *selfies* antes mesmo de começarem a falar.

— Nem são *tantas* assim... — Priscila dá de ombros — E eu só quero compartilhar com vocês os momentos importantes deles. O primeiro dentinho, o engatinhado...

— O primeiro cocô verde — Júlia complementa — Porque até isso você mandou, gata.

A mãe dos gêmeos ri sem nenhum constrangimento.

— Aquilo me assustou tanto que eu precisava compartilhar...

Observo os risos, as piadas, o entrosamento. Vez ou outra, respondo a algumas perguntas sobre minhas aulas, ou coisas banais. Se eu pudesse escolher, estaria no meu quarto agora, pois nem isso, nem mesmo estar na presença de mulheres generosamente simples, faz com que eu me sinta merecedora deste lugar aqui. Sinto-me tão suja, tão cansada de não poder olhar nos olhos das pessoas sem me envergonhar por tudo o que eu já fiz, por

quem eu sou, como se elas pudessem enxergar isto marcado em meu rosto.

Parecendo escutar meus pensamentos, percebo Pini, me encarando de um jeito estranho. Seu sorriso ainda está nos lábios, mas sinto que os olhos procuram algo em mim.

Enrubesco e disfarço.

— E então, vamos fazer o jantar? — Gabi oferece.

Deslizo da banquetta, aproveitando o momento.

— Vocês vão me desculpar, eu tenho algumas lições para entregar amanhã, e a-acho que vou aproveitar também para me deitar mais cedo... — falo baixo, beliscando a palma de minha mão — Sabe como é, são tantas informações que fico com um pouquinho de dor de cabeça no final do dia — brinco, sem jeito.

Com exceção de Pini, elas sabem que tenho dislexia e estou aprendendo a ler agora. E, realmente, não estou enganando, tenho muitas atividades mesmo.

— Tudo bem, descanse um pouco, e venha jantar com a gente, Jas — Gabi beija meu rosto.

Não perco a troca de olhares entre ela e Priscila.



Encaro o livro aberto, onde eu teria que preencher as lacunas conforme o narrador ordena na gravação. Não consigo me concentrar; isso só nubla mais os contornos das letras, misturando-as umas às outras.

Meu olhar sai do papel para a porta, atraída por uma batida delicada. Pini coloca parte do corpo para dentro do quarto.

— Será que eu posso entrar? — sua voz macia, simpática, me impede de abrir a boca para inventar uma desculpa.

Ela entende como um sim e entra.

Eu gostei dela, mas sei lá... Tenho a sensação de que, desde que botou seus olhos em mim, a mulher consegue desnudar meus segredos mais

escuros, e isso me deixa desconfortável.

— As meninas estão lá, cozinhando... — aproxima-se e muda seu tom para um cochicho — Aproveitei um momentinho de distração delas para escapar, preciso de pelo menos uma noite de folga de serviços domésticos, entende? — dá uma piscadinha cúmplice.

Encaro minhas mãos, sorrindo contida.

— Meus filhos e o gringo consomem a minha vida — suspira — Mas eu não trocaria aquela gangue de russos que tenho em casa por nada.

— Seus filhos são lindos — exprimo, baixo.

— Sim, modéstia à parte, Alek e Ian são as crianças mais bonitas do mundo — seu sorriso se alarga, sonhadora — Hoje, posso dizer que sou muito feliz.

Engulo a saliva, desajeitada diante de algo que pego em seu olhar.

— Nem sempre foi assim, Jas... — as íris verdes me miram intensamente — Antes de eu conhecer o Gael, eu nunca pensei que a dor que eu guardava dentro de mim pudesse um dia ir embora...

Mordo a parte interna da bochecha.

— Posso? — ela aponta para o lugar ao meu lado na cama.

Aceno que sim.

— Aconteceu uma coisa muito ruim comigo no passado, sabe? — ela se senta na beiradinha.

Sua fala é num tom que somente nós duas podemos ouvir.

— Guardei aquilo por muitos anos, não contei nem mesmo para as meninas, e elas eram minha única família...

Observo sua mão delicada girar a aliança dourada em seu dedo anelar, como se o objeto lhe trouxesse apoio.

— Eu escondia dentro de mim, entende? Escondia tanto que a sensação era a de um grande monstro me comendo um pouquinho mais a cada dia, e pior, sem que eu pudesse fazer nada para evitar.

Minha garganta é tomada pela queimação em reconhecimento da familiar sensação descrita por ela. Eu sei o que é ter isto em sua cabeça, um lugar escuro, ocupando tudo, dizendo-lhe o tempo todo que você nunca se livrará dele.

Pini respira fundo e encara o chão, mergulhando em algum pensamento.

— Um dia, quando eu tinha dezesseis anos, um vizinho que eu achava que era um *amigo* — seu timbre baixa uma nota, e percebo o estremecer de seu lábio ao mencionar a palavra “*amigo*” — Me atraiu para a casa dele, me manteve lá por alguns dias e fez coisas muito ruins comigo... Coisas que marcaram meu corpo.

Sinto a queimação se alastrar, atingindo até mesmo minha língua. Eu nunca poderia imaginar que alguém como ela...

— Achei que morreria durante aqueles dias, e, na verdade, até alguns anos atrás, eu pensava que preferia que ele tivesse me matado...

— Pini... — murmuro, sem voz.

Ela sorri, sem ênfase.

— Eu me sentia tão suja...

Uma lágrima espessa atravessa seu rosto e Priscila limpa com as costas da mão.

— Elas não sabem — sussurra, como se revelando um segredo só nosso — Mas eu cheguei a tentar tirar minha vida.

Abro a boca, surpresa com a revelação. A mulher apenas balança a cabeça, reforçando.

— Minhas sementinhas me salvaram... — toca o ventre — Eles me impediram de cometer o maior erro da minha vida. Gael e meus filhos me libertaram, fizeram-me ver que eu não era aquilo que aquele cara fez comigo. Minha alma não podia ser destruída, porque ela pertence a mim, e não ao meu agressor.

Os olhos sobem para me encarar, tão verdadeiros. As palavras são como uma direta para mim. Chego a pensar que Gabrielle disse algo a ela.

— Nossa alma é somente nossa, Jas. Ninguém pode destruí-la, corrompê-la... As coisas ruins não nos moldam. Elas nos ferem, eu sei, marcam nosso passado, mas não são elas que determinam nosso futuro.

— Por que você está me contando tudo isso? — balbucio, pouco audível.

— Porque eu vejo muito de mim em você.

Pisco algumas vezes, tentando não ceder em sua frente, mas a mulher tem uma energia que me impede de levantar barreiras.

— E eu posso ver que você carrega o peso do mundo em suas costas, como se incumbisse a você consertá-lo, Jasmine.

Mordo meu lábio, bem forte. Belisco a palma da minha mão até sentir o pico de dor. E nego com a cabeça.

— E-eu não sou como você... Eu sou *realmente* suja... — confesso.

Ela toca suavemente minha mão no exato ponto onde me puno. Cerro meus olhos, bem apertado.

Nós somos diferentes. Nunca poderíamos ser comparadas. *Meu corpo é imundo.*

— Sabe o que eu vejo todas as vezes que fecho os olhos? — sibilo, sufocada, sem ar, com a sensação de fogo queimando de dentro para fora; preciso dizer isto a ela.

Priscila não responde, mas o calor de suas mãos chega a um lugar que nem sei ao certo onde é.

— Eu vejo todos aqueles homens sujos se esfregando em mim, o peso de seus corpos, o suor em suas peles, os pelos, o cheiro, a respiração, o hálito, as vozes — tapo meus ouvidos bem forte, tentando me livrar daqueles sons na minha cabeça — Suas bocas em meu corpo, as exigências, *tudo aquilo!* — grito baixo — Eles não saem da minha cabeça! Estão todos aqui. E minha caixinha está muito pequena, muito pequena!

Minha garganta parece receber fogo em forma líquida. Não consigo respirar. Não consigo.

Mantenho minhas mãos empurrando os sons em meus ouvidos, sacudo meu corpo para frente e para trás querendo afastá-los de mim. As imagens estão todas comigo, não param de se repetir, todos eles, todos estão aqui dentro. Eu não posso mais respirar. Estou ficando sem ar.

— Eu quero que isso saia de mim! *Me ajude, tire isso de mim, por favor, tire, tire, tire!*

— Nós vamos tirar isto juntas, Jas, deixe estes sentimentos irem, deixe eles saírem de você, expulse de seu corpo.

— Eles não querem ir, Pini! Eu tenho que rasgar minha pele e tirar, me ajude, me ajude. A caixinha está quebrando, ela está partindo, não deixe ela

NACIONAIS-ACHERON

quebrar, me ajude a segurá-la. Se quebrar, eu não vou conseguir guardar as vozes nela.

Sinto o calor de seus braços à minha volta, me segurando.

— Eu tinha a minha caixa também, Jasmine. Ela precisa se quebrar, é assim que tudo aquilo vai embora, você não pode mais guardar tudo aí — sua voz, tão suave, entra na minha cabeça e pode ver o que vejo.

— Se eles saírem da caixa, vão me atormentar. Você não entende, *é a caixa que me protege!*

— Não, Jas, é você que está protegendo a caixa. Quebre-a, destrua, expulse tudo para fora dela. *Fique livre!*

Sinto meu corpo entrando em colapso. Minha cabeça zune, meu coração se choca contra as paredes do tórax com violência, a pressão do meu sangue bomba por todos os pontos da minha pele. Tudo está se quebrando. Meu pulmão não se movimenta.

Eu estou morrendo. É assim que vou ficar livre?

— Eu estou morrendo...

— Shh, Jas... Você não está morrendo. Eu estou aqui com você. Isso provavelmente é um ataque de pânico. Se concentre na minha voz e respire, apenas respire... — diz, baixinho, acarinhando minhas costas — Eu estou aqui. Apenas respire.

Parece que tudo esta ruindo à minha volta, mas faço o que ela pede. Concentro-me na sua voz, que repete diversas vezes palavras calmantes. Finalmente, começo a sentir o oxigênio retornando, mais denso, doloroso até.

— E-eu... Eu... nem sei o que dizer.

Estou envergonhada demais, desgastada. Minhas energias se esvaíram.

— Eu sei o que você está sentindo, Jasmine. Vou deixar você descansar, ficar sozinha um pouco, mas eu gostaria de te levar a um lugar amanhã de manhã, se você permitir.

Balanço a cabeça, vagorosamente, concordando sobre ficar sozinha.

Recebo um beijo na testa.

— Eu passarei aqui amanhã às oito.

Não espero para ver se ela sai do quarto, rolo na cama, de costas para a porta, e me embolo até que apago e já não vejo mais nada. Meu último

pensamento é que eu não consigo encontrar a caixinha dentro de mim.

T-talvez... talvez Pini tenha razão.



Amanheço com a sensação de peso na cabeça. Refleti muito sobre o que Priscila disse, e me arrumo para ir com ela ao lugar onde deseja me levar. Tudo o que eu puder fazer para me livrar de minhas sombras será bem-vindo.

Coloco jeans e camiseta. Não sei para onde vamos, mas ela me avisaria se tivesse que me arrumar mais do que isso, eu acho.

Pontualmente às oito, ela avisa que está lá embaixo.



Depois de trocar de roupa e colocar a que ela trouxe para mim, ajoelho-me de frente à Pini no tatame. Sentada sobre seus joelhos — enquanto enfaixa minhas mãos, amarrando-as —, ela conversa comigo.

— Aqui era onde eu conseguia por para fora toda a raiva que eu sentia, Jas, sempre que eu me lembrava de tudo o que me aconteceu. Este era o lugar que substituí a minha caixinha.

Ela aponta para o saco de areia, pendurado ao centro.

— Nós vamos socar aquele sujeito ali, e vamos fingir que ele é tudo o que nos faz mal, ok?

Mordo meu lábio, sem saber o que dizer.

Mas faço.

E quanto mais eu esmurro o grande saco vermelho, mais algo muito forte cresce dentro de mim, como se a fúria, a dor, a humilhação, tudo estivesse guiando minhas mãos.

Transpiro à exaustão e, em certo momento, já não escuto mais a voz de

NACIONAIS-ACHERON

Priscila, somente os meus gritos altos contra os meus agressores, contra a mulher que me submeteu àquela vida. Minha mãe, foi uma má pessoa comigo! Ela me vendeu! Ela me obrigou a fazer coisas feias! Eu quase perdi a minha vida por causa dela! Eu fiquei doente por culpa dela! Eu nunca tive um amigo! Eu não tive infância! Eles me machucaram, todos eles, *por culpa dela!*

Bato tanto, e com tanta intensidade, que meu corpo todo reverbera em tremores.

Nem percebo o momento em que eu caio no tatame, encharcada entre lágrimas e suor. É como se isso me levasse para fora da atmosfera.

Fico deitada, tentando acalmar a respiração, e Pini se deita no chão ao meu lado.

— Venha aqui sempre que não se sentir bem, sempre que estiver com raiva ou com qualquer outro sentimento que queira por pra fora, Jas. A caixinha foi embora, e é melhor assim.

Encaro o teto do ginásio, ouvindo o que ela fala.

— Nem sempre só bater no saco vai resolver, ainda haverá dias em que você ficará triste, mas esteja certa de que o tempo vai curar todas as feridas, e, um dia, você vai olhar para trás e ver que o passado é só uma lembrança — ela se apoia no cotovelo para enxergar meu rosto — Tudo passa, Jas, e quem determinará a mudança será você. Mostre a todos eles que você é melhor, não dê a vitória da sua derrota aos que te fizeram mal.

Concordo com a cabeça, sem palavras, colocando Priscila no meu mais alto pedestal. Esta mulher entrou para a lista de pessoas a quem devo gratidão.

— Ninguém mais pode te ferir, a não ser você mesma, Jasmine — o tom encorajador ecoa em minha mente.

Sinto meu corpo flutuar no chão, como se pudesse levitar. *Ninguém mais pode me ferir a não ser eu mesma*, repito.

De repente, ela pula do chão, animada.

— Sabe outra coisa que também faz bem?

Seu olhar é o de uma mulher com um plano maligno, de um jeito engraçado.

— Não? — minha resposta soa como uma pergunta.

— Dançar!

Antes de sair, ela passa na recepção do lugar em que estamos, um tipo de clube de luta/academia de ginástica, e conversa algumas coisas com os funcionários, entregando-lhes um cartão.

— Vamos para casa, gatinha. Hoje, teremos um dia de beleza e, à noite, sairemos para nos divertir — recebo um tapa suave na bunda e salto no lugar, segurando o riso — A propósito: você agora é sócia daqui por um ano.



Eu nunca fui a um barzinho ou fiz coisas que garotas da minha idade normalmente fazem. Mal sei dançar, mas elas não me deixam recuar. Me vejo na pista, admirada com a iluminação ritmada. Os corpos delas me embalam de um lado para o outro, ao som da música. Por alguns momentos, fecho meus olhos e permito à batida entrar nos meus ouvidos e me guiar.

A sensação de liberdade é surpreendente.

Abro os olhos e vejo um homem alto, com uma barba baixa traçando seu maxilar, os olhos de um incrível tom claro impossível de identificar, aproximando-se de nós, tendo Pini em sua mira. Seu olhar é como o de um predador cercando a preza, carregado de um desejo quase palpável.

Ele pousa as mãos nos quadris da mulher, por trás, e ao que parece o corpo dela o reconhece imediatamente. Ela ginga se esfregando nele, cobrindo suas mãos com as dela, sem abrir os olhos.

O homem murmura alguma coisa em seu ouvido, e ela provocativamente se empina mais para ele.

— *Yeb vas!* — ele rosna, parecendo perigoso.

Ela sorri, satisfeita. E, então, eu consigo ver em seus olhos o que é a tal felicidade que ela está vivendo.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON



Capítulo 13

DAMIEN

Quando a secretária me disse quem estava na recepção, confesso que perdi um pouco o ar. Tive que afrouxar o nó da gravata e respirar profundamente.

— Deixe-a entrar — ordeno, calmo.

Faz uma semana que fiz a besteira naquele restaurante, e, desde lá, estou me obrigando a viver um dia de cada vez. Não procurei mais a raposa, tampouco a segui. *Não está sendo fácil*. Acho que finalmente entendi como as coisas são: ela não me quer e tenho que respeitar, mesmo com tudo dentro de mim gritando para ir atrás dela.

A porta se abre e a loira atraente, soltando adagas pelos olhos, para diante da minha mesa.

— Olá, Gabrielle — sorrio, mantendo a ironia como proteção.

Ainda guardo o machucado recente de nosso último encontro.

Seus olhos se estreitam e ela cruza os braços em frente ao peito. A mulher é muito bonita, não há como negar.

— Serei breve, Damien, em consideração a Dominic — começa, afiada.

Levanto a sobrancelha, entediado, num sinal de “prossiga”.

NACIONAIS-ACHERON

— Esperei uma semana para vir falar com você porque, cara, se eu viesse antes, acho que esse seu rosto arrogante estaria irreconhecível — a ameaça não parece um blefe — Novamente, em *consideração à Dominic*.

— Lembre-me de agradecê-lo — debocho.

Seu lábio se contrai, desgostosa.

— No entanto, a cortesia acabou, e... — ela para de falar, seus olhos se estreitam sobre mim, deliberando algo em sua mente; então sorri, de um jeito diabólico — Se bem que se eu mandasse alguns amigos para lhe ensinar uma boa lição, acho que Dominic acabaria por me agradecer.

Porra! De onde esta mulher surgiu?

Deixo minhas costas caírem para trás, no encosto da cadeira.

— Acho que meu irmão ficaria triste, Gabrielle. Ele meio que gosta de me dar lições pessoalmente, percebe?

A mulher espalma as mãos sobre a mesa, inclinando-se para frente.

— Fique longe da Jasmine.

Não me surpreendo. E não gosto da exigência.

— Ela precisou enviar uma mensageira?

— Não. Ela não mandou uma mensageira. Estou mais para o próprio demônio em pessoa, basta você pagar para ver.

Dou uma risada, começando a acreditar que a mulher tem algum problema sério.

— Certo, certo. Deixe eu ver se entendi: Jasmine não pôde vir e mandou você — olho-a de cima a baixo, somente para constrangê-la — O diabo em pessoa... Interessante — enrugo meu lábio de lado, dissoluto.

Seus olhos lançam chamadas.

— Seu imbecil, entenda de uma vez: ela não precisa de uma babaca como você fazendo *ceninha* atrás dela por aí. Você obviamente tem uma — seu olhar cai para a minha virilha — *autoestima* pequena, mas lide com isso longe dela.

Não perco o trocadilho, muito menos estou a fim de fazê-la ciente de que meu pau é além de extraordinário. Fato é que a maneira como ela me manda ficar longe da raposa não me agrada.

— Engraçado, eu não pensei que a raposa trabalhasse em sistema de

agenciamento — me inclino para frente, a um palmo de distância dela — E antes que você me ofenda, *isso foi uma piada*.

A loira bem penteada recua e volta à sua posição ereta à minha frente.

— Ora, seu...

Corto-a.

— Eu não vou mais procurar Jasmine. Se foi para isso que você veio, fique à vontade para voltar e dizer a ela.

— Ótimo, Damien. Finalmente estamos na mesma página. Jasmine está lutando muito para superar tudo o que passou na vida, e eu não vou ficar parada assistindo você tentar quebrar o que ela, a muito custo, está construindo.

Uma porrada doeria menos.

Abro a boca, mas nenhuma maldita palavra vem ao meu socorro. Satisfeita por ter dado seu recado, ela se vira em seus saltos para sair, encerrando a visita.

Eu não deveria estender o assunto...

— Gabrielle — minha voz a intercepta no meio do caminho.

A mulher não se volta, somente me olha por cima do ombro.

— O que você quer dizer com “*superar tudo o que passou na vida*”? O que ela passou? — afasto qualquer merda de minha atitude e deixo apenas a honestidade.

Assisto-a vacilar, procurando algo em mim que a faça colaborar.

— Por favor, me diga — insisto, rouco pela tentativa de permanecer calmo.

Seus olhos suavizam minimamente.

— Jasmine teve uma vida difícil, Damien. Eu assisto sua luta para ficar em pé, dia após dia, e quando eu digo que suas ofensas a fazem mal, esteja certo disso.

Meneio a cabeça, lentamente, contraindo meus punhos.

A loira não espera por mais, sai, me deixando com náusea e desejando ter Jasmine em um lugar longe de tudo, para ouvir de sua boca todas estas coisas que as pessoas deixam escapar sobre ela.

JASMINE

O interfone toca na cozinha. Sozinha em casa, corro até ele e retiro o aparelho do gancho. Cheguei a pouco tempo do ginásio de luta. É a primeira vez que vou lá sozinha, desde que Pini me fez sócia, há três dias. Fez-me bem, como eu não esperava. Saí de lá com o corpo mais cansado e a mente mais leve.

— Oi? — atendo.

— Senhorita Jasmine?

— Sim, Serafim, pode falar.

Percebo a respiração ofegante e hesitante do porteiro.

— Tem uma mulher... bem... ela está... — sua voz vira um cochicho — Ela está bem alterada aqui em baixo, exigindo subir.

Minhas pernas enfraquecem, sentindo o mau agouro.

— Quem é ela? — murmuro, torcendo para estar enganada.

— Ela disse para chamá-la de Pink — ele limpa a garganta, constrangido — Ela disse que é sua... sua *mãe*.

Minhas pernas enfraquecem imediatamente. Prendo a respiração, muda por alguns segundos. Ela me encontrou.

— E-eu... Eu vou descer — minha fala sai tão fraca que não estou certa se ele pôde ouvir.

— Senhorita... Eu acho melhor ela subir... Já está chamando muita atenção aqui embaixo.

Respiro fundo.

— O-ok... — respondo, consciente de que esta é a pior decisão a ser tomada.

Vou para a porta e ando de um lado para o outro, agoniada. Minha mãe me encontrou. Era só uma questão de tempo.

O som da campainha se estende por mais tempo do que o necessário. Ela obviamente está fazendo isto de propósito. Tremendo, aliso minha calça jeans, secando as mãos suadas, e abro uma fresta.

É ela. Seu cabelo tem as pontas ainda mais rosas. A maquiagem carregada nos olhos e lábios. O vestido, dois tamanhos menores, mal cobre o início de suas coxas, e espreme os seios a ponto de eles saltarem. Nos pés, um sapato de salto muito alto.

— Então é aqui que você se escondeu esse tempo todo? — a voz debochada, carregada de ódio, reflete diretamente em meu estômago.

— O que você quer? — tento fazer do meu tom firme, para que ela saiba que não é bem-vinda.

Sem convite, empurra a porta e passa por mim, entrando no apartamento. Um assovio longo sai de seus lábios vermelhos ao olhar em volta para o espaço bonito e bem decorado de Gabrielle.

— Você está se dando bem, amorzinho — seus olhos gananciosos percorrem cada detalhe da sala — E provavelmente estava tentando me deixar fora dessa. *Ingrata*.

— Mãe, por favor, diga o que você quer e vá embora — peço, prendendo a respiração.

— *Como é?* — ela apoia as mãos nos quadris.

— Você ouviu. Diga e vá embora. A-aqui não é o seu lugar.

A risada lasciva ecoa pela sala.

— Ah, sim, e aqui é o *seu* lugar? E você acha que não me deve nada também, pelo jeito.

Seguro a porta, mantendo aberta.

— Saia, mãe, por favor.

Seus olhos afiados me encaram daquele jeito perverso que odeio. Faz um som de estalo com a língua, me reprovando.

— Tsc, tsc. Não é assim que as coisas funcionam, Jasmine. Estou metida num rolo grande aí, e a culpa é toda sua — acusa, como se eu realmente tivesse feito alguma coisa.

Fecho os olhos e aperto forte a madeira da porta em minha mão, tremendo de tão nervosa. É sempre assim, tudo começa com ela dizendo que deve para alguém, ou foi ameaçada. Desta vez, não quero escutar. Se eu pudesse, taparia meus ouvidos e só abriria quando ela fosse embora.

— Você ouviu o que eu disse?

— Não. Não me conte, mãe, eu não quero escutar desta vez. E-eu deveria ir à polícia e d-denunciá-la por tudo o que você já fez. Estou tentando seguir a minha vida, então, por favor, *por favor*, saia e me deixe em paz.

— *Te deixar em paz?* — grita, pronta para fazer o habitual escândalo — Se você não tivesse metida com aqueles gringos, eu não estaria nessa enrascada!

Gringos?

— De que você está falando? — pergunto, desconfiada, à espera de uma mentira.

— Você é uma burra ingrata! É para eles que você está trabalhando agora? Foi por isso que sumiu? É por isso que você colocou *eles*, atrás de mim?

Nada do que diz faz qualquer sentido. Começo a ter certeza de que...

— Você está drogada — constato com tristeza.

— *O inferno que estou!* — o berro pode facilmente ser ouvido pelos vizinhos.

Para evitar problemas, fecho a porta.

— Tem um tal de Sebastian que anda fazendo perguntas sobre mim pelo bairro! — caminha de um lado para o outro, agitada — Ninguém quer me vender nada porque dizem que não vou poder pagar quando ele me encontrar! Quem é ele? Por que você o mandou atrás de mim?

— Eu *não mandei ninguém* atrás de você. Eu só quero paz e seguir a minha vida. Por favor, vá embora.

— Mentirosa! — berra, ignorando meu apelo.

Deus, eu estou tão cansada...

— Não me importa se você acha que estou mentindo, mãe. Eu só quero que você me deixe em paz, apenas saia e siga sua vida, e me deixe seguir a minha! — ansiosa, grito baixo também — É um pedido tão justo! — acrescento, querendo que ela, pelo menos uma vez, tenha consciência.

Sinto-me enjoada, meu corpo rejeita a proximidade com alguém que me fez tanto mal.

Minha demonstração de desespero a faz rir, como se eu tivesse acabado de contar uma piada engraçada.

— Não é tão simples assim, *amorzinho*. Acontece que tem um policial aí na área, e agora a coisa ficou mais séria — cruza os braços, empurrando os seios para fora do decote.

Suas palavras entram causando uma sensação muito ruim, um mau pressentimento. Eu a conheço muito bem para saber que, o que quer que ela queira dizer, não será bom.

— Eu não quero saber de nada — diminuo minha voz, temerosa com o arrepio ruim que se alastrou por minha espinha.

Minha mãe estala a língua novamente, mais provocadora.

— Você não se perguntou como foi que eu te achei aqui?

Engulo a saliva com dificuldade. Ela percebe minha fraqueza e sorri, vitoriosa.

— Ninguém queria me vender nada no bairro. Eu tive que ir para a região do centro, e agora estou devendo para um policial. *E esse cana é bem sujo* — cochicha a última parte como se fosse um segredo.

Sempre a mesma. Sempre se metendo com as piores pessoas. Desta vez, ela não vai me envolver em nada disso. *Minha mãe não tem mais esse poder. Eu estou livre*, reforço em pensamentos, apesar de temer o brilho sinistro que assisto em seus olhos.

Nego com a cabeça.

— Isso não é um problema meu... — afirmo baixo.

— Não, *mocinha* — me interrompe — Agora é um problema seu também. Foi ele que conseguiu pra mim o seu endereço, e, se nós não pagarmos, ele vai matar *nós duas* — enfatiza, gesticulando com dedo.

— Acho que ele acabaria fazendo um favor ao mundo, mãe — aceito, sem emoção, desgastada pelas mesmas ameaças.

Noto o momento em que seu sorriso vacila. A realidade é que ela passou a vida me dizendo que nos matariam se eu não fizesse o que ela mandava. Hoje, eu percebo o quanto ela me manipulava, me coagia, me tinha dependente.

Querendo buscar outra saída, seu olhar viaja em volta e pousa nas fotos das viagens de Gabi na parede.

— Pois ele vai matar sua amiguinha ali também — aponta com o

queixo — *Gabrielle*, ele sabe tudo sobre ela.

Oh.

Preciso me escorar contra a parede com a fraqueza súbita nas pernas por ouvir o nome de Gabi nos lábios dela. Tenho a sensação de que meu coração para de bater. Estrelas negras salpicam em frente aos meus olhos, e outro tremor ruim atravessa o centro da minha coluna.

— O que você está falando? — pergunto pausadamente, rezando para que isso seja apenas mais uma mentira.

Ela fez seu ponto e sabe disso. Rindo desavergonhada, minha mãe começa a andar pela sala, tocando sua mão suja nas coisas que estão por cima dos móveis.

— É isso. Ele investigou tudo e disse que você está morando aqui com esta mulher, e, se nós não pagarmos, ele a matará também. Aquele cara sabe tudo sobre ela. Eu disse a você, é um cana muito sujo.

— O que foi que você fez, mãe? — sibilo, paralisada.

Triunfante, ela vem para mim, tateia seu seio em busca de alguma coisa guardada no sutiã. E então tira um cartão dali.

— Aqui — estende a mão.

Observo as pontas amareladas de seus dedos, o esmalte descascado, sustentando o pedaço de papel. Fico olhando sem me mover.

— Pegue, Jasmine! — exige, como se eu ainda fosse aquela criança — Uma semana trabalhando para ele nesta boate aí, e então a dívida estará paga e *nenhuma* de nós sairá machucada.

Nenhuma de nós.

— Vamos, pegue de uma vez! Se não por nós, por essa tal de Gabrielle aí!

Por instinto, mão trêmula, corpo fraco, eu pego o pedaço de pesadelo.

— Você nunca parou para pensar no que faz, mãe? — mal ouço minha voz — Você não se cansa? Não se cansa de me fazer passar por tudo aquilo e continuar tentando me envolver nos seus problemas?

Seus olhos reviram, desdenhosos.

— Reclama porque é uma ingrata. Tem tanta gente por aí em estado muito pior. Por sorte, você tem saúde, ao contrário de mim, que estou sempre

doente. Eu sou sua mãe. Nada mais justo que você cuide de mim!

Meus olhos ardem com lágrimas de raiva.

— E agora tem essa sua amiga... Se você não vai fazer por mim, faça por ela. E antes que pense em recusar, eu já vou logo avisando, aquele cara não brinca em serviço.

Para piorar tudo, ouço o barulho da fechadura às minhas costas e me viro para assistir, em letargia, Gabrielle entrando neste exato momento. Seu olhar preocupado busca o meu, reconhecendo que há algo de errado.

Assim que ela vê minha mãe, sua expressão se torna ilegível.

— Quem é ela, Jas? — indaga, já sabendo a resposta.

— Minha mãe — respondo baixo, envergonhada.

— O que ela quer aqui? — a voz é o próprio gelo destilado.

Não respondo. Não quero mentir, tampouco posso dizer a verdade.

E, novamente, é como se ela deduzisse as razões.

Elegante, caminhando pela sala como se estivesse desfilando num tapete vermelho, ela deixa a bolsa e o *tablet* em cima do balcão da cozinha e se vira para se aproximar de minha mãe.

— Ponha-se daqui para fora — sua fala fria, lúcida, direcionada diretamente à mulher faz com que minha mãe recue um passo — Agora.

— E-eu estou aqui pela *minha* filha — Suzette enfatiza a palavra “minha”.

— Sua maldita, vá embora e esqueça que Jasmine existe. Você ouviu bem?

— E se eu não for? — minha mãe desafia, se preparando para pegar algo que ela mantém dentro de seu decote e iniciar uma briga desonesta; eu já vi esta cena muitas vezes.

Para o azar dela, Gabrielle é muito mais rápida e, surpreendendo ao que eu esperava ser possível, vejo minha mãe receber uma bofetada na face, tão forte que estala alto. Um som seco. Apesar da rapidez de minha amiga, a cena se passa em câmera lenta diante dos meus olhos.

O impacto faz com que Suzette se desequilibre nos saltos e vá para trás.

Minha mãe – com os olhos vidrados de raiva e o rosto coberto por uma mancha vermelha no formato dos dedos de Gabi – leva a mão ao sutiã, em

busca de algum instrumento de briga. Ciente disso, Gabrielle apanha um vaso de cima do aparador, pronta para arremessar na cabeça de Suzette.

— Venha! — Suzette desafia, e o som de um canivete sendo armado revela sua intenção.

Antes que a situação fique pior, decido me colocar entre elas. Suzette não joga limpo, eu a conheço bem.

Fico de frente para minha amiga.

— Gabi, não faça isso, ela não vale a pena — peço baixinho, tentando acalmá-la.

Ela range os dentes e aperta o vaso com mais força entre os dedos, sem tirar os olhos da mulher.

— Por favor, olhe pra mim. Minha mãe não vale a pena...

— Essa desgraçada não te merece como filha, Jas! Mas eu vou dar a ela o que realmente precisa! — seu corpo tenta desviar do meu, querendo continuar a briga — Sua covarde safada!

— Venha, cadela, venha! — Suzette instiga.

Agitada, Gabi consegue atravessar o braço por cima do meu ombro e agarra os cabelos artificialmente loiros e cor-de-rosa, arrastando a mulher do lugar. É tão inesperado que o som do canivete caindo ao chão revela que minha mãe foi pega de surpresa.

— Velha desgraçada! Você vai queimar no fogo do inferno! — arrasta a mulher pelos cabelos até o chão.

— Gabi!

— Me solte, cadela maldita, solte meu cabelo! — Suzette grita histericamente.

— Pare, Gabi! Por favor, e-eu resolvo, deixe ela ir. Por favor, minha mãe não vale a pena... — insisto.

Não estou querendo interceder por compaixão à minha mãe, mas por conhecê-la bem. Suzette é muito capaz de se deixar machucar somente para obter algum lucro posteriormente. Ela acha que Gabi é rica e vai querer tirar proveito disso, eu sei que vai.

— Safada, *infeliz*! — os nós de seus dedos delicados chegam a perder a cor, de tão forte que é seu aperto no chumaço de cabelos.

— Solte ela, Gabi, por favor... — toco seu braço.

— Jas... — só então seu olhar encontra o meu.

— Me deixe cuidar disso — persisto, até ganhar sua atenção — Confie em mim, eu resolvo, confie em mim — sussurro.

Seu punho vai soltando o emaranhado de fios, pouco a pouco, a contragosto.

Com muito custo, vou levando Gabi pelo corredor, pedindo que ela fique calma. Não escuto o que minha mãe xinga enquanto se levanta do chão feito uma barata tonta, no entanto, minha amiga sim. Gabrielle ainda consegue pegar um vaso no caminho e arremessá-lo em direção à cabeça da mulher, que se desvia a tempo.

Em tudo isto, percebo que, apesar da ira demonstrada, não há um único fio de cabelo platinado fora do lugar. Gabrielle tem classe até mesmo na hora de brigar. Um pensamento engraçado, em meio ao caos, me faz rir. *Preciso me lembrar de nunquinha irritar Gabi tendo alguma planta por perto, ela tem uma boa mira.*

— Não escute nada do que ela diz, Jas. É uma maldita bruxa. Ponha ela para fora e não escute nada... — Gabi pede, antes de entrar no quarto, seus olhos queimam, vermelhos de raiva.

— Sim, Gabi. Eu não vou escutar.

— Prometa pra mim, Jasmine.

“*Se nós não pagarmos, ele a matará também*”, a voz de minha mãe sussurra dentro da minha cabeça.

— Eu vou mandá-la ir embora — viro-me, rapidamente, *sem prometer*.



Volto para sala a tempo de pegar minha mãe em flagrante. Ela se movimenta rapidamente, dissimulando o que vi.

— Devolva — exijo.

A mulher me lança um olhar venenoso e não se move, mas o volume

revelador em seu vestido fala por si.

— Devolva o que você está tentando roubar desta casa, mãe, ou eu juro por Deus que eu mesma vou chamar a polícia — aviso.

Contrariada, resmungando palavrões impronunciáveis, ela se curva e retira o *tablet* de Gabi de dentro do vestido, pousando-o com estupidez em cima do balcão.

Vou até a porta e abro pra ela.

— Vá embora — digo, friamente.

A mulher, com os cabelos bagunçados e a vermelhidão no formato da mão de Gabi em seu rosto, caminha para a saída. E para à minha frente.

— Esteja lá amanhã à noite, ou ele vai matar sua *amiguinha* — ela aproxima o rosto do meu, provocadora — E eu vou gostar de ver essa vaca toda estourada dentro de uma vala.

— Você é um monstro — afirmo, olhando em seus olhos.

— E você é uma ingrata filha da puta. Faça sua parte, pague ele, ou sua amiga pagará. A escolha agora é sua. Fui muito generosa, vindo aqui te avisar.

Andando para fora, ela hesita, lembrando-se de dizer mais alguma coisa, provavelmente.

— E tire aquele gringo da minha cola! *Sebastian* ou sei lá qual é o nome dele. Tudo isso é culpa desse cara — resmunga.

Mas que gringo é esse? De quem ela está falando?

Assim que ela sai definitivamente, fecho a porta apressada, tremendo, sentindo meus nervos ruindo. Minha mãe sabia o nome de Gabrielle e me encontrou aqui. Ela não está blefando desta vez. Sei disso.



Capítulo 14

DAMIEN

Subo o monte de entulhos do que um dia foi uma construção e me sento ao lado do garoto. O merdinha diz que este é seu QG, que a vista aqui de cima permite que ele veja a polícia se aproximando e tenha tempo de reagir.

— Cara, você está com uma aparência de merda, hein... — Kidn me encara de cima a baixo.

— Oi pra você também, moleque — tiro meu blazer e deixo de lado.

— Encontrou ela? — vai direto à ferida.

Inspiro profundamente.

— Sim.

— E?

Tiro uma *long neck* de cerveja do pequeno engradado e lhe entrego, pego outra e abro para mim.

— E nada.

— Como assim *nada*, cara? Você parecia um maluco vindo aqui todo dia atrás da menina e agora essa de “nada”. Que merda isso significa?

— Eu decidi deixá-la em paz.

O garoto franze a testa e me olha como se uma segunda cabeça

crescesse ao lado da minha.

— Você é mesmo muito estranho.

Rio, amargo.

— Andei fazendo umas coisas aí... E quer saber? Ela não está na minha — *e nem por isso dói menos*, penso, sem humor.

Kidn abre a garrafa e engole uma boa quantidade.

— Hum, essa aqui é da boa — resmunga, verificando a marca da cerveja.

— Eu nem deveria estar te oferecendo bebida alcoólica — dou de ombros — Mas acho que esse é o menor dos crimes por aqui — sorvo a minha, observando o horizonte.

— Ô, mano, de novo esse papo? — bufa — Você não pode sentar aí e ficar criticando o meu negócio.

— Seu negócio vai te pôr na cadeia antes mesmo de você chegar aos dezoito.

Noto-o se encolher debaixo da aba do boné.

— Você parece minha mãe falando...

Arranho o rótulo da garrafa, e mudo meu olhar para ele.

— Andei pensando em algumas coisas e tenho uma proposta pra você.

Recebo seu olhar meio de lado, desconfiado.

— Volte a estudar e venha fazer um estágio comigo.

Kidn ri, alto, como se eu tivesse contado uma piada. Na verdade, eu realmente não sei de onde isso veio. Desde que descobri que a raposa é disléxica, e que talvez este seja o motivo para ela escolher a vida que leva, comecei a repensar algumas questões.

Dominic sempre diz que a diferença entre nós e a maioria das pessoas que tiveram a mesma infância fodida, é a oportunidade que ganhamos, sendo adotados por nossos pais.

Oportunidade essa que a maioria não teve.

Porra, acho que ajudar o garoto é uma coisa boa, afinal.

— Cara, pensei que você estivesse melhorando, mas pelo jeito tá ficando maluquinho — debocha.

Viro-me para ele.

NACIONAIS-ACHERON

— Eu estou falando sério, Raphael.

Seus olhos vacilam entre descrença e, talvez, indecisão.

— O que alguém como eu vai fazer no mundo dos bacanas...? — seus olhos se fixam no chão — Meu lugar é aqui.

— Seu lugar é onde você quiser, e esta vida ainda vai acabar te fodendo. Você deveria pensar na sua mãe...

O garoto não responde nada, mas sei que está considerando. Tomo a bebida vagarosamente, olhando para o céu estrelado, e me pergunto o que a raposinha deve estar fazendo a uma hora destas...

E então me lembro da visita da loira assassina ontem em meu escritório, e de algo que já ouvi do próprio moleque ao meu lado.

— Onde está a mãe da rap... — limpo a garganta — da Jasmine? Ela é a “*velha puta procurando a menina*” a que você se referiu aquele dia, não é?

O garoto joga fora a garrafa e pega outra.

— Sim... Aquela velha é uma safada — ele limpa a boca.

— Por quê? — pergunto, seco, não gostando de como isso soa.

— Porque ela é uma sanguessuga.

Encaro-o, a espera de mais.

— Cara, eu não sei muito, mas aquele merda do Dirty me pagava para ficar vigiando a menina. Ele tinha gente na cola dela, e dizia que ela era dele, que ele tinha comprado ela daquela drogada.

“*Ela era dele*”.

Que porra é essa?

Sinto a pressão concentrar-se em meu maxilar. Meu corpo inteiro reverbera.

— E quando ele ficou guardado...

— Preso? — questiono, confirmando a gíria.

— É. Ele mantinha vigilância em cima dela, como se a menina fosse dele mesmo.

Perco a capacidade de respirar.

A sensação é de que meu estômago está entrando em erupção, posso até sentir o regurgitar amargo consumindo a boca.

— Por que você não me contou isso antes? — miro-o, fuzilando se eu pudesse.

Kidn dá de ombros.

— Nos primeiros dias, porque não confiava em você... E, depois, você nunca perguntou, então...

Merda de resposta!

— Onde essa mulher está? — a vibração da minha voz faz com que o garoto paralise a garrafa no caminho para a boca.

— Eu não sei, cara, ela anda sumida aqui da rua... E têm uns caras estranhos, uns gringos, fazendo perguntas sobre ela. Acho que aquela velha fodeu alguma merda de alguém.

Levanto-me abruptamente e lanço a garrafa longe.

— Pense sobre o que eu te disse e me procure. Você sabe onde me encontrar — digo, controlado.

Preciso sair daqui. Agora.

Estou passando mal pra caralho. É como se algo, além do que posso classificar, iniciasse um processo de dilacerar-me impiedosamente.

Minha raposa... *vendida?*

Porra!

Pela maldita mãe?

JASMINE

Gabrielle será morta. As palavras ecoaram na minha cabeça a noite inteira e, hoje, consumiu o meu dia, assombrando-me. De alguma forma, eu sei que minha mãe não está mentindo sobre isso.

Pensei em contar à Gabi, pensei muito, mas certamente ela tentaria me impedir, e quem sabe o que poderia acontecer? Tive que despistá-la quando entrou no quarto para saber o que minha mãe queria, logo depois que a mulher foi embora.

— *O de sempre, você sabe... dinheiro — foi o que respondi.*

— *Diga-me que você não cedeu a ela, Jas, ou a qualquer porcaria que ela tenha dito — pediu, fazendo-me encará-la; não tive coragem e desviei os olhos.*

— *Não se preocupe, Gabi, eu a conheço, ela só quer dinheiro... É sempre assim.*

— *Cadela desgraçada, eu deveria ter enfiado um vaso bem no meio da cabeça dela...*

Expirei pelo nariz profundamente, sem graça, alisando a colcha colorida em cima da cama.

— *Você tem uma coisa com vasos, não é?*

Ela encolheu os ombros e sorriu, de um jeito lindamente sagaz.

— *Alice que não me escute, mas eles são de excelente serventia, mais do que ela pode supor.*

Tive de rir. Gabi realmente é a melhor pessoa. Nunca vou permitir que minha mãe e suas merdas prejudiquem esta mulher.

Agora estou aqui, andando de um lado para o outro, atormentada pela decisão que tenho de tomar. Não posso arriscar a vida de uma das pessoas que mais amo. Gabrielle é importante demais para pô-la em perigo.

Eu sei que é um ciclo vicioso, se eu ceder, minha mãe vai voltar com tudo sobre mim. Agora que encontrou meu ponto fraco, vai usá-lo para sempre. Colocar-me sob as garras de cafetões doentes é a sua especialidade.

Desde a primeira *visita* daquele homem, aos nove, passei anos enclausurada dentro de casa. Ela não me permitia sair — exceto nas duas vezes que dei entrada na emergência do hospital —, estava aprisionada e nem sabia o que isso significava. Suzette me alienou do mundo, era uma forma de domínio mental. Não havia outras crianças, televisão, brincadeiras, passeios, absolutamente nada além daquelas paredes, da cama e dos homens.

Montanha, como o maldito gostava de ser chamado, vinha todas as noites, durante anos. E, em algumas vezes, depois de fazer coisas muito feias comigo, ele simplesmente dormia ali mesmo, com a criança que ele estuprou e de qual arrancou tudo.

Minha mãe nem sempre estava por perto em suas *visitas*. Durante o dia, ela me trancava em casa, não importando se sua única filha, uma garotinha, NACIONAIS-ACHERON

estivesse doente, com fome, fraca, ou em perigo. E sim, eu normalmente estava em todas estas condições.

“A vida é assim, amorzinho. Pessoas como nós só vieram ao mundo para isso. Foi assim comigo e é assim com você. Montanha é bom com a gente, ele traz comida, ele cuida de nós. Não devemos reclamar”, ela me dizia constantemente.

Eu não tinha voz, e não entendia bem o porquê de aquilo acontecer comigo. A resposta era óbvia: eu era burra e merecia. E eu tinha minha caixinha para guardar todos os sentimentos e fingir que aquilo tudo não era real. Na minha imaginação, podia ser outra menina, viver em outro mundo, um mais colorido, um onde eu lia livros, corria, brincava. Acho que foi este mundo paralelo que não me deixou perder a sanidade.

Não demorou muito para que eu percebesse que as coisas não se tornariam mais fáceis. Numa manhã, logo que o maldito Montanha saiu, minha mãe apareceu com outro homem. Ele era gordo, com os braços bem peludos; o suor escorria de sua testa de maneira abundante. Lembro-me da armação de seus óculos com todos os detalhes. Sem nenhuma explicação, ela me mandou ser boa a ele. Eu já sabia o que aquilo significava.

Eu fui boa com muitos homens, até o dia em que ela disse que estávamos nos mudando. Cheguei a pensar que aquele fosse o melhor dia da minha vida, mas me enganei. Foi a primeira vez que fiquei *realmente* presa, e as ordens já não vinham mais dela, e sim de Cosby, meu primeiro cafetão. Ele me ensinou como as coisas funcionavam no seu mundo. Acorrentada, surrada e subjugada, aprendi da maneira mais difícil que, às vezes, lutar não adianta.

Apanho duas notas do dinheiro que recebi pelo meu trabalho no instituto — e que estou guardando para pagar minhas amigas —, e desço para o meu destino. Gabi está trabalhando, eu não disse a ela que sairia. Não sei bem como enfrentá-la depois do que estou prestes a fazer.

Vesti-me com um vestido e sobretudo. Estou doente, ansiosa, nervosa, com um aperto no peito. Antes de sair de casa, deixei todo o pouco conteúdo do meu estômago se esvair no vaso sanitário.

Isso nunca vai acabar.

Tremendo, entro no táxi que o porteiro chamou e mostro ao motorista o

endereço no cartão.

Enquanto o carro se move pela cidade, reflito sobre como todo o pesadelo está recomeçando. Os últimos meses foram um tipo de sonho bom, mas em meu interior sinto que tudo está prestes a voltar ao que era. Não adianta eu fugir, este é o meu destino. Eu queria poder conversar com alguém, contar o que está acontecendo, mas eu só colocaria as pessoas que amo em perigo. Luna está feliz agora, vivendo sua vida tranquila ao lado do homem que ama. Gabi é uma irmã mais velha que certamente cometeria algum ato impensado se eu contasse a ela. Eu jamais as colocaria em risco ou as envolveria em uma coisa assim, *jamais*.

— É aqui, moça — o taxista avisa, me encarando pelo espelho retrovisor.

A curiosidade em seus olhos faz me dar conta que, sem perceber, tenho lágrimas correndo pelo meu rosto. Respiro fundo, entrego-lhe o dinheiro e desço do carro.

Por que isso ainda dói tanto, depois de tudo?

Olho para a fachada iluminada da boate. Uma placa pisca em grandes letras vermelhas. Me esforço para tentar ler, o nome não importa, e as lágrimas parecem vir com mais intensidade. Eu posso fazer isso. Eu só preciso desligar o meu cérebro... *Como, se já não tenho mais a caixinha?*

Inspiro o ar frio, limpo os olhos úmidos com o punho e dou um passo para o meu destino.

Mal posso depositar forças em minhas pernas.

De repente, sou surpreendida por uma mão quente, muito firme, que envolve meu braço e me puxa para trás. Viro-me, assustada, para encontrar o familiar par de olhos azuis mais extraordinários que já vi, fitando-me perturbados. Outra vez.

Como ele...?

— O que você faz *aqui*, Jasmine? — sua pergunta não tem aquele tom de escárnio ou acusação habituais, é mais como uma desconfiança muito reveladora, o que para mim é pior.

Eu posso lidar com seu lado irônico, os desaforos, o desprezo, mas não com isso que vejo nele. Engulo a saliva seca, sentindo um caroço tomar minha garganta.

NACIONAIS-ACHERON

Uma última lágrima cai livremente.

— Damien... — murmuro, sem saber o que dizer, envergonhada, pega em flagrante.

Seus olhos se estreitam, buscando desesperadamente algo em meu rosto.

— Por que você veio a este lugar, Jasmine? *Responda* — repete, mais duro.

Fico olhando para ele, sem saber o que dizer ou fazer. Tê-lo aqui, presenciando este momento, dói em algum lugar dentro de mim.

E isso me faz mais miserável.

Damien tornará este dia ainda mais difícil, eu sei disso. Meu organismo também reconhece e, contra o que eu gostaria de exibir em frente a ele, meus olhos umedecem novamente, desejando implorar-lhe que não pise mais do que meu corpo consegue suportar.

DAMIEN

Seus lábios se abrem e se fecham, decidindo pelo meio termo. Os olhos castanhos marejados me encaram, provavelmente implorando para que eu não faça nenhuma besteira.

Assim que processei a informação que o garoto revelou, saí atordoado. Dirigi pela cidade, sem destino, mal interpretando toda a bagunça acontecendo na minha cabeça. *Que porra é essa da raposa ser vendida?*

Quanto mais eu dirigia, mais meu pé sentia a necessidade de acelerar e voar pelas ruas. E então, como se um ímã me atraísse para ela, me vi estacionado em frente a seu prédio.

Fiquei ali, por algum tempo, tentando me acalmar, tentando raciocinar, buscando equilíbrio para não bater à sua porta e exigir que me conte tudo, ou simplesmente vê-la e tomar seu corpo num aperto e mantê-la comigo, até essa agitação no meu peito se acalmar.

Eu *gosto* da raposa. É uma porra admitir, mas a ideia de alguém

fazendo mal a ela me fode de um jeito inimaginável, até mesmo pra mim.

As informações são confusas, ninguém *malditamente* me diz nada. O pouco que estes filhos da puta, todos eles, soltaram — uma coisa aqui, outra lá —, e os sinais da própria raposa me dizem que há uma merda muito séria acontecendo.

Estava prestes a descer do carro e ir enfrentar esta situação, quando a vi. Andando rápido, abraçada ao próprio corpo, encolhida, tomando um táxi. Não resisti e a segui, porque talvez este é o único jeito que tenho de estar perto dela, agindo como o perseguidor que me tornei.

Vi o momento em que o táxi parou, e percebi sua hesitação ao descer.

O chão sumiu debaixo dos meus pés quando li o nome do lugar onde ela estava em frente, parada, encolhida, observando a fachada. “*Sexy Dance*”. Mas que diabos!

Fui pronto para fazer uma grande merda, arrastá-la dali, cego, querendo com todas as forças levantá-la sobre meus ombros e levá-la para longe. Pela primeira vez na vida quando o assunto é a raposa, apenas parei e observei seu semblante. Quebrado, vi as malditas lágrimas, e, porra, aquilo me matou.

Tive que comandar meu corpo a se movimentar, a tempo de agarrar seu braço e impedi-la de entrar.

Maldição do caralho!

Em primeira mão, assisto de perto suas lágrimas terminarem de cair. Sim, eu tenho certeza de que há uma merda muito grande acontecendo aqui.

— Por que você veio a este lugar, Jasmine? Responda — exijo, me controlando ao extremo, embargado por emoções que eu nem sabia serem possíveis: empatia, domínio, um instinto de proteção sobre-humano.

Seus olhos se arregalam, o queixo estremece de um jeito que, porra, poderia moer meu peito. A garganta da raposa se movimenta, engolindo a saliva como se não soubesse o que dizer, pega de surpresa e, ao mesmo tempo, desconfiada.

Dói ver desconfiança nela, *e sei que mereço*, entretanto, não abranda em nada minha situação. Somente eleva uma necessidade latente de protegê-la do que eu nem sei exatamente o que é.

— Responda, Jasmine — forço, em uma fina corda de controle.

Seus olhos vão dos meus para a porta de entrada, e voltam para mim,
NACIONAIS-ACHERON

aflitos.

— Por favor, Damien, vá embora. Eu realmente não posso lidar com isso agora, por favor — o desespero em seu sussurro me faz engolir amargo.

— Eu não vou fazer nada, menina, eu só quero que você me diga o que há de errado. O que você faz aqui? — rosno baixo, temeroso como o inferno.

Suavemente, para não assustá-la ainda mais, afasto uma mecha fina de cabelo de seu rosto.

— Conte-me o que está acontecendo, raposinha... — encaro-a em busca da verdade.

— E-eu... Eu... — ela lambe os lábios inchados, com sinais de lágrimas escorridas pelo canto deles — Eu não posso falar agora.

A falta de confiança é um punhal afiado cortando a pele, causando-me impaciência.

— Você vai falar, Jasmine, ou nós ficaremos aqui a noite inteira — ameaço, usando todas as armas disponíveis.

A menina arregala mais os olhos e encara o chão, respirando pesadamente; todo o ar da rua não é suficiente.

— Vamos sair daqui, raposinha. Venha comigo. Vamos para algum lugar longe daqui — sussurro com tudo o que há em mim, pegando seu rosto entre minhas mãos, fazendo-a me enfrentar e enxergar o que não consigo expor em palavras.

Desgraça. Quando foi que essa avalanche me atingiu? Quando foi que essa menina entrou no meu sistema e me colocou aqui, nesta situação, querendo desesperadamente que ela confie em mim?

Sua cabeça balança em negação, os olhos cobertos de algum tipo de sentimento que não sei explicar... *Medo ou pânico*, talvez.

— Eu não posso, Damien. Eu tenho que entrar. Vá embora. *Vá embora* — o apelo não me deixa dúvidas.

— É sua mãe, não é?

Os olhos ganham o dobro do tamanho.

— O que você sabe sobre minha mãe? — mal ouço seu murmuro.

— O bastante para ter certeza de que ela tem alguma coisa a ver com tudo isso — digo, direto.

Encontrei o cerne da questão. O olhar da menina vacila, respondendo-me involuntariamente, e então cai para a entrada da boate às minhas costas. Olho também e vejo dois caras — seguranças, provavelmente — nos observando.

— Eu tenho que ir.

Ela se desprende de mim e caminha em direção a eles.

Ando rápido para alcançar seu lado, trazendo-a pelo cotovelo novamente.

— Tudo bem, raposinha. Se você quer entrar ali — aponto para o lugar sem desviar meus olhos dos seus —, eu vou também. A decisão é sua — aviso, irredutível.

A menina me lança um último olhar de misericórdia, dói pra porra, no entanto, não muda minha mente. Se ela vai entrar, *eu também vou*. Jasmine não estaria chorando se quisesse estar aqui, e eu vou descobrir o porquê.

— Deixe-me ir, Damien — reconheço a determinação de quem está com a mente feita, e detesto isso.

Sem esperar, ela sai, pisando apressada. Leva dois malditos segundos para eu me recompor, a tempo de vê-la mostrar um pedaço de papel aos seguranças.

— Ramon está nos fundos — o cara rosna mecanicamente.

Dou um passo atrás dela e o filho da puta me barra, colocando uma mão em meu peito.

— Ainda não abrimos. Espere.

Empurro a mão do cara para longe de mim. O outro sujeito se aproxima, cruzando os braços diante do peito, assumindo a posição de assistência ao parceiro.

— Foda-se que não abriu. Aquela é a minha menina e eu vou entrar — aviso, tão ameaçador quanto ele.

Deus é testemunha que estes imbecis não vão me impedir. E sim, a chamei de *minha menina*... Merda, nem sei de onde isso saiu, mas a possessividade da ideia me satisfaz como um louco.

Um deles ri baixo, debochado.

— Esta noite ela pertence ao Ramon cara, espere a madrugada acabar e

leve para casa o que sobrar dela.

Oh, merda do inferno. Este filho da puta não disse isso.

JASMINE

Damien ficou para fora. Eu sei que, se antes ele já me desprezava, agora que me viu entrando aqui receberei o pior dele. Como se tudo o que estivesse acontecendo já não fosse ruim o suficiente.

Conforme o segurança indicou, caminho para os fundos da boate, onde um homem grisalho, na casa dos quarenta, está sentado em uma mesa de canto, folheando alguns papéis. Sua grossa corrente de ouro reluz à distância. Ele se parece mesmo com um policial.

Paro em sua frente e espero os olhos do homem levantarem e percorrerem meu corpo.

— Posso ajudar, gracinha?

Engulo o conteúdo amargo que retorna à minha boca e entrego-lhe o cartão.

As sobrancelhas do cara se juntam, curioso. Ele pega o cartão para analisar e dá um sorriso em sinal de reconhecimento.

— Então a velha estava falando a verdade... — resmunga e volta a me observar.

Minhas mãos transpiram, meu corpo enfraquece, meus ouvidos zunem, simultaneamente.

— Quantos anos você tem? — a voz neutra não me deixa saber no que pensa.

— Vinte.

— Seu nome?

Mordo o lábio, muda, sem saber o que dizer.

— O verdadeiro. Aqui, nomes são meros detalhes.

— Jasmine — sussurro.

Assisto-o menear a cabeça, aprovando minha idade.

— Ótimo, não quero menores metidos no negócio. Você já fez isso? — sua mão faz um gesto em volta.

— Dançar, não — mal ouço o som das palavras; sinto minha pressão baixar.

Ele contrai o lábio, pensativo.

— Certo. Hoje você serve bebidas e atende os clientes que eu mandar. Vá observando como minhas meninas dançam. Amanhã, você subirá ao palco.

Minha face esquenta. Tremo violentamente, absorvendo suas palavras.

— Aquela velha te explicou como isso vai funcionar? — seu tom é profissional.

Engulo novamente o conteúdo amargo.

— Sim...

— Ok. Abra seu casaco.

Vacilante, desprendo meus braços de meu corpo e abro o casaco, mostrando o vestido que ganhei de Gabi. Não é vulgar ou curto demais, nada disso, mas era o melhor que eu poderia vestir para isso.

— Recatado demais, um tanto sofisticado... Para hoje, pode funcionar.

Ele acena para uma mulher no bar. A moça, rapidamente, vem rebolando até ele, dentro de um micro short que cobre apenas metade de sua bunda, e um top vermelho amarrando seus seios e expondo a barriga plana.

— Bubbalo, está é Jasmine. Mostre onde ficam os quartos e como funcionam as coisas. Ela ficará com a gente esta semana.

A garota sorri para mim, analisando meu corpo. Explode uma bola de chiclete entre os lábios e concorda.

Um dos seguranças que estavam na porta se aproxima do tal Ramon e lhe cochicha alguma coisa ao pé do ouvido. Tenho um mal pressentimento, mas não tempo para saber do que se trata.

Bubbalo me toma pela mão e começa a me puxar. Forço minhas pernas a acompanhar. Ela me mostra tudo, os quartos, o que devo fazer, os procedimentos de segurança caso o cliente se altere — essa parte dói em minha barriga —, onde ficam lubrificantes e preservativos, as bebidas que

tenho que fazer o cliente consumir, e regras para o final do programa: levar todo o dinheiro imediatamente para ela é uma delas.

Cada explicação me deixa mais tensa, como se meu organismo se recusasse a passar por isso novamente.

— Você está pálida — ela averigua meu rosto — Não está *grávida*, não é? — noto a repulsa na pergunta.

— Não... — limpo a garganta para a voz sair e repito — Não.

— Certo. Pois tente melhorar sua cara, porque já estamos abrindo. Agora venha.

Ela me leva de volta ao salão, dizendo-me como dançar, onde, como servir as bebidas, e toda a *rotina* da tarefa.

Penso em pedir um minuto para ir ao banheiro despejar novamente o conteúdo do meu estômago, contudo, minhas pernas travam no lugar quando vejo Damien aqui dentro, com os olhos selvagens me buscando freneticamente por todo o espaço. O canto da boca vermelha, recém-machucada. Ele parece consternado, de um jeito furioso... e preocupado.

Respiro fundo, ciente de que a noite será difícil.

DAMIEN

Finalmente tenho meus olhos nela de novo, acompanhada por uma cadela do tipo profissional. Não penso duas vezes e me aproximo, como um leão defendendo a presa de outros abutres.

— Venha comigo — exijo, meus músculos reverberando tensão.

Os olhos aflitos, amedrontados, buscam os meus.

— Eu não posso, Damien, você não entende, eu não posso sair daqui agora, por favor... V-vá embora — o pedido desesperado, lamurioso, não me abala.

Fito a mulher ao seu lado.

— Onde ficam os quartos? — pergunto, seco.

O olhar afiado da cadela vislumbra meu corpo, gananciosa.

— Ela sabe — responde, vagarosa, no que pensa ser sedutora — Mas eu posso te dar uma noite melhor, senhor — a boca se aproxima do meu ouvido — Chuparei seu pau de um jeito que ninguém nunca chupou antes.

Estremeço em desgosto e a afasto de mim. Concentro-me na raposa.

— Leve-nos para o quarto.

E lá estão os olhos incertos, se arregalando novamente. Antes que ela abra a boca para exhibir suas malditas negações, eu esclareço.

— Comprei de Ramon uma noite com você.

Sei como isso soa. E porra, foda-se neste momento.

Uma mistura de alívio e mágoa assume sua expressão, me confundindo como o inferno. A mágoa certamente é por comprá-la, mas e o alívio...? *Miséria.*

Não espero para compreender. Pego sua mão pequena e delicada, e resolvo acabar com o espetáculo.

— Leve-me — ordeno, mais firme.

Jasmine precisa saber que não estou brincando, e aqui não é o lugar para me enviar mais de suas merdas. Estou, pela primeira vez, tentando fazer uma maldita coisa certa, apesar de toda a fúria se apoderando de cada célula do meu ser.



Capítulo 15

DAMIEN

Sigo-a para o quarto, em silêncio, porém não solto meu aperto de sua mão. Meu corpo está agitado pelo nervosismo que, certamente, ela pode sentir. Sua pele macia, quente, reflete calor direto no meu peito.

Que situação essa minha, não?

Entramos na suíte que, aparentemente, parece melhor do que eu esperava para uma boate desta categoria. Não que eu tenha frequentado lugares assim com frequência; normalmente, as melhores mulheres vêm até mim sem que eu precise de qualquer esforço, *exceto por esta pequena e selvagem raposa.*

A menina entra e eu a sigo. Tranco a porta às minhas costas, por segurança – mais precisamente, para evitar que ela mude de ideia e dê o fora. Estar no mesmo ambiente que a raposinha é um maldito sonho, e se tornou minha nada saudável obsessão.

Diabos! Pareço um maldito adolescente.

Tenho tanta coisa para dizer, a começar por exigir a verdade sobre sua presença neste lugar, no entanto, somente esta proximidade já me coloca com a cabeça em branco.

Limpo a garganta.

— Pensei que lugares assim fossem piores — puxo assunto, minha voz numa fala baixa.

Encosto-me contra a porta, assistindo a raposinha caminhar para o lado oposto, em frente à cama, de costas para mim.

Ela não diz nada.

Respiro fundo e aperto a ponta do meu nariz. Deus me ajude a não colocar para fora toda esta merda em meu peito e acabar afugentando-a ainda mais. Tenho uma grande oportunidade aqui e preciso traçar minha jogada cautelosamente.

A menina permanece de costas. Tomo um segundo para apreciar seu corpo. Mesmo mais magra do que me lembrava na última vez que a tive nua em minha cama, ela continua maravilhosa... Merda, a lembrança desperta meu corpo quase que imediatamente, contra a minha vontade.

As curvas que a raposa possui foram, certamente, traçadas para levar qualquer homem à insanidade, a começar por mim. Arranho meu lábio inferior com os dentes, arrancando pequenas películas, buscando na dor uma distração rápida. Apesar do tumulto em minha mente, minhas mãos coçam por tocá-la quase que em desespero.

De repente, lendo meu pensamento, assisto-a afastar os cabelos por cima do ombro, trazendo-os para sua frente.

O pequeno corpo parece tenso.

Engulo a saliva seca.

Porra, ela não vai fazer o que penso que vai...

Tremo quando os delicados dedos vão para a nuca, tateando o que imagino ser o início do zíper do belo vestido suavemente agarrado aos seus contornos.

Meu peito se agita com mais intensidade. A boca se enche de saliva.

E sim, como eu deduzi, observo-a abrir a peça vagorosamente, revelando a pele suave, que... porra, revi em sonhos tantas malditas noites. As vértebras de sua coluna, uma a uma, vão se tornando expostas. Suas costas nuas, refletindo a pouca iluminação do local, é a imagem mais sexy que já vi em toda a minha vida.

Assim que encontra o fim do zíper, um pouco acima da linha da calcinha, a peça se desprende de seu corpo.

NACIONAIS-ACHERON

E meu pau vem gloriosamente à vida.

Merda dos diabos. Isso é uma maldita provação do universo!

Estático, como um expectador do melhor espetáculo que já existiu, acompanho-a abrir o fecho do sutiã rendado negro, pecaminoso. Sem uma única palavra, Jasmine está se despindo para mim, entregando-me seu corpo, novamente, ainda mais fria e impessoal do que naquela noite em minha casa.

E os céus são testemunha do quanto eu a quero.

Porra, eu sou um miserável que a deseja mais do que qualquer outra coisa.

Mas não assim.

Não desse jeito.

Fecho brevemente meus olhos nublados, na tentativa de recuperar o pouco juízo que ainda mantenho, apesar do que meu corpo implora. Expiro o ar preso nos pulmões, e — seguindo o que propus a mim mesmo — ajo da maneira que o bom senso ordena.

— Se vista — exijo, firme, baixo, feroz, ignorando a queimação rompendo minha garganta.

Tanto quanto eu a quero, não será desta maneira que vou possuir a raposa. Há muitas coisas que precisam ser esclarecidas entre nós, a começar com o que ela esconde por trás da camada sombria em seus olhos.

Minhas palavras a surpreendem. Eu sei disso.

Seu corpo tenciona, tornando-se mais rígido. A cascata de cabelos cai de volta para as costas e, devagar, não acreditando no que ouviu, ela se vira para mim, pressionando a frente de seu vestido contra os seios, cobrindo-os.

— Eu não quero assim, raposinha.

Seus olhos escurecidos encontram os meus. Tudo o que vejo é a descrença.

— Por favor, se vista — repito, porque, porra, eu não posso responder por esta agitação em meu corpo por muito tempo.

Os lábios espessos abrem-se, inaudíveis.

Leio algo como “*eu não entendo*” sair de sua boca, mas não tenho certeza se é isto mesmo. Deixo minha cabeça escorar na porta, e cerro meus olhos.

— Deus sabe o quanto eu quero isso, Jasmine, mas eu já errei uma vez indo por este caminho, e não estou disposto a fazer de novo.

— Por quê? — ela murmura um som estrangulado.

Desafrouxo o nó da gravata, mantendo os olhos fechados até que eu possa ter certeza de que estou no controle. A sensação de sufocamento é esmagadora. Merda, acho que estou tendo uma séria crise de ansiedade.

— Porque eu quero você, Jasmine. E eu quero que você me queira também.

Abro-os, após ter certeza que estou no comando de minhas emoções. A raposa permanece na mesma posição, suas bochechas mais coradas. Os olhos buscam o chão, como se ali estivesse sua saída desta situação.

Odeio isso.

Odeio que se sinta desconfortável perto de mim.

Lentamente, tanto para não assustá-la como para não ceder aos meus instintos mais primitivos, caminho até ela.

Abaixo-me, pego seu sutiã do chão — deslizo meus dedos pela delicada renda —, e estendo-lhe.

— Coloque isso de volta, raposinha.

Com a mão incerta, e sem olhar em meus olhos, ela aceita a peça.

Estou tão perto, *tão perto*, que basta um toque para ter o que mais desejei nos últimos meses.

Sem jeito, ela se vira, de costas, a menos de trinta centímetros de mim. Engulo em seco durante o instante em que o vestido cai para sua cintura e os seios saltam livres. Não tenho uma boa visão, mas o pouco me consome.

Isso aqui é um tipo de pesadelo no paraíso.

A menina leva as mãos às costas para encaixar o fecho de volta ao lugar. Merda. Eu preciso *pelo menos disso*.

— Deixa que eu faço — minha voz é um guincho rouco.

Aproximo minhas mãos dela. Quando nossos dedos se tocam, há tanta energia ali que me assusta. E, provavelmente, a assusta também, pois ela afasta as mãos, desistindo da tarefa e me concedendo este pequeno prazer. Levo meu tempo, aproveitando tudo o que posso ter. Não me contenho, deslizando, vagaroso, meu polegar por sua pele.

Assisto seus pelos se eriçarem com meu toque e tenho vontade de rir. Porra, sim!

Discretamente, como um viciado, beiro meu rosto ao seu emaranhado de cabelos e sorvo uma generosa quantidade de seu cheiro. *O cheiro da raposinha.*

— Tão bom — rosno, sem poder evitar.

Ela estremece.

— Eu queria tanto que as coisas fossem diferentes, menina.

Ela se mantém calada. No fundo, qualquer palavra mentirosa que ela possa dizer para negar sua reação não substituiria este arrepio bonito em sua pele.

Devagar, deleitando-me, deslizo seu zíper de volta ao lugar. Pronto. Vestida é um pouco melhor para o que tenho em mente.

Sento-me na beirada da cama. Definitivamente não estou mais disposto a jogar no escuro.

— E então, Jasmine, conte-me porque você veio a este lugar.

JASMINE

Ele parece *diferente*, e o pior, muito determinado. A ordem para que eu me vestisse foi tão surpreendente, contrariou o que eu esperava dele e de qualquer homem nesta situação. Homens não querem conversar. Suas exigências para a utilização da boca são piores.

Esse comportamento é novo. E não posso negar que tê-lo aqui, esta noite, me acalmou de um jeito estranho. Eu não estava pronta para lidar com um desconhecido, reconheço isso.

A questão é: o que ele está tramando?

— O que você quer saber, Damien? — questiono baixo, encarando seus pés.

— Sente-se — apesar da exigência em sua voz, ele toca minha mão suavemente e me conduz ao seu lado.

Faço sua vontade, porque algo nele, neste momento, me faz querer não lutar mais.

— Por que você veio a este lugar, Jasmine?

Mordo meu lábio, evitando seus olhos azuis intensos.

— Por que isso te interessa? — rebato, mas não é um afronto.

— Tudo o que diz respeito a você me interessa, raposinha — apanha meu queixo, obrigando-me a encará-lo — Vamos parar com esse jogo de palavras e abrir as cartas aqui, sim? — a voz branda é tão díspar de tudo o que esse homem mostrou até hoje.

Algo nesta situação mexe em meu estômago de uma forma *estranha*. Não parece ruim.

— O que sua mãe tem a ver com tudo isso?

A pergunta alerta meus sentidos.

— O que você sabe sobre ela? — espelho.

Damien se ajeita na cama, colocando uma perna de lado e ficando de frente para mim. A impaciência e uma certa consternação, brilham céleres em sua expressão.

— Jasmine, nós temos a noite inteira. Você pode rebater cada pergunta minha com outra pergunta, ou pode me contar o que está acontecendo. Apesar de não parecer — ele sorri, sem humor — sou um homem muito paciente.

Eu não sei o que dizer. Mesmo com toda a podridão em minha alma, mentir não é uma coisa que eu goste de fazer. E a verdade não mudará a opinião deste homem sobre mim, de qualquer jeito.

— Minha mãe está devendo para Ramon e me mandou vir aqui... — murmuro, envergonhada — *Para pagá-lo*.

Damien se levanta abruptamente.

— *Miséria!* — o rugido se assemelha ao de um grande animal incomodado.

Abro minha boca e fecho em seguida, ao notar o modo rígido como seu corpo se movimenta, os punhos cerrados e a forma como bagunça o próprio cabelo. Ele parece... transtornado.

Damien se vira para mim, os olhos inquisidores dissecando os meus

com uma profundidade inquietante.

— Você me parece bem *grandinha* para ainda fazer o que sua mãe manda, Jasmine.

A acusação está explícita. Sustento o seu olhar, sem saber o que dizer. A verdade é que, desde o rompimento da primeira lágrima, me tornei mais fraca. É assim que me sinto agora, prestes a chorar por não ter noção de como me defender.

— Nem sempre as coisas são como gostaríamos — é a única resposta que consigo dar.

O homem corta nossa distância com rapidez. Sua mão, agora fria, pega meu rosto num domínio quase doloroso.

— Então me conte. De que forma você gostaria que elas fossem, Jasmine? Vamos lá, me explique de uma vez como uma mulher adulta, ainda se submete às ordens de uma exploradora? — seus olhos faíscam.

Não gosto do seu tom, do confronto, de ser encurralada. O julgamento, a acusação, eu não preciso de nada disso para piorar o asco que já sinto por mim mesma. Não devo nada a ele. Damien, não é este homem paciente e preocupado em que está tentando me fazer acreditar. Eu o conheço. Estive em sua casa e ele me mostrou *exatamente* o que pensa sobre mim.

Minha língua coça para não me calar, *não desta vez*.

— Por que tudo isso, Damien? Você aqui — aponto para o quarto —, me seguindo, renunciando de obter o que pagou, fazendo perguntas como se tivesse algum direito... é tudo para me tripudiar? Como no restaurante? Qual é a sua verdadeira intenção? — acuso também — Seja honesto, diga por que você se importa comigo, depois de tudo?

Suas narinas se dilatam, ferozes, parecendo prestes a explodir.

— Eu me importo, porque você não sai da minha cabeça, *porra!*

DAMIEN

Ela me olha sem reação, pálida. Dentro de seus olhos castanhos, eu
NACIONAIS-ACHERON

posso ver a explicação. Jasmine é uma garota ferida e que não acredita em mim.

Foda!

Passo a mão várias vezes por meu cabelo.

Calma, cara, calma!

Estou construindo algo aqui e uma explosão não vai me ajudar. O pouco que consegui ter de conhecimento a respeito da raposa me faz ciente de que ela é como uma concha: por fora, dura, firme e fechada; por dentro, mais frágil do que reconhecemos de início. Certo como a lua clareando a noite lá fora, se eu pressionar, ela vai se esvaír pelos meus dedos... *mais uma vez.*

Balanço a cabeça, afastando a ferocidade e tentando levar a melhor. Em minha mente, eu já sei o que fazer.

— Tire seu vestido — ordeno, sem dar qualquer indício de meu real objetivo.

A menina se espanta com o que digo. Seus lábios sopram um “oh” descrente. Logo a insurgência vem à superfície, em forma de punhais saltando de seus olhos, não fazendo nenhuma questão de mascarar o desprezo por mim.

Começo a retirar minha gravata, com os olhos fixos nela.

A raposa se levanta, bufando. *Honestamente, amo esta selvageria que ela guarda em algum lugar ali dentro, e que só é revelada quando eu a ataco.*

Enquanto vou desabotoando minha camisa, ela — de cabeça baixa — faz novamente aquilo de abrir o zíper e deslizá-lo por sua coluna.

Jogo minha camisa num canto.

O vestido cai a seus pés.

Desafivel o cinto da calça, e os braços finos dela vão para as suas costas, para desprender o sutiã.

— Mantenha — uso o mesmo tom de ordem.

Ela paralisa e levanta o olhar para mim. Vejo sua raiva, obviamente buscando adivinhar que perversão eu tenho em mente.

Deixo minha calça ir, sem quebrar nosso duelo de olhares.

— Deite-se.

Ela resmunga algo ilegível, rebelde, mas faz exatamente o que indico. *Porra, se a raposinha soubesse como isso me deixa excitado pra caralho.* Não demora, observo aquela familiar névoa negra começar a encobrir seus olhos. A raiva sendo substituída pela indiferença. Este deve ser o momento em que ela assume seu papel de garota de programa e sua mente se fecha a emoções.

Eu odeio esta parte dela, e muito pior, eu mataria quem a fez se tornar assim.

Caminho até o pequeno abajur de canto. Desligo Vou em direção à cama, deito ao seu lado. Seu pequeno corpo quente estremece em rejeição. Ignoro e puxo-a para mim, enlaçando um braço firmemente em sua cintura.

Aproximo meus lábios do emaranhado de cabelos na altura de seu ouvido.

— Eu não vim fazer guerra, raposinha. Eu quero ficar em paz com você. Nós estamos de ânimos acirrados e não vou permitir que isto assuma o controle.

Seu corpo enrijece.

Na escuridão, respiro o seu cheiro, desta vez sem disfarçar minha obsessão.

— Há meses que eu não durmo bem — revelo, honesto — Desde que você saiu da minha casa. Esta noite, nós faremos isso, Jasmine.

— Voc... — tenta reclamar, mas a interrompo.

— Mantenha seus protestos para si. E durma também, você parece cansada.

Ela chia, mas não rebate.

Ótimo.

Sorrio silenciosamente.

Sim, porra. Meu pau ainda está duro, no entanto, ele terá um bom momento em breve, se tudo o que tenho em mente sair como acabo de planejar. Esta raposa será minha, sem barreiras, sem a maldita desconfiança, sem que isso seja uma transação comercial.

Quanto à mãe dela, de um jeito ou de outro, as coisas vão mudar.

Penso escutar um fungado fraco. Pode ser que a raposa esteja chorando; logo, logo perceberá que é para o seu bem.



Capítulo 16

DAMIEN

Depois de algumas horas resistindo bravamente, finalmente a raposinha relaxou em meus braços. Ouvi cada pequeno ruído de seu choro baixo até adormecer. *Nunca nada me tocou como isso.* Hoje, confirmei que a escuridão que eu enxerguei nela, na primeira vez que a vi, tem uma razão de ser.

Puxo-a contra meu corpo, sendo corroído por um maldito sentimento inquietante, feroz.

Ela foi ferida.

Encaro o teto escuro, e... *porra*, sinto uma lágrima de impossibilidade escorrer pelo meu próprio rosto. Não me lembro disso acontecer desde que eu era só um moleque, vivendo na rua, com fome, e assistindo minha mãe se destruir.

Miséria, como eu amava aquela mulher. Como doeu vê-la se acabar pouco a pouco. Com o tempo, o amor se transformou em mágoa e ficou guardado em um lugar aqui dentro por todos esses anos. É fácil reconhecer isso agora.

De uma forma distorcida, a história se repete.

O que eu devo fazer? Desistir da raposa? Eu aguentaria me afastar dela, depois de viver o inferno longe?

Esta resposta é clara como a luz do dia. Não. Após meses, somente hoje estou sentindo meu coração bater novamente no peito, *e ela é a razão*. Eu nem sequer suporto a ideia de permanecer longe novamente.

A verdade é que eu mataria por essa menina. Nunca senti nada parecido. Por ninguém.

Minha situação se resume a conquistar sua confiança e conviver com quem Jasmine é, com o que fez em seu passado. E se a quero mesmo, como sei que sim, devo aprender a lidar com tudo o que isto implica.

JASMINE

Levanto silenciosamente, seguida de perto por seus olhos, e me encaminho para o banheiro. Eu não pensei que conseguiria adormecer ao lado dele, mas Damien se comportou como ele disse que faria. Não me tocou de maneira imprópria, no entanto, me manteve junto dele, segurando-me, parecendo... *me proteger?*

Encaro meu reflexo no espelho: olhos um pouco inchados, a pele pálida e a familiar sensação de que preciso estar preparada para o que tiver de acontecer. Tenho uma semana inteira pela frente. É necessário ser forte para lidar com Damien – pois não sei ainda o que esperar dele –, contar à Gabrielle... e com o que terei de fazer para pagar a dívida. *Estou aqui por um motivo.*

Lavo meu rosto, ajeito meu cabelo em um coque baixo, e volto para o quarto.

Damien já está de pé, se vestindo. A maneira como ele me encara é tão... desconcertante. Queima uma fogueira dentro de algum lugar em mim. Minha barriga parece se revirar em nós, mas não é ruim.

— Você está bem? — a voz rouca, íntima, arrepia os pelos de meu braço.

Belisco a palma de minha mão, desconfortável.

— Aham — pego meu vestido no chão, de cabeça baixa.

Enquanto subo o zíper de minha roupa, espio-o de canto de olho e o assisto dobrar a gravata e colocar em seu bolso. Então ele caminha até mim, cortando a distância entre nós, devagar. Para em minha frente e não me deixa saída.

Sinto as batidas de meu coração mais aceleradas.

— Olhe para mim, Jasmine — suave, ele segura meu queixo, elevando meu rosto para encará-lo.

Perco a fala, presa a algo em seus olhos profundos de um azul incrível. A expressão, mesmo com o brilho predador, é tão calma, tão mortalmente determinada.

— Eu não vim para comprar sexo com você, raposinha — seu polegar desliza sobre meus lábios, onde o olhar está fixado — Eu a segui, e vi sua relutância em entrar aqui...

Abro a boca, e fecho logo em seguida, dissuadida pelo levantar de sua espessa sobrancelha.

— Não negue — adverte.

— Não vou — murmuro, sincera.

Damien balança a cabeça, afirmando sua satisfação pela resposta.

— Conte-me por que você veio a este lugar.

Minha língua parece pesar na boca.

— Eu te disse ontem, Damien... Minha mãe deve dinheiro a Ramon... Se eu não viesse... — mordo o interior de minha bochecha mais forte, de maneira que a dor me força a calar.

A linha de seus lábios se torna mais definida, revelando o visível esforço para se controlar.

— Se você não viesse...?

Desvio minha atenção para seu maxilar reto. Observo um músculo saltar discreta e ritmicamente ali.

Quais as consequências de lhe contar a verdade?

— Por que você se importa? — indago honestamente, encarando-o de novo.

Suas íris ganham um incrível foco.

— Porque, desde aquela noite em minha casa, não te tirei da cabeça

nem por um minuto — uma mecha de cabelo é colocada atrás de minha orelha — Eu gosto de você, raposinha.

Não. Ele não pode gostar de mim. Ele não me conhece como realmente sou...

— Você não...

— Shh... — silencia-me — Não diga nada. Eu sei que você não acredita, mas vou te provar, Jasmine, não importa quanto tempo leve — o dedo acaricia meus lábios novamente, e seu tom diminui, tornando-se vagarosamente arrastado — E tenha certeza, menina, estou determinado a isso.

Minha capacidade de rebater me abandona, não consigo contestar.

Ele segura meu rosto.

— Agora me conte, o que aconteceria se você não viesse?

Prendo meus lábios.

Desisto de omitir.

— Ramon é perigoso... *Ameaçou fazer algo à Gabi.*

Seu olhar vacila, estreitando-se. Uma respiração pesada atravessa suas narinas. O homem desliza seus dedos pelo cabelo, bagunçando os fios, agitado — Porra... — assovia, refletindo — Bem... acabaria por ser um favor, aquela mulher é meio maluca.

Antes que eu possa contestar em defesa de Gabrielle, Damien ri, de um jeito... *jovem, bonito.*

— Calma. Isso foi uma piada. E você nem pode me culpar, olhe pra esta cicatriz — com humor, aponta para uma pequena marca em seu supercílio, ainda fresca — Ela poderia ter me matado.

Tento, mas não consigo evitar de rir também, diante da realização do que minha amiga é capaz, independente da consternação do momento. Aquele arremesso foi surpreendentemente certo.

Por um longo e estranho momento, Damien deixa de sorrir e me encara em silêncio. Fixamente. Profundamente. Devo estar vendo coisas... mas... parece que seus olhos sustentam... *admiração?*

— Você nunca sorriu para mim, Jasmine — a voz contém uma rouquidão que me faz engolir em seco.

Noto o azul de seus olhos escurecer.

Sufoco, sem reação, com a visão dele se aproximando, a cabeça inclinando mais e mais, os olhos vidrados em mim, carregados de uma energia muito forte, perseguindo tudo o que me resta. Posso até sentir sua respiração quente tocando a minha pele.

Fecho os olhos, bem apertado.

Lentamente, seus lábios quebram o espaço entre nós e me tocam, roçando preguiçosos, quentes, macios. Testando e provocando.

Meu coração parece querer saltar para fora, chocando-se contra as paredes do tórax. *E-eu nunca beijei ninguém!* E, sem eu nem sequer saber o porquê, não consigo me desviar ou interromper o que vem a seguir.

Não tenho certeza, mas penso ouvir um som estrangulado ecoar no fundo do meu peito, ou do dele. As pernas fraquejam, toco seus ombros em busca de apoio. Até mesmo minhas mãos tremem de maneira descontrolada. Neste instante, tudo o que sinto é algo crescendo muito rápido e forte, surgindo a partir de um lugar desconhecido, trazendo um querer tão intenso que coloca meus pensamentos em branco, afastando todas as razões pelas quais ceder é tão errado.

Os lábios se arrastam sobre os meus, macios. *Um beijo. O primeiro beijo está acontecendo!* Meus ouvidos zunem com o descompasso barulhento de meus batimentos.

Damien escolhe este momento para se afastar.

E-eu não entendo... Mantenho meus olhos fechados. Não consigo abrir. Vergonha, desejo, tudo se mistura.

— Vai demorar, raposinha, eu sei que vai, mas um dia você confiará em mim. Seu corpo estará na minha cama, por vontade sua — recebo mais um pouco do rápido contato entre nossos lábios — E de lá, você nunca mais vai sair. Acredite.

Não há o que eu consiga responder... Não tenho palavras para rebater a determinação que vejo neste homem ao abrir os olhos.

— Venha, eu vou te levar para casa.

DAMIEN

Tenho a sensação de que algo está mudando entre nós. Não quero comemorar antecipadamente, mas... *porra!*, estou com uma vontade alucinante de sorrir. Levou mais esforço do que jamais investi para não enfiar minha língua em sua boca, provar seu gosto, trazê-la contra mim e fodê-la ali mesmo.

Levar as coisas de maneira moderada nunca foi mais prudente do que agora. Jamais tive esse tipo de sentimento por ninguém. Dinheiro e boa aparência facilitaram minha vida com as mulheres desde sempre. Jasmine elevou tudo a outro nível, e nenhuma dessas coisas vai trazer a raposinha para mim... *O que me faz querê-la com tanta intensidade que até dói.*

Meus pensamentos estão em turbilhões. Se antes eu achava que não teria mais esta mulher, agora, estou começando a compreender a situação e enxergando a bendita luz no fim do túnel.

Dou uma olhada de soslaio para ela, afivelada em meu carro. Seu pequeno corpo retraído, os braços cruzados contra si, os olhos vagueando através da janela. Deus, eu daria tudo o que tenho para seguir dirigindo até que estejamos muito longe, somente nós, sem ninguém interferindo, sem barreiras, sem passado.

Postergo, o quanto posso, estacionar em frente ao seu prédio. São seis da manhã.

— Poderíamos tomar café juntos? — minha voz grave denuncia a ansiedade de estender o momento.

Ela vira seu rosto para me olhar, uma mão já na maçaneta.

— Acho melhor não... Mas te agradeço, Damien. Obrigada por ter ido lá essa noite e por... — seu rosto ganha um discreto rubor — Você sabe...

Sem me conter, deslizo meus dedos por sua face.

— Raposinha...

— Eu te contei sobre a ameaça de Ramon, e gostaria de pedir que não conte a ninguém... — o olhar desvia de mim — Eu não queria que Luna soubesse, ela já fez muito por mim e não desejo envolvê-la nisso.

Desafivelo meu cinto e me sento virado para ela, minha mão ainda em

seu rosto.

— Não falarei nada, Jasmine. Mas o que sua mãe fez não é *certo* — mordo a língua, controlando-me para não dizer exatamente o que penso.

— Eu vou resolver isso... — ela me evita, afastando seu rosto — Agora, tenho que ir...

Aceno que sim com a cabeça. Não vou discutir sobre a maldita canalha que ela chama de mãe. Tenho um plano em mente.

Antes dela se afastar completamente, puxo-a devagar pelo braço.

E não lhe dou tempo de reagir.

Seguro sua nuca estreita e trago seu rosto para mim. Os olhos, assustados, preveem minha jogada. Porra, meu peito ruge como um adolescente diante do primeiro amor. Atrevido, *não ignorando sua regra do beijo*, tomo-lhe os lábios, de leve, mordiscando a maciez, e deixo minha língua deslizar sobre eles, de fora a fora, sem entrar. Eu preciso, *pelo menos*, disso.

— Até mais, raposinha...

Salto rapidamente do carro, antes de fazer uma besteira, e o contorno, para abrir a porta, num gesto cavalheiro.

Miséria... Esta menina, de repente, me fez querer ser uma pessoa melhor.

JASMINE

Abro a porta do apartamento, caminhando passo a passo sem fazer barulho. Pelo horário, Gabrielle está dormindo. Preciso dizer a ela o que está acontecendo, eu sei, será muito pior se ela descobrir de outro jeito. Sinto que, primeiro, tenho de pagar Ramon. Se eu fizer isso, ele não terá mais razões para ameaçá-la.

Entro no quarto, ligo o chuveiro e me banho. E, nesta hora, algo de estranho acontece: *a sensação de sujeira não vem me atormentar*, como sempre acontece.

Visto-me para o trabalho, pego meu material de estudo e saio.

— Bom dia, mocinha — a voz tranquila de Gabi vem da cozinha, onde ela está, elegantemente coberta por um bonito roupão de seda rosê pálido.

Uma xícara fumegante descansa à sua frente.

Minhas pernas vacilam.

— Bom dia, Gabi... — vou até ela, desconfortável, evitando seus olhos.

Sinto a mulher me avaliar — é inteligente demais para que eu consiga omitir qualquer coisa.

Beijo rapidamente seu rosto.

— Não vai tomar café? — a fala é doce como mel.

Mordo meu lábio e nego com um movimento de cabeça.

— Eu estou atrasada... — aperto minha bolsa contra o peito — A gente se fala depois.

Volto a andar para sair desta situação, e, assim que me aproximo da porta, o chamado dela me alcança de novo.

— Jas...

Olho por cima do ombro para encontrá-la em pé, escorada contra a coluna, a xícara em sua mão, fitando-me com uma calma assustadora.

— Almoce comigo. Passarei no instituto para te apanhar — seu rosto é insondável, mas eu sei que a mulher tem algo em mente.

Dou uma breve olhada a seu redor para me certificar de que não há um vaso à mão.

Sim, há.

Concordo com a cabeça. Gabrielle é um fenômeno impossível de ser contrariado ou evitado.

DAMIEN

Ando pelo lugar vazio. À luz do dia, ele parece até menor. Mantendo

meus óculos de sol, paro à sua frente. O homem me aguarda em uma das mesas de canto, no fundo da boate.

— Confesso que fiquei curioso com sua ligação — Ramon alisa o suntuoso relógio barato em seu pulso.

Jogo a pasta em cima da mesa, ela desliza até ele.

— O que é isso?

Sorrio.

— Abra e confira.

Mantendo o olhar em mim por mais alguns segundos, ele abre e começa a ler os papéis. A desconfiança em seu rosto dá lugar à incredulidade. *Sim, miséria. Estou ditando as regras aqui.*



Capítulo 17

DAMIEN

Aguardo que a realização o tome. *Diabos*, tenho tanto prazer neste momento que mal lembro que não dormi por um único minuto e estou numa correria desde que deixei a raposinha em sua casa. O dinheiro comprou a agilidade da qual necessitava. Nunca o usei para me vingar de qualquer inimigo, mas isso tem um bom sabor, afinal de contas.

Seus olhos confusos sobem até meu rosto, e só então, mantendo meu sorriso, puxo uma cadeira à sua frente, viro-a para me sentar com o abdômen encostado no encosto, e vou direto ao maldito alvo.

— Como você pode ler aí, este terreno e tudo o que está sobre ele agora é meu — admiro o meu controle, evitando esmagar a cabeça dele.

O sujeito fecha a pasta e cai para trás na cadeira.

— Como?

Elevo a sobrancelha, sorrindo com mais vontade. O dono do terreno resistiu o quanto pôde, revelou que Ramon fez inúmeras ofertas e ele recusou todas. Paguei-lhe o dobro do que esta merda vale, e pagaria o triplo se necessário fosse.

— Fiz a oferta certa — digo, simplesmente.

Cruzo meus braços sobre o encosto e me inclino uma cabeça para

NACIONAIS-ACHERON

frente — Acredite, tenho disponibilidades que possibilitariam comprar todas as malditas boates desta cidade.

Os olhos do cara se estreitam, avaliando-me com mais interesse.

— Por que você faria uma porra destas? — um sorriso vacilante corta o canto de sua boca — Não me diga que é pela... *garota?*

Algo em minha fachada faz com que ele tenha sua resposta.

— Cara, ela nem trabalha aqui! Você está perdendo seu tempo. A cadela ficará somente uma semana...

Engulo o nó feroz na garganta, agradecido por ter deixado minha pistola em casa no último minuto.

— Sim, uma semana, porque *você* a ameaçou — rosno, acusador.

Sua expressão de surpresa é visível. A cabeça vai para trás, olhando-me como se eu tivesse lhe revelado que o planeta é quadrado.

— *Como é?* — pergunta, tranquilo demais para o meu gosto.

— Não me jogue merda, Ramon. Eu sei que você a tem aqui sob chantagem. E vou te dizer como isso será...

O cara se lança para frente, me interrompendo.

— Espere. Espere aí, porra. Como é isso aí que você disse? Eu a *chantageei?*

Estreito meus olhos, sem nenhum humor, para que ele saiba que não há um imbecil à sua frente.

Ele sacode a cabeça, em negação.

— Foi *isso* o que ela disse...?

Confirmo com um erguer de queixo.

O homem solta uma respiração pesada, e acena dois dedos para a garçonete – a mesma que me ofereceu um boquete na noite anterior.

— Cara, ou você foi enganado, ou ela...

Não estou gostando nada da maneira como isso soa.

— Você nega que está fazendo ela pagar pela dívida da velha filha da puta que ela chama de mãe? — desafio, em meu interior, começando a desconfiar da história.

Calamo-nos enquanto a mulher deixa dois copos com uísque sobre a mesa, lança-me um olhar insinuante e sai rebolando seus quadris.

NACIONAIS-ACHERON

O cara engole a bebida dele numa pancada só, fazendo uma careta.

— Damien, você vem até aqui com esta sua marra de playboy, fode com o meu negócio, e ainda insulta minha *inteligência*?

Deixo que um sorriso de lado dê-lhe uma demonstração do quão comovido estou por ter feito tudo isso, embora guarde a estranha sensação de que nada parece ser como pensei.

— Diga-me como — desafio.

Ele limpa a boca e aproxima sua cabeça.

— Eu tenho cara de que venderia uma prata sequer para aquela velha sem receber *imediatamente*? Eu lá sou uma maldita loja de departamento, porra?

Agora, quem precisa de uma bebida sou eu. Calmo, pego o copo e sorvo uma generosa quantidade.

— Então como isso acabou com a filha dela aqui, pagando uma dívida que não existe? — investigo, tendo minha paciência bem próxima de se esvair.

Ramon suspira.

— Foda, eu sabia que aquela drogada me colocaria em alguma merda... — resmunga, mais para si, e me olha — Cara, você sabe quem eu sou?

— Ramon Cruz, policial, que nas horas vagas também atua como um cafetão, além de traficante? — respondo com escárnio.

O sujeito engole em seco, a fúria saindo de suas narinas.

— Mantenho isso aqui cuidadosamente longe dos radares, e todas as garotas que trabalham pra mim *fazem porque querem* — afirma, irritado — Essa velha apareceu contando uma história de merda e, aparentemente, ouvi-la fez com que *um merdinha* rico como você viesse mexer nos meus negócios.

Dou-lhe minha melhor face de quem não acredita em um único ponto de sua fala.

— Certo, que merda — ele chacoalha a cabeça, irritado consigo mesmo — Há uns dias, a velha veio aqui querendo comprar minha farinha. Eu me recusei a vender sem a grana, e ela mandou essa de que tinha uma filha, mas

perdeu contato por uma idiotice qualquer de que nem lembro. A desgraçada me pediu que a encontrasse e disse que a filha pagaria com trabalho tudo o que ela precisasse comprar de mim, seria uma forma de *crédito* na casa... Por que eu negaria?

— Porque a porra da velha tinha que pagar suas próprias merdas, não é um bom motivo? — rebato, óbvio, mal me contendo de esmurrar a cara do desgraçado.

Ramon olha de um lado para o outro.

— Você sabe o quanto é difícil encontrar boas mulheres neste ramo? — a voz diminui uma nota, provavelmente não querendo que as putas ao nosso redor se ofendam — Trabalho com qualidade aqui, e a velha drogada me assegurou que a filha era uma profissional. Eu precisava verificar a mercadoria. Como a menina veio de boa vontade, acreditei que ela estava de acordo com o trato.

Semicerro meu olhar, num escrutínio. Isso não pode ser verdade. Uma mãe penduraria a filha neste *cabide*, mentindo? Quão miserável é esta vagabunda?

— E quanto à amiga? — rosno.

Engulo o restante do uísque barato.

— Que amiga?

— A que mora com ela.

— Cara, não sei nada sobre porra de amiga nenhuma. A velha me falou somente da filha. Procurei nos registros e encontrei seu endereço através do novo documento de identidade que ela solicitou. E eu deixei bem claro para aquela puta que só venderia depois de receber. Não chantageei a drogada.

— Onde eu a encontro? — o timbre demonstra meu pouco autocontrole.

— Venda-me o lugar e eu te conto — ele provoca.

Desta vez, quem ri alto sou eu.

— Não, Ramon. Eu vou te dizer como isso vai ser. Você vai me contar onde encontro esta velha safada, e eu vou deixar seu negócio funcionando. Venda qualquer coisa para ela e chantageie *minha menina* novamente, e eu destruo tudo o que você vê à sua volta, e, no lugar, construo uma igreja.

Levanto meu dedo, pedindo que a garçonete traga mais uma.

Encaro-o.

— Se eu tiver que comprar todos os terrenos desta cidade para garantir que você não venda mulher nem na esquina, eu farei — acrescento.

O sujeito exprime sua raiva se movimentando para trás na cadeira, como um tipo de deixa para exhibir a arma por baixo da camiseta.

— Não pense que sua função na polícia me impediria. Tenho seu chefe e o chefe dele a um estalo de dedos, basta eu movimentar a quantia certa. O que estou te propondo é simples: afaste-se de Jasmine, me ajude a localizar a velha, e mantenha seu negócio.

A mulher nos serve.

Ramon parece avaliar minha oferta.

Assim que ela se afasta, ele segura seu copo e o levanta para mim.

— Se é só isso o que você quer, temos um acordo — a entonação contrariada me faz ciente de que ele entendeu o recado.

— Espero que sim — aceito e levanto meu copo também.

Ele ri baixo.

— Você não joga muito justo, não é?

Acabo com a festa bebendo de uma vez o álcool barato e me levanto.

— Parece que nenhum de nós o faz — deixo meu cartão correr pela mesa — Ligue-me quando tiver a informação.

Ao me virar para sair, lembro-me de algo importante e que lhe servirá de lição.

— A propósito, Ramon, meu advogado entrará em contato para revisar os termos do contrato de aluguel. E o novo valor também. Suponho que saiba que haverá um aumento.

Sim, este estúpido pagará em seu bolso pela noite que minha raposinha teve de passar aqui. Apesar de ter sido uma das melhores que já tive no último ano.

JASMINE

Gabrielle não abriu a boca para dizer nada sobre o motivo deste convite, desde a saída do instituto até nossa chegada aqui. Conversamos a respeito de coisas aleatórias, mas sei que há uma razão para estarmos neste bistrô.

O garçom coloca nossos pratos e se retira.

Passo os próximos minutos revirando a salada, enquanto ela come seu belo bife de maneira voraz, com um grande apetite, seus olhos bonitos em mim a cada momento. Ela está me torturando, eu sei disso. Esta mulher é terrível.

Tão logo termina, empurra o prato para frente.

Limpando os lábios com o guardanapo, ela me fita intensamente.

Transpiro frio. Tenho a sensação de que é assim que irmãs mais novas se sentem quando estão prestes a receber uma bronca grande.

Ela suspira.

— E então, Jas, como foi a sua noite?

Sim, lá vem.

Minhas mãos tremem embaixo da mesa... Oh, porcaria.

— Foi... Foi... — olho para ela, sem palavras.

Ela sorri, de uma maneira doce, como se o arco-íris estivesse em sua frente.

— Foi...? — recebo o incentivo a continuar.

Eu não gosto de mentir. E não posso contar a verdade.

— Gabi... — peço, por não sei bem o quê.

Vejo minha amiga ficando mais séria. Ela apoia os cotovelos na mesa, unindo as mãos, esperando.

Seguro a taça de água e bebo quase inteira.

— Tem algo a ver com a visita daquela mulher, não tem? — ao dizer isso, seus punhos se fecham.

Agora, seu tom não é doce. Para a minha sorte, não há vasos por perto.

— E-eu não quero ter que falar sobre isso, Gabi, por favor...

Seus olhos lançam faíscas.

— Jasmine, você confia em mim? — a pergunta controlada me pega desprevenida.

Minha boca abre em um “*oh*” involuntário.

— Sim, com a minha vida — murmuro, encarando a mesa.

Ela meneia de leve a cabeça, afirmando a resposta.

— Então por que eu não posso saber?

Droga.

— Você não vai gostar... — cochicho, evitando seus olhos.

— Deixe que eu decida.

Respiro fundo.

— Sei que eu deveria ter te contado antes, mas, por favor, *por favor*, não se chateie comigo... Eu fiz o que era melhor...

— Jasmine — ela reforça, apreensiva.

Expiro todo o ar de uma vez e revelo. Tudo. Falo sobre a visita, a chantagem, e sobre Damien. Quanto mais eu conto, mais sinto vergonha diante de sua decepção. Dói muito. E eu mereço.

Seu lábio espesso está preso em uma linha. Quando eu termino, ela simplesmente pisca, saindo de um inacreditável transe.

— Você poderia ter me contado quando eu te perguntei, Jas — o som é uma camada de gelo.

Lágrimas quentes ameaçam o canto de meus olhos. Ela nunca usou esse tom comigo. Eu a decepcionei.

— Sim, eu poderia, Gabi, mas eu sei que se tivesse falado, você me impediria. Eu não posso permitir que nada te aconteça por culpa da minha mãe.

— Nada aconteceria, Jas. Eu teria ido à polícia, aliás, é exatamente isso o que nós vamos fazer — a convicção tenta não me deixar margens para outra opção.

— Ele é policial, Gabrielle — argumento — Eu conheço esse tipo de gente, eles são sujos.

Ela respira audivelmente.

— É isso o que eles querem que você pense, Jasmine! É desta maneira que eles agem, fazendo a maldita pressão!

NACIONAIS-ACHERON

Nego com a cabeça. Gabrielle não compreenderia esse mundo.

— Ouça, bebezinha, eu conheço pessoas... bem, na verdade, a Pini conhece, que fariam gente como a sua mãe e este policial se arrependem dos pecados. Se a polícia não nos proteger, eles farão.

Ao ouvir o nome de Pini, algo estala em meu cérebro.

— Gabi, estas pessoas que a Pini conhece... têm alguma coisa a ver com o tal gringo que a minha mãe disse que estava perseguindo ela?

As bochechas da mulher ganham um bonito rubor. Tenho a sensação de que não sou a única omitindo algo aqui.

— *Gabi?*

Seus olhos vão para a taça de água. Ela pega e sorve um pouco, ganhando tempo. Mulher sagaz.

— Sim. A intenção era dar um aviso à sua mãe e mantê-la longe... — os dedos longos alisam a borda — Justamente para evitar esse tipo de coisa.

Belisco a palma da minha mão.

— Eu nem sei o que dizer...

— Ela é uma sem-vergonha, Jasmine. Uma aproveitadora sem o menor senso de amor à própria filha. Você não deveria fazer nada por ela!

— Não fiz por ela, Gabi. Eu fiz por você, porque eu te amo muito, e não me perdoaria nunca se alguma coisa te acontecesse...

— Own, Jas! — Gabi levanta de sua cadeira e vem até mim.

Envolvendo seus braços ao meu redor, ela me puxa para si — Nós vamos resolver isso juntas.

Pisco, afugentando as lágrimas, imediatamente alarmada com suas palavras.

— Não, Gabi, eu preciso cuidar disso *sozinha*. Prometo a você: nunca mais vou esconder nada, só me deixe pagar este cara o-ou a gente jamais vai ter paz — imploro.

Sei o que estou dizendo. Minha mãe já se meteu em encrenca com policiais antes, eles são os piores.

Seus olhos claros se arregalam.

— Claro que não! Se é dinheiro o problema, nós vamos dar isso a este homem.

Não adianta. Gabi nunca entenderia. Cafetões como Ramon e Suzette são fonte inesgotável de exploração. Se eles descobrirem que Gabi e Luna têm dinheiro, irão até onde puderem para extorquir tudo o que conseguirem. Essas mulheres já fizeram muito por mim, não posso arruiná-las desta forma.

Assim como não vou mais deixar minha mãe agir livremente. Pensei muito esta manhã e tomei uma decisão. *Eu vou à polícia denunciá-la*. Não sei se adianta alguma coisa, mas vou contar a eles tudo o que ela fez comigo.

Porém, primeiro, preciso pagar Ramon. Não posso irritá-lo, ou ele será um grande problema.

Decidida, olho nos olhos de minha amiga, respiro fundo, e afirmo com toda a confiança que posso simular: — Gabi, eu sei o que estou fazendo, só te peço que confie em mim e me deixe cuidar disso do meu jeito.

Assisto seu lábio enrugado, desaprovando convictamente, pronta para contestar. De repente, como se uma ideia súbita cruzasse sua mente, percebo um novo brilho se apossar de suas íris, determinado de um modo um tanto assustador. E, no segundo seguinte, ela volta a sorrir, docemente, daquele jeito que iluminaria o mundo, o que me põe em estado de alerta.

— Tudo bem, Jas... resolva *do seu jeito*.

Por que tenho a sensação de que ela está armando alguma coisa?

DAMIEN

Encaro a mulher que praticamente exigiu a minha presença neste café, esperando que, a qualquer momento, ela puxe uma arma, ou outra porcaria de sua bolsa, e diga que isto foi uma emboscada.

— Por que estamos aqui? — pergunto finalmente, cansado de assistir a seus sorrisos educados para a garçonete que serve sua xícara.

Como se eu não tivesse dito nada, ela adoça a bebida.

— Estou admirada com você, Damien. Quer dizer, então, que consegue não ser um imbecil o tempo todo... — a voz suave delibera.

Espremo meus lábios, não tendo certeza se sei exatamente do que ela

está falando. A raposinha pediu segredo, certamente a mulher à minha frente não sabe de nada. Eu adoraria torcer seu lindo pescoço e ir embora, mas acho melhor lhe dar um voto de confiança.

— Por que me chamou aqui, Gabrielle? — repito.

— Porque temos um assunto em comum...

JASMINE

Cheguei e não encontrei Gabi em casa. Não sei se me sinto aliviada ou amedrontada. Tenho que seguir em frente. Farei o que tiver de ser feito, sem envolver ninguém nisso. E, depois de liquidar a dívida com Ramon, vou cuidar da minha mãe. Nunca estive mais determinada.

Deixo a bolsa e o material do instituto em cima da cama.

A conversa com Gabi e o pensamento do que terei que fazer esta noite revira meu estômago agressivamente.

Tenho medo de que minha amiga se canse de mim e me mande embora. Esse pensamento dói muito, não pelo teto, mas pela irmã que ela se tornou. Eu a decepcionei.

Como eu gostaria que tudo fosse diferente...

Mal me concentrei nas aulas durante o dia, e, na conversa com a psicóloga, fiquei menos à vontade do que nunca. Ela disse que minha introspecção está atrapalhando o aprendizado. Assim que tudo isso acabar, vou me empenhar ainda mais no estudo, por Luna e Gabi, independente do que acontecer.

Evitei duas chamadas de Luna. Não poderia mentir para ela também. Sinto que estou entrando em teias profundas e prestes a perder a confiança delas, definitivamente.

DAMIEN

Seu rosto evidencia a surpresa por me encontrar esperando-a do lado de fora do meu carro, com os braços cruzados sobre meu peito. Pareço tranquilo, mas nunca estive tão nervoso, querendo tanto que um plano funcione.

Hoje, deflagrei a “*Caça à raposa*”.

A estratégia é simples: retirá-la desta merda em que a velha desgraçada que ela chama de mãe a envolveu, ganhar sua confiança e obter a raposa de maneira permanente. Na primeira parte, tive êxito. Ramon pensará duas vezes antes de envolver Jasmine em qualquer negociata com a maldita. Quanto às outras duas etapas, não estou tão seguro assim.

— Damien, o que você faz aqui? — percebo seu constrangimento na voz incerta.

Porra, só o fato de estar perto dela já me faz mais vivo. Uma mulher não deveria ter tanto poder assim sobre mim.

— Olá, Jasmine — sorrio, calculadamente amável — Vim lhe dar uma carona — vejo sua tentativa de protesto e intercepto — Antes que você recuse, aviso que estamos indo para o mesmo lugar.

Ela só não faz ideia de onde é.



Capítulo 18

DAMIEN

Abro a porta e lhe ofereço a entrada em meu carro. Ela não se move. *Miséria, definitivamente sua evidente falta de confiança em mim, é algo que me perturba.* Não posso lhe tirar a razão, tampouco vou cruzar os braços e esperar que isso mude. Esta não é a maneira como trabalho, e a raposinha saberá, em breve, que o que eu quero eu tenho, em meus termos.

— Entre, Jasmine — uso um pouco mais de persuasão.

O movimento bonito de sua garganta engolindo em seco quase me distrai. Sugando uma respiração curta, ela se movimenta do lugar onde pensei que estivesse colada.

Raposinha selvagem, suas barreiras em breve cairão por terra. É uma promessa.

Evitando dar a ela uma chance de fuga, inclino-me sobre seu corpo e afivelo o cinto de segurança. Seu olhar acompanha atentamente meus movimentos. Aproveito para sentir seu cheiro. *Merda, não sou de ferro, esta proximidade mexe com meus piores instintos.* Subo meus olhos para o seu rosto, a tempo de ver os lábios espessos, de um bonito rosado, se abrirem, e não resisto à vontade de tocá-la. Seguro seu rosto e deslizo meu polegar pela carne convidativa.

Jasmine suspira baixinho, os olhos no meio caminho entre arregalados e querendo fechar-se.

Porra.

Eu não deveria, mas não aguento. Encosto meus lábios nos seus, suavemente, no fundo, maluco para saber qual é o gosto de sua boca. As mãos delicadas se levantam e tocam meu peito, numa pressão de empurrar e me afastar, mas sem muita ênfase.

Ela também quer isso, eu posso sentir.

Não vou ser um estúpido e empurrar seus limites. Não agora que estou começando a construir algo aqui. Antes de deixar definitivamente a tortura, sugo o macio lábio inferior, ganhando um breve vislumbre do adocicado.

Afasto minha cabeça para encontrar seus olhos escurecidos. Desejo é tudo o que há neles. Esforço-me para não demonstrar a sensação de vitória explodindo fogos em meu interior diante da cena.

— Você me dará isso no tempo certo, raposinha. E, acredite, será a única a tomar a iniciativa — sussurro, provocativo.

Observo, em primeira mão, a menina morder o mesmo lábio que esteve sob meu domínio.

— Posso te fazer uma pergunta? — estranho seu tom delicado comigo, mas, inferno, eu mentiria se dissesse que não agita meu peito e me faz querer sorrir.

— Faça — não me afasto.

Ela hesita, e eu espero, paciente.

— Por que “*raposinha*”?

Encaro seu rosto bonito. Porra, linda pra caralho, é uma boa maneira de descrever. E então a questão vem na ponta da língua.

— Você já viu uma raposa? — minha fala sai um tanto rouca.

Ela nega, com um leve menear de cabeça.

— A raposa é arisca, uma predadora nata, capaz de provocar grandes estragos em suas presas... — roço suavemente os nós dos meus dedos em seu rosto e sussurro a última parte — Mas se você observar mais atentamente, verá que é só um animal frágil, lutando para sobreviver.

A menina suspira, a respiração entrecortada. Por apenas um segundo,

fecha os olhos, evitando demonstrar o lampejo de emoção. Sorrio e me afasto para fechar a porta, agradecido por ter autocontrole suficiente para não enfiar minha língua em sua boca e tomar tudo o que posso ter.

Recomposto, assumo o volante e engato a marcha ré. Não sigo para o caminho que nos leva ao centro da cidade, onde a boate de Ramon está localizada. É só uma questão de tempo até ela perceber. Assim que entramos na rodovia principal, chego a contar mentalmente: três... dois... um.

— Damien, esse não é o caminho! Para onde estamos indo? — e aqui está a desconfiança novamente.

Cerro meus dentes, pensando em uma resposta que me dê tempo o bastante para tê-la em meu terreno.

— Eu fiz um acordo com Ramon... — revelo, tranquilo.

Sua cabeça se vira para mim, o que percebo pela visão periférica. Mantenho minha atenção no trânsito.

— Que tipo de acordo? — noto seu temor.

Oh, foda-se.

— Eu comprei a noite novamente, e não precisamos ir àquele lugar — minto, tentando impor a entonação de que não é algo que está em discussão... mas, em se tratando da raposa, as coisas nunca são como espero.

Lanço um ligeiro olhar à sua expressão de irritação e mágoa.

— Sim, você comprou... — a ironia rebelde não me passa batida.

Aperto ainda mais o volante.

— E fiz para o seu bem, em breve você entenderá — digo, seco.

Jasmine suspira e envolve os braços em torno de si, mudando seu olhar para janela.

— Não perca seu tempo me explicando, *senhor*. Você é o cliente — o resmungo irritado me faz ranger os dentes.

Inferno do caralho!

Respire, respire, porra!

— Raposinha, eu gosto muito da sua rebeldia, não vou mentir — uso a calma de um monge — Mas comece a encarar as coisas como elas realmente são. Eu estou do seu lado aqui, achei que tinha deixado mais do que claro na noite anterior.

Ela não responde por um longo minuto, e então expira fracamente.

— Ok, *senhor* — a última palavra é um insulto quase inaudível.

Assim que as coisas estiverem em seu lugar, não vou me esquecer de retribuir a ousadia.

JASMINE

Ele me comprou, *mais uma vez*. Apesar de seu bom comportamento ontem, não me tocando, a simples frase “*Eu comprei a noite*” coloca tudo exatamente onde deveria estar. Para ele, não passo de alguém que está à venda.

Eu gostaria de saber a verdadeira intenção por trás de sua forma de agir. E, para piorar tudo, parece que Damien está fazendo seu caminho para um lugar muito perigoso dentro de mim, onde ninguém nunca esteve. Sentir seus lábios de novo foi bom de um jeito inexplicável. Coisas que antes eu não pensava começam a rondar minha mente, uma erva daninha criando raízes.

Isso é tão errado. Me apaixonar por ele é uma tolice sem tamanho...

Reconheço a rua onde estamos entrando. Não vou discutir sua escolha de local, tampouco negar que aqui é muito melhor do que na boate. Eu só quero que esta semana acabe de uma vez e que tudo se resolva. Na garagem de seu edifício, ele desliga o motor, permanecendo em silêncio. Belisco a palma de minha mão, respiro bem fundo, e só então me viro para encará-lo.

Damien está muito sério, concentrado em nada específico, como se na parede à nossa frente estivessem as respostas dos maiores enigmas do mundo. E permanece assim por alguns longos minutos. Aproveito o momento para observá-lo melhor.

Ele é um homem atraente, não se pode negar, sua intensidade o torna assim. Mas somente neste instante, começo a enxergar algo que eu não tinha percebido antes: sua arrogância e poder — que exalam tão naturalmente — parecem conter também uma enorme determinação, um empenho muito grande de provar constantemente que é indestrutível. Não há paz nele, talvez nunca houve.

NACIONAIS-ACHERON

De repente, seus olhos azuis fitam-me focados, daquele jeito que parece enxergar meus piores segredos. E, tranquilamente, sua mão se aproxima para tocar meu cabelo, desliza uma mecha da raiz à ponta e a guarda atrás da minha orelha.

— Da última vez que você esteve na minha casa, eu cometi um erro... — sua voz sustenta uma franca rouquidão macia, que arrepia minha pele — Por não dizer o que eu estava sentindo, por fazê-la acreditar que eu estava querendo comprar seu corpo.

Fico imóvel, presa em seu olhar, sem dizer uma única palavra.

— Hoje, espero recomeçar as coisas com você de um jeito diferente, e gostaria de te pedir que... — vacila, em uma demonstração de nervosismo — abra sua mente para mim, Jasmine. Minhas intenções são reais, então, por favor, raposinha, só tente abrir sua mente — seu dedo frio toca o centro da minha testa — Você pode fazer isso?

Não há nada, nenhum pequeno vestígio, que me faça desacreditar. O que ele está pedindo parece tão... *válido*.

— Posso — respondo, num ruído fraco; talvez meu subconsciente esteja tentando me alertar de que estou cometendo outro grande erro.

Ele expira pelo nariz pesadamente, numa mistura de alívio e nervosismo. Seu sorriso branco explode um clarão em minha cabeça. *Me apaixonar é um erro*, lembro-me.

— Ótimo, venha comigo.

DAMIEN

Ela entra no apartamento e eu fico assistindo sua reação. Seu olhar vagueia pelo espaço, como se não reconhecesse nada à sua volta. Sigo seus olhos e me dou conta de que o lugar é uma merda, sem vida nenhuma. Como foi que eu não notei uma porra destas antes? Não há cor, não há calor, nada, apenas as linhas retas e assépticas. *Miséria*. Não quero nem pensar no porquê de estar começando a reparar em coisas deste tipo. Essa raposa está fazendo um bom trabalho em me transformar em um maricas.

NACIONAIS-ACHERON

— Você quer beber alguma coisa? — ofereço, bem próximo ao seu ouvido, apreciando o efeito dos arrepios ericando seus braços.

Com o lábio preso entre os dentes de uma maneira que me faz querer ter o mesmo privilégio, ela emite um ruído em negativa. *Na defensiva.*

Tenho tanto a dizer. Quero-a de uma maneira tão forte. Porém, neste momento, simplesmente não sei o que fazer. Deslizo os dedos por meu cabelo, impaciente comigo mesmo, exigindo que me concentre, e, determinado a começar de uma vez, pego sua mão e a levo para o sofá.

A vontade é de me sentar e puxá-la para o meu colo, sem que nada precise ser dito. Não vou empurrar as coisas tão cedo. Um dia será assim, eu só preciso fazer o certo. O primeiro passo é construir confiança.

Limpo a garganta, afastando o embargo de tê-la aqui novamente.

— Pois bem, eu acho que nós temos muito o que conversar, Jasmine.

— Ok... — sentada ao meu lado, seus olhos me evitam como se o próximo passo a levasse diretamente à força.

Cacete.

— Eu acho que vou precisar de uma bebida — levanto-me e vou atrás de uma dose de uísque no canto próximo à vidraça.

Sorvo a primeira dose e reabasteço o copo. Levo-o comigo, de volta para junto dela. Tê-la aqui nem parece real. Sonhei tanto com essa porra de dia.

Sento-me com a perna de lado, meu joelho toca levemente sua coxa. Percebo que a menina está usando o mesmo vestido de ontem, e o alisa cuidadosamente, fazendo a peça aparentar ser de um valor inestimável.

Respiro fundo.

— Antes de conversarmos, eu gostaria de combinar algo com você.

Seus olhos se arregalam, vindo rapidamente para me sondar. Ignoro e mando as regras.

— Nada de mentiras, *de nenhum de nós*. Eu abro o jogo com você, e quero o mesmo.

Aguardo a resposta, demonstrando que estou irredutível em relação a isso. Seus pequenos ombros caem.

— Sim, *senh...* — meu olhar afiado em sua boca atrevida não a deixa

terminar a provocação.

Tenho vontade de rir de sua tentativa de se rebelar, mas me contenho.

— Muito bem — alongo o pescoço e relaxo — Eu procurei Ramon nesta manhã e fiz um *acordo* com ele.

— De que tipo? — pergunta, célere.

— Digamos que do tipo bom, para os dois lados...

Hesito, temeroso de revelar e perdê-la no minuto seguinte. Cogito omitir uma parte importante e ganhar mais alguns dias ao seu lado.

Foda-se, não.

Não será desse jeito que eu a terei.

— Você está livre. Não há nada que a prenda a Ramon.

Os olhos dobram de tamanho.

— O que você fez, Damien?

Não gosto nada desse seu tom acusador.

— Seu medo é que eu tenha pago a dívida, ou que eu tenha te comprado e precise ficar uma semana comigo? — não controle a momentânea irritação.

O brilho insurgente responde.

— Faz diferença? De uma forma ou de outra, eu estarei presa. Não é como isso funciona?

Encaro o teto em busca de paciência. Eu não posso por tudo a perder agora. Sua rejeição não é um fato novo. *Lide com isso, porra.*

— Faz. Eu não pretendo prendê-la a mim contra a sua vontade.

A menina se cala, mas não perco o tremor em seus lábios.

— Ouça, Jasmine. Lembre-se do que te pedi há pouco e mantenha a mente aberta, ok?

Amuada, tentando a todo custo omitir suas emoções, ela confirma.

— Há algo que você precisa saber sobre o motivo que a levou a Ramon...

Ela me corta.

— Eu já lhe disse, Damien, minha mãe devia, e ele ameaçou Gabi, se eu não pagasse — o tom de obviedade, descontente por ter que reafirmar

outra vez, torna-me ciente de que a velha drogada a enganou.

— Não. Sua mãe mentiu para você.

Seu rosto inclina-se de lado, duvidoso, confuso. Sustento firmemente seu olhar, até que a concretização a consome. Sei o exato momento em que ela se dá conta de que estou dizendo a verdade.

— *Como?* — tenho de ler o murmúrio em seus lábios.

Merda, isso tem de ser dito.

— Ela nem sequer deve nada a ele. A cadela procurou Ramon querendo te oferecer em troca de crédito para ter o que precisar das merdas que ele vende, Jasmine. Ele nem sabia da existência de Gabrielle.

Dor fagulha abertamente em seus olhos cansados. Uma pequena janela para sua alma surge, demonstrando toda a vulnerabilidade que ela não deseja exhibir.

— Ela já fez isso antes? — pressiono com cuidado.

Seu rosto pálido se levanta para mim, incerto.

— A verdade. Nós combinamos dizer só a verdade hoje aqui, raposinha — lembro-a.

A mordida em seu lábio é mais forte do que o necessário; a menina quer infligir dor a si mesma. Vejo a carne se tornar vermelha, e decido interferir. Toco o lábio com o dedo e aliso o lugar onde há marcas dos dentes cravadas.

— Sim — o som estrangulado reflete no meu estômago, causando náusea.

Foda.

— Quando? — mal escuto minha própria voz.

O olhar vai para o chão, sustentando mais do que vergonha... Humilhação, talvez.

— Eu tinha nove anos...

Encaro-a esperando q...

Como é?

Porra dos infernos, o que foi que eu ouvi?

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON



Capítulo 19

DAMIEN

Leva um maldito segundo para que as palavras sejam absorvidas. E, quando são, corroem como ácido líquido circulando por minhas veias. Por Deus, acho que nunca senti nada igual a isso antes.

Meu corpo inteiro se revolta em tensão e Jasmine permanece de cabeça baixa. Maldição, tudo o que vejo em minha frente é uma menina destroçada, consternada por vergonha e pela dor.

Eu quero tocá-la. Porra, eu quero muito dizer algo que tire tudo isso dela, mas minha língua pesa uma maldita tonelada, e mal domino meu corpo. Sou tomado pela sensação de que estou a um passo de receber o impacto de um trem em alta velocidade.

Vendo que sou incapaz de falar, ela quebra o silêncio.

— Minha mãe fez isso pela primeira vez quando eu era só uma criança, Damien — a voz é destilada de emoções, demonstrando uma enorme aversão a si própria, *provavelmente querendo que eu sinta o mesmo* — Ela devia a um traficante e me usou para pagá-lo.

Aperto o copo, sentindo meus músculos reverberarem. O sabor amargo da ânsia vem rapidamente à boca.

— Aquele homem ia à minha casa todas as noites. Ele fazia e pedia

NACIONAIS-ACHERON

coisas tão nojentas... — arranha seus braços, tentando tirar a lembrança de sua pele.

A visão é perturbadora.

— Jasmine... — interrompo, em vão.

— Você zombou quando eu falei em preservativo naquela noite. O que você não sabe, é que é um milagre que eu seja limpa. Aos dez anos, ele me transmitiu uma doença que me manteve internada por mais de quarenta dias, tomando dúzias de injeções para combater a infecção, tão forte que poderia ter me matado! E você quer saber? — ouço o embargo de sua voz, a raiva, a dor, tudo — Eu gostaria de ter morrido! Eu gostaria de ter pego uma doença que nunca pudesse ser curada e que me levasse à morte.

— Você não precisa dizer mais nada — tento impedir, esganado pela sensação de uma serpente espremendo minha garganta.

Ela ignora meu apelo.

— Todos naquele hospital sabiam o que estava acontecendo — seu tom é sombrio, de um jeito que eu nunca pensei que fosse possível ouvir dela — Minha mãe negou, mentiu aos médicos, mentiu à polícia. E ninguém fez nada, só me mandaram de volta para casa, *curada*, e com visitas de uma assistente social, que mal se dava ao trabalho de entrar!

Seus ombros tensos dizem-me da luta sendo travada em seu frágil corpo.

— Eu odiei aquela assistente! — seus olhos vão para o teto, negando com a cabeça alguma coisa dentro de si — Eu odiei ela, odiei minha professora que desistiu de mim, odiei a todos que me deram esperança daquele inferno acabar. E nada aconteceu. Nada *nunca* aconteceu — e então ela sorri, com repulsa — Aliás, aconteceu sim. Minha mãe, obrigou todos os homens a quem ela me vendia, que usassem preservativos... Não por mim, mas para não voltar àquele hospital e perder tantos dias sem ter lucro nenhum comigo.

— Chega, Jasmine! — quero que ela pare de falar, que essa dor me dilacerando vá embora.

— Não, Damien. Você precisa ouvir — seus olhos nebulosos vêm para mim, causando arrepios — Você queria a verdade, não queria? Me trouxe aqui exigindo que eu abra o jogo. Todas as vezes que você jogou isso na

minha cara, tinha razão. *Eu não sou nada além de um corpo que se pode comprar e usar*, é assim que as coisas são.

Minha vontade é de colocar a mão em sua boca e impedi-la de continuar.

— Sua mãe é uma safada maldita — rosno, cortante.

Ela sorri, sem vida, assombrada.

— Ela não foi a única. Depois de alguns anos, minha mãe se cansou de fazer a negociação sozinha e passou a tarefa a um homem muito pior do que ela... — o delicado rosto se contrai — Eu tinha tanta raiva daquele cara, tanta! É errado ficar feliz quando alguém morre?

Levanto-me abruptamente, e, sem controle, arremesso o copo em minhas mãos contra a parede, urrando uma maldição que parece rasgar meu peito.

E a menina continua. É como se sua história fosse uma punição pelos meus próprios pecados.

— Eu pensei que a morte dele seria o fim daquilo, mas não foi. Nunca acaba. Quando você pensa que está livre, no mesmo dia, outro está em cima de você, te cegando, apoderando-se de sua vida! Te dizendo que seu corpo não é seu, sua alma não é sua! — a voz quebrada se eleva, crescendo, chegando aos meus ouvidos no formato de um maldito punhal — Eu tentei fugir tantas vezes! *Tantas!*

Assisto seu corpo se encolher, agitando-se para frente e para trás, as mãos vão aos ouvidos, protegendo-a de escutar algo em sua própria cabeça. *Perturbadoramente.*

— Quando o mal se apossa de sua alma, não há como escapar! Eu tenho que conviver com tudo aquilo, com a dor, as vozes, os cheiros... *E-eu sou tão suja!*

Oh, merda do caralho! Nada que eu já tenha vivido me preparou para isto. Nem posso evitar minhas próprias lágrimas. Eu daria tudo o que sou, o que tenho, minha vida, para que estas coisas não fossem verdade.

Sem controle do meu próprio corpo, caio de joelhos em sua frente.

— Eles nunca mais vão te machucar — a sobriedade de minha fala assusta até mesmo a mim; me dou conta de que o que estou dizendo é um fato.

Ninguém nunca mais vai tocá-la, nem que eu tenha que matar para garantir isso.

— Ninguém, *nunca mais*, vai te tocar — repito em voz alta.

Nada do que eu diga agora irá alcançá-la, eu sei. A menina parece estar em algum tipo de transe, gritando baixo, coisas dolorosas, convulsionando seu pequeno corpo num movimento ininterrupto, implorando para que as vozes a deixem, clamando pela ausência de uma caixa que nem faço ideia do que seja. Seu sofrimento quebra meu coração em tantos milhões de pedaços, não sei se há como recuperar.

Entre lágrimas que nublam minha visão, levanto seu pequeno corpo do sofá e caminho com ela para o meu quarto, sussurrando que tudo vai ficar bem, que estou aqui e que ela está segura comigo. Na escuridão, seguro-a como o mais valioso tesouro que já existiu, para que saiba que eu nunca a deixarei passar por nada disso novamente. É uma promessa que faço a mim mesmo.

Enquanto eu viver, ninguém jamais irá tocá-la.

Aos poucos, e depois de muito tempo mantendo-a contra mim, sinto seu corpo diminuir a intensidade. O chorinho baixo enfraquece a cada respiração. Entro em seu ritmo, acaricio o seu cabelo, até que a exaustão a consume.

Cubro seu corpo, cuidadoso, e, passo a passo, rumo ao banheiro.

Encosto a porta para que ela não acorde, me ajoelho diante do maldito vaso sanitário e despejo o que eu estava segurando. Merda, meu organismo se lança, revolto. Penso que nunca vou parar: tremo, sudo, e ponho para fora o que já nem tenho mais.

Doente. Perturbado. Culpado. Nada poderia definir corretamente a maneira de merda em que me encontro.

Deslizo para o chão frio, encarando o nada. Minha cabeça pesa. Deixo-a pender entre meus joelhos.

Isso não pode ser real.

Minha raposinha...

Inferno, não.

Ligo o chuveiro, ainda de roupa, e sento-me ao chão, incapaz de permanecer em pé. Sinto a água cair como agulhas afiadas às minhas costas.

NACIONAIS-ACHERON

Ninguém deveria passar por coisas assim.

Minha vida, o que sou, ou o que *acho* que sou, minha mãe, tudo, absolutamente tudo, entra em uma perspectiva esmagadora.



De volta ao quarto, ainda tremendo e lutando para estabelecer controle sobre minhas emoções, puxo-a contra mim, transmitindo e absorvendo calor.

Sua respiração pesada faz-me ciente do peso dos segredos que eu imaginava haver em sua alma, mas nada chega nem perto da realidade. Na primeira vez que a vi, ainda na casa do meu irmão, eu soube que a menina guardava coisas muito escuras dentro de si, e então este apelido estúpido surgiu em minha mente. Sim, por mais ridículo que pareça, é como eu a enxerguei naquele dia: arisca e frágil, lutando para ficar em pé.

Olhando em retrospecto, eu errei com ela tanto, quanto todos os malditos que já a tocaram. Nem que eu viva mil anos, será possível superar a realização de ser um estúpido que também a feriu.

Isso termina aqui.

Minha vida acaba de ganhar uma nova e inabalável missão. Vou amar e proteger essa raposinha como ninguém nunca o fez. Parece surreal, mas eu a quero comigo de maneira permanente, e vou lutar por isso com tudo o que eu puder.

Encaro o teto tomado pelo breu, e um pensamento muito forte começa a crescer, impossível de ser ignorado. Eu tenho que punir os responsáveis por seu sofrimento. Vou concentrar todo o dinheiro e empenho para que sua mãe e os homens que a machucaram paguem... E, foda-se, procurarei mais informações, até mesmo a respeito da tal assistente social. E a professora também, por que não?

Todos os que fizeram mal a ela receberão suas sentenças.

JASMINE

Movimentos quase silenciosos trazem-me à consciência. Mantenho meus olhos fechados, pensando sobre onde estou e as coisas que foram ditas. Não posso voltar atrás, eu perdi o controle e falei demais. Hoje, só me resta lidar com as consequências disso. Damien deve me odiar. Se antes sua aversão já mal podia ser escondida, agora, tenho certeza de que a revelação o afastará em definitivo. E quer saber? Talvez seja melhor assim.

Respiro fundo e abro os olhos, para encontrar uma bandeja de alimentos no lugar ao meu lado. Subo meu olhar e me assusto momentaneamente com seu semblante compenetrado cravado em mim.

— Bom dia, raposinha — a voz tão suave, que pareço ainda estar dormindo.

Pisco algumas vezes para me adaptar à claridade e à atmosfera estranha do quarto — o mesmo onde eu me entreguei a ele, uma vez. *A única vez.* Sento-me na cama e puxo o lençol contra a frente do meu corpo, apesar de continuar vestida como ontem à noite. Olho em volta, evitando encará-lo.

— Bom dia, Damien — demoro a responder, constrangida demais.

— Eu trouxe seu café da manhã — noto a complacência em seu tom, e rapidamente mudo meus olhos para ele.

Eu não quero sua piedade, se é isso que seu rosto cansado transmite.

— Sobre ontem...

— Se alimente — ele me corta, brando — Depois conversaremos.

Mantenho meus olhos nos seus, tentando entender o que está havendo. Damien sabe exatamente quem eu sou, então qual é o plano? Sem piscar, balanço de leve a cabeça, negando sua oferta. Meu estômago não está muito bem. E eu quero muito saber o que ele está armando.

Arrumo meu cabelo em um coque e começo a me levantar.

— Diga, Damien, agora que você já sabe a verdade, o que estamos fazendo? — vou direto ao assunto.

Ele expira pelo nariz pesadamente, soando exausto. Não deve ter dormido.

— Por favor, Jasmine, coma o que eu lhe preparei — um passo à frente,

e outro — Nós vamos conversar depois. Por ora, faça o que estou pedindo.

Aperto a palma da minha mão para ganhar um salpico de dor que distraia o tremor de meu corpo.

— Não. Eu não estou com fome... Minha barriga nem seguraria qualquer coisa — desvio meu olhar para o chão, incomodada com a proximidade imposta por ele — Só vamos terminar logo com tudo isso.

Para minha surpresa, seus dedos frios vêm tocar a minha têmpora, no exato ponto onde o latejo começa a surgir.

— Eu não quero terminar nada, raposinha. Eu quero começar.

As palavras puxam minha atenção para ele como um ímã.

— O que você quer dizer com isso? — mal escondo a desconfiança.

Sua garganta bem construída se movimenta para cima e para baixo, num engolir.

— Quero dizer que, a partir de hoje, resolveremos nossas questões de uma vez por todas.

Estreito meus olhos.

— *Nossas questões?* — minha calma é tão surpreendente, se comparada às batidas estranhamente desalinhadas em meu coração.

Um meio sorriso brinca no canto de seu lábio.

— Namore comigo.

Leva alguns segundos para a frase ser processada por meu cérebro.

— V-você... — minha cabeça se inclina de lado, num gesto involuntário — *Como é?*

O sorriso, não mais tão tímido, ganha um tamanho maior.

— Namore comigo. Saia comigo, jante, assista a filmes, dance... Como namorados fazem — apesar da tentativa de humor, seus olhos sérios sustentam uma expectativa difícil de ser ignorada.

Oh, com certeza ainda estou dormindo. Para tirar a dúvida, cravo as unhas na palma de minha mão outra vez. A dor é real.

Estou acordada.

O problema deve ser auditivo, então. Depois de tudo o que eu contei, ele não pode estar me dizendo isso.

Diante da minha inadvertida ausência de palavras, eleva sua
NACIONAIS-ACHERON

sobrancelha perfeitamente delineada pela natureza.

— Vou entender que você está tão emocionada que mal se lembra de como dizer sim.

— Não! — digo, rápida.

Um músculo de seu maxilar pulsa.

— Quero dizer, não é isso... Eu me lembro de como diz “sim”... Quero dizer, eu sei como é a palavra...

Sua expressão enigmática, pacientemente permitindo que eu me enrole cada vez mais, me deixa desconfortável.

— Por que isso? — investigo, buscando nele uma resposta plausível, ou tentando desvendar o plano em sua mente.

— Por que *namorar*? — a irritante tranquilidade e fingido desentendimento não são característicos de Damien.

— Por que você está *me pedindo* isso?

— Porque eu gosto de você — ele faz um beicinho de “*não é óbvio?*”.

— Não. Você não gosta de mim, Damien — afirmo, desejando acabar com esta situação toda.

A pouca distância restante entre nós é cortada, os corpos praticamente ocupam o mesmo espaço. Meu peito chega a tocar o seu quando sua mão enlaça minha cintura, me trazendo para junto dele.

— Você tem razão, raposinha. Eu não gosto — a boca está tão perto que posso sentir o hálito mentolado — Eu amo.



Capítulo 20

DAMIEN

Basta olhar em seus olhos para saber a resposta ao meu pedido. É cedo demais. A menina ainda não está preparada para o que tenho. *Maldição*, não vou dizer que não me incomoda; bem lá no fundo, esta reação não era óbvia?

Aproveito um pouco mais da proximidade e toco seu rosto, deslizando o dedo pelo vinco marcado em sua testa, onde seus olhos arregalados encontram a linha da sobrancelha. Inocente, inexperiente, minha pequena nem se dá conta de que é assim, apesar de toda a merda que corrompeu sua infância. Inferno, a mínima lembrança remexe violentamente minhas entranhas.

— Tudo bem, raposinha — sussurro, muito próximo à sua boca, sentindo uma vontade esmagadora de beijá-la — Eu sei o que quero, mas posso esperar. Tome seu tempo para se acostumar à ideia.

Antes que ela possa dizer qualquer coisa para rebater, selo um beijo casto em seus lábios macios. A esperança fica por conta de sentir seu corpo relaxar sob o meu toque. Jasmine acaba de assinar um acordo comigo e ainda não sabe.

Afasto a cabeça para sondar seu rosto. Linda pra caralho, nunca vou me acostumar, nenhuma mulher poderia superar isso. Seus olhos fechados,

absorvendo o contato, é uma visão esmagadoramente excitante. Aliás, tenho aprendido algumas coisas sobre sensualidade feminina, que antes eu completamente ignorava. Tento evitar a lembrança dela despindo-se para mim, de suas costas lindamente nuas, para que meu doloroso pau não venha à vida.

Estou em um severo caso de celibato.

— Você tem planos para o dia? — uso meu tom mais agradável.

Ela ofega e abre os olhos, encarando tudo menos os meus.

— Eu tenho que voltar para casa... Gabi deve estar preocupada.

Assinto, sem revelar que sua amiga sabe exatamente onde ela está.

— Tudo bem. Que tal sair para jantar comigo?

As íris amendoadas me encaram.

— Olhe, Damien, eu agradeço tudo o que você tem feito, mas... — a menina prende o lábio daquele jeito hesitante — não precisa ter pena de mim, ou fazer este tipo de coisa...

Elevo uma sobrancelha, interrogativo, escondendo meu divertimento com seu embaraço.

— Que tipo de coisa?

Ela bufa baixinho.

— Me pedir em namoro... e — seus ombros se encolhem — se oferecer para me levar a lugares públicos... Nós dois sabemos sua opinião sobre isso.

Meu humor vai embora à velocidade da luz. Sei exatamente ao que ela se refere.

— Falei aquilo da boca para fora, Jasmine. Eu só queria te ferir — admito, sem triunfo — Não gostei de ver você com aquele cara no restaurante... Porra. A verdade é que fiquei maluco quando te vi rindo com ele.

Recebo um olhar duvidoso.

— Você nunca riu daquele jeito perto de mim antes... — explico, como se isso justificasse a porcaria toda.

Observo seus lábios formarem um pequeno “oh” inaudível.

— Sim, raposinha, eu sou um estúpido que já fez muita merda —

coloco uma mecha de seu cabelo para trás da orelha — Mas eu gosto de você, e vou trabalhar duramente para corrigir toda essa bagunça. Eu fiz você passar vergonha, quando, na verdade, tudo o que eu queria era ser aquele cara ao seu lado.

Ela não diz nada e nem é necessário. Posso sentir que sua armadura contra mim está começando a mostrar brechas. Jasmine pode resistir o quanto quiser, mas ela sabe, tão bem quanto eu, que estamos atraídos um pelo outro, e não vou desistir.

— Agora se alimente, você perdeu peso e precisa estar bem para tudo o que tenho em mente.

Libero uma risada baixa sob seu olhar de advertência.

Sim, estamos evoluindo.

JASMINE

Sento-me com Gabrielle na sala. Ela coloca seu computador portátil de lado e sorri para mim, do jeito bonito “Gabrielle” de ser.

— Gabi, eu preciso te contar algumas coisas... — enrolo o tecido da camiseta confortável que coloquei assim que cheguei.

Seus olhos perspicazes vêm para mim com toda a sua atenção.

Respiro fundo.

— Eu... Eu passei a noite na casa do Damien... Não aconteceu nada! — apresso-me em dizer — Ele fez um acordo com o dono da boate e disse que estou livre — falo, desconfortável, esperando por sua aversão.

Graciosa, ela cruza as mãos pousadas em seus joelhos.

— Veja se isso não é uma grande novidade, aquele imbecil fazendo alguma coisa boa, afinal.

Esta não é a reação que eu esperava.

Semicerro os olhos, encarando-a melhor. Seu sorriso não vacila. Por que tenho a sensação de que há algo fora do lugar?

— E tem mais... — engulo a saliva seca — E-ele...

A sobancelha perfeita se levanta.

— Ele?

Sorvo mais ar do que o necessário.

— Ele me pediu em namoro.

Ela tosse repentinamente.

— *Aquele aproveitador...* — o resmungo é tão baixo, em meio ao tossido, que não tenho certeza se realmente escutei.

— Como? — pergunto, incerta — Você está bem?

— Não foi nada — ela abana o rosto, se recuperando — E o que você respondeu?

Gabi se ajeita, ficando de lado no sofá, de frente para mim. Desvio meus olhos brevemente para o chão.

— Não respondi nada, não precisou.

Seu olhar interrogativo espera que eu elabore melhor.

— Ele está fazendo isso por, sei lá, *pena* de mim, eu acho.

Ela faz uma expressão de desagrado.

— Por que ele te faria um pedido destes por pena, Jasmine? Olhe só para você, quantos caras por aí gostariam de fazer o mesmo?

Encaro-a.

— Eu contei a ele quem eu sou, Gabi. Ele me pediu a verdade e eu falei. Não sei por que fiz isso, sabe... Acabei contando tudo. Damien é muito... — penso na palavra — persistente.

— Como ele reagiu? — ela vê através de mim, especulando, protetora.

Esfrego meu rosto.

— Não muito bem... Acho que foi por isso que ele fez esse pedido.

Minha amiga suspira, evitando me dar mais alguma lição sobre autoestima.

— E o que você sente aqui? — seu dedo pousa em meu peito.

A pergunta me pega de surpresa.

— O que eu sinto? — olho para o teto da sala — Eu *realmente* não sei. Ele mexe com alguma coisa dentro de mim, e, por mais que eu lute contra, isso só piora quando estou perto dele.

Sua expressão se suaviza.

— Você se lembra de quando eu te disse que o babaca estava apaixonado?

Não respondo, esperando seu ponto.

— O que eu não quis dizer, naquele dia, é que você também estava. Você chegou aqui apaixonada por ele, Jas.

Abro a boca para negar; não consigo.

— Sim, viu? A questão é: por que não tentar? Já que o imbecil está se esforçando tanto, por que não?

Sacudo a cabeça. Deslizo minhas mãos pelo tecido macio do grande sofá branco ao lado de minhas pernas.

— *Você sabe o porquê*, Gabi.

— Sim. Você tem medo do que está sentindo e tenta usar tudo o que aconteceu para afastá-lo — conclui, com seu modo próprio de enxergar as coisas.

— Não... Quero dizer, o que eu poderia oferecer para alguém como ele?

O barulhinho estalado com a língua me desaprova.

— A pergunta é outra. Eu quero saber o que ele pode oferecer para alguém tão especial como você — seu tom é tão seguro, sem nenhuma margem para desacreditar.

Calo-me, decidida a não entrar nesse mérito. Eu perco. Sempre.

— Ele me convidou para jantar... — conto.

— Ótimo. Vamos escolher uma roupa bem linda e fazer o bastardo pagar seus pecados.

DAMIEN

Lanço a bola contra a tabela. Christian me bate com seus ombros, desestabilizando meu eixo de gravidade.

— Porra! — assovio com a pancada.

O puto me empurra para fora do lance novamente.

— Você estava encarando a bola com este sorriso tão imbecil que eu não podia perder — debocha.

Meu irmão mais novo é, de fato, um pé no saco.

Dom se aproveita da distração e recupera a bola, lançando-a ao ar diretamente para a cesta.

— Bem, se vocês dois algum dia vão aprender a jogar, eu espero não estar velho demais para isso — o cara provoca.

Tiro minha camiseta e esfrego o suor do meu rosto, dando a partida por encerrada. Chris pega a bola do rebote e se junta a mim, assim como Dominic.

— Mano, eu realmente gostaria de saber que bicho mordeu sua bunda, acho que estou precisando disso também — Chris coloca seu braço suado contra meus ombros.

Desvencilho-me dele, sob o olhar atento de Dominic.

— Eu espero que você saiba o que está fazendo, Damien — o aviso é claro, sem que nomes precisem ser ditos.

— Cuide de sua ruiva encenqueira e deixe eu me virar — resmungo, querendo acabar com o assunto.

Finjo não perceber seu olhar afiado. Uma briga com Dominic não é um bom jeito de terminar a manhã em que a raposinha amanheceu na minha cama.

Chris observa tudo, sustentando seu sorriso provocador de merda.

— Dois amarrados pelas bolas, é isso o que vocês são.

Jogo minha camiseta contra a cara dele.

— Logo você estará exatamente neste ponto, irmão. É só uma questão de tempo.

Sim, não neguei minha situação. É assim que a menina me deixa.



Pontualmente às oito da noite, aperto a campainha do apartamento de Jasmine. Estar na toca da fera chamada Gabrielle, o que isso faz de mim? Um corajoso, *com certeza*.

O porteiro me anunciou, então supostamente não há nenhum mistério em abrir a porta; a demora é uma provocação clara. Sei disso quando a loira assustadora faz as honras.

— Olá, Damien — ela me olha de cima a baixo, desdenhosa, enviando um aviso silencioso — Entre, Jasmine está terminando de se arrumar.

Respiro fundo e aceito o convite. Eu não tinha reparado da última vez que estive aqui, o lugar é grande... e cheio de flores.

— Eu poderia te oferecer uma bebida, mas não quero que a Jas entre no carro com alguém que bebeu, entende? — o sorriso debochado me deixa no limite de enforcar seu lindo pescoço.

Escoro-me contra a parede, próximo à porta, descansando minhas mãos nos bolsos da calça, tranquilo.

— Não se preocupe com ela, eu sei cuidar do que é meu — desafio, cuidadoso para que a raposinha, onde quer que ela esteja, não escute minha afirmação territorial.

Irritar minha menina é tudo o que não preciso.

Como uma felina cercando a presa, a mulher se aproxima.

— Você cumpriu nosso acordo, não é? — a voz doce não me engana.

Elevo o queixo, sustentando o sorriso confiante, que mostra como as coisas são.

— Eu não precisava de um acordo com você para fazer o que fiz, Gabrielle.

A miserável sorri ainda mais docemente, encarando suas unhas.

— Pois é, não mesmo. Mas você está com sua bela bunda aqui, confortável em minha sala, por uma razão, não é?

Bufo, desejando um uísque.

— Sim, você prometeu facilitar o meu caminho, espero que cumpra sua parte.

Ela faz um som de estalinho irritante com a boca, negando.

— Acho que você entendeu errado, meu caro. Eu me comprometi a não criar obstáculos. *Facilitar* é uma coisa diferente — seu olhar astuto cai em mim — A propósito, sua pressa é realmente preocupante. Espero que saiba o que está fazendo com este *pedido de namoro*. Eu não preciso lembrá-lo...

Corto-a, com ar entediado.

— ...que seus *amigos* sumirão com meu corpo caso eu faça mal à Jasmine. Sim, tem razão, você não precisa me lembrar — fecho minha expressão, entrando no maldito assunto — Por falar nisso, você já tem alguma informação?

A barreira de antipatia vai embora de imediato, e a mulher endireita sua postura.

— Não, mas pelo ritmo, acho que em breve saberemos onde ela se esconde.

— Ótimo. Lembre-se do que combinamos: aquela velha é minha.

JASMINE

O olhar dele está cravado em mim desde que despentei pelo corredor. Há tanto em sua expressão: apreciação, desejo, contentamento, tudo isso enquanto avalia a escolha de vestido que Gabi sugeriu para mim. Quando seus olhos claros encontram-se com os meus, eu quase não posso respirar. Damien me olha como algum tipo de bem valioso.

— Você está linda, Jasmine — a voz sustenta uma rouquidão abrasadora.

Sinto minhas bochechas corarem.

— Obrigada — é tudo o que consigo murmurar.

Gabi me encara orgulhosa, incentivando a me aproximar deles. Equilibrando-me nos saltos, não tendo segurança sobre minhas pernas, caminho até onde Damien está.

— Oi — ele sussurra, brincalhão, vidrado em mim.

Sorrio, não conseguindo ficar indiferente ao brilho em seu rosto.

— Oi...

— Pronta? — o timbre baixo é como se estivéssemos em uma bolha.

E esta é uma pergunta realmente difícil de responder. Eu estou pronta para esta situação, sair com Damien em público, sentir as coisas que tenho sentido?



No restaurante, os primeiros minutos são um tanto desconcertantes, me sinto mais nervosa do que eu esperava. Damien, por outro lado, está à vontade, sem tirar os olhos de mim. Parecendo feliz — e não como se tivesse vergonha de estar aqui comigo —, conversa banalidades, sorri, e arranca sorrisos involuntários de mim também.

Quando me dou conta, estou completamente envolvida no que ele fala. Gosto de escutar suas histórias de criança. A relação dele com os irmãos, a maneira com que estão sempre se apoiando, é algo que o torna diferente de como eu o enxergava. Damien tem verdadeira admiração por Dominic.

Assim como eu.

— Eu ia quase todas as noites me alimentar no Centro Comunitário — revelo, por alguma razão desconhecida.

Aliso o tecido sobre a mesa, mergulhada nas lembranças de que, na maioria das vezes, o jantar que o Centro Comunitário oferecia, era minha única refeição do dia. Dominic criou aquele lugar e sempre recebeu a todos de braços abertos, sem julgamentos. A forma como ele me tratava, livre de piedade, de igual para igual, é que me fez voltar tantas vezes. É assim que boa parte das pessoas que vão lá se sente a respeito dele.

Encaro os olhos azuis brilhando, interessados, talvez porque eu quase não abri a boca desde que chegamos.

— Dominic é uma das melhores pessoas que conheço... — sorrindo, não escondo minha admiração.

Sua expressão se torna mais séria, parecendo não gostar do que eu disse.

— Você gosta dele? — a pergunta seca soa fora de contexto.

Inclino meu rosto meio de lado, não entendendo seu tom duro.

— Sim... — digo, simplesmente — Dominic é uma boa pessoa, ele e Luna são perfeitos um para o outro.

E o noto relaxar, engolindo metade do vinho da taça.

O que foi isso? Ciúmes? Não, não pode ser.

Seu foco volta para mim.

— Você pensou no que eu disse? — a nota baixa, mais intimista, me faz saber exatamente em que campo entramos.

Bebo minha água, acompanhada por seu olhar.

Sim, eu pensei. Muito. E não consigo ver uma forma disso funcionar. Cedo ou tarde, Damien passará constrangimento por estar comigo. Ele é explosivo, a despeito da mudança em seu comportamento desde que apareceu em frente à boate. O homem parece... *instável*. Nunca dá pra saber o que esperar dele. Somando tudo isso a ter alguém como eu ao seu lado, posso lhe meter em situações ruins.

— Pensei... — respondo, sem saída diante de seu crivo cheio de expectativa.

Ele traz o corpo para frente, adivinhando minha resposta e querendo me fazer mudar de ideia. Sua mão quente pega a minha, exigindo toda a minha atenção.

— Olhe, raposinha, nós não precisamos ir de uma vez. Eu sei que fiz muita coisa errada, mas tudo o que estou pedindo é pra gente tentar. A partir daqui. Eu posso te fazer feliz, só me deixe provar.

Engulo a saliva com dificuldade, minha garganta parece querer se fechar.

— O problema não é você, Damien... — desvio meu olhar para nossas mãos unidas — Cedo ou tarde, você vai se arrepender disso. Vai ver que meu passado é algo difícil de ignorar. Eu recebi uma grande oportunidade de Luna e Gabi, para refazer minha vida, mas eu ainda sou a mesma pessoa suj...

— *Não repita isso*, Jasmine — me corta com severidade, para logo

abrandar — Não repita o que ia dizer.

Ser suja. É isso o que ele quer me impedir de admitir.

Assisto-o respirar fundo.

— O que você acha de fazermos um trato? Nós vamos no seu ritmo, saímos como amigos, sem pressão, até que você possa admitir que quer isso tanto quanto eu.

Vacilo com a ideia, percebendo que realmente quero o que ele está oferecendo. Damien aproveita a deixa para sorrir de um jeito difícil de suportar, de tão bonito.

— Por favor, aceite, raposinha. Eu prometo ir com calma, sem rótulos, respeitando o seu tempo — os dedos deslizam sobre os meus, numa carícia; o sorriso ganha um ar mais travesso — E quando você perceber, estará me chamando de namorado.

Posso estar cometendo o maior erro da minha vida, mas, no momento, nada mais parece tão certo.

— Ok.

Seu rosto se afasta um centímetro, em branco.

— O que você disse?

— Tudo bem, Damien, eu quero fazer isso — admito.

Eu não estava preparada para sua reação. Sua expressão vai de surpresa para êxtase e, antes que eu consiga piscar, ele já está ao meu lado, me puxando para si, com os clientes todos à nossa volta, nos olhando sem entender.

— Eu vou te fazer muito feliz, Jasmine. Sério. Nunca nenhuma mulher será mais feliz do que você — seus lábios estão muito próximos aos meus.

Sem que eu me permita pensar muito, sigo os instintos do meu corpo e enlaço meus dedos em sua nuca. Não me lembro de querer nada tão forte antes. Nossos olhos se conectam, e Damien reconhece isso em mim.

— Eu te amo — murmura, prendendo meu rosto em suas mãos.

É o fim. Fecho meus olhos, sentindo meu coração descompassado. O ar foge, em velocidade, e nenhum pensamento tenta me impedir. Nada mais tem importância. Tomo a iniciativa e corto o espaço entre nós dois. Nossos lábios se unem, quentes, seus dentes brincam, prendendo a minha boca de leve,

desbravando. Finalmente, a língua desliza áspera, exigindo espaço.

Um gemido baixo foge do meu peito, tão profundo que parecia estar preso ali por muito tempo.

É tão... *diferente*. Não sei bem o que fazer, mas não quero parar nunca mais.

O mundo à nossa volta já não existe.



Capítulo 21

JASMINE

Sorvo uma xícara de café bem quente, com os pensamentos ainda em ontem à noite. Não consigo parar de relembrar o beijo. Quase não dormi, e me peguei sonhando acordada em alguns momentos durante a madrugada, até o sono chegar.

— Este sorriso em seus lábios é novidade — Gabi se aproxima da cafeteira.

Eu nem tinha percebido sua presença. Pisco para sair das lembranças e me concentrar na mulher envolvida em um roupão champanhe de cetim, o cabelo está preso em um coque despretensioso no alto da cabeça.

— Você é tão bonita — reflito em voz alta, aproximando a caneca de meu rosto e sentindo o aroma forte.

Ela enche uma xícara para si e se senta à minha frente, apoiando os cotovelos no granito claro e frio, também apreciando o cheiro de seu café.

— Obrigada, Jas. Este elogio foi uma boa distração para fugir do meu comentário. Qual é o motivo do sorriso em seus lindos lábios? — piscando docemente, ela provoca.

Mordo minha bochecha.

— Nós nos beijamos — sussurro, tímida ao abordar o assunto.

Seus olhos brilham para mim, satisfeita. O que está havendo com ela?

Assisto à Gabi beber um pouco do café.

— Legal — a voz é falsamente desinteressada — E o imbecil pelo menos beija bem?

Suspiro, pensando no que dizer.

— Bom, eu não tenho com o que comparar — sinto minha face esquentar — Mas foi como se meus pés não pudessem mais sentir o chão.

Minha amiga quase cospe a bebida em sua boca. E então tosse, engasgando-se.

— Por que você não tem com o que comparar?

— Porque eu nunca beijei ninguém antes...

Seus olhos claros e exóticos aumentam de tamanho, e a expressão ganha uma admiração difícil de lidar.

— Você é um tesouro, Jas. Espero que Damien saiba valorizar isso... Vou me assegurar de que o faça.

Algo em sua fala me faz ciente de que não há dúvidas quanto à ameaça. Isso tem um poder tão grande de me fazer sentir segura. Se Gabi soubesse o quanto ela é importante para mim.

— Eu te amo, Gabi — me pego dizendo com toda a franqueza.

Ela sorri, tornando o mundo mais bonito.

— Eu também, Jasmine. Te amo como uma irmã.

Mantemo-nos em silêncio, contemplando nossos cafés e a verdade das palavras.

DAMIEN

Depois de correr nas ruas por cerca de uma hora, ainda tive disposição para erguer peso na academia, tudo isso para sanar a energia correndo em meu corpo.

A raposinha aceitou.

Estou me sentindo um adolescente estúpido. Porra, se isso não é bom, eu não sei o que é.

Queria levá-la à minha casa depois do jantar de ontem, mas não me atrevi a pedir. Preciso merecer sua confiança. Se, para isso, eu tiver que seguir em seu ritmo, eu vou. Fiquei pensando em muita coisa durante a noite. Jasmine é especial, e sua dislexia é algo que tenho de trabalhar com grande cuidado. Uma vez eu errei, escrevendo um maldito bilhete que a humilhou de uma maneira que eu nem imaginava. Vou me atentar e desenvolver minha própria comunicação com a raposinha, sem mais erros.

É por isso que estou entrando nesta floricultura. A atendente é estranhamente familiar. Quando digo o que preciso e lhe conto as especificidades do meu pedido, os olhos da mulher se acendem, animados. Foda. Estou agindo como um preso pelas bolas, como diria Chris.

Assim que lhe dou o que eu trouxe para ser enviado junto e informo o endereço de entrega, algo nela se modifica. Recebo uma análise de cima a baixo, o reconhecimento ganha seus traços. Devo estar vendo coisas, mas sinto que a bela mulher sabe direitinho quem eu sou.

JASMINE

Deixo o fone de ouvido com o áudio das palavras e o livro de exercícios incompletos de lado quando Gabi entra no quarto, trazendo consigo um enorme buquê de rosas. Encaro-a sem entender seu sorriso animado.

— Alice? — tento adivinhar.

Gabi faz um beicinho de mistério.

— Quase acertou. Sim, é da floricultura dela, mas uma entrega para você.

Arregalo meus olhos, sem coordenação.

— *Pra mim?*

Levanto-me, mais curiosa do que eu gostaria. Nunca recebi flores. Ela

estende também uma caixa de presente. Encaro o embrulho, sem me mover.

— Pegue, Jas. Obviamente não é algo perigoso... Bem, não da forma tradicional...

A brincadeira me faz questioná-la com o olhar, e ela bufa.

— O que eu quero dizer é que não é uma bomba. No máximo, aquele idiota vai me fazer desgostar um pouco menos dele.

Com as mãos trêmulas, pego a caixa de veludo negro, desfaço o laço e abro, para encontrar o presente mais bonito que já vi.

Uma gargantilha com a corrente fina e dourada, e um incrível pingente em formato de raposa, encrustado de pequenos pontos brilhantes, os quais absorvem e refletem luz por todos os lados. Tão pequeno e delicado. Tão impressionante.

Embargada, tremendo um pouco mais, mostro para Gabi.

Ela parece admirada, tanto quanto eu, ao pegar a corrente e retirar da caixa. Virando a peça em sua mão, ela me olha de um jeito diferente.

— *Minha* — ela sussurra — Está escrito minha.

Nossos suspiros se misturam.

Para minha total surpresa, ela retira um gravador entre as rosas vistosas e me entrega. Observo um papel pequeno colado, com uma flecha desenhada apontada para o botão.

Encaro a minha amiga, em branco.

— Vamos, Jas, ligue isso de uma vez — diz, exasperada, talvez mais ansiosa do que eu.

Faço, e escuto a voz rouca de Damien ecoar pelo ambiente.

— *Raposinha...* — silêncio por dois ou três segundos — *Eu sei que parece um pouco precipitado, as flores, o presente, mas você precisa saber que eu estou levando a sério a missão de te fazer feliz* — segundos de silêncio, penso até que a gravação acabou, e então o som retorna — *Comprei este colar há alguns meses. Assim que o vi, sabia que ele seria seu, porque mesmo quando eu nem sequer fazia ideia de onde te encontrar, eu tinha certeza que, apesar de não merecer, um dia, você me daria uma chance. Foi isso que me manteve em pé. Farei jus à sua confiança, prometo* — por meio de sua voz macia, consigo sentir a sua presença — *Passarei para te apanhar*

às quatro — tenho vontade de revirar os olhos com a “*maneira Damien*” de não pedir, e sim exigir — *E não se esqueça, Jasmine: eu te amo.*

Fico olhando para o gravador, sem respirar. Esse homem está cravando suas garras em um lugar profundo, que tanto me assusta quanto me faz querer vibrar.

Gabi limpa a garganta, afetada.

— Pois é... O cara não joga limpo.

GABRIELLE

Dou o toque final à sua maquiagem, um batom vermelho vinho, que certamente colocará aquele imbecil do Damien ainda mais de joelhos pela “*raposinha*”.

Reviro os olhos mentalmente com este apelido.

— Prontinho, gata.

Jas se levanta, alisando o vestido bonito que cai como uma luva em seu corpo cheio de curvas. A menina não faz ideia do quanto é bonita. Não obstante tudo o que lhe aconteceu, seu brilho nunca poderá ser apagado. Rezo para que ela se dê conta disso de uma vez.

— Nossa... — o olhar surpreso vai para si no espelho — Essa nem se parece comigo... — ela morde o lábio, de um jeito inseguro.

Argh! Tenho vontade de puxar seus cabelos quando Jasmine se coloca nesta posição.

— Ok, Jas, que você é humilde eu aceito — fico atrás dela no espelho — Cega, definitivamente não.

Ajudo a colocar sua nova gargantilha — um presente lindo, devo admitir.

Ela sorri, soltando um pequeno suspiro.

— Eu acho que já vou indo. Damien deve estar lá embaixo me esperando.

— Certo, e nós não queremos o imbecil tendo um AVC enquanto
NACIONAIS-ACHERON

espera, não é mesmo? — penso por um segundo — Na verdade, se ele pisar na bola, este será o menor dos seus problemas.

Seus olhos sinceros me fitam daquele jeito puro através do espelho.

— Obrigada por tudo, Gabi...

Minha vontade é de guardá-la em um potinho, protegida de tudo, no entanto — a despeito de minhas ressalvas quanto a ele —, sinto que Damien é a única pessoa no mundo capaz de curar as feridas que Jasmine guarda em seu coração. Tenho que incentivá-la.

— De nada, Jas. Tente relaxar e se curtir um pouco. Não vou com a cara dele, mas sei que o homem gosta mesmo de você e está se esforçando.

Sorrindo, ela aperta o pingente de sua gargantilha entre os dedos. O objeto é uma peça delicada em formato de raposa, feita de pequenos brilhantes. E é um sinal. As coisas finalmente estão se ajeitando.

Beijo seu rosto, em despedida.

Antes dela sair, peço que deixe a porta da frente aberta. Katy está vindo para irmos juntas à exposição de sua cliente. Sim, este é o tipo de passeio que minhas amigas têm me oferecido ultimamente. Meus bons momentos de nova solteira estão se tornando solitários. Talvez seja hora de dar uma pausa.

Estremeço com a ideia.

Não. Outro casamento é tudo o que menos preciso.

— *Poxa*, é um montão de batons que você tem aí, hein, moça — uma vizinha doce, infantil, me faz saltar no lugar.

De frente para o espelho, não vejo a origem do som. Giro lentamente em direção à porta do quarto e, assim que meus olhos focalizam o serzinho, mal posso acreditar.

Olho por cima de sua cabeça, e de novo pra ela.

— De onde você surgiu?

Assisto suas mãos irem para os quadris. Sem hesitar, caminhando de um jeito *diferente*, ela se aproxima com tranquilidade da cama onde estão as minhas melhores maquiagens.

Fico paralisada, inerte, assistindo a cena.

— Eu adoro batons — os olhinhos brilham para alguns batons da coleção de inverno da Dior, *esgotada!*

Sacudo a cabeça, buscando uma reação.

— Como você entrou aqui? — pergunto, baixo, como se eu estivesse fazendo o primeiro contato com um extraterrestre.

Pareço ridícula agora.

Sua atenção permanece nos meus batons, e a mãozinha se prepara para pegar o alvo. Um Rouge 99. *Único!*

— A moça deixou a porta aberta — ela esclarece simplesmente, sem nunca perder o foco.

Ah, sim, isto explica muita coisa, penso, irônica.

— E seu nome é?

Um olhar rápido vem para mim, e, na mesma velocidade, retorna para o meu arsenal.

— Luz do Sol — a resposta é confiante.

— Seu nome é *Luz do Sol*? — repito, parecendo uma tola.

— Aham.

Inspiro superficialmente. Ok. Ok.

— E você mora... *aqui*? — me pego desajeitadamente interrogando a invasora.

— Eu sempre quis um batom, mas meu pai disse que não temos dinheiro.

Essa menina, com no máximo um metro e dez de altura, *ignorou* a minha pergunta de propósito?

— E onde está seu pai?

— Fazendo nossa mudança.

Oh, que sorte a minha, penso, enquanto assisto meu Rouge ser aberto.

Sinto que acabei de perdê-lo.

DAMIEN

Jasmine está em pé, em meu apartamento, próxima às vidraças. Percebi

NACIONAIS-ACHERON

que ela gosta deste pedaço do lugar.

— Eu estou pensando em redecorar — entrego-lhe uma taça de vinho.

Ela aceita, olhando para o espaço aberto.

Linda pra caralho. E ver meu colar em seu pescoço deixa-me possessivamente satisfeito. No terceiro mês depois que ela foi embora, eu vi este colar na vitrine de uma elegante joalheria e sabia que tinha que ser dela. Aquilo foi como um sinal, que eu ignorei porque estava preso demais em minha bagunça para fazer a coisa certa.

O que importa é que, agora, ela está onde deveria. Ao meu lado. *Ela é minha.*

Observo, fascinado, o movimento de sua garganta ao saborear o vinho. A raposinha parece nervosa, mas não é mais daquele jeito arisco.

Hoje fiz tudo conforme a cartilha do *novo Damien*. Levei Jas para um passeio, jantar, e, por alguma razão inesperada, mas não menos agraciada, ela aceitou vir à minha casa. Honestamente, eu quero tudo dessa mulher. Quero sua presença, seus sorrisos, seus beijos, e, sim, quero desesperadamente seu corpo em minha cama.

— Por quê? — a pergunta baixa, doce, me traz de volta.

Quase tenho que perguntar do que ela está falando.

— Sei lá — olho para a sala — Esse lugar é meio sem vida. O problema é que eu realmente não faço ideia por onde começar — encaro seu perfil — Você poderia me ajudar? — minha voz soa mais baixa, não negando meu atual estado.

Analiso atentamente sua reação.

O rosto bonito se vira para mim.

— Damien, eu não entendo nada de decoração... — os olhos repentinamente brilham — A Gabi, sim, ela é muito boa em deixar as coisas mais bonitas.

A menina gosta muito da loira assassina. Isso eu tenho que respeitar.

— Gabrielle provavelmente construiria uma armadilha bem no meio da minha sala. Aquela mulher é perigosa — brinco, conseguindo um sorriso lindo.

Não resisto; retiro a taça de sua mão, deixando sobre o móvel ao lado.

Jasmine não me impede, respirando baixo, tão *malditamente* afetada quanto eu.

— Eu nunca vou me acostumar com o quão linda você é, Jasmine — aproximo minha boca de seu ombro, e descanso um leve roçar ali —, e o quanto eu gosto disso — assisto o arrepio em sua nuca e tenho vontade de vibrar — Este arrepio em sua pele — deslizo minha boca no caminho para seu pescoço, parando exatamente na curva —, seu cheiro — vou subindo, alcançando o maxilar —, seus suspiros baixos — deixo meus lábios vagarosamente percorrerem seu rosto até o canto da boca —, seu sabor, raposinha, é a melhor coisa do mundo.

Sem nenhuma resistência dela, encaixo nossos corpos, pressionando-a contra o vidro frio, e me perco em um beijo que, a cada fração de segundo, vai me deixando mais e mais duro.

Assim que sente minha necessidade volumosa, um suspiro desafinado eclode de seu peito. Eu não quero apressar as coisas. Porra, posso estar colocando tudo a perder, mas intimamente eu sei que ela quer isso tanto quanto eu quero.

Abandono meu aperto de sua cintura, deslizando a mão para o caminho entre suas pernas.

— Damien — ela murmura, e, *miséria*, isso não soa como um pedido de pare.

— Eu te amo — resmungo em sua boca, não querendo que a conexão seja quebrada.

Minha mão parece ter vontade própria, iniciando a subida por suas coxas quentes. Meu pau lateja mais forte quando a ponta de meu dedo roça o material rendado que cobre sua boceta.

— Seja minha — imploro, quase sem voz.

Ela não contesta. Minha língua então envolve ainda mais a sua, dançando, explorando, querendo todos e cada um de seus gemidos não libertados.

A resposta umedece a ponta do meu dedo. Afasto a calcinha de lado, pele com pele. Maldição, isso é uma deliciosa tentação. *Minha raposinha está molhada.*

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON



Capítulo 22

JASMINE

“*Seja minha*”. Sua exigência rouca extrai um ruído estrangulado que nem parece sair da minha boca. Mantendo meus olhos fechados, tudo o que eu consigo experimentar é uma enorme sensibilidade, difícil de administrar.

Damien me pressiona contra o vidro frio com força. A maneira como ele me beija parece querer reivindicar minha total rendição, enquanto desliza o caminho por minha umidade com seu dedo.

Nunca gostei de ser tocada, no entanto, mal reconheço a necessidade que se constrói mais forte a cada segundo. *Como eu posso ansiar por algo que a vida inteira me fez tão suja?*

A resposta vem rápida, simples, reveladora. Eu tenho sentimentos por ele.

Por mais que me assuste admitir, a noite que passamos juntos me assombrou por ter sido a primeira vez que eu me senti realmente viva.

Como se pudesse ouvir meus pensamentos, Damien para de me beijar e interrompe até mesmo o toque de sua mão em mim, afastando-se. Abro meus olhos e me deparo com seus traços perigosamente controlados, um combate estivesse sendo travado dentro de si.

— Eu te quero muito, menina... Só Deus sabe o quanto — as íris
NACIONAIS-ACHERON

enevoadas parecem entorpecidas — Mas não posso levar isso adiante se você não se sentir segura comigo, se não estiver pronta para isso.

A atitude inesperada me confunde. Tenho dificuldade de engolir a saliva. Meu corpo o quer de uma maneira que foge do que consigo entender, e minha mente implora por aquela sensação novamente.

Isso não pode ser um erro. Eu o quero também.

— E-eu... — minha voz falha.

Expiro o ar pesadamente, tomando minha decisão.

— Eu estou pronta, Damien.

Assisto o efeito de minhas palavras.

Damien me encara com intensidade: nada é mais importante neste momento. Isso me preenche com uma inabalável certeza de seguir o que meu coração manda.

Com as pernas mais fracas, dou um passo à frente, descolando meu corpo da vidraça. Toco na barra do meu vestido e tomo a iniciativa de me despir. Nossos olhos estão conectados e eu quebro este contato, somente tempo suficiente para que o tecido, saia por minha cabeça.

— *Porra...* — o rugido baixinho ao se deparar com a ausência de sutiã me faz sorrir para mim mesma.

Gabi disse que o vestido mantém boa sustentação e dispensa a peça. A admiração em seu olhar faminto me faz pensar que ela sabia o que estava fazendo.

Meus mamilos enrijecem sob sua apreciação.

Estou à sua frente, vestida apenas com a pequena calcinha de renda, que, a esta altura, já está banhada com minha excitação.

DAMIEN

A visão é como uma miragem.

Linda, tal qual eu me lembrava. Seus seios pequenos, projetados, sustentam mamilos rosadinhos, vigorosos. Mal posso acreditar que a tenho

NACIONAIS-ACHERON

novamente. Meu pau nunca esteve mais doloroso por alguém.

Por um instante, não consigo dizer ou fazer nada, tudo o que eu preciso é olhar para ela, assim, minha raposinha praticamente nua para mim, se entregando por vontade própria, sem nenhuma merda entre nós.

Não há volta para o que eu sinto.

Dou um passo à frente. Respirando densamente, corto o espaço que eu mesmo estabeleci, minutos antes, para não empurrar nenhum limite de que me arrependeria depois.

Tenho vontade de gritar as palavras que mandei escrever no colar em seu pescoço.

Minha.

Essa menina é minha, porra!

— Acho que nunca vou me cansar de olhar para você — consigo dizer, apesar da perturbação.

Ela sorri de um jeito desajeitado, tímida, não sabendo como lidar com o que está acontecendo. Sim, eu sei que ela também pode sentir a maldita paixão comendo nossas peles.

Nesta noite, pretendo acabar com todos os fantasmas que permanecem entre nós. Será, de todas, a mais prazerosa para ela.

Será tudo sobre ela.

— Espere aqui — aviso.

Seus olhos acendem, surpresos, e os braços cobrem os seios.

— Não, Jasmine — minha voz soa um comando — Nunca mais se esconda de mim.

O que digo vale tanto para este momento, quanto para o pesadelo que vivi no último ano procurando esta mulher como um maluco, obcecado pela lembrança dela em minha cama.

Obediente, as mãos caem para os lados de seu corpo, demonstrando a sua rendição final. Imaginei isso acontecendo todas as malditas noites desde que eu a tive.

De costas para ela, ando alguns passos para pegar o controle do sistema de som. Aciono a primeira música da *playlist*: “*Demons*”, do Imagine Dragons. O som inunda a sala. Vagaroso, para prolongar o seu momento de

espera, viro-me e a encaro de longe.

Um homem de muita sorte. É como eu me sinto.

Cairia muito mal pegar meu celular do bolso de trás e tirar uma foto dela agora, um tipo de garantia de que não é uma fantasia da minha cabeça?

Respiro fundo.

E caminho de volta a ela.

Paro em sua frente, assistindo o movimento de seu peito ofegante.

Sorrio, satisfeito com a submissão que vejo em seu modo de me olhar.
A raposa arisca está baixando a guarda. Finalmente.

Pego a taça de vinho do móvel ao lado. Sem tirar os olhos da menina, sorvo o líquido de uma vez, e limpo a boca com as costas da mão, calmo, mantendo o contato, e devolvo a taça ao lugar.

— Eu te amo — repito, reafirmando que, desta vez, tudo é diferente.

— Damien... — meu nome é um ruído baixo em seus lábios.

Devagar, observo sua respiração entrecortada, os olhos se dilatando e seus lábios substancialmente se abrindo para auxiliar a passagem de ar. Aproximo minha boca da sua, a princípio deslizando minha língua pela carne macia, e então a invado, pouco a pouco, alimentando a ansiedade.

E me perco nela.

Eu poderia passar uma vida beijando a menina e nunca teria o suficiente.

Percebendo a instabilidade de seu delicioso corpo, liberto sua boca e inicio um caminho até o contorno de seu maxilar. Paro no pescoço quente, mordisco de leve, o suficiente para arrepiá-la.

— Seu beijo é a melhor coisa do mundo — sussurro, provocando sua pele.

A garganta se movimenta, bonita. O pico dos seios empurram contra meu peito.

— O-obrigada — ela murmura.

Dou uma risada baixa com seu agradecimento, gostando de sua gagueira.

— E o meu beijo, raposinha? — instigo, deixando minha língua percorrer um pedaço do meu novo sabor favorito no mundo, “*sabor de*

Jasmine — Também é o melhor?

— E-eu... Eu não sei — a resposta me faz parar, imóvel, com a boca ainda conectada à sua pele.

Que diabos...?

Afasto a cabeça, não contendo um sorriso de canto de lábio, intrigado com a honestidade.

Observo seu rosto, as bochechas enrubescem. Arqueio uma sobrancelha, esperando uma elaboração melhor de sua resposta.

Seus olhos me evitam, num suspiro pouco audível.

— Eu não tenho com o que comparar...

Permaneço aguardando.

O beicinho constrangido quase me distrai.

— E-eu... — hesitação e uma puxada de fôlego, até que seus olhos voltam para mim — Eu nunca beijei ninguém antes, Damien, para saber se o seu é o melhor.

Não posso acreditar no que estou ouvindo. Minha reação é permanecer olhando para ela, em busca de uma razão ou de que ela revele que é uma piada. Não. A vergonha, refletida no tom mais escarlate em seu rosto, reforça que é exatamente como ela disse.

Faz todo o sentindo. A maneira tímida com que sua boca recebeu a minha ontem, os gemidinhos gostosos...

É tudo... inocência.

Minha raposinha só reforça a nova imagem dela se construindo como um quebra-cabeças.

Porra!

Ela guardou isso.

Guardou para mim!

Me pego sorrindo, feito um imbecil convencido, perdendo momentaneamente o foco. *Momentaneamente.*

Sorvo o ar, que até parece mais denso.

— Então tenho uma má notícia para te dar, Jasmine — sinto-me como um predador — Você terá que se contentar em nunca saber a resposta para isso — deslizo um dedo manhosamente no entorno do seu mamilo,

entumecendo ao toque — Eu serei o único a te beijar.

Seu queixo começa aquele movimento atrevido de se elevar.

— E você apreciará — corto qualquer tentativa de rebelião.

Puxo-a pela cintura, espremendo seu corpo contra minha dureza dentro das calças, e a beijo, agora ainda mais possessivo, começando a acreditar seriamente que sim, existe um instinto animal dentro de cada um de nós. O meu me manda marcar essa mulher de maneira permanente, para que ela nunca pense em explorar outros horizontes.

Jasmine não sentirá necessidade de obter novas experiências. Nem que, para tanto, eu derrube cada gota de suor do meu corpo. E estou disposto a fazer isso.

Meu pau vibra em antecipação. Leva toda a força de vontade que tenho para me concentrar e restabelecer a missão. *Hoje é tudo sobre ela*, reforço, tentando ignorar o que seus resmungos baixinhos fazem comigo.

E, deliberadamente, volto meu ataque, ardiloso, aspirando e provando o caminho aos bicos rijos à espera de meu toque. Seguro seu seio em minha mão, apertando suavemente a carne macia, deixando o mamilo na minha linha de fogo.

— Rosadinho — deslizo meus lábios fechados, numa carícia pelo pico — Você é gostosa pra caralho, raposinha — sussurro, embargado de tesão.

Chego a salivar.

Preguiçosamente, abocanho o mamilo, permitindo que minha língua corra livre, explorando o contorno bem desenhado.

Ela geme.

Foda. Estou ainda mais dolorosamente duro.

Largo um seio para dar a mesma atenção ao outro. Quando faço isso, suas mãos vêm para o meu cabelo, alisando, puxando, pressionando-me mais para si.

Seus sussurros são palavras soltas ao ar.

Silenciosamente, rio de satisfação.

Deslizo minha mão por seu abdômen enxuto, mais e mais, até encontrar a pequena peça de renda. Tenho vontade de rasgar o material fino. Não agora. Enfio minha mão por dentro da calcinha, devagar, apreciando os suspiros e a

textura.

Deslizo os dedos pelos lábios, mais molhados do que antes.

— Abra pra mim.

E ela faz.

Um movimento leve, ela afasta pouca coisa suas pernas que estavam juntas demais, provavelmente tentando aliviar a pressão de sua excitação.

Estou no paraíso. Em algum ponto deste último ano, morri e subi ao céu, mesmo sem merecer. Tenho uma mão ganhando passagem para a boceta mais molhada e apertada que já provei; outra, brincando com o mamilo intumescido à minha disposição, enquanto passeio minha língua lascivamente no seio da raposinha. O céu. Não há dúvidas.

Exploro sua umidade, lambuzando-a ainda mais, traçando uma marcação a partir da entrada apertadinha até o broto escondido. Suavemente, com o polegar, pressiono para cima a delicada camada que encobre meu alvo, ganhando livre acesso ao clitóris. Com a ponta do dedo indicador sob o local sensível, inicio um círculo lento. Ao toque, a menina se empurra mais para mim, entregando o que é meu: seu prazer.

O clitóris parece crescer com a carícia. Acrescento um dedo, criando ritmo e pressão em cima de suas terminações nervosas — não muito, somente o suficiente para ouvi-la choramingar.

E, logo que sei, pelos sons bonitos em sua garganta, que estou encontrando seu ponto, solto meu domínio de seus seios e deslizo, lambendo a pele do vão entre eles até o começo da renda, a única peça em meu caminho. Ajoelho-me ao chão. A visão é de foder o autocontrole de um santo.

Ela, nua, seus seios subindo e descendo com o embalo da respiração ofegante e entrecortada, os olhos no meio termo entre querendo se fechar, mas mantendo-se abertos em expectativa do meu próximo passo.

— Porra, se esta não é uma das visões mais lindas... — minha rouquidão dá um indício de meu estado.

Lentamente, arrasto sua calcinha pelas pernas, até chegar aos tornozelos. Sem tirar os olhos dela, toco seu pé, com um sinal para que ela o levante e eu possa retirar a peça de vez. Ela apoia a mão no vidro, instável, e levanta uma perna. Passo o tecido por seu salto; em seguida, levanta a outra.

NACIONAIS-ACHERON

Pego a calcinha e levo até meu nariz, sem quebrar o contato com seu olhar inebriado. Respiro fundo na peça, absorvendo tudo o que posso. Um rosnado vem do fundo do meu peito, exultando.

Estou mais duro do que nunca.

Percebo sua intenção de retirar o sapato.

— Mantenha.

Ajoelhado, toco suas panturrilhas, segurando-as. Aproximo meu rosto da bocetinha rosada, parcialmente coberta por um traçado tímido de pelos. Sopro ali e contemplo o arrepiar em suas coxas e virilha.

A emoção é indescritível.

E, enfim, deixo minha língua percorrer seu caminho, solta, de fora a fora, no meu tempo, tomando e saboreando.

Quanto mais disso eu tenho, mais quero, e vou rompendo cada um dos seus limites, até ouvir meu nome sendo gritado baixo, sem controle, pela mulher que fez meu mundo girar de ponta cabeça.

Não paro quando o orgasmo a atinge, não quero. Eu esperei muito tempo por isso. Somente quando a levo ao limite pela segunda vez, é que me levanto, disposto a fazer desta noite inesquecível.

Pego seu rosto entre minhas mãos e mordo a boca carnuda, impiedoso.

— Minha! — lambo os lábios vermelhos quase sem sinal do batom desta tarde, espalhando por eles o sabor de sua libertação — Você nunca beijará outro cara, porque você é minha!

Tremendo de tanta vontade, desabotoo minha calça. Abaixo apenas espaço o suficiente para meu pau desesperado saltar livre.

— O que estamos fazendo aqui é diferente de tudo, Jasmine — aviso — Esta será a primeira vez que farei amor com uma mulher.

— E-eu... Eu... Damien, por favor... — o pedido quase sem som nem precisa ser elaborado para que eu entenda o que ambos queremos.

E então eu a levanto em meus braços, me encaixo entre suas pernas, roçando a entrada de sua boceta. Empurro suas costas nuas contra a vidraça, oferecendo ao mundo lá fora a visão de que eu finalmente tenho essa mulher de volta, e, daqui, ela nunca mais vai sair.

— Abra os olhos — exijo, cru; preciso desta conexão para saber que é

real — Quero ver seus olhos enquanto estiver enfiando meu pau em você. Esperei muito por isso... *Eu quase enlouqueci por você.*

A sensação é de estar de volta em casa. De todos os lugares do mundo, este é o meu.

O autocontrole, a determinação de ir leve, tudo está se dissipando, restando tão somente o desejo angustiante, a vontade de meter duro e com tanta força que ela nunca mais será capaz de fugir de mim novamente. É como se um lado meu quisesse puni-la pelo inferno que foi viver sendo assobrado pelas lembranças, e não a encontrar. E, ainda assim, seus olhos em mim me deixam saber que ela está entregando mais do que seu corpo: estou recebendo um pequeno pedaço de seu coração também.

É uma tortura.

— Não haverá preservativo... — deixo-a saber.

Sua boca se abre para um protesto, que não permito.

— Não, Jasmine. Não haverá. A partir de hoje, seremos somente nós dois, e você confiará em mim.

Mordo seu lábio, a cabeça dura latejando para se afundar nela.

— Desta vez, não vou gozar dentro, raposinha — murmuro mais brando, acariciando meu aperto em sua bunda nua — Só desta vez — a deixo saber que estou sério nisso.

E quando deslizo para dentro da menina, um clarão se acende e tudo o que sinto é a glória de suas paredes me acolhendo, apertando-se em torno do meu pau. Cerro meu maxilar para não gozar como um adolescente.

Estoco até que nossos corpos estejam se contorcendo por libertação, e vou além disso. Chego ao meu limite, e basta que ela exploda com as pequenas unhas arranhando-me as costas, para que eu tire meu pau de dentro dela e goze, espalhando-me entre nós.

Minhas pernas se contraem como se uma maratona fosse concluída, mas este é só o começo.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON



Capítulo 23

DAMIEN

Trago ela nua para descansar em meu peito. Sinto-me exorcizado. Os últimos meses, desde aquele dia, foram difíceis de suportar, e agora tudo o que quero é a presença dela de maneira permanente aqui.

Já não sou um garoto, certamente tive mais mulheres do que eu poderia contar, e nenhuma nunca chegou onde essa menina está. Desde que a reencontrei, tenho pensado muito em algumas coisas, e a mais forte delas é que não consigo me imaginar num futuro, próximo ou distante, sem a presença de Jasmine. A mínima ideia de que ela possa fugir mais uma vez atinge um lugar doloroso em mim.

Aliso seus cabelos, escutando no silêncio do quarto apenas sua respiração calma, depois de todo o sexo pesado. Ela se entregou, forte, duro, e desta vez foi diferente, eu senti também seu coração em jogo. Nesta noite, me vi estabelecendo limites que, antes, eu nem sequer consideraria. Tudo para que ela se sinta, comigo, da mesma forma que eu me sinto com ela.

Deixo minha mão cair para suas costas, acariciando-a em movimentos circulares. Escuto um ruído de seu estômago.

— Você está com fome? — indago baixo, não querendo quebrar o clima de paz.

Ela hesita.

— Um pouco... — a voz doce, desarmada, me preenche com uma enorme satisfação.

Ao mesmo tempo, me sinto um babaca por querer matar minha fome dela com tanta gana e esquecer-me de suas necessidades.

— Vamos à cozinha, eu vou preparar alguma coisa pra gente... Depois de toda esta atividade, estou faminto também.

Jasmine escora a mão quente em meu abdômen e levanta parcialmente para me encarar.

— Eu tenho que ir pra casa, Damien.

Tiro uma grande mexa de seu cabelo, que cai em seu rosto.

— Fique comigo, durma aqui esta noite — peço.

Seu olhar fita-me e posso ver, na transparência de suas feições, que ela também não quer ir.

— Amanhã eu acordo cedo, e não trouxe nenhuma roupa, além de q...

Antes que ela prossiga, me atravesso.

— Compraremos roupas para você de manhã.

Um sorriso bonito brinca em seus lábios.

— Você não é o homem mais paciente para isso, Damien.

Encaro seus olhos, amando com toda força que ela já se sinta à vontade comigo para fazer uma piada.

— Diz a menina que comprou uma horrível calça de moletom, maior do que o seu tamanho, sem nem prová-la, naquela loja de supermercado.

O sorriso aumenta, e tenho que tomar fôlego para não agarrá-la novamente e me certificar de que não é outro sonho.

— Naquele dia, você mal queria me trazer para sua casa... Eu não quis te fazer perder tempo, então peguei as primeiras peças que vi — apesar da diversão suave, sua fala me atinge com força.

Eu agi como um imbecil desde o primeiro minuto com ela.

Quando Dominic veio ao escritório pedindo que eu levasse uma mulher para minha casa e a mantivesse lá por alguns dias, eu usei aquela oportunidade para chantageá-lo a voltar para a construtora. Foi um momento conturbado nos negócios, estávamos sobrecarregados e sua presença era

importante.

Fato é que, eu fui com ele buscar a tal mulher, já com o conceito preestabelecido em mente de que ela era uma prostituta fugindo de um cafetão violento. Nada me preparou para a imagem doce e frágil da menina de olhos arregalados na sala de meu irmão. Embaixo de toda marra, da posição de defesa e da língua afiada, vi a fragilidade em seus olhos. A menina estava somente com a roupa do corpo, suscetível, e dona de uma beleza difícil de lidar. Naquele momento, olhando em retrocesso, ela entrou em minha cabeça. E minha reação imediata foi refutá-la, lutando contra a crua atração que eu certamente não poderia superar.

— Eu fui um tolo — aliso seu lábio inchado — Mas em minha defesa, eu agi daquela maneira porque gostei demais do seu jeito arisco — toco a ponta de seu nariz — Sei que não fui um bom cara, menina, e vou trabalhar duro para me redimir.

Espero que ela possa ver, através de meus olhos, que nunca falei tão sério.

— Não se preocupe... Aquilo já passou, e eu também não deveria ter reagido às suas provocações.

— Você agiu como uma raposinha. *Minha* raposinha — sento-me, trazendo seu corpo para mim, e pego seu rosto em minhas mãos — Agora você é *minha*.

Noto a repentina seriedade em sua expressão.

— Damien, eu não pertenço a mais ninguém. Pela primeira vez na vida, eu sou livre, e não quero ser propriedade de alguém, nunca mais.

Sustento a conexão de seus olhos, não sabendo muito bem como lidar com a situação. Um lado meu, o possessivo, quer enfiar a língua em sua boca, girá-la nesta cama e fodê-la até que nada mais reste além de sua rendição. O outro lado, o que realmente a ama, está orgulhoso da determinação brilhando em seus olhos. É um sinal de que ninguém nunca mais vai se aproveitar dela.

— Você será minha por sua vontade, Jasmine. Será a mãe dos meus filhos e a única mulher ao meu lado. Tudo isso por sua vontade, enquanto você quiser.

E então eu a beijo, lento, carinhoso, tirando tudo o que posso ter e cravando mais um passo rumo ao seu coração.

JASMINE

Faço uma ligação para Gabi, avisando que passarei a noite com ele. Eu não quero ir embora, preciso ser honesta quanto a isso. Olhando em seus olhos, eu tenho certeza de que Damien não está jogando comigo desta vez. Parece irracional, mas eu me sinto segura por todas estas coisas que ele diz. Quando me beija, é como se estivesse reforçando suas palavras.

Eu quero muito não estar errada.

— No que você está pensando? — encostado casualmente contra o balcão da cozinha, seus olhos perspicazes avaliam meu rosto.

Aliso a bancada com a ponta do dedo, a camisa emprestada serve-me como um vestido, as mangas grandes encobrem minhas mãos.

— Na última vez que eu estive aqui... — minto, não querendo falar sobre o emaranho de pensamentos que estão girando em minha cabeça.

Não gosto ou sequer sei como conversar sobre coisas assim.

Seus braços, que estavam cruzados em frente ao peito, se soltam, e ele se aproxima. Desvio da atenção de seus olhos e miro na pele nua de seu peito. A barriga é sequinha, exibindo caminhos de músculos que o deixam perigoso de um jeito muito atraente.

— Se você puder pensar somente nas coisas boas daqueles dias, eu ficaria um pouquinho mais aliviado.

Mordo meu lábio, não contendo o sorriso diante da esfera leve.

— Eu quase coloquei fogo na sua casa.

— Aquilo foi minha culpa, eu deveria ter te perguntado.

— Se eu sabia ler? Você não tinha como adivinhar. E eu também não disse nada.

A expressão se torna mais séria, apesar da suavidade de seu toque arrumando meu cabelo.

— A vida não foi muito justa com você, Jasmine. Uma mãe como aquela, que não te cuidou como deveria, a falta de acompanhamento de sua dislexia... — as íris fixam-se em mim, penetrantes — Eu gostaria de ter

estado lá por você.

Encolho os ombros, sem jeito.

— Está tudo bem, já passou... De qualquer forma, as coisas são como são, você sabe...

Meu rosto é inclinado para ficar de frente ao dele. Sorvo o ar com dificuldade diante da intensidade que emana de Damien.

— Eu preciso te pedir perdão...

— Não é nec... — corto-o.

— Shh, me deixe fazer a coisa certa, raposinha. Eu quero te pedir perdão e dizer o quanto eu sinto muito pela maneira como eu te tratei, pelas coisas que eu disse, aquilo no restaurante... Eu preciso que você saiba o quanto eu me arrependo.

Nego com a cabeça.

— Damien, você só falou em voz alta o que eu realmente sou. Não há palavras bonitas para isso, você não disse nenhuma mentira.

Um músculo de seu maxilar se contrai, selvagem — irritado, eu acho, mas contido.

— Jasmine, há algo muito sério que eu gostaria de combinar com você.

Engulo a saliva, esperando, mas não abro a boca.

— Eu quero que você pare com isso.

— Com o quê? — sussurro, já imaginando a resposta.

— A forma como se deprecia.

Amuo, tentando desviar meus olhos.

— A verdade não pode ser escondida... — resmungo.

Seu aperto em meu rosto permanece, obrigando-me a encará-lo. Fumaças quase saem de suas narinas.

DAMIEN

Minha vontade é de sacudi-la, mas sei que, por ora, esta é uma batalha
NACIONAIS-ACHERON

que não pode ser vencida. Sua mente foi formada por aquela maldita cadela. O que não quer dizer que deixarei este assunto em aberto.

Preciso recuar e pensar em como trabalhar isso nela, nem que eu tenha de pedir ajuda a suas amigas malucas. Em breve, Jasmine mudará a maneira como se vê. Esta é outra promessa que pretendo cumprir.

— A única verdade aqui é que eu não posso mais ficar longe de você, menina — decido mudar o foco.

Não lhe dou tempo de contestar. Tomo sua boca e me deleito, amando o sabor doce e a quentura de seu corpo, que busca proximidade com o meu. Minha língua envolve a sua. Enlaço a cintura firmemente, enquanto absorvo seus gemidinhos.

Afasto-me para que ela respire e, nesse tempo, percorro o caminho até sua garganta.

— Deus, como você é doce — sussurro, provocando arrepios em sua pele.

Meus dedos ágeis desabotoam, um a um, os botões de minha camisa nela, tão linda, tão minha. Deixo seu seio exposto para minha apreciação. Lambo o bico, observando-o endurecer.

— Seus seios são perfeitos, menina — mudo para o outro, com a língua.

Meu pau já estava duro desde que ela entrou nesta cozinha, e agora o sinto doloroso. Levanto a raposinha leve e a sento sobre o balcão. Afasto a camisa para os lados, tendo uma boa visão de seu corpo enxuto e da boceta pequena.

Minha mão tem vida própria, alcançando sua abertura, sentindo a umidade se formando.

— Eu poderia observar você assim pelo resto da noite — sussurro.

Ela morde o lábio.

— Deite-se — peço.

— Damien... E-eu...

Roço preguiçosamente o centro de seu prazer.

— Faça, raposinha — uso de toda a sensualidade — Eu preciso te provar novamente.

Com a respiração falhada, ela vai se inclinando até que a tenho sob minha apreciação. Deitada, o corpo nu aberto para mim.

Separo os lábios e me inclino para o deleite. Sigo até tê-la gritando baixo, se contorcendo na base fria. Eu poderia enfiar-me nela e entraria livre na maciez lubrificada, no entanto, me proíbo. Estamos na cozinha por um motivo.

Acaricio até que o último espasmo abandona seu corpo, e então a pego de volta em meus braços, envolvendo-a em um abraço.

— Isso foi tão... bom... — ela sussurra, ofegante.

Afasto-me para observar seu rosto.

— Só bom? — inclino a sobrancelha — Acho que preciso me esforçar mais — roço seu mamilo com a ponta do dedo.

— Ok. Isso foi mais do que bom...

Cravo uma mordida em sua boca, sem resistir.

— Amanhã, depois de sua aula, nós procuraremos uma médica para que você comece a tomar pílulas.

Observo um “oh” sair de seus lábios, talvez surpresa por eu ir direto ao assunto.

— A menos que você queira ter um filho meu logo. A ideia também não é má.

— Você é realmente rápido.

— Não — inicio uma sequência de beijos salpicados em seu rosto — Eu sou um imbecil que perdeu tempo demais longe de você.

JASMINE

Damien me levou para casa bem cedo e se dispôs a me esperar no veículo enquanto me arrumava. No momento em que entrei de volta ao carro, notei ele me encarando de um jeito curioso, sustentando um beicinho de lado e os olhos semicerrados.

— O que foi?

— Por que você entra tão cedo na aula?

Balanço a cabeça.

— Eu estou trabalhando no instituto também — respondo, sem querer dar ênfase.

E sei que agucei sua curiosidade.

— É mesmo?

— Sim — digo, simplesmente, colocando o cinto de segurança.

— E o que você faz?

Respiro fundo e encaro.

— Eu peguei um serviço temporário na faxina, cobrindo a licença maternidade de uma pessoa que trabalha lá.

Pela contração em seu maxilar, posso adivinhar sua opinião.

— Você deveria apenas se concentrar em estudar, Jasmine.

— E estou fazendo isso, Damien. Este emprego não atrapalha os estudos...

A informação não o agradou, eu sei que não. Mas o assunto não está em discussão.

— Vamos? Não posso me atrasar — complemento.

E, estranhamente, ele não rebate.

DAMIEN

Estou pedindo demais querendo mantê-la em uma redoma protegida? Porra, que história é essa de fazer faxina? Ligo o carro, acrescentando mais esta à lista de coisas que vou resolver.

Esta noite, enquanto Jasmine dormia, fiquei pensando em uma maneira de acabar com sua baixa autoestima, e comecei a ter uma ideia. É mais uma daquelas situações em que precisarei pedir ajuda de minha cunhada e da loira com sérios problemas de controle de raiva.

Por falar nela, recebi uma ligação, há pouco, de *Sebastian*, seu

conhecido. Ele já tem o que eu preciso, e hoje a *cadela-que-se-diz-mãe* vai começar seu período de pagamentos.

Desligo o motor em frente ao instituto.

— Obrigada por me trazer — dizendo isto, ela prende o cabelo em um rabo de cavalo.

— Posso vir te buscar? — ronrono, cortando o espaço e cheirando seu pescoço.

A risada leve ainda é algo difícil de me acostumar.

— Eu combinei com a Gabi, nós vamos passar na feira depois...

Beijo a base de sua orelha.

— Tudo bem, então passe a noite comigo.

Ela estremece.

— Eu não sei, Damien...

Chupo o lóbulo.

— Por favor — sussurro, gostando do modo como ela se inclina mais para mim, pousando uma mão em meu ombro.

Lambo um pedaço da carne macia do pescoço e mordisco, arranhando suavemente.

— Tá-tá bom...

Sorrio, satisfeito. Porra, como eu amo essa menina.

JASMINE

A feira móvel é montada uma vez por semana em frente ao prédio onde moramos. São produtos orgânicos, além de alimentos artesanais. Este é o momento em que Gabi fica praticamente maluca com tanta variedade. Seus olhos até brilham. Uma consumidora voraz.

Estamos em frente à tenda de tomates, os quais ela carinhosamente alisa e põe no saquinho, um a um.

— Você sabia que o tomate tem substâncias que estimulam o...

— Colágeno — interrompo, rindo.

Gabi sempre diz isto para justificar a quantidade exorbitante que compra.

A mulher sorri, bonita e orgulhosa.

— Exatamente — ela apanha outro fruto — Agora pode não ter importância para você, mas espere até chegar ao final dos vinte. Tudo muda.

Ao final dos vinte é como ela define sua idade.

— Você está ótima, Gabi. Se, ao final dos vinte, eu estiver assim, vou procurar emprego numa agência de modelos — brinco.

— Meus peitos estão caindo, Jas. O tomate vai mantê-los em pé.

— *Oi, moça...* — uma voz de criança chama atenção atrás de nós.

Viramos ao mesmo tempo, para encontrar uma menininha linda.

— Oi — ela repete, colocando a perninha diferente para frente.

Seus olhinhos pequenos estão em Gabi, como se já a conhecesse. Minha amiga permanece muda, olhando para a menina.

— Sou eu, princesa Aurora! — ela diz, numa alegria fofinha.

Olho dela para Gabi.

— *Princesa Aurora?* — Gabi repete o nome de um jeito estranho.

Não entendendo a reação de minha amiga, me inclino para a criança. E evito encarar abaixo de sua linha da cintura.

— Oi, Princesa Aurora. Eu sou Jasmine — sua energia me atraiu para ela como um ímã.

— Oi, Jasmine — responde, simpática, e então volta a encarar Gabi — Você não se lembra de mim? Sou eu, a... — a atenção da menina cai para o que Gabi tem nas mãos — Isto aí é tomate?

Gabi tosse, saindo de um estado de espanto.

— Sim, são tomates. Isso seu pai também não pode comprar? — apesar do teor da pergunta, o que chama atenção é o tom de desconfiança.

— Na verdade, eu posso — uma voz grave, sedutora, fala atrás da menina.

Subo meus olhos dos pés dele, lentamente, por suas pernas longas num jeans gasto, passeando pela camiseta branca ajustada ao volume de seu corpo, até chegar ao rosto. O homem é realmente uma boa visão. Seus cabelos

NACIONAIS-ACHERON

contêm algumas poucas concentrações de fios brancos.

E, pelo que vejo em seu rosto, ele parece se divertir com o estranho momento de silêncio.

Ainda abaixada, viro meus olhos para Gabi, que fez a mesma análise e, agora, tem uma expressão indecifrável — confusão, surpresa, não sei bem definir. Gabi é muito confiante, não é encanada com nada; nunca a vi assim, parecendo desconfortável.

— Papai, podemos levar tomates? Minha amiga — a criança aponta para Gabi — disse que os tomates vão deixar o peito em pé.

Gabi tosse novamente, se afogando com a própria saliva.

O homem sustenta um sorriso meio de lado, que o torna ainda mais atraente. Seus olhos caem deliberadamente lentos para os seios de Gabi, no decote em sua regata.

— Sua amiga não precisa disso, filha — ele mantém o olhar ali por alguns segundos, provocador, e então volta a encarar a pequena — O que eu te disse sobre se distanciar de mim? — o amor na forma como faz a pergunta é algo que toca meu coração.

Aurora suspira exageradamente.

— Desculpe, papai.

Com um aceno de cabeça para nós, o homem pega a mãozinha dela na sua mão livre, enquanto a outra carrega algumas sacolas, e se vira, não sem antes lançar um olhar para Gabi, o que a faz ficar de bochechas vermelhas.

— Gabi? — chamo.

Ela respira fundo, balançando a cabeça, processando a situação.

— *Que pilantrinha...*

Fico no vácuo. Por alguma razão, me pego rindo da cena. O dia em que Gabi ficou sem palavras.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON



Capítulo 24

DAMIEN

Saio do meu carro e ando para o lugar afastado onde os três caras estão me esperando. Enquanto caminho, me pergunto onde foi que Gabrielle conheceu estes sujeitos. Aquela mulher é realmente algum tipo de assassina disfarçada, não há dúvidas.

O maior deles, em relação à construção física, tem cara de poucos amigos. Imagino ser o líder, pela posição que um gordo grande toma à sua frente.

— Sebastian — digo seu nome ao me aproximar.

O cara confirma com um aceno de cabeça, me avaliando.

— Damien — emite um rosnado baixo, em reconhecimento.

O forte sotaque me deixa ainda mais intrigado, mas não demonstro.

— Ela está aí? — indago, olhando em direção ao barracão afastado de tudo.

— Posso dizer que bem acomodada — ele sorri, satisfeito consigo mesmo, me entregando a chave.

Pego e guardo no bolso.

— Quanto te devo? — volto meus olhos para ele, enfrentando.

O gringo lança um sorriso que não alcança os olhos.

— Considere um favor.

Levanto uma sobrancelha.

— Eu não gosto de dever favores, menos ainda a desconhecidos —
deixo-o ciente.

Ele desencosta de seu carro.

— Não é a mim que você deve. Eu e você conhecemos pessoas que
gostam de sua menina.

Muito provavelmente as amigas dela. Não rebato, apenas balanço a
cabeça, em acordo.

JASMINE

Estou um tanto ansiosa. Aonde Damien está me levando? Dormi em
sua casa e ele me buscou na aula, avisando que, depois, iríamos a algum
lugar, sem que tenha me dito exatamente onde. Não gosto de surpresas.

— Seu lábio deve ter feito algo de muito ruim para merecer o que você
está fazendo com ele... — a voz baixa, bem-humorada, me deixa um pouco
perdida.

— Hã? — viro-me para encarar seu perfil enquanto dirige.

Seus olhos claros, sorridentes, vêm para mim.

— Você está castigando sua boca com estes dentes, Jasmine — a
explicação me faz perceber do que ele está falando.

Desprendo meu aperto, e lambo o lugar ferido. Este é um mau hábito
que cultivo desde muito nova.

— Porra, assistir a isso poderia me fazer bater o carro, menina.

O riso leve me faz relaxar minimamente.

— Para onde estamos indo, Damien? — volto a questionar.

Percebo seu semblante se tornar mais sério.

— Você precisa se lembrar do que eu disse e manter sua mente aberta.

Bufo.

— Estou tentando, mas preciso saber para onde você está me levando.
Seu maxilar se contrai num discreto sinal de nervosismo.

— Você vai saber em breve. Chegamos.

Ele entra no subsolo de um edifício e encontra uma vaga. Assim que desliga o motor, noto-o afrouxando o nó da gravata, tenso.

Isso não está com cara de ser bom.

Após um minuto de silêncio desconfortável, sua atenção se volta para mim.

— Lembra o que conversamos esta noite? — a pergunta baixa me faz desconfiar.

— Conversar não é bem o que você fez ontem, Damien— respondo, mais irônica do que eu deveria.

Seu olhar se semicerra.

— Isso também, Jasmine. Mas agora eu realmente gostaria de falar de um assunto mais sério.

Uno minhas mãos, retorcidas, sobre meu colo.

— Eu não gosto de assuntos sérios — resmungo, tomada de insegurança.

Ele desprende seu cinto e se inclina para mim em seu banco. Seus dedos vêm roçar meu rosto, carinhoso.

— Eu sei como é difícil e o quanto eu ainda tenho que provar, mas, por favor, pelo menos nesse tema, confie em mim, ok? — o pedido soa muito honesto.

Suspiro.

— Certo. Então o que há aqui?

— Nós estamos indo conversar com a doutora Raquel...

— A ginecologista que você mencionou?

— Ela é terapeuta...

— Não, Damien! — me nego; ele me interrompe.

— Ouça — sua mão segura meu rosto — Espere, deixe-me terminar, Jasmine.

Tento sair de seu aperto, porém, ele mantém, obrigando-me a encará-lo.

— Ela é uma amiga de Dominic — a voz branda tenta chegar em mim — Raquel é uma excelente profissional e será bom para você, raposinha. Por favor, pelo menos tente. Faça isso por mim.

— No instituto tem uma psicóloga. Eu já falo com ela toda semana — exaspero, detestando ser empurrada para isso.

Sua sobancelha bem desenhada sobe, investigativa.

— Você fala com ela? Ou apenas se senta lá, como uma concha fechada?

Estreito meus olhos, buscando um sinal em seu rosto de que ele andou me investigando.

— E-eu... Ela... O que isso importa? Eu realmente não gosto de falar.

O homem me solta e esfrega seu rosto, como uma tentativa de buscar paciência.

— Você não pode ao menos tentar?

Seu tom amoroso vem como uma cobra rasteira querendo me apanhar.

— O que isso vai mudar? — aponto com a mão para o prédio — Ela vai apagar todas as minhas memórias? Eu não quero receber o julgamento de ninguém, Damien. Já me sinto suja o suficiente sem precisar desse tipo de coisa.

Sua mão pega a minha, os olhos encontram os meus. Surpreendendo-me, ele leva meu pulso próximo à sua boca e planta um beijo ali.

— É essa ideia errada que eu quero tirar de você, raposinha. E ela vai nos ajudar. Faça isso por mim, ou, pelo menos, tente. Se você não gostar, prometo que nunca mais toco no assunto.

Suspiro, cansada deste cerco.

— Por que você está fazendo isso? — meu tom derrotado é mais como um último apelo.

— Porque eu te amo. E tudo o que eu puder fazer para te mostrar a menina preciosa que eu enxergo quando olho pra você, eu farei.

Engulo a sensação de nós se formando em minha língua.

— Se eu não quiser voltar mais, você não vai insistir?

Seu sorriso é tão bonito que parece ser feitiço. O espertinho beija seus

dedos cruzados, como se confirmando um juramento.

Contrariada, cedo.

— Se isto é tão importante, vamos lá.



O consultório se parece com uma sala de estar. Sento-me no sofá indicado e vagueio com os olhos por todos os detalhes do ambiente, sentindo a atenção da mulher em mim, despretensiosa.

— Estou feliz em te receber aqui, Jasmine — ela fala, depois de um longo momento.

Não consigo olhá-la de frente.

— Damien pediu que eu viesse — explico, branda.

— E você não quer estar aqui, acertei? — a suavidade em sua voz me faz criar coragem de encará-la.

— Não é nada contra a senhora... E-eu apenas... Eu...

— ...não gosta de conversar — complementa, sorrindo.

Mordo a bochecha e deixo minha atenção cair para suas mãos, pousadas delicadamente em seu colo, numa saia preta e discreta.

— Algo como isso.

— A maioria das pessoas que vem aqui também não gosta. Eu mesma tenho dificuldade de falar sobre mim.

Fico surpresa com a admissão. Seu sorriso simpático não vacila.

— Falar sobre nós é mais difícil do que se pensa, não é mesmo?

— Sim...

— O que você acha de eu me apresentar primeiro?

De um jeito suave, ela fala um pouco de si, o que a levou a ser terapeuta, as aspirações, e tenho a sensação de relaxar. Ela faz pequenas perguntas nada invasivas, tal como o que eu mais gosto de fazer. A resposta para esta é simples: — Aprender.

Aos poucos, mais perguntas são levantadas, tratando apenas de superficialidades – nada a respeito do que tenho guardado e não pretendo abrir. Luna e Gabi foram as únicas a quem eu quis contar, porque elas mereciam saber quem eu realmente sou. Com Damien, me vi revelando por um impulso, uma exceção.

Ao final do nosso tempo juntas, estranhamente, me sinto confortável perto dela. E me pego aceitando seu convite para retornar.

Acho que isso eu posso fazer.

DAMIEN

Ela sai do consultório mais calada. Não me parece um mau sinal. Sua expressão pensativa é um bom passo. Jasmine pode não entender agora, mas, a longo prazo, será bom, eu sei que sim.

Fui à casa de meu irmão e sua mulher, logo cedo, para conversar com eles sobre ela. Minha cunhada contou que a raposinha tem auxílio psicológico no Instituto de Dislexia, mas que adota um comportamento fechado nas sessões. Luna tem acompanhado isso também. No fundo, sou grato por ela sempre estar lá por Jasmine... *quando eu não estive*.

Tudo o que eu mais quero é que minha menina seja feliz. Que toda a merda que aquela maldita cadela jogou em cima dela possa ser superada, e, principalmente, que Jas pare com essa porra de pensamento depreciativo sobre si.

Se ela soubesse o quanto eu sou maluco por ela, e que faria tudo para vê-la bem...

— Eu tenho que passar no escritório, assinar uns papéis, e depois estou livre para fazermos o que você quiser — puxo assunto, entrelaçando nossos dedos enquanto dirijo.

Ela acena que sim, sorrindo fracamente, os olhos perdidos.

Levo nossas mãos unidas aos meus lábios e beijo as junções de seus dedos.

— Podemos sair para jantar, o que acha?

— Eu não sei... Estou com um pouquinho de dor de cabeça, Damien.
Beijo novamente.

— Então jantaremos em casa.

Penso no que acabei de dizer, e porra, isto soa muito bem. *Nossa casa*. Estou trabalhando fortemente para não precipitar as coisas, mas a vontade de pedi-la para morar comigo é uma merda de grande.



Entro com Jasmine de mãos dadas na construtora, e não deixo de perceber os olhares especulativos sobre nós. Acho que é a primeira vez que meus funcionários me veem com alguém. Ela, por outro lado, hesita e cora, visivelmente desconfortável.

Decidido a aliviar o clima, aproximo minha boca de seu ouvido e sussurro.

— Fique à vontade aqui, em breve isso tudo será seu também — provoco, baixinho.

Sinto seu corpo tencionar e não gosto nada de sua reação à menção de um futuro juntos.

Que porra?

Respiro fundo e continuo nosso caminho até minha sala.

Assim que a menina entra, não contenho minha carência dela, e pressiono seu corpo contra a porta fechada. Um gritinho de surpresa sai de seus lábios, antes de eu tomar sua boca. Meus dedos invadem seu emaranhado de cabelos. Coloco o joelho entre as suas pernas, no ponto mais febril, moendo meu quadril contra ela. Sim, meu pau vem gloriosamente à vida.

Beijo-a com posse, querendo marcá-la quantas vezes forem necessárias para que ela entenda o que estamos fazendo.

— Eu quero tudo com você, raposinha. Pare de lutar contra isso —

rosno, devorando sua boca.

E só paro quando o telefone toca, provavelmente minha secretária avisando que a gerente financeira está me esperando com os contratos. Preciso terminar logo com isso e levar minha menina para casa, no entanto, antes de soltá-la, lambo seus lábios de fora a fora, amando o gemidinho em retribuição.

— Você é meu sabor favorito, menina — selo um último beijo e afasto meu corpo.

Jasmine parece derreter, encostada à superfície.

Aliso seus cabelos, arrumando a bagunça que acabei de criar, e não resisto a mais um beijo, em sua testa desta vez.

— Você está bem?

— Aham... E-eu preciso usar o banheiro — ela sussurra, ofegante.

— Naquela porta — aponto a direção e, enquanto ela caminha, aproveito para arrumar meu pau dolorosamente duro no lugar.

Atendo o telefone e autorizo a entrada de Amanda, a gerente de finanças.

— Boa tarde, Damien — a mulher entra rebolando seus quadris.

Houve uma época em que eu faria um bom tempo com esse seu vestido apertado e a maneira sensualizada com que ela se aproxima. Hoje, porém, a visão tem o efeito contrário; meu pau murcha e eu quase agradeço por isso.

— Todos os contratos estão aqui? — pego o volume de papéis de sua mão, sem lhe prestar uma segunda olhada.

Começo a assinar, um a um.

— Eu estive pensando que nós nunca mais saímos para um drinque — sua voz se assemelha a um ronronar.

— Estou ocupado, Amanda — aviso sem abertura.

Parecendo querer me tentar, a mulher se inclina mais próxima, apontando para um trecho no documento. Seus seios quase chegam ao papel, antes mesmo de seu dedo.

— Aqui. Esta cláusula passou pela alteração que você solicitou.

Ignoro a insinuação e me concentro em ler as modificações. Chris deveria estar fazendo isso, mas me ligou durante a sessão de Jasmine no

consultório, pedindo que viesse e assinasse em seu lugar.

Rabisco tudo o quão rápido posso. Quero sair logo daqui e voltar para casa com a mulher que vem dominando meus pensamentos.

— Aqui está — entrego-lhe os papéis.

Amanda pousa uma mão em meu ombro.

— Se você mudar de ideia sobre hoje, me ligue — a voz sedosa e o contato me incomodam.

Tenho vontade de rir de meu estado patético. Até alguns meses atrás, eu não perderia uma deixa. Agora, só consigo pensar no quanto ela é diferente da minha raposinha. Encaro-a, pronto para colocá-la em seu lugar, e noto um brilho malicioso mal contido em seus olhos. Viro meu rosto em direção ao seu olhar e, por cima do meu ombro, vejo Jasmine parada na porta do banheiro, encolhida, parecendo sem jeito.

Cabeça baixa, encarando os próprios tênis, as bochechas mais rosadas e beliscando a palma da mão de um jeito nervoso.

Inferno.

É exatamente isso que eu quero tirar dela, a maneira como ela pensa que é inferior, quando tudo em seu modo simples de ser a torna especial.

— Amanda, esta é a minha namorada, Jasmine — sorrio, satisfeito com a melodia da frase.

Minha namorada. Porra!

A raposinha lentamente vai subindo seus olhos para nós. Tenho um vislumbre rápido da maneira invejosa como Amanda a analisa de cima a baixo, querendo constrangê-la.

Estendo a mão para que minha menina se junte a mim.

— E se ela aceitar, em breve, estaremos morando juntos.

Os olhos da menina se arregalam. Pelo jeito como suas narinas se abrem, exasperadas, acho que esse não foi um bom momento para revelar minhas intenções.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON



Capítulo 25

JASMINE

Luto para afastar minha mente do caminho que ela tenta seguir e me concentro nas sensações do meu corpo. Damien se enterra cada vez mais profundo em mim, como se soubesse o que meus pensamentos tentam fazer. A voz dentro de minha cabeça quer atrapalhar tudo; ela grita, ensurdecadora, que eu não sou digna dele, que não pertenço ao seu mundo... E a mulher em seu escritório, sim.

Abro-me ainda mais para recebê-lo. Quando estou no meu limite, impulsiono o quadril para obter mais. Eu quero a libertação, eu preciso que ela assuma meu interior para que todo o resto se afaste.

— More comigo, meu amor — ele grunhe, rouco — Venha para viver comigo.

Cerro meus olhos, estrangulando um gemido inconsistente. E não respondo. Não posso abrir a boca agora, a insegurança e o medo não permitem. Meu silêncio parece estimulá-lo a me pressionar mais, usando seu corpo para extrair prazer até do último fragmento escondido.

— Aceite, Jasmine — a exigência flui com seus movimentos.

— Damien, só venha, por favor, não me deixe perder isso — imploro, querendo que ele saiba que estou chegando perto.

Ele se lança para me dar o que preciso.

Explodo em pedaços a partir do meu ventre, expandindo calor e emoção. Minha boca é tomada pela secura, como se todo o líquido fosse diretamente para a borda dos meus olhos, transformando-se em lágrimas. Lágrimas de prazer, mas também de impossibilidade: o monstro feio dentro de mim esperou o momento de glória acabar, para assumir.

Damien está me fazendo provar o sabor de ser verdadeiramente livre, ainda que estando presa a ele da maneira como estou.

Eu não quero que acabe. Nunca. Ele está me mostrando que sexo pode ser poderoso, de uma forma que nunca imaginei possível. Em seus braços, esqueço-me de toda a sujeira que sempre esteve relacionada a isso. No entanto, sei que o que estamos vivendo logo chegará ao fim. Sonhos bons não duram. Não é uma questão de “se”, é uma questão de “quando”.

Eu não pertenço a seu mundo, e não demorará a ele perceber.

DAMIEN

Ela esteve calada desde que voltamos para casa. Jasmine tem dessas. Em alguns momentos, se fecha como uma concha impenetrável, o que é uma porra de frustrante. Só sei que estamos na mesma frequência pela maneira como seu corpo respondeu ao meu.

Pode parecer estranho, a esta altura do campeonato, mas sinto, de um jeito inexplicável, que estou prestes a perdê-la, e não sei como frear esse trem vindo para me atingir.

Abraço seu corpo nu, fecho meus olhos. Em meio à escuridão do quarto, faço o que não me lembro de ter feito em uma vida inteira: rezo. Peço ao *Ser* maior que não permita que essa menina me deixe. Eu não suportaria viver longe dela, não depois de tudo. E então, aperto-a ainda mais contra mim, até sentir as batidas suaves de seu coração. Antes que ela adormeça, repito meu pedido.

— Venha morar nesta casa comigo, Jasmine — o som chega aos seus ouvidos, refletindo nos batimentos em seu peito.

NACIONAIS-ACHERON

Posso sentir.

Passa-se um longo segundo sem nenhuma resposta. Quando penso que ela não dirá nada, sua voz calma, contendo algo que não consigo decifrar, sussurra no silêncio.

— Não vamos apressar as coisas, Damien...

Não gosto da vibração em seu tom. Na verdade, até me assusta.

Impulsivo, viro-a de costas e me coloco em cima dela. Tateio ao lado da cabeceira, encontro o interruptor e acendo a luz do abajur. Eu preciso vê-la, saber o que está se passando em sua cabeça.

— Do que você tem medo? — a intensidade de minha pergunta demonstra claramente meu estado.

Seus olhos desviam dos meus.

— Diga, Jasmine: do que você tem medo? — insisto.

Observo seu suspiro hesitante.

— Eu não sei... — sua língua desliza sobre os lábios, nervosa — Só não quero ir rápido demais e depois...

— E depois?

— Tudo mudar.

Comprimo meus lábios numa linha fina, esperando que ela diga mais, e nada vem.

— Tudo *já* mudou, Jasmine. Nós mudamos, estamos juntos nisso. É o que estou tentando dizer pedindo para que venha viver comigo de uma vez. Somos adultos, eu gosto de você... — encaro seus olhos — Porra, eu amo você, e não há dúvida sobre isso... — calo-me por um segundo diante de algo que assisto em sua expressão — Eu não tenho dúvidas... Você... tem?

Maldição.

Ela nem precisa responder. Eu vejo em seu rosto, e tenho a sensação do ar queimando meu peito.

— Esqueça... — murmuro covardemente, fugindo do meu pior pesadelo ao apagar a luz — Durma, você acordou cedo e precisa descansar.

Deslizo para o lado, sendo impedido por sua mão em meu braço.

— Eu gosto de você, Damien... *Muito*... Mas nenhum sonho bom, dura para sempre.

Fico paralisado.

Esta é a primeira vez que ela admite sentir algo por mim e deveria ser o melhor momento de minha vida. Então por que estou tendo um maldito mau pressentimento?

Com dificuldade, respiro fundo.

— Sonhos podem não durar, raposinha. Para a minha sorte, isto é mais real do que qualquer outra coisa.

Outro longo silêncio.

— Você não entende... — sua desesperança tanto me alarma, como me enfurece.

Tudo culpa da maldita cadela puta. Jasmine não acredita em nada do que digo, porque sua fé foi quebrada. Saio de cima dela e esfrego meu rosto, mentalmente morto por não saber o que mais eu deveria fazer.

— Durma, meu amor. Você não tem que decidir nada agora — é só o que consigo dizer, encarando o teto negro, tomado por um medo absurdo de que isso nunca será diferente.

JASMINE

— *Toc toc* — Gabi diz da porta do quarto.

Tiro minha atenção do chão, voltando-me para ela.

— Posso entrar? — seu sorriso vacila.

— Claro, Gabi — subo mais na cama e puxo minhas pernas juntas, abraçando meus joelhos.

Ela entra e se senta ao meu lado.

— Você chegou tão cabisbaixa que eu vim aqui para que me conte o que está havendo, Jas.

Sorrio, tentando afastar esta impressão dela.

— Não é nada, Gabi. Só estou com um pouco de medo de não conseguir aprender direito, sabe? Hoje fiz alguns testes e não me saí muito

bem — admito parte da verdade.

A verdade completa é que não parei de pensar na situação com Damien desde que saímos de sua casa hoje cedo. Como resultado, não consegui me concentrar nos testes de palavras aplicados pelo professor. Ele não disse nada, mas vi em seus olhos que eu não fui como o esperado.

— Jas, você não tem que se preocupar com isso, gatinha. Faz tão pouco tempo que você entrou lá, é completamente normal.

Desvio meus olhos, meu coração apertado.

— Não é só isso que está te preocupando, Jasmine, é?

Aliso a colcha colorida da cama, pensando sobre revelar a ela.

E decido fazer.

— Eu não deveria continuar saindo com ele, Gabi.

O som da minha voz revela o quanto a ideia dói.

Ela inspira fundo.

— Por quê?

Encaro-a.

— Porque eu não pertenço ao mundo dele. Cedo ou tarde, ele vai perceber isso.

Ela bufa.

— Que besteira! O cara é maluco por você, Jas. E essa história de não pertencer ao mundo dele é a maior falácia do universo — ela ri — Se ele te escuta dizendo isso, acho que o imbecil, surta.

Gostaria muito de ter confiança nisso.

Por ora, opto por não lhe explicar todos os motivos pelos quais eu sou errada para aquele homem. Nunca serei elegante como as mulheres com quem ele convive, nem ler eu sei. Sou suja, usada, indigna dele.

— Acho que é só uma besteira da minha cabeça mesmo — desconverso — E Gabi... — hesito — Podemos não chamá-lo mais de imbecil?

Ela gargalha alto, lindamente.

— Minha bebezinha está apaixonada!

DAMIEN

Hoje faz três semanas desde que eu trouxe a raposinha pela primeira vez numa sessão com a doutora Raquel. Ela já veio aqui quatro vezes, sem que eu tenha insistido. Isso é ótimo, sinto que estamos evoluindo, mas ainda há partes dela que se fecham de uma forma... É impossível chegar ao seu interior.

Por isso, menti a ela que estaria na construtora, mas estou na sala de espera do consultório da terapeuta, finalmente recebendo permissão para entrar.

— Damien — a mulher me cumprimenta da porta.

— Raquel — corto isso de doutora.

Ela não é a *minha* terapeuta.

A mulher sorri, agradável.

— Entre — faz um gesto me permitindo passagem — Devo admitir que fiquei surpresa quando vi seu nome na lista de consultas do dia.

Guardo minhas mãos nos bolsos. Ela sabe que sou irmão de Dominic, e provavelmente imagina o motivo de minha visita.

— Eu não vim me consultar — afirmo, deixando-a ciente.

Recebo sua avaliação por alguns segundos, até que ela me aponta para um sofá.

— Muito bem, sente-se.

Faço, desconfortável.

— Como ela tem se saído? — minha voz não soa tão confiante, apesar do esforço.

O rosto da mulher se inclina de lado.

— Desculpe?

— Jasmine, Raquel. Como ela tem se saído nisso que estão fazendo?

A doutora se senta mais confortável, cruzando as pernas e pousando as mãos em seu colo.

— Quando Dominic me ligou, eu abri uma exceção em minha agenda para você porque tenho muita consideração por ele, Damien, mas isso não lhe dá direito de me questionar sobre o trabalho desenvolvido aqui...

NACIONAIS-ACHERON

Abro a boca para mandá-la pular toda esta baboseira e vacilo; a mulher continua.

— O que converso com meus pacientes é sigiloso.

Apoio meus antebraços nos joelhos e deixo minha cabeça cair para baixo. Fecho os olhos e respiro profundamente, buscando por tato.

— Eu preciso de ajuda para entender ela, Raquel — confesso — Eu sei que Jas, também gosta de mim, mas tenho a sensação de que a estou perdendo para o que guarda dentro de si.

Esfrego meu rosto.

— Ela não se abre comigo e eu nunca sei o que a menina está pensando — olho nos olhos da mulher — Jasmine, tem isso de se autodepreciar, de achar que ela é menos do que é. Eu não suporto esta merda, e não sei o que eu posso fazer para mudar essa situação.

Raquel suaviza seus traços, imagino que este deve ser seu lado terapeuta assumindo.

— Pelo que vocês me disseram, e o pouco que ela se abriu, Damien, Jasmine passou por muita coisa. Leva tempo para a confiança ser restaurada.

Exaspero.

— Quanto tempo? Quanto tempo até que ela veja que aqueles desgraçados que a machucaram não definiram quem ela é? Que ela perceba que é uma sobrevivente e não... *suja* — cuspo; Deus, eu odeio tanto esta palavra — Quanto tempo para ela abrir os olhos e ver que eu sou maluco por ela? — expiro pesado — Eu já não sei mais o que fazer...

— Damien, eu não posso te falar dela, mas posso falar de um modo geral. Pessoas que passaram por traumas normalmente desenvolvem mecanismos de defesa para ajudar a suportar a realidade do que viveram, ou *ainda vivem*. O conformismo, aceitar os acontecimentos sem resistir, pensar que são culpadas e merecem o que lhes foi feito. Algumas usam a raiva como mecanismo de escape, outras se retraem, são formas do cérebro de se proteger.

Merda, como dói ouvir isso.

— E o que eu devo fazer?

O semblante da doutora suaviza, o que me dá certa esperança.

— O tempo e as conversas ajudam, mas cada pessoa tem uma forma de reagir. O que eu diria é que continue o trabalho que tem feito.

A raposinha deve ter falado de mim para ela. E, por uma estranha razão, sinto-me melhor.

— Certo — arrumo o nó da gravata, reestabelecendo minhas forças.

Eu estou no caminho.

JASMINE

Esta está sendo uma das melhores noites dos últimos tempos. De longe, vejo Damien, desajeitadamente, ajudando Simone a servir alimentos nas cumbucas. Dominic assiste a tudo do outro lado do barracão, parecendo tão orgulhoso quanto eu mesma me sinto.

Acho que esta é a primeira vez que Damien vem ao Centro Comunitário. Pela expressão divertida em seu rosto, não será a última. Quem o vê assim, de jeans e camiseta surradas, nem imagina o executivo de terno e gravata de todos os dias.

— Amiga, espero não estar olhando para o meu homem deste jeito — Luna para ao meu lado, brincalhona.

Viro-me para enxergar seu rosto bonito, sem nenhuma maquiagem, com sardas salpicando a pele e os cabelos vermelhos presos em um coque apertado no alto da cabeça. Seu braço vem por cima do meu ombro, puxando-me para ela.

— Você olha para Dominic de maneira muito pior, Lu — provoco.

Ela se cala por um momento. Viro meu rosto e vejo o sorrisinho estranho em seus lábios.

— Vou te dizer uma coisa que ainda não disse a ninguém, Jas...

Prendo o ar, imaginando o que está por vir.

O sorriso aumenta, de um jeito meio bobo.

— Eu acho que... acho que estou — seu rosto vem mais perto, sussurrar — *grávida*...

Abro minha boca e a tapo em seguida com uma mão.

— Aham! — ela grita baixinho — Isso não é louco?

Imediatamente me viro de frente para ela e a abraço.

— Que notícia maravilhosa, Luna! — digo entre seus cabelos — Você será uma mãe perfeita.

Ela me aperta ainda mais.

— E, você, a melhor madrinha de todas.

Largo dela e me afasto, pega de surpresa.

— O quê?

— Sim! Parabéns, madrinha! — seus olhos vão por sobre meu ombro — Dom está vindo, ele ainda não sabe.

Recupero-me a tempo dele se aproximar.

— Meninas... — diz, amistoso, os olhos vidrados em minha amiga, apaixonado, venerando o mundo em que ela vive.

— Oi, Dominic — falo, sem jeito — Acho melhor eu ir ajudar Simone, antes que ela faça todo o trabalho sozinha. Vejo vocês dois depois...

Ele ri abertamente, sabendo que estou provocando o ritmo de seu irmão.

— Jasmine — antes que eu saia, sua voz branda me para — Obrigado por trazê-lo aqui.

Sorrio, encarando os olhos acinzentados.

— A ideia foi dele, Dominic.



Capítulo 26

DAMIEN

Ela para e apoia as mãos nos joelhos, arqueando o corpo para frente, ofegante. A posição me dá uma boa visão dos seios através do decote do top azul. Suor desliza gota a gota na região, o que me faz querer lambe-la. Minha raposinha parece mais deliciosa do que nunca.

— Vamos lá, não me diga que já se cansou — provoco, parando ao seu lado.

Jasmine levanta a cabeça para me olhar, suas bochechas coradas, o cabelo preso em um rabo de cavalo, parcialmente grudado em sua pele, e os olhos implorando por uma pausa.

— Você disse que seriam somente duas voltas, Damien — tenho vontade de rir de seu tom de lamento, tão linda.

Deslizo meus dedos por seu rosto, retirando uma mecha de cabelo de sua testa.

— Duas para nos aquecermos, amor — Deus, como eu amo chamá-la assim.

Sua língua percorrendo o lábio seco é uma distração.

— Podemos pelo menos tomar água? — as sobrancelhas se unem, se assemelhando a uma gatinha.

Não me contenho e a puxo para mim, unindo nossos corpos úmidos em meio à faixa de corrida do parque lotado. Hoje é dia de folga e a ideia de trazê-la para uma corrida matinal foi tentadora demais.

— Nós podemos fazer melhor do que isso — digo, guardando meu sorriso.

Meu olhar vai para o carrinho no gramado, e a menina acompanha. Noto o brilho aparecer em sua expressão, como se a ideia fosse além de boa.

— Sorvete?

Tenho que rir. Se eu soubesse que algo tão simples traria este olhar para o seu rosto, porra, teria comprado um carrinho inteiro destes.

Seguro seu rosto entre minhas mãos e roço meus lábios preguiçosamente nos seus.

— Minha vontade é de espalhar aquilo em seus seios, raposinha, e lambe bem devagar — falo; meu pau desperta com a ideia e a menina suspira, tendo a mesma reação — Depois em sua barriga, até chegar ao meu local favorito — encaro-a, observando suas pupilas dilatarem — Por ora, vou me satisfazer em vê-la provando aquela coisa do modo habitual.

Minha menina aperta as duas pernas juntas, buscando aplacar a necessidade em seu núcleo. Ofegante, ela lambe os lábios novamente.

— Você é um pervertido, *senhor*.

Porra! Isso foi ela fazendo uma piada?

Gargalho, com uma sensação tão forte em meu peito que mal consigo me controlar. Ela está se abrindo e me dando um pouco mais de si a cada dia, e se isto não é a melhor coisa do mundo, eu não sei o que é.

Levanto-a pela cintura, tirando seus pés do chão. Seu corpo miúdo e leve se encaixa ao meu, e os braços vão para o meu pescoço.

— Eu estou amando conhecer este seu lado engraçadinho, raposinha.

— Não era para ser engraçado — um meio sorriso provocador brinca em seus lábios.

— Bem, então estamos os dois falando a sério, porque farei exatamente o que eu disse.

Com uma mão em sua cintura, prendendo-a fora do chão contra mim, e a outra agarrando sua nuca, a devoro, como eu quis fazer desde o momento

em que colocamos os pés aqui. Foda-se a plateia.



Enquanto pago, assisto sua língua deslizar avidamente por esta coisa, e, miséria, é muito humilhante sentir inveja de um maldito sorvete?

— Você quer? — pergunta distraidamente, concentrada na tarefa de não deixar escorrer.

E eu paro, fascinado com a inocência da cena, pensando que talvez ela não tenha tido um prazer tão simples como este enquanto estava sob as garras daquela maldita cadela.

Mais uma das coisas de que minha menina foi privada, mais um pecado para a velha pagar.

— Se eu disser que quero outra coisa dessa sua língua, eu ainda estaria na categoria de pervertidos? — sussurro ao pé do seu ouvido.

— Acho que até gosto disso em voc..

De repente, seu olhar encontra algo sobre meus ombros. De uma hora para outra, a menina empalidece, ganhando a mesma tonalidade da massa branca em sua mão.

Mas que diabos...?

Viro a cabeça para a direção onde seus olhos estão e encontro um sujeito nos encarando à distância. Grisalho, na casa dos cinquenta anos, mas parecendo bem fisicamente. O sujeito encara Jasmine de uma maneira que, merda, me faz começar a enxergar tudo escuro em minha frente.

Quem este filho da puta pensa que é para olhá-la desta forma?

Volto minha visão para ela, atraído pelo som fraco de “oh” diante do sorvete caído ao chão. Suas mãos tremem violentamente.

— Quem é ele? — rosno.

Ela trava, não responde; sei que há algo de muito errado.

JASMINE

Aquele homem está aqui. E eu não consigo sequer respirar. Com todos os lugares e pessoas no mundo, eu tinha que reencontrá-lo?

Mal sei como saí com vida da última vez que Cosby me enviou para ele. Já faz tanto tempo, eu tinha não mais do que quatorze anos, mas basta olhá-lo aqui para todas as memórias voltarem com força total.

“*Meu amo*”, era assim que ele me mandava chamá-lo. Foram estas palavras que eu me lembrava de dizer antes de apagar com sua mão forçando meu pescoço, levando todo o meu ar e consciência. Seu prazer era ter a minha vida em seus dedos. Numa das vezes, cheguei a rezar para que ele acabasse logo com aquilo. Não importa se eu chorasse, urinasse, sangrasse. Coisas assim estimulavam sua crueldade.

Crueldade. A mesma que eu via em seus olhos, estou vendo agora de novo.

— Jasmine, fale comigo — a voz de Damien chega aos meus ouvidos.

— *P-podemos ir embora?*

Ele segura meu queixo.

— Fale comigo, quem é ele?

Limpo minha garganta, me concentrando em sua voz. Não tenho coragem de enfrentar suas íris nubladas de preocupação e desconfiança.

— Ninguém, Damien, eu só gostaria de ir embora, por favor — o som é um ruído vazio.

Estou tremendo como a mesma garotinha assustada que urinava na cama quando estava perto daquele monstro.

— O inferno que eu vou deixar um fodido como aquele te assustar...

Só tenho tempo de piscar algumas vezes para assimilar e tentar segurar seu braço. Como uma força incontrolável da natureza, Damien caminha rapidamente em direção ao homem, tenso, pronto para atacar.

O desgraçado sorri desafiadoramente conforme Damien se aproxima. Meu nojo dele se mistura ao medo pelo que Damien possa fazer. Sem pensar, corro atrás dele, tentando impedi-lo.

— Damien, não faça isso — peço; ele não me escuta.

LUNA

Termino de colocar tudo sobre a bandeja e, equilibrando passo a passo, caminho cuidadosamente para o nosso quarto. Estou muito ansiosa por sua reação. Acordei mais cedo e fui à padaria buscar o que encomendei para dar ao homem da minha vida as boas novas, em grande estilo.

Acho que a minha ficha ainda não caiu.

Três testes confirmados!

Eu vou ser mãe!

Que loucura...

Empurro a porta com o quadril. Entro na ponta dos pés e deixo a bandeja ao lado da cama. Tomo um tempo para admirar o maior presente que a vida me deu. Dominic dorme com o peito nu e parte do lençol cobrindo o que já aponta para ser uma boa ereção matinal.

Não quero ter que acordá-lo. Meu futuro marido está tendo um ritmo difícil nos últimos meses. Sua posição em tempo integral na construtora, as obras que está gerenciando no novo complexo do amparo social, além do trabalho constante no centro comunitário. E, com tudo isso, ele nunca reclama, nunca deixa ninguém para trás.

Ele é meu protetor.

Eu o amo tão forte que é como se minha alma também pertencesse a ele.

Bendito o dia em que fui ao Centro Comunitário atrás de comida, fugindo do meu padrasto. Vicent Wine acabou por me fazer um grande favor. Conheci a pessoa mais incrível do mundo; agora, tenho um filho dele crescendo dentro de mim.

Silenciosamente, deslizo meu jeans para fora do corpo e inicio o processo de desabotoar a camisa. Retiro o sutiã, deixando apenas a calcinha, que já sente os efeitos de minha fome por esse homem.

Dominic brinca que despertou um pequeno monstro em mim me apresentando ao sexo, e eu sempre respondo que, se não fosse por minhas investidas, eu ainda seria uma virgem.

Rio baixinho com a lembrança.

Meu homem me evitou o quanto pôde, pela nossa diferença de idade e por eu estar naquela situação complicada. Acho que sua atitude fez-me ainda mais atraída por ele. E, no final, tudo o que sentíamos falou mais alto. Aqui estou, tendo-o inteiramente para mim, sem nem saber como tive tanta sorte.

Seguro o lençol e começo a puxá-lo bem devagar para fora de seu corpo. Acho que ele sente minhas intenções, pois sua potência entra em estado de alerta. Engatinhando na beirada da cama, faço lentamente meu caminho até ele, esquecendo qualquer outra coisa, concentrada apenas no meu desejo por este homem.

Seguro a base com as duas mãos, de um jeito suave, acariciando também o volume pesado abaixo dele. Dominic é grande, grandes veias o contornam, e o líquido transparente no topo grosso brilha, fazendo-me salivar.

Provocativa, deslizo minha língua traçando o contorno opulento, e o músculo se contrai em resposta. Vou mais longe e o lambo até a base, e volto o caminho para cima, abocanhando-o e conduzindo-o ao limite de onde consigo, num compasso constante.

— Bebê... — ele grunhe rouco pelo sono.

Sorrio para mim mesma, e não paro minha tarefa até tê-lo se contorcendo sob de meu toque. Tomo até sua última gota, fazendo um trabalho limpo, enquanto fricciono minhas pernas unidas.

— Porra...

Sensualmente, me preparo para subir e beijá-lo, mas sou apanhada e girada na cama até que ele está em cima de mim. Seus olhos de cor cinza, levemente inchados, fitam-me com uma mistura de luxúria e fome avassaladoras.

— Um bom jeito de dizer bom dia, bebê — sua voz arrepia minha pele — Agora me deixe fazer o meu melhor para compensar sua dedicação.

— Você já faz o seu melhor, Dom... — mordo meu lábio, envergonhada com minhas próximas palavras — Eu fico molhada até te assistindo dormir.

Ele sorri, lindo e diabólico.

Como se não tivesse acabado de gozar, aqui está novamente. Duro,
NACIONAIS-ACHERON

pronto, afastando ligeiramente minha calcinha para o lado e mergulhando sem dificuldade. Fecho meus olhos e me entrego ao prazer e sensações. Neste momento, sinto que nossos espíritos se colidem e se tornam um só, é inexplicável.

— Você é linda, Luna. Apertando meu pau desse jeito, olha o que faz comigo...

— Dominic... — gemo, sendo esmagada pela poderosa libertação e sentindo o seu poder dentro de mim.

O mesmo que colocou um filho aqui.

Caímos, exaustos, suados e ofegantes, para os lados da cama. Deito minha cabeça em seu peito e escuto o bumbo acelerado de seu coração. Agora tenho uma parte dele batendo em mim também.

E por falar nisso...

Com os seios livres, atravesso a cama por cima de seu corpo e chego ao outro lado.

Hesito, olhando para o que há na bandeja.

— Eu trouxe seu café...

Escuto seu riso baixo.

— Eu me pergunto o que fiz para merecer... — olho-o por cima do ombro, e o pego sorrindo lindamente.

— Você nascer já foi uma grande coisa — brinco, tentando suavizar minha própria ansiedade.

Assisto a intensidade nele, a que me faz sentir segura e amada todos os dias. Este é o estímulo para retirar a bandeja de alimentos e colocá-la em sua frente.

Dominic se acomoda na cama, escorando-se na cabeceira. Sento-me perto dos seus pés, longe, para observar sua reação. Sua sobrancelha se eleva quando vê algo diferente. Ele puxa a tampa que cobre o mini bolo, enfeitado com glacê de corações vermelhos ao redor. Em cima do alimento, letras desenham a frase “*Bom dia, papai*”.

Inexpressivo.

Silencioso.

Pálido.

E então, seus olhos do tom mais bonito de cinza, sobem vagarosamente até os meus. Quando me encontram, chega a faltar ar para descrever a reverência neles.

— Parabéns...? — encolho os ombros, não sabendo muito o que dizer.

— Isto é sério?

— Eu acho que sim... Três testes de farmácia...

O sorriso mais brilhante e perfeito é sua resposta.

— Luna...

— Sim! — meus olhos se enchem de lágrimas, finalmente recebendo a ficha de que é real.

— Porra... — ele afasta a bandeja — Você está grávida! Você tem um filho meu aí, bebê!

— Sim, seu outro bebê — brinco, já não sustentando mais o choro embargado.

Dominic me pega novamente em seus braços, suas mãos deslizam pelo meu cabelo, rosto, barriga, como se nada fosse o suficiente. Lanço meus braços em seu pescoço e o abraço com tudo o que tenho, sorrindo e chorando.

— É tão assustador... — resmungo, emocionada.

— É tão lindo, Luna, nós teremos um filho!

Ficamos assim por um longo tempo, somente nós três em nossa bolha. Até que o ruído de seu celular chama insistentemente sobre o criado-mudo. Soltando-me com cuidado, ele apanha o aparelho. Percebo o estranhamento em suas feições ao olhar a tela, e ele logo atende.

— Jasmine?

Fico em estado de alerta ao ouvir o nome de minha amiga.

— O que aconteceu com ele? — Dominic escuta por um momento; pela expressão em seu rosto, a informação não é boa — Tudo bem, Jasmine, fique calma, eu estou indo pra aí.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON



Capítulo 27

JASMINE

Aperto os braços ao meu entorno, querendo sossegar os tremores do meu corpo enquanto espero do lado de fora da delegacia por Dominic. Eu não sabia o que fazer, então pedi para o policial procurar na agenda do celular de Damien o telefone do irmão... Nervosa como estou, mesmo que eu quisesse, não conseguiria ler uma única palavra em sua lista de contatos.

Mais isso para envergonhá-lo, já não bastasse o constrangimento de ser visto comigo.

É tudo culpa minha. Sair em público com ele é um erro, e sempre será. Meu passado não vai me permitir esquecer nunca de quem eu sou.

— Jasmine — Dominic chega acompanhado de Luna, sua voz calma não dá nenhum sinal de estar irritado comigo.

— Jas — Luna me abraça — Como ele veio parar aqui?

Não consigo abraçá-la de volta. Mecanicamente, me afasto.

— É tudo minha culpa.

— O que ele fez, Jasmine? — Dominic aborda com cuidado.

Nem posso encará-los de frente, desvio meus olhos para o chão.

— Ele bateu em um cara, no parque... *por minha causa.*

Luna segura minha mão firmemente.

— Jas...

— É alguém do meu passado... E-eu eu acho que Damien matou ele...

— *Porra...!* — Dominic geme.

— Matou como, Jas? Por que você acha isso? — Luna questiona com a voz baixa, preocupada.

Respiro fundo, e novas lágrimas surgem.

— Damien bateu muito até ele apagar. Ninguém conseguia pará-lo... havia estes policiais e eles tiraram Damien de lá algemado — soluço.

Dominic respira fundo. Pela visão periférica, o vejo deslizando os dedos no cabelo, proferindo um rosnado inaudível.

Subo meus olhos para ele.

— Eu nunca quis que isso acontecesse, Dominic — minha garganta parece dominada por fogo vivo — Eu... ele... eu tentei impedir.

Dominic toca meu ombro, encarando-me, encorajador.

— Você não tem culpa, Jasmine. Eu sabia que cedo ou tarde aquele temperamento dele o colocaria em alguma merda séria. Era só uma questão de tempo. Fique calma.

— Se ele não estivesse comigo, nada disso teria acontecido.

Luna lamenta.

— Jas...

Olho pra ela. No fundo, nós duas sabemos que isso é verdade.

— Esperem aqui, eu vou tentar obter informações — Dominic se afasta, nos deixando sozinhas.

Luna me puxa para seu abraço.

— Eu sei o que você está pensando, mas tire da cabeça, amiga.

— Eu o fiz passar por isso, Lu. E assim vai ser enquanto ele estiver perto de mim.

Minha amiga nega.

— Damien está tão feliz agora que vocês estão juntos, Jas. Ele é maluco por você, e se esse homem em quem ele bateu é alguém que já te causou mal, então mereceu o que teve...

Corto-a, dando um passo atrás.

— Eu não sei se aquele cara está vivo, Luna! Damien provavelmente o matou. Se isso for verdade, ele será preso! Tudo porque ele estava comigo!

Limpo meu nariz, tremendo tanto que minhas mãos mal conseguem alcançar meu rosto.

— Eu estraguei a vida dele... — outro soluço escapa.

— Shh... Você não estragou nada, Jasmine. Eu aposto que ele nunca esteve melhor com alguém antes...

Em meio ao choro, eu rio, sem nenhum traço de felicidade.

Por que ela insiste em pensar que eu sou boa pra ele? Por que ela não vê que, enquanto eu estiver em sua vida, Damien correrá sempre o risco de encontrar com pessoas do meu passado? Nesta delegacia mesmo, pode haver alguém para quem Cosby ou Dirty tenha me vendido. Não há como esconder uma sujeira tão grande e simplesmente fingir que ela não existe.

— Eu preciso me afastar dele... — sufoco com a dor que a ideia me causa.

Eu gosto tanto dele, tanto, tanto, que a única coisa certa é me distanciar.

DAMIEN

Já é tarde quando estes imbecis me liberam da maldita cela.

— Aqui — um policial empurra minhas coisas para mim.

Relógio, celular, carteira. Verifico a hora: já passa das onze da noite. Não agradeço, somente aceito e caminho pelo corredor para fora deste lugar e....

Inferno.

Dominic.

Ele está aqui.

Seus olhos cansados estão afiados em mim, enigmáticos. Ao seu lado, um dos advogados da empresa. Caminho até eles, de queixo erguido, pronto

para receber suas merdas.

— Onde Jasmine está? — é a primeira coisa que pergunto.

Dominic mantém os braços cruzados em frente ao peito. Eu conheço meu irmão, e sei de seu esforço para não me ensinar uma lição.

— Ela foi para casa.

Há algo de errado na maneira como seus olhos de repente desviam-se dos meus.

— Ótimo, eu vou buscá-la — afirmo, procurando nele um sinal do que está fora do lugar.

— Você nem ao menos quer saber o que aconteceu com o cara? — o rosnado controlado mascara a irritação.

Engulo o sabor amargo, o sangue daquele filho da puta ainda em minha roupa.

— Morto, eu espero...?

O advogado abre a boca.

— Damien...

Viro meus olhos para ele, interrompendo seu discurso.

— Eu te pago uma maldita fortuna acreditando que você é o melhor, e, pelo jeito, estou enganado. Estive quase quatorze malditas horas neste lugar fedido do caralho — digo cada palavra calmamente, tentando afastar o foco do que eu vi nos olhos de Dominic.

Não estou com um bom pressentimento. Há algo acontecendo com minha raposinha e eu vou descobrir o que é.

O cara tenta argumentar, mas Dom intercede por ele.

— Cesare fez um bom trabalho, Damien. Se dependesse da polícia, você permaneceria aqui, até aquele cara que espancou quase até a morte saísse da UTI — meu irmão soa realmente ameaçador — Reze para ele sobreviver, cara, do contrário, sua bunda estúpida ficará por um bom tempo neste lugar.

Expiro pesadamente, sentindo o ar dilatar minhas narinas.

— Você não sabe o que aquele desgraçado fez, irmão — rosno entre os dentes — Eu seria um covarde se deixasse ele sair dessa.

Esfrego meu rosto com a sensação de veneno circulando em minhas

veias. As palavras daquele desgraçado fazem sons de eco em minha mente, e quanto mais eu penso, mais eu desejo voltar no tempo e esmurrar sua maldita face até a morte. *Ele se gabou por ter saído com ela quando Jasmine não passava de uma criança, porra!* Que tipo de maldito joga isso na cara do homem que está com sua vida nas mãos? Droga, eu deveria ter me certificado de acabar com ele definitivamente.

JASMINE

Estou na sala, enrolada no sofá, sentada em meus pés, separando pequenos botões de pérola e passando a agulha pelos buraquinhos, desobstruindo-os para auxiliar Gabi. Os vestidos das meninas que serão madrinhas do casamento da Júlia estão por todos os lados da sala, em manequins improvisados. Gabrielle está dando os últimos retoques para o grande dia. Amanhã, ela e as meninas embarcarão para a fazenda do noivo de Júlia.

Apesar da sensação de meu coração sendo rasgado, voltei para casa e contei a ela minha decisão de me afastar dele. Desde então, estou me segurando para agir naturalmente e não exibir toda a minha dor. Luna ligou avisando que ele sairia da delegacia ainda hoje; tenho de permanecer forte e manter isso até o fim.

Uma vozinha em meu coração teima em questionar como isso pode ser bom, se dói tanto. A resposta é simples: eu o amo, e me afastar será para o bem dele.

De repente, a campainha soa, quebrando o silêncio.

Gabi me lança um olhar do tipo “*era só uma questão de tempo*”.

— Para enrolar Serafim e subir direto, só pode ser ele, Jas.

Respiro fundo.

— Gabi, eu não quero mais vê-lo.

— Jas... — ela insiste.

Toco o ardor em minha garganta.

— Eu te expliquei a razão... — minha voz é somente um som sem vida — É melhor assim... é para o bem dele.

Ela bufa, não escondendo sua desaprovação por minha escolha.

— Ele é maluco por você. Cedo ou tarde, terá que enfrentá-lo. Você sabe disso, não é?

Não se eu puder evitar, penso, sem vitória. Levanto do sofá e covardemente saio para o corredor. Ela espera por mim, caminha até a porta, e então a abre.

— Eu quero vê-la — Damien exige — Afastese.

O som da voz dele entra em minha corrente sanguínea, aquecendo e doendo a ponto do coração se chocar contra as paredes do tórax, apertadinho.

Gabi faz um estalinho com a língua.

— Primeiro de tudo, Damien, em minha casa você não entrará cheirando deste jeito... Cara, nem para ir em casa tomar um banho antes?

— Saia do meu caminho, Gabrielle, ou eu...

Ela ri, mas não de um jeito provocador.

— Vai me dar uma surra? Homem, você já não se meteu em uma briga hoje?

— Gabrie...

— Ei, se acalme. Jasmine está dormindo. Antes que você queira entrar, de qualquer jeito, não adianta. Dei a ela um remédio que a fará acordar somente amanhã, e olhe lá.

Ele grunhe, tão perturbado que me faz querer ir até eles. Não mudaria o que fiz Damien passar... *É tudo para o bem dele*.

— Porra, me deixe ao menos vê-la.

Sinto e hesitação dela. Gabi está com pena.

— Escute, Damien, amanhã é outro dia. Vá para casa, tome um banho e durma um pouco... Deixe ela quieta hoje.

Não controlo minhas lágrimas. Preciso recuar e realmente ir para o quarto para não desabar.

Eu não posso fazê-lo pagar por meus pecados. Damien é jovem, tem sua vida, uma empresa, família, tudo isto será destruído se ele continuar agindo assim para tentar limpar o que eu fui. Não quero e não devo arrastá-lo

para isso. Comigo, ele corre o risco de encontrar gente assim o tempo todo, e como será? Sempre uma briga? Ele se colocando em risco?



Alguns minutos depois, Gabi vem até onde estou. Não tenho tempo de esconder o choro. Limpo meu rosto com as mangas da blusa de moletom.

— Ele já foi...

— É melhor assim...

— Melhor para quem, Jas? O cara parece uma merda.

— Gabi, ele corre o risco de ir para a cadeia definitivamente, você ouviu o que Luna disse, aquele homem nojento está na UTI, se ele morrer...

— olho para o teto, contendo mais lágrimas — Eu nem sei o que vai ser do futuro do Damien...

Ela emite um som desgostoso.

— Você quer saber o que eu faria no lugar dele?

Encaro-a, em silêncio.

— Eu teria pago algum destes valentões para dar uma surra no cara também.

— Gabi...

Ela sorri.

— E não estou brincando.

Em seus olhos, eu sei que fala a verdade. Gabi é protetora, ela tem isso muito forte em si. Acho que é esta característica que a torna ainda mais única.

Apoio-me em seu ombro.

— Eu te amo.

Ela suspira.

— Eu também te amo. Muito.

— Queria tanto que as coisas fossem diferentes, sabe?

— Elas podem ser, se você permitir, Jas. Damien é um homem adulto

que sabe o que faz. Se ele tomou a decisão de partir para a briga, ele está consciente das implicações disto.

— Não sei se ele sabe, Gabi, este é o problema. E-ele parecia... *transtornado*. Eu não quero que ele se prejudique por erros do meu passado e faça o que fez hoje.

— E o que você tem em mente para afastá-lo? Já liguei para a portaria e proibi a entrada dele, mas você o conhece... Damien é insistente.

— Não sei como, Gabi, mas eu preciso me afastar.

Ela delibera alguma ideia.

— Venha para o casamento, eu sei que você tem as aulas, mas podemos alinhar tudo no instituto. Ficaremos por uma semana, talvez você precise de um lugar assim para refletir com calma sobre tudo isso.

Eu não tenho nenhum ânimo para festas, ou pessoas desconhecidas, todavia, de que outro jeito eu conseguirei me manter longe dele? Talvez viajar seja a única forma de evitá-lo. Sim, Damien vai odiar não me encontrar, e eu me odeio ainda mais por fazê-lo passar por isso. No entanto, não vejo outro caminho.

Descanso minha cabeça no colo de Gabrielle e fecho os olhos, desejando afastar esta dor incômoda.

— Eu realmente espero que você saiba o que está fazendo, Jas. Aquele cara te ama... E você também o ama.

Amo, de um jeito que me impede até mesmo de respirar sem que doa.



Capítulo 28

DAMIEN

Passei uma noite de merda, contando os minutos para o dia amanhecer. Ficar tanto tempo sem falar com ela está me deixando ansioso, com um mau pressentimento, sei lá. Não paro de pensar que eu posso ter assustado a raposinha. Porra, a verdade é que na hora, cego de raiva como eu estava, tudo o que eu queria era acabar com a vida daquele desgraçado. Não avaliei, nem por um segundo, que ela estava assistindo a tudo aquilo.

Miséria.

Eu tenho que esclarecer as coisas com ela. Eu não sou um maldito brigão, não quando o assunto *não* é Jasmine. Por ela, eu seria capaz de matar, não nego. Sou doente por essa menina.

Visto uma camiseta qualquer, recolho as chaves do carro e saio para sua casa. Seja o que for esse sentimento me inquietando, não ficará comigo por muito tempo.



Estaciono de qualquer jeito atrás de um táxi em frente ao prédio, desligo o motor e saio o mais apressado que posso. Subo de dois em dois os degraus de entrada da recepção e passo pelo porteiro, que tenta me dizer qualquer merda enquanto contorna o balcão.

— Senhor... O senhor não tem permissão para...

— Sim, eu tenho — corto-o, de olho no painel acima, indicando que o elevador está descendo.

Aperto o botão diversas vezes, como se isso fizesse essa porcaria vir mais rápido.

— Espere, eu tenho que avisá-lo que...

Já não escuto nada do que ele fala assim que as portas se abrem.

Mas... que porra é essa?

Como numa cena de filme, semelhante a um cervo assustado diante do farol de um carro numa estrada escura, é desta maneira que encontro os olhos da raposinha em mim.

Meu coração acelera e entorpece, simultaneamente. Leva um maldito segundo para meus olhos caírem sobre o que está ao seu lado, no chão.

Uma mala.

O ar em meus pulmões se torna denso.

Subo vagarosamente meus olhos por seu corpo, desejando acreditar que não é o que estou vendo.

Um vislumbre da expressão calma de Gabrielle ao seu lado, e então minha atenção volta para a raposinha, com o sibilo de meu nome em seus lábios.

Sorvo uma respiração difícil.

— Indo viajar? — é tudo o que consigo dizer, friamente, pego de surpresa.

O elevador assovia, mandando que todos liberem esta porcaria de uma vez.

Tremendo violentamente, dou um passo atrás, esperando por uma resposta.

— Estamos indo para um casamento... — Gabrielle tenta responder.

Faço um sinal de pare para ela, não tirando os olhos da raposinha.

— Eu quero ouvir dela.

A face corada, o lábio preso entre os dentes com demasiada pressão, tudo em sua linguagem corporal é revelador.

— Sim, eu vou viajar por alguns dias... — murmura, inaudível, sem sustentar meu olhar.

Desço meus olhos para o aperto de sua mão na alça da mala, os nós dos dedos estão brancos como um pedaço de papel.

Encaro o chão, *atordado*. Minha garganta queima, e, porra..., até meus olhos ardem. Com um segundo sinal sonoro, elas saem do elevador.

— Você não pretendia me contar, não é?

— Não... — assume, sem glória.

— Por quê? — merda, estou por um fio aqui.

— Eu não quero mais...

Mal escuto o que ela diz, mas compreendo muito bem.

— O que você não quer mais? — as palavras saem de minha boca num rosnado duro de pronunciar.

Ela não responde. Levo minha mão para tocar seu queixo e obrigá-la a me encarar. Jasmine se afasta. Sua reação dói como um punhal atravessando o caminho pelo meu coração.

Aproximo meu corpo um passo. Inclino a cabeça para o seu rosto, beirando sua orelha.

— Olhe nos meus olhos e responda: que você não quer mais, Jasmine? — sussurro próximo ao seu ouvido.

Consigo tocar a energia que vem dela, me repelindo. Sinto que estamos prestes a voltar uma casa neste jogo.

— V-você.

Inferno.

Expiro pesado, fazendo a passagem de ar alargar minhas narinas.

— Você não pode estar falando sério... — chacoalho a cabeça em descrença.

Separo em uma polegada minha posição para encarar seus olhos e entender o que é tudo isso. Assisto então um tremor nervoso em seus lábios bonitos.

— Eu sinto muito...

Isso não pode estar acontecendo. Não de novo.

— Você sente muito *pelo que* exatamente, raposinha? — sou tomado pela maldita incredulidade — Você está querendo me dizer que, de repente, resolveu me dar o fora e sente muito?

— Damien, depois vocês... — a maldita Gabrielle abre a boca.

Viro-me para a amiga.

— Eu pensei que você estivesse ao meu lado, Gabrielle... — acuso.

— Acalme-se — ela me lança um olhar do tipo “*confie em mim*”, como um aviso ou algo diferente disso.

Eu mal sei o que essa porra de olhar significa. Meu mundo agora está concentrado em apenas uma pessoa, a que tenta me apunhalar sem nenhuma explicação. Meus punhos vibram ainda mais intensamente. Isso só pode ser um pesadelo. E Deus, como eu gostaria de ainda estar dormindo.

Não me controlando, apanho o braço da menina. A pele sempre tão quente e receptiva agora está fria.

— Há não muito tempo, você falou que gostava de mim, Jasmine. Agora, olhe nos meus olhos e me diga que eram palavras vazias. Diga que, de uma hora para outra, você não sente mais nada.

Sua mão vem para o meu peito, querendo me empurrar do aperto que estabeleci, manter uma distância ou quem sabe me acalmar, sei lá que merda ela pretende.

— Eu não queria que fosse desse jeito, Damien — o olhar dela nunca alcança o meu — Nem aqui é o lugar certo, mas eu não posso mais continuar com isso.

Solto o braço e seguro seu rosto em meu domínio. A pressão em minha corrente sanguínea beira o colapso.

— Apenas pare, ok? Algo aconteceu, você provavelmente está assustada com o que eu fiz com aquele cara, eu entendo. Mas vamos a algum lugar pra gente conversar e resolver o que quer que esteja passando por sua cabeça.

— Não, eu sinto muito, não dá mais — seus ombros se encolhem, e o tom sustenta uma enganosa determinação.

Dito isso, ela retira seu toque de mim, como se o contato a queimasse.

“Não dá mais”?

Simples assim?

Foda-se.

Largo seu rosto, esfrego meu cabelo, rindo sem uma única grama de humor, enquanto nego para mim mesmo que isto esteja acontecendo.

— Você não sabe o que está dizendo...

— Sim, eu sei. E realmente lamento por demorar tanto a te dizer...

Ela solta todas estas mentiras, e o brilho da joia em seu pescoço é a única coisa que me permite raciocinar.

— Se você não gosta mais de mim, raposinha, por que meu colar está em sua pele? — toco o pingente — Por que está me levando junto com você? Vire ele, Jasmine. Vire e veja que aqui está escrito *“minha”* — meus olhos perseguem os seus — Minha! Porque é isso o que você é. É isso o que você quer ser, então pare de inventar esse monte de mentiras e me diga de uma vez o que está acontecendo! — exijo, rouco e irritado.

Seus olhos marejam, vulneráveis. Tenho vontade de sacudi-la e abraçá-la, tudo ao mesmo tempo.

Jas fecha os olhos, e, quando abre, sei que sua mente está feita. A antiga Jasmine está de volta, aquela dos primeiros dias em minha casa, a que me queria longe a todo custo, a que se escondia atrás de uma máscara.

Paralisado, assisto ela soltar a alça da bolsa, levar as mãos à nuca e desfazer o fecho da corrente.

— Não quero mais nos enganar, Damien. Acabou — ela estende a mão, querendo me devolver o pingente que representa tanto para mim.

Maldição do inferno!

Levo minhas mãos à cabeça, desnortado. Derrotado. Decepcionado. Sabendo que, por mais que eu tente, não adiantará de nada. Essa mulher não vai mudar de opinião.

A realidade bate forte, como uma pancada.

— Era isso, não era? Você só estava esperando um deslize meu para se afastar — concluo, vendo agora tudo tão claro quanto a luz do dia.

Irritação, agonia, já nem sei mais o que me guia no momento.

— Olhe só pra gente, menina, eu sempre sendo o único a lutar por nós. Correndo atrás de você como um maluco, fazendo de tudo pra te manter ao meu lado, implorando por uma fodida migalha do seu amor...

Abro meus braços, dando alguns passos para trás, querendo tomar distância da mulher que se tornou uma obsessão e, agora, está jogando tudo para o ar, sem nenhuma consideração pelo quanto isso me fere.

Uma sensação ácida consome minha língua.

— Eu nunca tive realmente uma chance de ganhar esta guerra, não é? — balanço a cabeça, confirmando a maldita realidade estampada em seu rosto — Sempre foi tudo sobre me afastar, no final das contas... *Parabéns... você venceu, Jasmine.*

Com uma queimação dilacerante rasgando-me o peito e malditas lágrimas nos olhos, digo as palavras que ela tanto quis ouvir desde o primeiro dia.

— Eu desisto — sorrio, com escárnio.

Um soluço alto, choroso, é tudo o que eu tenho dela.

Foda-se a dor que penso ver em seus olhos marejados.

Ela venceu.

Jasmine finalmente me afastou.

Dou um último olhar para Gabrielle, e tenho a impressão de que a palavra “*confie*” sai sibilada de seus lábios.

Nego-me a acreditar nisso.

E faço o que mais me machuca.

Dou as costas à única pessoa capaz de me levar do céu ao inferno, e que certamente acabou de me mandar pra lá.

JASMINE

— Você esteve calada praticamente a noite inteira — Júlia me aborda, amigável, parando ao meu lado perto da ampla janela do salão, que dá vista a um infinito campo iluminado sob o luar.

NACIONAIS-ACHERON

Tiro meus pensamentos de onde estão.

— Estou só admirando. Eu nunca estive em uma fazenda. É tudo tão bonito — forço um sorriso, querendo ser forte, tentando não escutar a voz na minha cabeça dizendo que cometi um grande erro.

Estas vozes, sempre estas malditas vozes, para somar à dor de ver a decepção no rosto dele.

Os olhos vivos de Júlia percorrem o pequeno salão com mesas postas e uma decoração romântica.

— Você sabe, sempre que eu venho aqui tenho a sensação de ser a primeira vez. Ver este salão arrumado me traz algumas lembranças. Foi aqui que o conheci — a visão dela capta seu noivo, um homem grande, bonito, rindo de alguma coisa que um cara diz, em uma roda de homens — Vim para ser madrinha de casamento e acabei saindo daqui apaixonada por um furacão — o suspiro sonhador não nega toda a paixão dentro dela.

Ver seu sorriso vibrante me faz pensar que, talvez, eu realmente não nasci para viver algo assim. Eu preciso dar a Damien a oportunidade de conhecer alguém como ela, leve, que tenha paz em seu espírito; que quando feche os olhos para dormir, não seja atormentada por tantos fantasmas. Que quando saia com ela, não passe vergonha, ou tenha que ferir um dos monstros de seu passado, correndo o risco de passar a vida em uma cadeia para limpar a honra que nunca existiu.

Dói tanto.

E tenho que engolir.

— Vocês fazem um casal muito bonito, Júlia. Estou feliz por você — encaro-a, honesta.

Ela volta a me olhar, colocando sua mão sobre a minha.

— Obrigada, Jas. Trouxemos os amigos mais especiais para comemorar com a gente, e você é uma delas. É uma pena que Luna não pôde vir.

Concordo com um aceno.

— Sim, é uma pena, eles gostariam, mas Dominic tinha alguns compromissos esta semana... — justifico, baseada no que ouvi de Gabi.

Ainda não falei com Luna depois que ela me levou pra casa, saindo da delegacia.

— Eles me disseram — Júlia lamenta, e diminui a voz para um cochicho — Vou te contar um segredo: Dominic era o pesadelo daqueles caras ali — seu queixo aponta para onde seu noivo, os maridos de Alice e Pini, e o namorado de Katarina, conversam animadamente — Ciumentos estúpidos — sorrindo, ela balança a cabeça, achando graça.

Não tenho certeza do que ela está falando, mas imagino que seja pelo fato dele ser muito bonito e elas ajudarem no Centro Comunitário. Dá até para entender.

Um tilintar leve de unhas numa taça chama nossa atenção. Katarina se aproxima com Gabrielle e Alice.

— Se eu não tivesse bebido muito desta coisa doce aqui — Katy levanta a taça, mostrando a bebida rosada — e meu homem não estivesse por perto, iria propor uma brincadeira.

— Nem pense nisso, gata — Pini chega por trás dela, cortando seus intentos com um sorriso bonito, criando covinhas em seu rosto — Suas ideias nunca nos meteram em boas coisas...

— Exceto que uma de vocês vai se casar nesta semana graças a isso... — Katy ri, dando um tapinha de leve na bunda de Júlia.

— Ou ela quase perdeu um marido por isso. Depende do ponto de vista...

Suas risadinhas cúmplices demonstram que a amizade entre elas é muito forte e profunda. É possível sentir o amor.

— Por falar em casamento — Katy lança um braço sobre os ombros de Gabi — Garota, que dom é esse de criar um vestido com aquele caimento...

A roda de conversa mais animada à beira da janela puxa meu pensamento novamente para o mundo lá fora.

Como será que Damien está neste momento?

Toco o pingente em meu peito, como se uma pequena parte dele ainda estivesse aqui. Ele não aceitou o colar de volta. Bem no fundo, eu implorei intimamente que ele recusasse. Levou toda a força de vontade para retirar a peça e oferecer-lhe, e vi em seus olhos o quanto meu gesto o magoou.

Era o que eu queria, afinal, afastá-lo de mim, não? Então por que eu não me sinto em paz? Por que tudo o que eu mais desejo agora é abraçá-lo e dizer o quanto ele é importante pra mim?

Há alguns dias, Damien salvou uma foto sua junto ao seu número em meu celular e o colou na discagem rápida, me ensinando como chamá-lo. Tudo o que eu mais quero é apertar o botão, apenas para ouvir sua voz.

Eu gostaria de saber como ele está, quem sabe, assim, apaziguaria meu coração revoltado. Fecho os olhos e repito mentalmente que foi para o bem dele, Damien já é explosivo por natureza, não precisa de mais combustível para arruiná-lo.



Capítulo 29

DAMIEN

O som da fechadura me faz questionar por que ainda deixo que meus irmãos tenham uma chave. Sentado, encarando a garrafa de vodka à minha frente, apenas me mantenho como estou, sem me dar ao trabalho de ver qual deles está entrando.

Não. Eu não bebi. *Ainda*. A garrafa está cheia. Estou há, pelo menos, três horas encarando o nada e tentando entender como foi que tudo, de repente, virou uma grande merda.

— Oi, Damien... — para minha total surpresa, é minha cunhada quem fala.

Não respondo. Não quero falar com ninguém neste momento.

Inferno. Se eu abrir a boca, sou bem capaz de começar a desabar como um maricas.

— Irmão... — a voz de Dominic vem atrás dela.

Esfrego meu rosto.

Isso não podia estar melhor.

— O que vocês querem aqui?

Silenciosamente e sem convite, Luna vem se sentar ao meu lado.

— Sabe, eu esperei chegar e encontrar você realmente em companhia de uma garrafa — ela brinca, baixo — Mas pensei que ela estaria vazia.

Coço minha nuca.

— Não por isso — inclino meu corpo para frente, derramando o líquido no copo — Servida?

Percebo a troca de olhares entre eles. Dominic observa o que estou fazendo, mas não diz nada.

— Não... eu... não posso.

Deixo que o álcool deslize pela minha garganta.

— E então — faço uma careta, limpando a boca —, vieram para conferir se não enlouqueci? — encaro ambos com sarcasmo — Pois acreditem, falta bem pouco.

Luna suspira.

— Tenha fé, Damien... As coisas vão se resolver.

Ouvir isso é como ter punhal empurrado um pouco mais no meu peito. E então eu rio, com amargura moendo meu coração.

— Ah, vão? — encaro-a friamente — Pois você consegue me dizer exatamente como isso vai acontecer? De uma hora para outra, aquela menina vai acordar e perceber o quanto eu sou maluco por ela, e quanto essa merda de distância que ela sempre colocou entre nós, dói como o inferno?

Deus, eu tenho mesmo que sentir meus olhos queimarem tanto? Mudo o olhar para o teto, respirando profundamente.

— Pois eu me cansei, se você quer saber. Jasmine teve tudo de mim. De cada pedaço do meu peito, cunhada. E sabe o que ela fez com isso? Empurrou para o mais longe que pôde.

O pior é que é a mais ferrada verdade. Aquela menina tem tudo de mim, e eu nunca tive absolutamente nada dela.

Luna suspira.

— A mente dela funciona diferente... — ela sibila — Ninguém que já tenha vivido as coisas que ela viveu consegue simplesmente passar por cima de tudo e começar a ser feliz de uma hora para outra...

— Não me diga... — ironizo, sentindo a maldita dor das palavras.

— Isso parece óbvio, não é? Mas você já parou para pensar que amor é

algo completamente novo pra ela? — minha cunhada, de um momento para outro, parece até mais velha do que realmente é, falando deste jeito — *Eu tive meus pais, você teve a Dom e Chris, mas e ela...?* — Luna balança a cabeça de leve, observando seus dedos — Ela só teve aquela pessoa ruim que nem deveria ser chamada de mãe, minando sua estima todos os dias, e fazendo aquelas coisas horríveis...

Enfrento seu rosto salpicado de sardas.

— Eu lamento te informar: nada disso é novidade. *Eu sei* pelo que ela passou — dou uma risada fria — E tenha certeza de que estou fazendo a velha cadela pag...

Mordo minha língua a tempo e dou uma olhadela para meu irmão, que parece ter mudado sua postura, escorado contra a parede, ficando mais atento a mim. Se eu contar o que realmente estou fazendo, Dominic me chutará até eu perder os sentidos.

Desvio o foco para o chão, evitando sua análise afiada.

— A merda de vida que ela teve, não sai da minha cabeça. O problema é que Jasmine não consegue enxergar o que está em frente ao seu nariz... E quer saber? Eu passaria a vida inteira lutando para tê-la, desde que ela quisesse estar comigo. Mas ela não quer... — engulo mais da bebida — Ela não quer... Acredite, *isso dói pra caralho*.

Minha cunhada coloca uma mão sobre meu ombro.

— Ela quer sim, Damien, só está com medo do que isso pode fazer a você.

— A mim? — bufo.

Os cabelos de um vermelho vivo caem para frente do rosto e ela os ajeita para trás da orelha.

— Sim, a você... — seu olhar viaja para meu irmão — Vê-lo naquela delegacia a fez colocar na cabeça que estar ao lado dela vai te prejudicar...

Besteira!

— Jasmine só precisava de uma desculpa. Eu teria matado aquele desgraçado se eu pudesse, não me arrependo.

Dom sacode a cabeça, de seu canto da sala, me reprovando, claramente por um fio de controle para lançar o que eu já espero dele.

— Este é o ponto, cara. Você mesmo a afastou com essa sua atitude de merda, procurando por uma encrenca, que um dia seriamente vai ferrar com sua vida.

Subo meus olhos para ele.

— Isto é ela falando ou *você*, irmão? — ironizo.

— Nenhum de nós te quer numa prisão, você não se dá conta? — ele se afasta da parede, cruzando os braços sobre o peito, assumindo a porcaria da postura de irmão mais velho — Fica aí falando estas merdas sobre matar alguém, mas acredite, cara, você não quer ter o peso de uma morte em suas costas.

Algo em sua fala me faz recuar. Em seus olhos, eu vejo que é como se meu irmão estivesse falando com conhecimento de causa.

— E como você sabe o peso que isso tem? — questiono, tão sorrateiro quanto uma cobra.

A mandíbula do cara se contrai e seus olhos se desviam.

— Onde quero chegar é o que importa aqui, Dam. Você é muito melhor do que este seu temperamento. A menina só conviveu com violência na vida dela até hoje. Ela sabe onde estas coisas acabam. E ela se importa o bastante para se afastar antes que você pegue um caminho que não tenha volta — olhando-me com uma honestidade crua, seu tom abrandava — Pense bem se você quer uma vida de *paz ou de guerra*, irmão, porque esta escolha é somente sua.

Não argumento. Não consigo.

Deixo o copo descansar na mesinha à minha frente. Beber e me afundar novamente é o que eu não preciso para o momento. Tenho que colocar minha cabeça em ordem... e rezar para que ela coloque a dela também, porque já é hora de eu deixar que as coisas aconteçam como devem ser. Não vou forçar mais a barra, mesmo que isto custe esta maldita dor me arrebatando.

Luna se levanta e me olha, sem saber que palavras usar.

Esfrego minha têmpora, cansado dessa situação.

— Vá, Luna, mande ver e diga o que mais tem a dizer...

Dom para ao lado dela, com um braço sobre seu ombro. Porra, o que mais ainda falta?

— Eu espero que vocês dois se resolvam logo, cunhado. Não quero os padrinhos do meu filho separados...

Merda, devo estar fraco para bebidas. O álcool subiu à cabeça rápido demais e estou tendo um sério caso de alucinação auditiva.

— Pare de olhar pra minha mulher com essa expressão de maluco, irmão, e dê logo os parabéns — Dominic recupera o humor.

Levanto e dou um tipo estranho de abraço neles. A novidade é uma boa notícia em meio ao caos que se estabeleceu na minha vida.

Levo-os até a porta. Dominic deixa que Luna saia primeiro, e antes dele ir embora, vira-se para mim. Seus olhos atentos se fixam nos meus, como se o cara pudesse ver minha mente.

— Não pense que eu não reparei nesta porra de lama em suas botas, Damien. E seja lá o que você estiver fazendo, apenas pare, ok? — o aviso é dado tão mortalmente frio e silencioso que eu apostaria um braço que sua mulher nem sequer percebeu.

JASMINE

Encaro a folha à minha frente como se ela fosse um monstro – nem sei por quanto tempo estou apenas olhando para ela, talvez esperando que, por um milagre, as palavras certas do que estou sentindo possam pular da minha cabeça e cair livremente sobre o papel. Amanheci com muita vontade de tentar escrever, pra ver se ajuda a pôr para fora todos os sentimentos espremidos no meu peito, mas a caneta em minha mão suada balança freneticamente no ritmo do meu tremor. Pode ser a dislexia falando mais alto, ou o medo de começar e nunca poder parar de tanta coisa que sinto.

Voltamos ontem à noite da fazenda, depois de cinco dias. Eu gostaria de ter aproveitado mais, mas como, se essa dor no meu peito mal me permitia respirar livremente?

Com o ardor já familiar na garganta, fecho os olhos. Meus pensamentos voltam para a conversa que Gabi e eu tivemos.

Antes do dia clarear, ontem pela manhã, ainda na fazenda, acordei encharcada, suando frio e tremendo. Involuntariamente, acabei acordando ela também. Gabi saiu de sua cama e se sentou na minha, no quarto que dividíamos.

— Outro pesadelo? — perguntou.

Me surpreendeu ela saber disso, eu nunca realmente contei à Gabi que, em todas as noites, estes malditos sonhos me atormentam. Às vezes, eu nem quero dormir, só para não reviver tudo aquilo outra vez.

Eu não respondi: abrir a boca torna as memórias mais reais. Ela entendeu o meu silêncio, simplesmente me abraçou e sussurrou em meio ao quarto pouco iluminado: — Quando você veio morar comigo, no começo, me assustava muito ouvir todas as coisas que você dizia enquanto dormia...

A sensação de queimação pareceu ainda mais sufocante.

— E sabe o que eu fazia? — sua mão deslizou pelas minhas costas, acarinhando-me — Eu ficava ali, no corredor, me perguntando se eu deveria ir até você e te acordar... Sentia que, se eu fizesse isso, só a afastaria mais de mim, porque conquistar sua confiança era algo muito difícil, Jas, e eu não queria afugentá-la.

— Gabi... — o som saiu guinchado, rouco.

— Então eu voltava para o meu quarto, fechava meus olhos e rezava para que Deus libertasse você de tudo aquilo trancado aqui — seu dedo tocou minha testa.

O ardor nos olhos se transformou em lágrimas, que eu não consegui conter. E me vi abraçando-a, implorando para que ela levasse embora tudo o que eu estava sentindo.

— Eu não sei mais o que fazer, Gabi... — soluzei, embargada — Eu gostaria que tudo isso sumisse da minha cabeça, eu queria ser uma pessoa normal.

— Você nunca vai ser uma pessoa normal — a ternura em seu tom contrastou com as palavras.

Seu queixo descansou no alto da minha cabeça.

— Você é especial.

NACIONAIS-ACHERON

Derramei mais lágrimas, desejando com toda a força do meu ser que fosse mesmo verdade.

— Estou dizendo estas coisas por um motivo, Jasmine — ela me afastou ao comprimento de um braço, para me olhar de frente — Seus pesadelos haviam parado.

Limpei meus olhos para enxergá-la melhor.

— Talvez você não tenha se dado conta, ou associado as coisas, mas desde que você e Damien ficaram juntos, os sonhos ruins se afastaram.

Abri a boca para contestar, porém, ela me parou, sorrindo de um jeito diferente, me convidando a pensar. Comecei a tentar lembrar de como foram os sonhos nas noites em que dormi na casa dele... e eu simplesmente não consegui.

Por quê?

Ela balançou a cabeça, com um estalinho de língua, parecendo ler meus pensamentos.

— Aquele bastardo, cabeça quente tem um dom, Jas: ele leva seus pesadelos embora. Quer saber como eu testei esta teoria?

Apenas parei e escutei o que ela dizia, ignorando meu coração bombeando com tanto ímpeto que parecia empurrar as paredes do peito.

Seu semblante se tornou mais sério.

— Porque, desde que você decidiu se afastar dele, eu a ouço em seus sonhos, lutando novamente para se proteger de algo que está aí dentro.

Volto a encarar o papel e pisco algumas vezes, assistindo o que a água de meus olhos faz na folha diante de mim. Respiro fundo, pego outra folha e começo a tentar, do meu jeito, escrever o que eu estou sentindo. Não posso mais guardar.

DAMIEN

Fingindo não estar à metade da grande porcaria que me sinto, vesti-me esta manhã e vim para a empresa. Sim, a vida segue, embora eu não sei, por

NACIONAIS-ACHERON

quanto mais vou manter a força de vontade de não ir atrás dela. Malditos seis dias... Provavelmente vou enlouquecer antes que isso dure mais tempo.

Estaciono o carro na minha vaga reservada. De longe, avisto a pessoa que eu não esperava ver aqui.

Desligo rapidamente o motor, apanho minhas chaves, valise, e caminho em sua direção.

De cabeça baixa, Kidn está sentado em uma mureta em frente ao prédio. Conforme vou me aproximando, reparo nos hematomas no rosto dele.

Inferno, a visão não é nada boa.

Sento-me ao seu lado, silenciosamente.

— O que aconteceu? — pergunto, calmo, para não dar muita ênfase.

Seus músculos da face serpenteiam, e leva um bom momento até que ele finalmente levante a cabeça e me olhe.

— Você estava falando sério?

O orgulho em seus olhos me faz imediatamente ciente do que se trata.

— Sim. Você é bem-vindo para trabalhar comigo.

Ele balança a cabeça devagar, assimilando.

— Agora me diga quem porra fez isto com você — exijo, tranquilamente.

O moleque solta uma respiração ruidosa.

— Não importa... — sua voz recua, cansado de lutar — Eu sei que não dá mais, e minha velha me disse umas coisas também...

Espero pacientemente que ele tome seu tempo. Desviando os olhos para o chão, suspira.

— Ela não quer me ver num caixão, cara, e eu também não quero morrer.

Bato em seu ombro, apoiando a decisão.

— Bem, o que eu posso te dizer, é que o máximo que acontecerá agora será sua morte... mas de um maldito tédio — rio — Prepare-se para voltar à escola, Raphael.

Puxo minha carteira, pego algumas notas e lhe entrego.

— Vá, compre algumas roupas de bacana e volte amanhã cedo para o seu primeiro dia, moleque.

NACIONAIS-ACHERON

Não espero o constrangedor agradecimento. Este é o momento em que o menino rebelde tem que se curvar à sociedade e se transformar num homem. Eu já fui livre, sei o peso do que ele está deixando para trás.



Capítulo 30

JASMINE

— Você chegou mais cedo — Gabi fala, entrando no apartamento.

Ela deixa sua bolsa sobre o aparador e caminha para onde estou. Tiro meus olhos da rua movimentada lá embaixo e olho para ela.

— Eu não conseguia me concentrar na aula, estava com uma dorzinha de cabeça e decidi vir pra casa — me esforço para não dar grande destaque a isto — Como foi seu dia?

— Bem — ela desce dos saltos altos — Corrido como sempre, tentando provar ao idiota que sou boa, tanto quanto qualquer um que está lá.

Observo melhor seu rosto, parecendo cansada.

— Aconteceu alguma coisa hoje?

Gabi movimenta o pescoço de um lado para outro, alongando-o.

— A coleção que estou criando aparentemente não é inovadora o bastante, segundos o bastardo do meu chefe... — e então ela dá de ombros — Mas o que ele entende de moda, não é?

— Seus desenhos são incríveis, Gabi — afirmo, sincera — Se ele não acha, então é um tolo.

Ela sorri do jeito bonito de sempre.

— Sua opinião pode ser um pouco tendenciosa, gatinha, levando em consideração que jeans e tênis são suas roupas preferidas.

Concordo, feliz por um momento que a dormência consegue ceder lugar ao amor que sinto por ela. E então volto a encarar o dia lá fora, calando-me por um instante.

— Eu sinto tanta falta dele...

Seus olhos vão para a mesma direção.

— Faça o que seu coração quer e vá atrás do cara, Jas — sua voz é suave.

Não. Eu não posso. Damien estará melhor sem mim.

Respiro profundamente, me sentindo sufocada de tantos sentimentos esmagando meu peito.

— Eu acho que vou sair um pouquinho, dar uma volta — murmuro.



Meus músculos estão rígidos, as veias dos braços pulsam destacadas através da pele. E tudo o que meus punhos conseguem fazer é continuar, um atrás do outro, direcionando ao saco toda essa angústia me cercando, querendo me esmagar.

Vou ao limite. Meus braços atingem mais e mais, até que já não tenho mais energia, e me debruço apoiando as mãos em meus joelhos. Ofegante, a cabeça zunido, o peito queimando.

Depois que saí de casa para andar um pouco, sem pensar muito, me vi entrando na academia em que Pini me trouxe, dizendo que este lugar substituiria a caixinha que eu mantinha na cabeça, a que me protegia dos pensamentos ruins.

Hoje, não são pensamentos ruins que me atormentam, e sim a vontade insuportável de ir atrás dele. Nem a exaustão consegue arrancar isso de mim.

Sinto-me sufocada, não paro de pensar em Damien. Minha mente parece rodar a mil quilômetros por hora, forçando-me a lembrar de todos os

motivos pelos quais me afastar dele é certo e em como ele estará melhor sem mim. O problema é que nem isso consegue convencer meu coração. *Estar com ele é a única coisa certa no mundo.*

— Eu estou enlouquecendo...

Recolho minhas coisas, devolvo as luvas emprestadas da academia, me limpo superficialmente no vestiário e vou ao armário de guarda-volumes pegar a blusa e o celular que deixei ali. Encontro duas chamadas de um número que não conheço.

Retorno, apertando o botão verde.

Uma voz calma, profissional, atende dizendo que é do consultório da doutora Raquel.

— Oi... Meu nome é Jasmine, e-eu vi uma chamada perdida no meu telefone.

— Ah, sim, senhorita Jasmine, eu liguei para confirmar seu horário de hoje.

Estreito meus olhos.

— Eu não tinha marcado nada — tento explicar.

— Bem, você tem uma sessão às dezenove horas com a doutora Raquel, podemos confirmar?

Medito por um instante, surpresa.

A chamada é uma oferta de ajuda do universo. Não que ele tenha feito algo por mim no passado, mas desde que Luna entrou na minha vida, há um ano, passei a desconfiar que alguma força maior, começou a me enxergar. *É estranho, mas faz sentido.*

Pensando bem, eu estava gostando de como me sentia conversando com aquela mulher. Era isso o que Damien queria para mim.

— Tudo bem, eu estarei aí.



Volto caminhando para casa, entro do saguão do prédio, de cabeça

NACIONAIS-ACHERON

baixa, em direção aos elevadores. De costas pra mim, vejo a Princesa Aurora com a mão unida à seu pai, esperando também.

Paro ao lado deles.

— Oi — cumprimento baixinho.

Ele me olha e acena com a cabeça, mas não diz nada. Algo no homem me transmite uma boa sensação.

A menininha rapidamente sobe seus olhos para mim.

— Oi, moça! Você se lembra de mim?

Não há como não sorrir para ela.

— Lembro sim, Princ...

— Sim, sou a *Princesa Lilo*!

Mas eu achava que... Encaro seu rostinho sorridente e olho para seu pai, que se mantêm-se atento ao elevador. Não perco o sorriso meio de lado em seus lábios.

— Ah, sim, Princesa Lilo, você está muito bonita hoje... — volto meus olhos pra ela.

A criança alisa o vestido orgulhosamente, deixando uma parte de sua perninha à mostra. Evito olhar ali.

— Você está triste? — ela solta, curiosa.

Engulo em seco, pega desprevenida, e sorrio.

— Não, não... Só fiz um pouquinho de exercício e me cansei, não tenho muita resistência — brinco, desajeitada, ruborizada e agradecida por seu pai fingir não escutar.

DAMIEN

Observá-la de longe é uma tortura. É desta forma sôfrega que eu a desejo. E não resisti e apenas me dei isso. Hoje, eu entendo o que viciados em drogas sentem. Você quer muito uma coisa, tanto que seu corpo se torna desesperado por aquilo, mas você não deveria querer.

Dói como o inferno.

Vi ela entrar em seu prédio, de longe, e levou tudo de mim para não descer do carro e ir até lá.

Gabrielle tinha razão, Jasmine está visivelmente mais magra, abatida, e a imagem me quebrou. Deveria ser um consolo de que, pelo menos, ela está uma merda, como eu mesmo me sinto, mas não é.

A vontade de segurá-la em meus braços queima a pele. Soco o volante e mordo minha mão, tudo para não perder o pouco de amor próprio que ainda mantenho.

Dominic disse que ela está fazendo isso para o meu bem... sua imagem de hoje pode ter contribuído com esta hipótese, contudo, não deixa de ser um fato que, independente da razão, ela sempre está me empurrando de sua vida.

Hoje, pretendo dar minha última cartada para que as coisas se resolvam entre nós. E não importa o quanto doa, será a *última*.

JASMINE

Seguro o papel firmemente em meus dedos, e depois guardo no bolso quando a doutora Raquel abre a porta de seu consultório e me chama. Seus olhos me observam de cima a baixo, e tenho a sensação de que estou sendo analisada desde já.

— Oi, doutora... — digo, baixo.

Ela sorri.

— Boa noite, Jasmine, é bom revê-la.

Mordo meu lábio.

— É bom voltar.

— Por favor, sente-se.

Caminho para sofá onde me sentei das outras vezes. Ela se coloca em sua poltrona, de frente para mim.

— Você me parece um pouco diferente desde a última vez que te vi — a voz branda inicia despretensiosamente.

NACIONAIS-ACHERON

Olho para o vaso de flores na mesinha ao seu lado, pensando no que dizer.

— Aconteceram algumas coisas desde a última vez... — sussurro.

Ela cruza as pernas, alisando a saia.

— Antes de começarmos a conversar, eu gostaria de dizer que hoje nossa sessão será um pouquinho diferente, Jasmine.

Meus olhos viajam para ela, e então para o som da porta sendo aberta.

E para minha mais completa surpresa, Damien entra no consultório, vestido lindamente com uma camiseta preta e jeans, o cabelo e a barba um pouco maiores. Abaixo de seus olhos, olheiras escurecidas me deixam ciente da ausência de sono, quebrando meu coração.

Nosso olhar se encontra por um tempo que parece uma eternidade. Eu vejo tanta coisa ali, tanta dor, ressentimento, saudade... e também um amor impossível de não ser sentido. Meus olhos se enchem de lágrimas imediatamente.

E ele rompe o contato.

Sua mandíbula tenciona.

— Ela já sabe que estarei aqui também? — a voz rouca, séria, se direciona para a doutora Raquel.

— Seja bem-vindo, Damien. Por favor, sente-se.

Muda, ainda sob os efeitos do choque, assisto a terapeuta fazer um gesto indicando o lugar ao meu lado. Sem me dar mais um único olhar, o acompanho caminhar a passos firmes para ocupar o assento, seu corpo rígido.

A atenção da terapeuta vem para mim.

— Nossa sessão será com o casal, Jasmine. A pedido de Damien — a fala calma chega aos meus ouvidos..

Fico sem palavras, sem reação, a garganta queima, o ar foge de meu peito.

— Dê a ela a oportunidade de sair, Raquel. Fugir é algo a que ela está habituada — Damien branda, baixo, dizendo cada palavra com frieza, carregado de mágoa.

Ele está sentando ao meu lado, tão perto que basta eu estender a mão para tocá-lo.

— Você quer sair agora, Jasmine? — ela pergunta.

Meu coração se choca contra as paredes do peito, criando um zumbido no meu ouvido. Damien tem este poder sob mim, tão intenso, tão impossível de suportar.

E-eu o amo tanto.

— Jasmine...? — ela repete, paciente.

Engulo a saliva com dificuldade, balanço a cabeça. Não, eu não quero sair, quero ficar ao lado dele, mesmo que seja apenas por um instante. *É tudo o que mais quero.*

— Não... — limpo a garganta para a voz sair e repito — Não. Eu vou ficar.

Ouçoo-o expirando densamente, como se tivesse prendido o ar até então. Tenho a sensação de que até mesmo a doutora respira com mais alívio, e sorri.

Estou tremendo muito, dominada por emoções que não posso interpretar. Sorrateiramente, me pego inalando seu cheiro, deixando que isto entre em meu interior e traga algum conforto.

— Bem... — a voz suave dela me traz para fora — O que vocês acham de me dizer como se sentem neste momento, para termos por onde começar?

Com os olhos cheios de lágrimas, pisco uma vez, e uma delas ganha caminho para meu rosto. Não abro a boca, não consigo, minha língua parece pesar dentro. Não esperava revê-lo, tampouco sentir tantos sentimentos assim, colidindo-se dentro de mim.

O silêncio é ensurdecedor, até que um rosnado vindo *dele* corta o ar.

— Eu posso começar, e essa é fácil — quase posso tocar o ressentimento e a raiva que ele tenta não deixar transparecer — Eu me sinto como um pedaço de merda, que não consegue pensar, dormir — ri, sarcástico — Aliás, que mal consegue respirar, como se as coisas mais básicas para sobreviver dependessem exclusivamente desta mulher, *que não dá a mínima.*

Não o olho. Não consigo. Pela visão periférica, sei que ele também não está me olhando, mas as palavras me atingem.

— É um modo de se expressar — ela delibera, anotando algo em seu caderno — Jasmine?

Minha vez. É isso o que ela quer dizer.

O que eu deveria responder? Que me sinto exatamente da mesma forma que ele descreveu?

— Bem... — é o que sai da minha boca.

Ele bufá, alto. Ela arqueia a sobrancelha. E eu baixo meus olhos para encarar minhas mãos.

— Você vê? Ela não tem coração — Damien acusa.

— Sim, eu tenho... — resmungo.

— O que você disse? — ele desafia, irritado.

— *Eu disse que sim, eu tenho um coração!* — elevo minha voz e o encaro.

Seu rosto continua direcionado apenas para a doutora, mas sei de sua luta para não me encarar também.

— Pois não é o que parece...

A doutora se ajeita na poltrona.

— O que significa “*bem*”, Jasmine? — sua fala sempre macia.

Limpo com o pulso uma lágrima em meu rosto.

— É o que eu disse, doutora.

— Ah, sim, ela não pode nem elaborar uma resposta melhor — ele interrompe, cínico.

— O que você quer que eu diga? Que me sinto da mesma maneira? Que não consigo parar de pensar em você? — me irrita, encarando seu perfil.

— A verdade seria um bom começo — seu rosto se gira e finalmente me olha.

Perco momentaneamente a fala diante da energia e de todos os sentimentos explícitos nele, cortantes.

— Você não entende — me pego murmurando.

Ele sorri com deboche e volta a olhar para a terapeuta.

— Viu só? É isso o que ela faz, me afasta, usando isso de que “*eu não entendo*”. E ela tem razão, Raquel, eu não entendo mesmo como alguém pode jogar fora todo o amor de um homem, como o que tenho por ela.

— Um amor que só vai te prejudicar! — por que ele não consegue

enxergar isso?

— Diga a ela para inventar uma desculpa melhor, Raquel, diga.

Limpo mais lágrimas.

— Por que ele se prejudicará te amando, Jasmine? — a mulher interpela.

Paro, em silêncio, tremendo tanto que mal coordeno minhas mãos. E a olho.

— Ele acha que tem algum tipo de dever de me proteger, ou sei lá — gesticulo ao ar — Até entrou numa briga com um monstro, porque pensa que tem que limpar minha honra... Eu não quero vê-lo metido numa prisão ou até morto. Eu não valho isso! E ele não entende!

— Você ouviu o que ela disse? — esbraveja — Sempre esta porra de que não tem valor, sempre se depreciando!

— Jasmine... — a mulher tenta.

— Você não quer ver o que *realmente* sou, Damien! Eu fui uma garota de programa, meu corpo foi usado por dezenas de monstros como aquele! Você não pode me defender de todos eles e acabar morto por mim!

Damien volta a me olhar.

— Sim, eu posso — ele insiste, o músculo de sua face pulsa, feroz — A única coisa que eu não posso é te obrigar a perceber o quanto eu te amo.

Esfrego meu rosto.

— Amor não basta!

— O que basta, então?

A doutora limpa a garganta.

— Eu acho que o que ela está tentando dizer, Damien, é que se preocupa com suas ações.

Viro-me para ela.

— É uma desculpa! — ele corta, antes que eu possa abrir a boca.

— Por que você acha isso? — indaga profissionalmente.

— Porque é só o que ela faz, Raquel. Desde que a conheci, ela sempre me empurrou pra longe.

A doutora descruza as pernas e cruza em outra posição. Assisto a interação entre eles, falando de mim como se eu não estivesse aqui.

NACIONAIS-ACHERON

— E em sua opinião, Damien, por que Jasmine está sempre te afastando?

— Porque ela tem medo — afirma, convicto.

— De quê?

— De ser feliz e ter que deixar o passado ir embora. Ela está amarrada ao passado.

A doutora se direciona a mim.

— Ele tem razão, Jasmine?

Nego, exasperada.

— Ele acha que eu escolho *não* deixar o passado ir? Ele acha que eu gosto de fechar os olhos e lembrar de todos os homens sujos que já usaram meu corpo? — acabo rindo, com raiva — É claro que eu quero deixar ir, mas existe algum botão que aperte para isto acontecer? Ou ele vai se meter em confusão o tempo todo, esperando que, ao matar todos eles, as coisas se resolverão?

Viro-me para encontrá-lo me fulminando atentamente, afiado.

— Você merece alguém melhor, Damien, por que está perdendo seu tempo comigo?

Ele não responde pra mim; vejo a fúria crescendo em si.

— Diga a ela, Raquel, que eu amo essa mulher. Diga que eu estou com vontade de golpear a bunda dela escutando esta merda.

A doutora suspira. Está estampado em seu rosto o arrependimento de aceitar esta sessão.

— Jasmine, não existe um botão para apagar o passado — apesar de ignorar a última fala de Damien, ela soa gentil — Muitas pessoas, que vêm ao meu consultório gostariam que existisse, no entanto, infelizmente, não é possível. Mas há algo que se pode fazer, sim.

E ela tem nossa total atenção.

— Novas memórias têm o poder de reduzir o efeito causado por experiências ruins do passado. E é o que eu costumo dizer aos meus pacientes: lutem para construir memórias boas, diariamente, em cada pequeno passo.

Memórias como as que eu tenho de nosso tempo juntos... É disso que

ela está falando. Decido ser honesta comigo e com eles.

— Eu entendi o que quer dizer... — o som é baixo, mas sei que eles me escutam — A lembrança do tempo que passei ao seu lado é mais forte do que qualquer outra...

— *Raposinha*... — ele sibila, embargado.

— Mas não posso construir a minha felicidade à custa da sua, Damien...

Sua feição se contrai.

— Pare de insistir nesta besteira, Jasmine — o pedido é quase uma exigência.

Tento negar com a cabeça. Interrompo meu próximo argumento ao assisti-lo se levantar.

— Eu quero que você escute com atenção, raposinha, porque eu nunca falei mais sério antes. Vir a esta sessão foi a minha última cartada para fazer você perceber o quanto eu te amo. Por mais que doa pra caralho, eu não vou mais insistir e tentar abrir sua mente...

— Dam... — ele me cala com um aceno de mão.

— Deus é testemunha, do quanto eu quero construir memórias felizes com você, e trabalharei nisto para o resto da vida, só depende de você querer. Se o seu medo é que eu me meta em alguma merda, eu posso prometer aqui, diante da Raquel, que vou me esforçar para administrar melhor meu temperamento. Agora eu deixo com você a decisão.

Seus olhos transparentes fitam-me, dando tudo de si.

— Pense bem se quer se apegar ao passado e afastar a pessoa que mais te ama neste mundo, ou se quer lutar por sua felicidade ao meu lado.

Novas lágrimas me traem, sem controle.

— A decisão agora é sua, e eu prometo que, se sua resposta for não, vou respeitá-la e você nunca me verá novamente.

Ele sustenta meu olhar por mais um segundo, demonstrando toda a honestidade e intensidade que há em si. E então se vira para doutora.

— Obrigado por isso, Raquel.

Damien sai do consultório, sem olhar para trás.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 31

JASMINE

Fico imóvel, encarando a porta por um longo momento. Meu coração, despedaçado, rebela-se contra mim, gritando para que eu reaja, por mim, por ele. Lentamente, olho para a doutora Raquel, sem palavras.

— E-eu... preciso ir.

Ela se inclina para frente em sua poltrona e toma minha mão.

— Não como doutora, Jasmine, mas como uma amiga: dê a você uma chance, olhe para a frente e siga adiante.

Engulo com dificuldade, equilibrada numa linha estreita, perto de desabar. Apenas meneio a cabeça em concordância, me levanto e ando para a porta a passos vagos, perdida.

Assim que saio da sala, me deparo com Dominic, encostado na parede, braços cruzados sobre o peito. Seu olhar sereno cai em mim.

— Dominic? — murmuro.

Ele sai de onde está e caminha para minha direção.

— Damien estava preocupado com você e me pediu para te esperar.

As palavras são como dinamite explodindo as minhas últimas reservas. *Damien sempre se preocupa comigo, mesmo agora, prestes a me deixar.* E tudo o que eu consigo fazer é cair nos braços de Dominic e chorar, copiosamente. A minha represa rompeu e não consigo sequer abrir a boca, apenas choro, tanto e sem sentindo. As lágrimas encharcam a camiseta branca

dele. Parece que nunca vai acabar.

Dominic apenas me abraça de volta, mantendo-me contra si.

— E-eu o amo — soluço alto.

— Shh — sussurra —, ele também te ama — sua mão acalenta minhas costas.

— Eu não posso fazê-lo feliz... — outro soluço escapa — Eu estragaria a vida dele. Ele merece mais...

— Você nunca estragaria a vida dele, Jasmine, pelo contrário, você é a única segurança de que Damien algum dia será feliz — a voz calma contém muita firmeza.

Afasto-me de seu peito para encará-lo, atraída pela maneira profunda como seu tom parece conter um tipo de culpa, ou lamento, não sei bem.

— Paz não é algo a que meu irmão está habituado — sua expressão é mais séria do que já me lembro de ter visto — Podemos nos sentar aqui um pouco? Há algo que eu gostaria de conversar.

Aceno que sim.

Ele pega a minha mão e me senta na poltrona da sala de espera vazia. Minhas lágrimas insistem em não recuar. Limpo com os pulsos, assistindo a Dominic se curvar na cadeira ao meu lado, apoiar seus antebraços nos joelhos e encarar o chão.

— Se Damien é desse jeito, impulsivo, cabeça quente, eu tenho grande parte de culpa, Jasmine. Assisti de perto a maneira como ele se retraiu, dia após dia, enquanto víamos minha mãe se deteriorar na vida — ele respira de uma maneira mais pesada — E eu não fiz nada... Estive mais preocupado em cuidar de todos eles, encontrar o que comer, e esperei que o tempo curasse a mágoa que ele estava guardando.

Seus olhos acinzentados se levantam para mim.

— Ele a amava muito, e, de nós três, foi quem mais sofreu com o comportamento dela nos últimos anos de sua vida. Nossa mãe era usuária e fazia de tudo pelo vício. Damien guardou dentro de si e nunca conseguiu perdôá-la... Isso tem grande parte de participação nesse temperamento forte que ele mal sabe administrar.

— E eu só vou piorar... — acrescento.

Seus lábios formam uma linha fina, descordando.

— Nisto você está errada. Só você pode mantê-lo, Jasmine — o som rouco, calmo, me impede de argumentar — Meu irmão se tornou egoísta com os sentimentos. Cheguei a pensar que ele nunca amaria alguém de verdade, mas quando você apareceu, eu soube que ele poderia sim, se importar e substituir a amargura por algo bom.

Deixo minha cabeça cair para minhas mãos, sem saber o que pensar.

— Tenho medo de que meu passado o atinja, que ele se envolva em algo ruim querendo me defender, Dominic... — tento explicar.

— Diga isto para ele, Jasmine. Diga que você se importa o bastante para não querer vê-lo metido em merdas. Isso é o que ele precisa ouvir de você — incentiva.

Calo-me, impossibilitada de continuar lidando com a queimação na garganta.

Dominic levanta sua cabeça e me encara.

— Você o ama pra valer?

Olho em seus olhos, e respondo com toda a honestidade que tenho.

— Mais do que eu amo a mim mesma. Eu não me importo de viver uma vida infeliz se eu souber que ele está bem... Isso é o que sinto.

— Pois eu, como irmão dele, te digo que *sem você* não há chance *dele* ser feliz — ele sorri, sem humor — Há até uma probabilidade maior que Damien se afunde de uma vez, você quer isso?

— Não — digo, convicta.

— Então o ajude a ser uma pessoa melhor, direcione-o a isso, Jasmine. E faça por si também. Nós somos todos uma família agora. Você e Damien serão padrinhos de meu filho... — seus olhos se estreitam, desconfiados — E, acredite, Luna nunca vai permitir que você se afaste de nós. Se esta era a sua ideia para manter meu irmão longe, esqueça.

De repente, algo do que ele diz me invade como uma grande rajada de vento. É diferente de tudo, faz meu coração palpitar bem forte e todo o resto parece paralisar.

“Somos uma família”.

“Uma família”.

Dominic me incluiu como parte de uma família, onde há Luna, meu afilhado que ainda nem nasceu... e Damien. A sensação é tão forte que não consigo compará-la a nenhuma outra.

Impossibilitada de evitar, sinto meus lábios sendo repuxados num... sorriso? Estou sorrindo?

— Eu quero isso... — sussurro, com os olhos arregalados, olhando para o chão, sem focar em nada exatamente.

Aérea e emocionada, nada parece mais certo.

Subo meus olhos para ele.

— Eu quero uma família, Dominic — mal escuto a minha voz.

Ele apenas sorri, de um jeito tão bonito que me faz ciente dos motivos para Luna lhe ama tanto.

— Então vá atrás e pegue o que é seu, menina.



Abraço Gabrielle bem apertado, deixando com ela uma parte do meu coração. Dominic me trouxe para cá antes de tudo, porque tomei uma decisão e a primeira pessoa que merecia saber disso era ela.

Gabi me deu mais do que um teto: ela me deu seu amor. E é por esse amor que estou chorando em seus braços, agarrada e ela com toda a gratidão que alguém pode sentir por outra pessoa.

Me pego soluçando alto pela segunda vez hoje. Minhas lágrimas umedecem seus cabelos platinados, e as delas caem sobre mim.

— Eu te amo muito, Jas — ela soluça também — Sei que esta é a melhor decisão que você poderia tomar, e eu quero sua felicidade... Mas vou sentir tanto a sua falta. Tanto.

— Também vou sentir a sua, Gabi, obrigada, obrigada por tudo o que fez por mim, por me proteger, por me amar, por me entender.

Ela se afasta para me olhar de frente. Seu rosto encharcado, os olhos azuis ainda mais claros e vermelhos.

— Nunca vou me cansar de dizer que você é especial, Jasmine. Viver com você me fez uma pessoa mais feliz, você me ensinou muito.

Limpo as lágrimas de seu rosto e tento respirar profundamente para que eu mesma pare de chorar.

— Eu não viverei o suficiente para te agradecer, Gabi. Digo do fundo do meu coração: minha vida é dividida em antes e depois de você e Luna entrarem nela — a garganta parece se fechar — Eu cheguei a acreditar que pessoas como vocês não existiam, mas existem, e eu não quero te perder nunca...

Ela me abraça de novo, mais e mais forte, e então, se recompondo, me deixa sair de seus braços, como um passarinho que você cura, trata, oferece amor e, depois, deixa livre para ir.

— Seja feliz, amiga. Seja muito feliz e vá sabendo que eu estarei sempre de braços abertos para você.

Seguro a alça da bolsa, as mãos trêmulas e o coração doendo, e me esforço para sair antes de desmoronar novamente. Se eu vou entrar nessa com Damien, será por completo, ele merece tudo. E lhe darei tudo.

Abro a porta e saio sem olhar para trás, deixando uma parte minha aqui com uma das melhores pessoas que conheci em minha vida e que sempre estará dentro de mim.

Dominic me espera no saguão. Diante do meu estado, não diz nada, apenas me lança um olhar compreensivo e pega minha bolsa.

A pior parte virá agora.

Espero que não seja tarde demais.

DAMIEN

Estou tentando entender o que vou fazer daqui para frente. Hoje, fiz minha última investida, e sinto que foi em vão. Deixo o copo sobre o balcão da cozinha e me levanto, descalço, para ir atender a porta. Provavelmente meu irmão não quis entrar direto com sua chave e veio só para me checar,

com a desculpa de avisar que deixou a menina em casa.

Respiro fundo, preparado para enfiar uma máscara de indiferença na cara e seguir em frente, apesar da maldita dor se estabelecendo em mim, sem precedentes.

— Irmão, ainda é um pouco cedo para... — *se preocupar.*

Não concluo a frase ao abrir a porta. Travo, de súbito.

Por esta eu não esperava...

Porra.

Olho rapidamente para trás, onde a garrafa de uísque está intacta, conferindo se eu realmente não a bebi e estou em algum tipo de alucinação alcoólica. E volto a encarar a razão de todos os meus tormentos.

Parada, as mãos alisando as laterais de sua calça, os lábios presos entre os dentes, olhos inchados — *miséria... de chorar?* —, arregalados, me encarando em expectativa.

Não digo nada por um maldito momento. Não consigo.

Minha boca parece costurada, e ela também não diz nada. Nossos olhos se conectam e tenho a sensação do ar sendo tragado do meu peito com o que vejo nela.

Não. Não devo alimentar esta merda de esperança. Não posso ver somente o que quero.

Cruzo meus braços em frente ao peito e espero.

— Oi... — ela murmura.

Meu coração, *o desgraçado traidor*, faz um barulho.

Aceno uma única e breve vez. Ela enrubesce e empalidece em alternâncias.

Foda-se. É tão mau amar tanto alguém, a ponto de querer implorar para que sua presença não seja um encerramento definitivo?

— P-posso entrar?

Penso um pouco em minha resposta. *Se for para me chutar de vez, então não! Não pode entrar!*

Demoro a responder, querendo ganhar tempo para acalmar a bagunça dentro de mim. Elevo meu queixo, dando-lhe um olhar sério, que a fará ciente de que não será tão fácil assim.

NACIONAIS-ACHERON

— Depende. Você veio para ficar?

Ela respira entrecortado, seu coração em um estado tão ruim quanto o meu. Deus, eu a amo tanto.

O olhar de Jas viaja para algo ao seu lado, no corredor ao lado de fora, e volta pra mim.

— Se você ainda me quiser... — mordendo o lábio nervosamente, ela se afasta um passo; quando retorna, mal acredito no que vejo.

Uma mala.

Não.

Porra!

Isto não é algum tipo de visão, é?

Os músculos de meu corpo reverberam, o peito se comprime, tenho que apoiar discretamente a mão no batente da porta para ter certeza de que não vou cair diante dela.

Não digo nada, não consigo, apenas afasto meu corpo para o lado e faço um sinal de que seu caminho está livre para dentro da minha casa. Timidamente, ela passa por mim. Aproveito o momento para inspirar o seu cheiro, chego a fechar meus olhos por um segundo.

Ela veio!

Ela se entregou e veio por sua conta, porra!

Eu não precisei arrastá-la pra cá, como faria um bom homem antigo... Não que eu não estivesse lutando duramente contra a vontade de agir assim.

Observo-a parar em meio à sala, perdida, desconfortável, e tudo o que mais quero é ir até ela e abraçá-la, aliviado que isto esteja mesmo acontecendo. Porém, a voz da razão diz que ainda não é momento. *Há assuntos que precisam ser discutidos.*

Encosto-me contra a parede, longe dela.

Minhas mãos coçam por tocá-la. Advertidamente, eu as guardo nos bolsos da calça.

— O que te fez mudar de ideia? — vou direto ao assunto, a rouquidão e embargo em minha voz me assustam.

A raposinha encara o chão, buscando ali as palavras certas, e então me olha. Vejo-a se mexer e tirar um papel de dentro do bolso. Ela o desdobra

cuidadosamente, um tesouro valioso. Em seu rosto, posso ver o nervosismo e minha curiosidade se atíça, apesar do que quero deixar transparecer.

Seus olhos âmbar me encontram, decidida: não há mais dúvidas. Passo a passo, ela caminha até mim e me estende o pedaço de papel.

— Esta é... — a voz praticamente não pode ser escutada; a menina limpa a garganta e tenta novamente, um pouco mais alto desta vez — Esta é a primeira vez que eu escrevo uma carta... — seu rosto enrubesce — E não foi fácil, porque ainda estou aprendendo. Você verá muitos erros aí...

A vontade de tomá-la para mim fica mais forte a cada segundo. Olho para o papel estendido e para seu rosto. Miséria, acho que eu nunca estive mais emocionado e excitado antes.

— Quando eu escrevi, eu não sabia o que fazer em relação aos meus sentimentos por você, Damien, mas eu sabia que nunca poderia deixar de senti-los, porque são muito fortes.

Estamos conectados pelo olhar e consigo sentir a honestidade de cada palavra.

— Por favor, leia.

Tremendo violentamente, devagar, estendo minha mão para apanhar o que, sem dúvida, é a coisa mais importante que eu já recebi.

E deixo meus olhos caírem sobre o papel, simples, enrugando em alguns pontos, parecendo ter recebido gotas de água — lágrimas, possivelmente? A caligrafia é delicada, as palavras se apresentam em espaçamentos e tamanhos diferentes, no entanto, seguem em linhas estremecidas. Diante da folha enxergo o esforço que foi para ela escrever e sou tomado por tanto amor que parece não caber mais em meu peito.

Silenciosamente, começo a ler.

“Damien, Não sei bem o que estou fazendo, ou por onde começar. Não sei nem mesmo se algum dia você lerá isso, mas eu precisava escrever, porque o que estou sentindo parece querer me sufocar. E é assim desde que eu te pedi para se afastar de mim.

Tentar me lembrar dos motivos pelos quais você estará mais feliz sem mim é inútil neste momento. Meu coração só consegue sentir a sua falta.

Descobri recentemente que, quando estávamos juntos, ele batia mais alto e mais forte, e agora tenho a sensação de que ele não quer mais continuar. Apenas doer.

Todos os minutos do dia, me pego lembrando do quanto eu me sentia bem ao seu lado. Como o melhor sonho que eu podia ter sonhado.

O problema é que não sei o que fazer com tudo isso agora.

Só o que eu mais quero é o seu bem e que você seja feliz, Damien, muito feliz.

E eu sempre vou te amar, passe o tempo que passar e aconteça o que for, porque isso ninguém nunca poderá tirar de mim. Amar você é o que tenho de melhor.

Jasmine”

Assimilo.

Calado.

Com os olhos em chamas.

Sua carta é... *sua, completamente*. Pude enxergar a verdadeira Jasmine — a que eu sempre soube que existia — em cada palavra. A mesma menina da qual tive um vislumbre dentro da casca da mulher fechada, que nunca realmente se abriu e me disse coisas assim. Tão fechada que eu cheguei a acreditar que se tratava de indiferença.

Ela me ama com a mesma intensidade que eu a amo.

Uma luz de realização clareia minha mente neste momento: a oportunidade de fazê-la mudar suas percepções.

Vai doer o que eu vou dizer, mas é necessário.

Respiro fundo e a encaro.

Seus olhos estão cheios de expectativa.

— O que você espera que eu faça? — sim, isso saiu duro.

Ela não contava com essa, vejo por sua expressão desconcertada. Assisto o movimento bonito de sua garganta subindo e descendo.

Raposinha, raposinha, você finalmente é minha para sempre, não se engane.

— E-eu... eu pensei que você... — ela para e me olha com mais atenção — Eu achei que era importante você saber como me sinto.

— E é — afirmo, sem recuar.

— Então...? — ela lambe o lábio, confusa.

Aproximo, chegando bem perto para encará-la. Estou à distância de um palmo de seu rosto.

— Então, se você me ama, e eu também te amo, nós já temos um bom começo, raposinha. Mas agora temos que falar das regras.

Sua boca se abre, num pequeno semicírculo.

— *Regras?*

Quero rir, mas preciso agir firmemente, este é o momento.

— Sim... — não me contenho e roço meus dedos por seu rosto — Você está disposta a aceitar algumas regras?

Os olhos vivos, curiosos, estreitam-se.

— Que regras, Damien?

— A primeira delas: acaba aqui essa coisa de autoestima ruim.

— Mas... mas...

— Sim. Acaba aqui. Você está proibida, sob qualquer hipótese, de pensar menos de si, de dizer coisas ruins a seu respeito. Todos os dias, vamos trabalhar nisto, até que não reste mais nada além da visão de quem você realmente é. E eu vou cobrar, não espere menos.

Seus ombros caem.

— Há mais?

Seguro seu rosto entre minhas mãos.

— Sim. Nós viajaremos por um longo tempo, longe de tudo, somente nós dois, assim que você entrar de férias de suas aulas... — vou aproximando minha boca da sua, sentindo seu hálito fresco e o calor de sua expiração — E a última regra...

— Qual é? — ela murmura, os olhos semicerrados ganhando caminho para se fechar.

Sorrio, finalmente, satisfeito por chegar até aqui.

— Você se casará comigo, imediatamente.

Sim, eu sei. Estou avançando todos os sinais, no entanto, não poderia perder a oportunidade. Não posso mais arriscar em nada. Se estamos juntos, estamos pra valer.

Ela pisca algumas vezes, absorvendo. Olhos arregalados... e, porra, marejados.

— Você quer mesmo isso, Damien? — ela busca uma garantia em mim.

Encaro-a com intensidade.

— Sim. Eu quero me casar com você e passar o resto da minha vida do seu lado. O que *você* quer? — enfatizo a palavra “você”, jogando a bola pra ela.

A menina respira fundo.

— Ser feliz com você, Damien, eu quero muito, ser feliz com você... — morde o lábio, hesitante.

Arqueio uma sobrancelha, esperando, porque sei que virá um “*mas*” aí.

— Mas eu também quero determinar algumas regras...

Estreito meus olhos, desconfiado, e achando até um pouco de graça. Não tenho do que reclamar, pois finalmente estamos discutindo nossos termos.

— Não haverá mais brigas, com quem quer que seja.

Engulo em seco. Eu deveria ter esperado por essa.

— Você tem que me prometer que nunca vai brigar ou se colocar em uma situação ruim por mim. Se eu vou me esforçar para esquecer do passado, eu preciso ter certeza de que você também fará isso. Eu preciso desta garantia.

— Certo... — concordo, evasivo — Se você precisa desta garantia, você tem.

Isso conta para a velha cadela?

Antes que ela capte a mentira, agarro sua cintura e a puxo para mim. Seus dedos macios tocam meu rosto, e eu me deleito com a sensação.

— Obrigada... — ela suspira, parecendo aliviada — Eu me preocupo tanto com você, Damien. Nunca me perdoaria se alguma coisa te acontecesse... Aliás... — seus olhos buscam o meu, límpidos, e fazem com

que meu peito reverbere — Eu errei não dizendo antes... — seu queixo se eleva — Eu te amo, Damien. Amo mais do que eu pensava ser possível.

Uma lágrima solitária desliza em seu rosto.

— Raposinha...

— Obrigada por não desistir de mim, eu te amo muito mesmo... Se você me quer, então sim, eu quero muito me casar com você! — chorando e sorrindo, ela me dá a resposta mais importante da minha vida.

Por Deus, por que é tão bom?



Capítulo 32

JASMINE

Damien segura minha mão e caminha me puxando com ele para dentro da enorme loja. O dia está muito quente do lado de fora e, logo que entramos, somos recebidos pelo frescor do ar-condicionado.

— Nossa, isso é tão bom... — suspiro, me deleitando.

— Bom é o que fizemos a manhã toda, raposinha... — ele provoca baixinho, encostando seus lábios em meu ouvido.

Enrubesco com a lembrança, ou com o efeito dela sob meu corpo.

Desde que voltamos, há um mês, nenhum tempo juntos parece o suficiente. Não só para ele, mas para mim também. Passamos grande parte das últimas noites nos envolvendo até a exaustão e, quando finalmente durmo, já não tenho mais pesadelos. Antes de adormecer, tenho um ritual especial: me enrosco em seu corpo e agradeço baixinho a algo maior no universo que decidiu olhar por mim e trouxe Damien para a minha vida.

Sorrio.

— Eu acho que “*bom*” não descreveria aquilo, Damien... — provoco discretamente, enquanto assisto a elegante vendedora se aproximar.

— Então deveríamos voltar para casa e fazer novamente até encontrar a palavra certa... — ele morde meu lóbulo.

Estremeço. Minha pele parece até mais sensível ultimamente.

— Sejam bem-vindos, em que posso ajudá-los? — ela oferece, solícita.
Damien enlaça minha cintura e me puxa para junto de si.

— Eu e minha mulher queremos redecorar — o orgulho em seu tom é bonito de ver.

“*Minha mulher*”. Acho que nunca vou me acostumar com esta sensação de cócegas na boca do estômago sempre que ele se refere a mim assim. Felicidade... Talvez seja isto o que ela faz com a gente.

— Vocês têm algo em mente, alguma linha específica que desejam seguir? Nossa loja dispõe de diversas opções.

Damien me olha nos olhos.

— Isto quem decide é ela. Tudo tem de ser do gosto de Jasmine.

Não controlo o enrugamento em meus lábios.

Ele insistiu nesta história de que seu apartamento é sem vida e que precisa de uma nova decoração. Antes, eu concordaria, nos primeiros dias em que estive lá. No passado, também via aquele ambiente como algo frio, asséptico. Hoje, consigo sentir sua identidade em tudo o que há na casa. E quando eu argumentei isso, ele disse que este era o problema: *o apartamento tem que ter a nossa identidade...* e aqui estamos.

A vendedora me lança um olhar satisfeito, provavelmente feliz com o que ela pensa que gastarei, esperando de mim a mesma empolgação. Sorrio, não querendo desanimá-la. Se ela soubesse que vim até aqui sob forte chantagem.

A verdade é que mal sei me vestir, que dirá decorar uma casa.

— Compre tudo o que gostar. Decoração é isso, amor — ele sussurra nos meus lábios, lendo meus pensamentos, e me beija, sem nenhum constrangimento por termos companhia; somente quando percebe que estou mole em seus braços, ele se afasta — Eu estarei sentado neste sofá à espera.

— Mas... — tento.

— Do seu jeito, raposinha. Eu quero que *você* faça as escolhas.

Opto por não negar. Sei que isto significa muito para ele. Aprendi a lê-lo e a considerar tudo o que lhe importa.

Assim como ele está me fazendo feliz, quero lhe dar o mesmo.

A vendedora não se acanha e vem com tudo, pronta para trabalhar.

DAMIEN

Deixo Jasmine em casa com a desculpa de resolver alguns assuntos da construtora. Estaciono o carro ao lado de onde Christian deixou o dele. Desço no mesmo tempo em que ele também faz.

Sua expressão, sempre despojada, sustenta uma carranca.

— Cara, eu tô muito curioso sobre o porquê marcou comigo aqui.

Encaro-o, parando à sua frente.

— Irmão, eu preciso de um favor.

Seu rosto se inclina, me olhando com desconfiança.

— E o que o favor tem a ver com este lugar enlameado do caralho, afastado de tudo?

Respiro fundo, deixando o ar sair vagorosamente.

Merda, como dizer isso a ele?

— Há algo que tenho feito, mas quero sua palavra de que Dominic não saberá.

Ele bufa, num riso sem humor.

— Por aí você já está me dizendo que certamente não vou gostar do que esta por vir. O que, porra, Dom não pode saber? — seu olhar vai para o galpão exilado — O que tem ali, Dam?

— Você sabe o quanto Jasmine é importante para mim, não sabe?

— Sim, eu sei. Você esteve fora de sua mente pela menina no último ano. Para ser honesto, eu estou aliviado que vocês finalmente se entenderam, ninguém te suportava mais — seus olhos se estreitam — Espere, o que Jasmine tem a ver com isso?

— Diretamente, nada.

Ele sacode a cabeça.

— Cara, eu não estou gostando de como isso soa. Desembucha e me diga o que quer. Por sua expressão, estou com um mau pressentimento.

JASMINE

Viajamos num voo de sete horas. Se eu pudesse, teria estendido um pouco mais o tempo em meio ao tapete de nuvens. Acho que é a visão mais linda que já tive.

Observo o caminho que estamos tomando e, aos poucos, vou começando a acreditar que eu posso estar enganada. A paisagem vai ficando cada vez mais impressionante.

Damien para o carro alugado na entrada do resort. Um espaço no paraíso, é esta a sensação que tenho.

— Tudo é tão lindo, Damien... — murmuro, encantada.

— Sim, Jasmine, é lindo — sua voz abafada me faz tirar os olhos do lugar e encará-lo.

Sorvo o ar com a intensidade de seus olhos em mim.

— O que eu sinto por você, menina, é além do que pode imaginar — ele nos une num abraço e escova seu lábio em minha testa — Eu sou o cara mais feliz do mundo.

Lacrimajo, e a familiar ardência na garganta já vem me embargar. Envolver meus braços em sua cintura, trazendo-o mais apertado.

— É como um sonho... — sussurro.

Ele inclina meu rosto para cima, para encará-lo.

— É o nosso sonho, raposinha, e vai ser para sempre.

— Sim, um sonho que vai durar para sempre... — sorrio, tomada por tanta paz que é até difícil de descrever.

Damien me pediu em casamento naquele dia, e depois não tocou mais no assunto. Meu coração está tranquilo quanto a isso. Tenho praticado o que ele me diz diariamente: sou especial e ele me ama. Sua regra é, para mim, uma obrigação, como prometi a ele.

Ainda penso que, a qualquer momento, minha mãe pode aparecer. Falei isso a ele numa noite destas. Damien acha que Suzette finalmente percebeu que deve me deixar em paz. Eu não quero o mal dela, mas não penso em vê-la mais.

— Vem vamos para o quarto, menina. Estive te assistindo nesse vestido

por tempo demais, não vejo a hora de tirá-lo de você — sou contemplada por um meio sorriso cheio de intenções.

Sim, este homem me ama de maneira limpa, transparente, e não faz nada para esconder.

Mordo minha bochecha, evitando um sorriso ainda maior, e aliso o tecido macio de minha roupa. Gabi fez este e mais dois vestidos para a viagem. Um deles, penso eu, é tão lindo que nem sei se eu deveria usá-lo, mas ela me disse que é sempre bom ter opções.



Damien mal me permite entrar e, num piscar de olhos, estou presa contra a parede do quarto. Sua boca tomando posse, fazendo meu peito bater mais acelerado.

— Você é tão gostosa, Jasmine — a voz rouca sai pelo pouco espaço que nossas bocas se permitiram tomar.

Suas mãos vêm para a saia do meu vestido, subindo, deslizando uma carícia excitante por minhas pernas. Estou úmida prontamente e, quando seu dedo encontra a evidência, um som baixo, meio animalesco, rasga de sua garganta. Damien me mostrou que sexo é isso, é sentir prazer em cada poro da minha pele, é ansiar por seu toque, querê-lo tomando posse de meu corpo, preenchendo-me. E quanto mais estou ligada a ele, mais a sensação de sujeira vai se tornando um pensamento distante no fundo da minha mente.

— Preservativo... — consigo exprimir em meio à nuvem gradativa que confunde os meus pensamentos, conforme a carícia ganha mais intensidade.

Faz uma semana que comecei o controle de natalidade, mas a médica disse para esperar um mês antes de iniciar relações sem proteção.

— Não se preocupe amor, não tem problema... — ele rosna, a boca colada ao meu pescoço, sugando e roçando seus dentes, causando arrepios que me fazem revirar os olhos — Em pé não engravida...

Acabo rindo de sua tentativa.

— No banheiro do avião você disse a mesma coisa...

DAMIEN

Há pouco mais de uma hora, deixei a raposinha adormecida no quarto e vim acertar alguns detalhes importantes. Esta é a nossa primeira viagem juntos. A primeira de muitas, e será bem longa. Tirei uma licença da construtora e deixei Dominic administrando em meu lugar... Bendita a hora em que eu insisti para ele voltar a trabalhar na empresa da família. Naquela época, eu nem sabia que precisaria tanto. Pretendo me ausentar por três meses e gastar todo esse tempo viajando e mostrando o mundo à Jasmine.

Dom está reformando meu apartamento também, para que lá seja o nosso lar. Quero dar tudo o que eu puder a ela. Farei de minha menina, a mais feliz que já se existiu, uma promessa que levarei a sério enquanto eu viver.

Paro no bar próximo à piscina e solicito um drinque para amenizar o calor do lugar. O garçom prepara a bebida, então checo meu celular para saber se está tudo de acordo. Chris continua chateado comigo, mas, no fundo, acho que ele entendeu meus motivos. Espero que sua boca grande tenha mantido segredo. Meu irmão mais velho não apreciaria, isso é certo.

— Há alguém aqui? — uma voz doce, além do necessário, chama minha atenção.

Subo meus olhos por sobre meu ombro e encontro uma bela loira, esguia, fartos seios projetados para mim. Rio sozinho pela constatação que o velho Damien foderia com esta mulher sem sequer se interessar em descobrir seu nome. Já este novo eu, transformado pela raposinha, só consegue fazer comparações entre elas. Jasmine é mais suave onde esta é exagerada, as curvas de minha mulher são perfeitamente esculpidas pela natureza, enquanto a loira contém evidente trabalho de cirurgião. Minha mulher cheira a shampoo fresco e sabonete, o que me faz querer lambê-la inteira, enquanto esta aqui exala algum perfume caro, enjoativo.

A loira interpreta erroneamente minha risada como um convite para se sentar ao meu lado.

— Olhe, moça... — começo a botá-la em seu lugar, mas interrompo minha fala com a visão de Jasmine me procurando com os olhos no espaço

aberto.

Vislumbro uma grande oportunidade.

Tenho elevado sua autoestima diariamente, fazendo-a ver o quão preciosa ela é. Jasmine nunca deve se sentir inferior em relação a ninguém, principalmente à outra mulher. Lembro-me de como ela pareceu constrangida diante de minha gerente financeira, Amanda, se insinuado para mim em meu escritório. Jasmine nos encarou como se ela fosse um peixe fora d'água na situação, e ficou alguns dias distante, provavelmente alimentando as minhocas em sua cabeça.

Hoje, quero testar se estou obtendo algum resultado.

Calo-me e apenas sorrio para a mulher, levantando sutilmente o copo com a bebida que o garçom acaba de deixar em minha frente.

Pela visão periférica, pego o momento em que minha raposinha caminha para onde estamos. Engulo o riso e finjo que não vi, me concentrando apenas no rosto artificial da loira.

— Co-com licença — a voz inicialmente baixa tenta uma vez, sem sucesso, e então se eleva — Com licença.

A loira inclina seu rosto para trás para encarar Jasmine.

— Sim?

— Você poderia nos dar licença, por favor? — seu tom é levemente ciumento e educado, uma graça, confesso.

A mulher estufa seus seios.

— Olhe, flor, eu acho que cheguei aqui primeiro e não havia ninguém neste lugar.

Falsamente ingênuo, observo as narinas da minha pequena se dilatarem.

— Ele é o meu namorado.

Uma tosse rápida sai da mulher.

Porra! Até eu tenho vontade de tossir, ela nunca me chamou desta maneira.

— Como disse? — minha acompanhante indaga.

Jasmine cruza os braços em frente ao peito, seus seios deliciosos elevam-se com o movimento.

— Eu disse que o homem ao seu lado é meu namorado, então, por

NACIONAIS-ACHERON

favor, você poderia sair deste lugar?

Minha companhia se vira para mim.

— Isto é verdade?

Aceno com o copo novamente.

— Minha mulher é quem dá as ordens — brinco, sorrindo como um maldito estúpido.

Nem espero a mulher sair para me levantar e puxar a raposinha contra mim, explodindo de orgulho.

— Seu namorado, hein... — provoco, murmurando na região quente da curva de seu pescoço — Eu acho que prefiro ser o marido nesta situação, raposinha, mas namorado está bom para mim, pelo mesmo por enquanto.

Ignora o fato de meu anel não estar em seu dedo... *ainda*. Quero fazer isto do modo certo.

JASMINE

— Eu gostaria que você vestisse este, amor — ele estende e pousa sobre a cama um dos vestidos que Gabi fez, branco, com alças e um caimento que parece me acariciar.

Realmente bonito.

— Não é muito, sei lá, *extravagante* para um luau na praia? Aliás, bem... eu não sei muito, mas um luau não começa de noite?

Ele sorri, alisando meu cabelo e colocando uma mecha fina para trás da minha orelha.

— Já é quase final de tarde, Jasmine. E vou aproveitar enquanto você se arruma para acertar nossas diárias no resort.

Espere, à tarde, ele não me deixou dormindo para...?

Sem que eu precise falar em voz alta, seu dedo polegar escova a ruga em minha testa.

— O sistema de recebimento deles estava fora do ar àquela hora,

raposinha.

— Bem... Certo, e-eu vou me arrumar... — me embaraço.

Beijando-me castamente nos lábios, ele tira um segundo para fixar seus olhos nos meus.

— Sabe, este seu lado ciumento está arrebatando ainda mais meu coração. Eu gosto disso — o sorriso matreiro no canto de sua boca mostra o quanto ele realmente está apreciando.

Devo estar vermelha.

Eu não tinha relacionado isso a ciúmes. Bem, aqui tem tanta mulher, todas de biquíni, desfilando por aí, e Damien é tão... *Damien é ele, não?* Lindo, com estes olhos claros, o sorriso de tirar o fôlego, o corpo alto, bem construído... Porcaria, eu não quero sentir nada disso... Mas há como evitar?



Tomo banho, seco o cabelo e uso no rosto os produtos de Gabi, da maneira como ela me ensinou. Aplico rímel, batom, um pouquinho de *blush* nas maçãs do rosto e encaro-me no espelho. Sim, maquiagem faz toda a diferença.

Ainda não estou com uma cor bronzeada porque é nosso primeiro dia aqui; espero estar, muito em breve.

O vestido é uma obra de arte. Não sei definir o tecido, mas cai tão leve, longo, cobrindo meus tornozelos, alças finas, transparência em algumas áreas. Sinto-me bonita com ele.

E estou ansiosa para que Damien me veja.

Pronta, no tempo em que eu disse que estaria, saio pela porta que dá acesso à praia para encontrá-lo, por entre as espessas cortinas do chão ao teto.

Avisto o céu começando a ganhar tons de alaranjado, o sol pronto para ser pôr. E assim que baixo meus olhos, paraliso: minhas pernas não podem prosseguir diante do que está à minha frente.

Toco o colar em minha garganta.

Uma grande quantidade de velas, dentro de embalagens de vidro, estão fixadas na areia e formam um corredor de luzes.

Meus olhos marejam com o que está ao fim do caminho: uma pequena tenda, revestida por tecido branco e, nas colunas, ramos de flores. Dentro dela, Gabi, Luna, Dominic, Christian, e... Damien, também vestido de branco.

Meu coração se choca contra o peito. Tudo o que eu consigo fazer é chorar.

Lentamente, vejo-me flutuando até eles, como se um ímã me puxasse àquele homem, ali, tão emocionado quanto eu. Pareço ser o centro de seu universo.

— Damien... — sibilo, em choque, anestesiada e extasiada.

— Case-se comigo — é o que ele diz, seus olhos marejados.

Não consigo conter as lágrimas vindas em cascata. Damien encurta nosso caminho e me encontra.

Suas mãos se apossam do meu rosto.

Meu coração acelera ainda mais.

Suas íris dilatam.

As cores do céu se intensificam, refletindo nos cabelos negros de Dam.

O tempo parece parar.

— Eu te amei desde sempre e te amarei para sempre, Jasmine. Nesta noite, estamos oficializando o nosso elo — o som grave demonstra a mais crua honestidade; ele chega mais perto e cochicha, apenas para mim — Bem-vinda ao seu casamento, raposinha.

Dou um passo mais perto. Se ele soubesse o quanto isto significa para mim... Uma vez — numa das poucas em que tive sonhos bons —, eu sonhei com um cenário exatamente como este aqui, numa praia (sem nunca ter ido a uma), um caminho de luzes e meu protetor me esperando no final dele. Tal qual está acontecendo.

Agora, eu tenho certeza de que não era um sonho, mas um prenúncio de que tudo aquilo que eu estava vivendo teria um fim, e que meu futuro seria esse.

Não é coincidência.

— Damien... A-antes mesmo de te conhecer, eu te vi em meus sonhos. Assim como hoje — arrepio de emoção — Isso reafirma, para mim, que você é meu homem, meu amor, o protetor que veio para me salvar e me mostrar um lado bonito da vida.

Uma lágrima espessa cai do canto de seus olhos.

— Eu te amo — sussurro, embargada, aparando sua lágrima com a ponta de meu dedo — Te amo tanto...

DAMIEN

O cerimonialista fez seu ritual, tendo como testemunhas as pessoas que amamos, e agora posso gritar, alto e claro: Jasmine é minha! Finalmente minha! Minha esposa, minha mulher, a pessoa a quem dedicarei meus dias e noites enquanto eu viver. Minha, para eu amar e proteger.

Deus, *minha!*

Agarro-a pela cintura e giro seu corpo pequeno e quente no ar, gritando para quem quiser ouvir que somos casados de agora e para todo o sempre.

Coloco-a no chão para receber as congratulações de nossos familiares. Gabrielle e Luna a cercam, ambas chorando e sorrindo, uma cena que fala muito do verdadeiro sentimento de amizade entre elas. Mesmo Gabrielle, com toda a pinta de assassina disfarçada, está visivelmente emocionada por minha raposinha... Eu devo muito a esta mulher, a verdade é esta.

— Por ela, Dam. Eu aceitei fazer aquela merda por sua menina. — Chris sussurra ao meu lado.

E eu o abraço e logo a Dominic também, de uma só vez, fazendo-os saber que eu os amo e o quanto sou grato por ter esta família.

PERIGOSAS



NACIONAIS-ACHERON

Epílogo

DAMIEN

Minha mulher me lança um último olhar, emocionada, e bate suavemente à porta. Sorrio, incentivando que abra. Ela entra e vou logo atrás, para encontrar meu irmão como nunca o vi antes.

Dominic sustenta a criança em seus braços, com a expressão de que este é o bem mais precioso do mundo. Porra, não tem como não se deixar afetar pela imagem.

Minha raposinha caminha até a cama onde Luna está deitada. Seu parto aconteceu às seis e quinze da manhã, e ela trouxe ao mundo uma linda menina, que se chamará Vivian, em homenagem à nossa pequena irmã, que morreu ainda na infância. Quando eles me contaram sobre a escolha do nome, confesso, fiquei abalado.

— Parabéns, Lu! — ouço-a sussurrar.

— Ela é linda, Jas... Nossa Vivian é uma princesa.

— Sim, ela é — os olhos de minha mulher brilham.

Dominic se levanta com a pequena em seus braços e recebe meu meio abraço.

— Parabéns, cara — dou um tapa em suas costas.

— Obrigado, irmão — há emoção pura em cada traço de sua face.

Observo o rostinho de Vivian, tão pequena, tão difícil de imaginar que um dia este serzinho crescerá.

Dominic se vira para Jas.

— Você gostaria de segurá-la, Jasmine? — até a maneira como o cara fala, baixo, cuidadoso, transparece seu estado.

Jasmine suspira, fascinada pela menina, e aceita a oferta de Dom.

A imagem faz meu maldito coração parar uma batida. Minha mulher, linda pra caralho, radiante, sustentando uma discreta barriga de pouco menos de três meses, gerando um filho meu, segura a criança, como um prelúdio do que será o nosso próprio futuro.

— Olhe, Dam, Vivian não é a criança mais linda do mundo? — ela sussurra, inclinando-se para que eu tenha acesso ao rostinho da pequena.

A verdade é que esta bebê, ainda não tem exatamente uma boa aparência, assemelha-se a um joelho, mas não consigo deixar de enxergar a beleza de seu nascimento.

— Sim, meu amor, nossa afilhada é linda.

Puxo uma discreta e profunda respiração.

O sentimento de família que tenho vivido nos últimos meses têm me consumido de um jeito tão impressionante. Jasmine está feliz ao meu lado. Progredindo nos estudos, seus malditos pesadelos se foram, já não ouvi mais dela o mal pensamento sobre si mesma, e a ouço fazendo planos para o futuro, os quais me fazem cientes de que nada é mais forte do que o que temos.

Sua gravidez foi somente a efetivação de nosso elo. Deus é testemunha do quanto a notícia me fez ainda mais arrebatado por ela, como se isso fosse possível.

Estou trabalhando duro para cumprir a promessa que fiz a mim mesmo, de tornar Jasmine a mulher mais amada que já existiu.

Porque esta é a verdade.

Nunca ninguém amou mais alguém do que eu a amo.

E a imagem dela com esta criança nos braços me faz tomar uma importante decisão.

Já é hora de limpar a bagunça.

Aliso o rosto de Vivian e me aproximo do ouvido de minha mulher.

— Amor, o hospital não permite mais do que dois acompanhantes no

quarto — afasto seu cabelo para trás da orelha, falando baixo para não acordar o bebê em seu colo — Eu vou deixar você aqui com Luna, por algumas horas, para resolver alguns assuntos da construtora, e retorno mais tarde para vê-la, tudo bem?

Ela sorri, daquele jeito que ilumina tudo ao seu redor.

— Sim, tudo bem, Dam.

Beijo castamente seus lábios e me afasto para cumprimentar Luna.

Inclino-me para a ruiva sentada na cama, vestida com um camisolão azul, trazendo o emblema da maternidade, suas sardas mais evidentes com a gravidez. Beijo sua testa.

— Parabéns, cunhada. Vocês fizeram um belo trabalho.

Ela sorri.

— Obrigada, compadre. Logo teremos o filho de vocês aqui para fazer companhia à Vivian.

Sorrio, evidenciando meu orgulho.

— Sim, em seis meses.

Abraço novamente Dominic, que me leva até a porta.

— Irmão, você tem uma filha.

— Sim, Dam. *Eu sou pai, cara.*

Meu irmão mais velho, que sempre cuidou de todos nós, está agora destinado a zelar por mais uma vida. E não há dúvidas de que ele fará isto muito bem.

— Mais tarde eu retorno — aviso, já no corredor.

Seu olhos em mim me fazem desviar os meus. O desgraçado parece saber exatamente o que estou fazendo.



Atravesso o caminho de lama e tudo o que se ouve é o som de alguns poucos pássaros que se atrevem a sobrevoar o lugar afastado de tudo. Retiro as chaves de meu bolso, destranco a primeira porta. Comprei este barracão há

alguns anos. Na época, eu me achei um maluco por ter investido num lugar tão ruim, mas acabou por ser o local ideal.

Abro a segunda porta, que dá acesso ao porão úmido e mal iluminado, cheirando a mofo. Acendo a luz, um único foco ao centro, e escuto seu gemido baixo, insatisfeito.

Ela não fala comigo. Esta é uma regra. Esta cadela puta demorou, mas aprendeu a calar a maldita boca.

Olho-a através das grades da jaula que mandei instalar a toque de urgência aqui, poucos dias antes de Sebastian encontrá-la. O espaço foi feito sob medida para a velha. Quando decidi que faria a mãe de Jasmine pagar, eu estava certo de que este seria um bom jeito.

— Levante-se — ordeno friamente.

A mulher se mexe, revirando os olhos. Seu corpo está pelo menos dez quilos mais magro do que quando a encontraram. Toda a maquiagem foi embora, os cabelos loiros falsos só estão em suas pontas; o resto de sua cabeça foi tomada por fios negros e brancos, intercalados.

Eu a quebrei, assim como ela tentou fazer com a própria filha.

— Você trouxe comida? — grunhe.

— Não.

Seus punhos se cerram e ela se lança contra a grade.

— Seu filho da puta! Faz dias, *dias* que você não me traz nada! — o grito agudo é irritante.

Expiro vagarosamente, lutando para manter a calma e não mudar minha decisão.

— Eu trouxe comida há dois dias, Pink — debocho — Isto é muito mais do que você fez por sua filha a vida inteira. Achei que tivesse entendido que isto aqui não é um hotel.

Seus olhos fundos lançam adagas.

— Eu estou há anos aqui, cara. Quero saber quando isso vai acabar. Eu quero sair daqui — suas mãos vão para as barras de ferro, em desequilíbrio — Eu quero sair deste maldito lugar, porra!

Gargalho, fingindo estar gozando da situação.

— Sua filha esteve presa por você, sendo abusada pelos desgraçados a

quem você a vendeu, por muitos anos, cadela. O que você está vivendo não é absolutamente nada perto do mau que fez a ela. Já refletiu sobre isso?

Ela não diz nada, o olhar morto desvia-se de mim.

Tudo o que eu mais quero é que a desgraçada se torne consciente do inferno pelo qual fez minha raposinha passar. Quero que a culpa a remoa para sempre, e que nunca mais, ela nem sequer pense em se aproximar da filha.

Cruzo meus braços em frente ao peito.

— Sua desculpa era as drogas, Suzette. Você vendia sua criança para os porcos mais sujos que podia, unicamente para manter seu maldito vício. Hoje, você está livre dele. Eu a reabilitei.

— Mantendo-me presa aqui — debocha.

Elevo meu queixo.

— Exatamente. Você está limpa, graças ao tratamento que eu te dei. Deveria me agradecer.

Quando a capturei e a enfiei nesta cela, estabeleci uma rotina de vir a cada dois dias, trazendo apenas uma refeição. E não me sinto culpado. Em um dos poucos momentos em que falou abertamente de seu passado, Jasmine me contou que, às vezes, ficava por dias presa dentro de casa, sem que essa maldita velha viesse ao menos alimentá-la, em suas farras de drogas. Minha menina era só uma criança, de baixo peso, sem ninguém a quem recorrer e alienada mentalmente pela própria mãe.

Quando lembro de tudo isso, tenho vontade de virar as costas e deixá-la aqui, apodrecendo.

Mas não farei.

Em breve, colocaremos um filho no mundo. Não quero mais esconder nada de minha esposa. Pedir a Chris que viesse trazer as refeições desta cadela, enquanto viajamos, por quase dois meses já foi um grande risco.

Tenho que me livrar da obscuridade deste lado de minha vida. Eu magoaria minha mulher, se ela soubesse o que fiz.

— Pois aqui está sua grande notícia, cadela. O tratamento acabou.

Seus olhos sobem para mim, a expressão em um misto de incredulidade e esperança.

— E-eu posso ir?

Encaro-a, sustentando seu olhar por um longo momento.

— Isso dependerá unicamente de você. Eu quero que escute atentamente ao que vou dizer, porque você só terá uma chance.

Meu tom baixo, frio, ganha sua atenção.

— Por anos seu pretexto para jogar suas merdas por aí foi a dependência. Isso acaba agora. A criança, que você passou anos quebrando, morreu para você. E eu, como o homem justo que sou, te darei duas opções.

O olhar vazio estreita-se em desconfiança.

— Uma vida livre e longe, ou seu corpo apodrecendo nesta cela. E quando eu digo apodrecendo, é no sentido real da palavra. Virarei minhas costas e nunca mais retornarei. Você ficará aqui por sua conta, e quando seu corpo for só um cadáver em decomposição, eu mandarei demolir este lugar.

— Vo-você não seria capaz...

Sorrio, sem demonstrar nenhum humor.

— Não faço promessas vazias, Suzette, você já deveria saber disso.

— Mas... Mas...

Decido ir direto ao que me propus, antes que repensasse.

— Há um ponto de ônibus na interestadual, a cinco quilômetros daqui. Você vai caminhar até ele, pegar o primeiro ônibus que aparecer e seguir para o mais longe que puder. E quando chegar lá, você tomará outro ônibus e irá ainda mais longe. Se algum dia eu tiver notícias suas, ou sequer imaginar que você está tentando contato com Jasmine, eu te busco, onde estiver, te trago de volta e daqui você nunca mais sairá.

Determino e aguardo sua reação. Pela expressão assombrada, ambos sabemos que eu não estou brincando.

— Tudo bem... Eu me mando.

Mantenho meu olhar nela, à espera de que seja um truque. Não é.

— Boa escolha. Jasmine está morta para você, assim como você estará para ela.

A mágoa — ou culpa, não sei bem — passa ligeiramente através de seu rosto.

De dentro do meu blazer, pego um envelope e estendo para ela.

— Aqui há dinheiro para que se mantenha por não mais do que três ou

quatro meses, até que consiga um trabalho... — antes dela apanhar minha oferta, puxo o pacote — Se optar por voltar atrás neste acordo e usar isto para comprar drogas, faça numa quantidade suficiente para uma overdose, do contrário, você se arrependerá de não ter morrido.

Penso ver lágrimas marejando seus olhos.

Ela toma o envelope de mim.

— Você nunca mais me verá, cara.

Aceno em concordância, abro sua jaula, me afasto para o lado.

E a deixo ir.

Quando a mulher está prestes a subir os degraus e encontrar a luz do sol depois de tantos meses, ela me olha por cima de seu ombro.

— É bom que ela tenha você.

Dito isso, sobe apressada, sumindo da minha vista.

Eu deveria, mas não a odeio em completo. Ela trouxe a pessoa que mais amo ao mundo. A melhor e única coisa boa que a cadela fez, no entanto.



Depois de passar em casa, tomar banho e tirar o cheiro de mofo de meu corpo, volto para a maternidade. Entro a tempo de ver Jasmine e Luna dando banho na pequena Vivian.

Meu coração palpita pela alegria evidente em minha menina. Não me contenho. Me aproximo dela, afasto seu cabelo de lado e roço meus lábios em sua nuca.

— Você leva jeito, raposinha...

Ela seca as mãos e se vira para mim, abraçando-me pela cintura.

— Vou ter bastante prática até o nosso pequenino chegar... — recebo seu sorriso e paro por um instante para admirá-lo.

Linda, por dentro e por fora. A mulher da minha vida, mãe de meus filhos.

— Prática é o que não te faltará pelos próximos anos. Teremos pelo menos quatro crianças, para dar à Vivian primos com quem brincar.

Mordendo os lábios, ela me encara.

— Quatro, hein?

— Sim, mas poderemos ter mais, se você quiser.

Aliso seu rosto, e ela se aperta ainda mais contra mim. Posso até sentir sua barriguinha saliente entre nós.

Por cima de sua cabeça, pego o olhar atento de Dominic, como se me avaliasse.

— Agora acho que vou levar meu irmão aqui para um café. Dom está com cara de quem não dorme há alguns dias, e esse sorriso bobo, está começando a me assustar... — brinco, deixando minha menina se afastar.

Dom beija Luna e segue comigo. Do lado de fora do quarto, seu sorriso vai embora.

— Eu espero que você tenha feito o que é certo.

Porra, sinto meu rosto queimar.

— De que diabos você está falando? — disfarço, observando a enfermeira passar por nós.

— Damien, você algum dia acreditou mesmo que Chris suportaria manter um segredo destes? — um meio sorriso convencido corta seus lábios — Eu conheço vocês, irmão, basta apertar os botões certos e suas merdas logo aparecem. É assim desde que eram moleques.

Porra! Por que isso não me surpreende?

— Aquele linguarudo do caralho... — resmungo.

Meu irmão volta a recuperar a seriedade.

— Isso poderia ter metido vocês dois na prisão, e eu espero que tenha valido a pena.

Expiro pesadamente, no fundo aliviado.

— Eu a deixei ir, Dom... Aquela velha, nunca mais será um problema para minha mulher.

Ele acena em concordância, sem me dizer exatamente o que pensa a respeito. Talvez meu irmão não desaprove o que fiz, não totalmente. Por Jasmine, a bem da verdade, eu faria absolutamente tudo.

— Aproveitando esse momento maricas, irmão, eu gostaria de te agradecer... Na verdade, eu nunca disse obrigado por você ter colocado Jasmine na minha vida. Trazê-la para que ficasse aos meus cuidados, foi como um presente que eu só fui reconhecer tardiamente.

Ele me olha nos olhos, por um instante.

— Vocês dois se complementam, irmão. Duas almas aparentemente quebradas, mas que poderiam ensinar muito uma à outra.

O peso das palavras, unido ao seu tom calmo e lúcido, me emudece.

Não digo nada. Não há o que dizer. Meu irmão mais velho me conhece, talvez até mais do que eu mesmo.

Eu não sabia o quanto minha vida era vazia até ela aparecer, com seu modo de raposinha arisca, revirando tudo e botando meu mundo de ponta-cabeça... ou no lugar onde deveria estar. Jasmine é como a luz na escuridão. Luz esta que pretendo cultivar para sempre, iluminando minha vida.

Fim

Agradecimentos

À Jhenifer Barroca, por ser uma amiga, conselheira e parceira incrível. Eu te amo, garota, você é um presente de Deus.

Às profissionais competentes que trabalharam comigo neste livro para torná-lo mais bonito. À querida revisora Kátia Regina Souza, por todo o trabalho e contribuição. À Denília Carneiro por ser, além de uma profissional incrível, uma grande amiga. À Mônica Kaster, capista fera que captou a essência de Damien nesta capa.

Às pimentinhas, amigas que me acompanham em outras histórias, torcem por mim e me dedicam seu carinho de forma tão generosa. Obrigada, meninas, vocês fazem meus dias mais inspiradores.

E principalmente aos leitores, por confiarem e me darem uma oportunidade neste universo maluco da escrita. Muito obrigada!

Sobre a próxima publicação

O livro “Luz da Manhã” traz a história de Gabrielle, Maximiliano e a matraquinha Ana.

SINOPSE

Uma mulher de espírito livre. Um homem que sabe exatamente o que quer. E uma garotinha que veio para revirar e unir o mundo deles. Conheçam a história de Gabrielle e Maximiliano!

Gabrielle é uma mulher segura, generosa, de bom humor e temperamento genuíno. Ela não está procurando amarras para a vida. Maximiliano é um médico socorrista, divorciado, pai de uma menininha pra lá de cativante. Ele só quer seguir em frente e criar sua criança. Os destinos de Max e Gabi se cruzam quando ele se torna vizinho dela. A química entre eles é imediata e forte demais para ser ignorada. Para acrescentar, a pequena Ana Carolina, ou “matraquinha”, como Gabrielle a chama, infiltra-se na casa e no coração desta mulher de um jeito inevitável.

Venha rir e se apaixonar por este triângulo. Descubra, com eles, uma nova forma de amor: forte, corajoso, protetor.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Recadinho da Autora

Gostou desta história? Caso sim, ajude-me a apresentar Damien e Jasmine a mais pessoas. Compartilhe com um amigo, indique o livro, publique sobre ele em suas redes sociais... E, se puder, me siga em minhas redes sociais: Instagram: @Anne.Marck

Grupo no Facebook: Romances Anne Marck Página no Facebook: Anne Marck Twitter: @AnneMarck